

11° ENCONTRO SOBRE O PODER ESCOLAR
5° ENCONTRO INTERNACIONAL SOBRE O PODER ESCOLAR
12° SEMINÁRIO INTERINSTITUCIONAL DE EDUCAÇÃO

ANAIS

Pelotas, 16-19 de julho de 2012

POR ENTRE SABERES E PODERES, A ESCOLA EXERCITA SUA AUTONOMIA.



COMISSÃO ORGANIZADORA

Maria Antonieta Dall'Igna, Lúcia Maria Vaz Peres, Ligia Cardoso Carlos e Luiz Osorio (FaE/UFPel) • Régia Maria Tavares Nogueira e Terezinha Fujita (CME) • Nara Lúcia Mendonça Nogueira (5ª CRE) • Jara Lourenço da Fontoura (UCPel – Centro de Educação e Comunicação) • Mário Renato Chagas Júnior e Mariza Valente Karam (IF Sul-Rio-Grandense) • Gina Fernanda do Amaral Bastos (SME/Pelotas) • Jacira Reis da Silva e Carmen Sílvia Lenzi (Colaboradoras).

COMITÊ CIENTÍFICO

Carmen Sílvia Lenzi • Gina Fernanda do Amaral Bastos • Jacira Reis da Silva • Lúcia Maria Vaz Peres • Maria Antonieta Dall'Igna • Maria Virgínia Bordin • Marielda Barcellos Medeiros • Mariluce dos Santos Kurz Vieira • Mário Renato Chagas Júnior • Mariza Valente Karam • Nara Lúcia Mendonça Nogueira • Régia Maria Tavares Nogueira.

10° ENCONTRO SOBRE O PODER ESCOLAR
4° ENCONTRO INTERNACIONAL SOBRE O PODER ESCOLAR
11° SEMINÁRIO INTERINSTITUCIONAL DE EDUCAÇÃO

ANAIS

Pelotas, 19-22 de julho de 2010

PROMOÇÃO

Faculdade de Educação / UFPel • Programa de Pós-Graduação em Educação-
FaE/UFPel • Centro de Educação e Comunicação / UCPel • 24º Núcleo do
CPERS / Sindicato • Conselho Municipal de Educação • Secretaria Municipal de
Educação • 5ª Coordenadoria Regional de Educação • IF Sul-rio-grandense

APOIO

LIVRARIA VANGUARDA; PIBID/CAPES
SAVAR-SUL; CORTEZ EDITORA, EDITORA SARAIVA



Obra publicada pela Universidade Federal de Pelotas

Reitor: Prof. Dr. Antonio Cesar Gonçalves Borges
Vice-Reitor: Prof. Dr. Manoel Luiz Brenner de Moraes
Pró-Reitor de Extensão e Cultura: Prof. Dr. Gilberto de Lima Garcias
Pró-Reitora de Graduação: Prof. Cláudio Manoel da Cunha Duarte
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação: Prof. Dr. Manoel de Souza Maia
Pró-Reitor Administrativo: Prof. Luiz Emani Gonçalves Ávila
Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento: Rogério Daltrio Knuth
Pró-Reitor de Recursos Humanos: Roberta Trierweiler
Pró-Reitor de Infra-Estrutura: Renato Brasil Kourrowski
Pró-Reitora de Assistência Estudantil: Carmen de Mattos do Nascimento

Conselho Editorial

Profa. Dra. Carla Rodrigues	Prof. Dr. Carlos Eduardo Wayne Nogueira
Profa. Dra. Cristina Maria Rosa	Prof. Dr. José Estevan Gaia
Profa. Dra. Flavia Fontana Fernandes	Prof. Dr. Luiz Alberto Brettas
Profa. Dra. Francisca Ferreira Michelon	Prof. Dr. Vitor Hugo Borba Manzke
Profa. Dra. Luciane Prado Kantorski	Prof. Dr. Volmar Geraldo da Silva Nunes
Profa. Dra. Vera Lucia Bobrowsky	Prof. Dr. William Silva Barros



Editora e Gráfica Universitária
R Lobo da Costa, 447 – Pelotas, RS — CEP 96010-150
Fone/fax: (53) 3227-8411
E-mail: editora@ufpel.edu.br

Impresso no Brasil
ISSN: 2177-9414

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Maria Fernanda Monte Borges CRB - 10/1011

E56a Encontro sobre o Poder Escolar (10.: 2010: Pelotas).

Anais...: Por entre saberes e poderes a escola exercita sua autonomia, 16-19 de julho de 2012, Pelotas / 11º Encontro sobre o Poder Escolar, 5º Encontro Internacional sobre o Poder Escolar, 12º Seminário Interinstitucional de Educação; Organizadoras: Ligia Cardoso Carlos, Régia Maria Tavares Nogueira, Nara Lúcia Mendonça Nogueira. – Pelotas: Ed. Universitária UFPel, 2012.
309p.

ISSN: 2177-9414

1. Educação. 2. Formação docente. 3. Formação permanente. 4. Saberes docentes. 5. Poder escolar. I. Encontro Internacional sobre o Poder escolar (5.: 2012: Pelotas, RS) II. Seminário Interinstitucional de Educação (12.: 2012: Pelotas, RS) III. Carlos, Ligia Cardoso (org.) IV. Nogueira, Régia Maria Tavares (org.) V. Nogueira, Nara Lúcia Mendonça (org.) VI Título: Por entre saberes e poderes a escola exercita sua autonomia.

CDD 370.71
370.72

LOCAIS

Theatro Guarany

Universidade Católica de Pelotas / Campus I e II

EIXOS TEMÁTICOS

- 1) Democratização e Gestão;**
- 2) Escola e Conhecimento;**
- 3) Escola e Inclusão;**
- 4) Formação dos Profissionais da Educação.**

APRESENTAÇÃO

O 11º Encontro sobre o Poder Escolar, que tem como frase tema “POR ENTRE SABERES E PODERES, A ESCOLA EXERCITA SUA AUTONOMIA”, foi organizado durante o ano de 2011 e parte de 2012 pautado por um desafio: as escolas foram incentivadas a refletir, valorizar e qualificar seus espaços e suas experiências na direção de alcançar, de forma coletiva e mais efetiva, o exercício da autonomia e da democratização das relações escolares. Até o ano de 2010 os Encontros eram anuais, porém, com a necessidade de mais tempo para organizá-lo e desenvolver as práticas e os projetos pedagógicos nas escolas, tornaram-se bianuais, realizando-se em anos pares. Com um intervalo maior entre cada edição, foi possível incentivar professores e grupos de escolas a aperfeiçoarem seus projetos para discuti-los no Encontro e ampliar a prática coletiva e a troca de experiências entre os professores e entre as escolas. O evento, realizado desde 2001, mantém-se organizado por sete instituições: Universidade Federal de Pelotas, Universidade Católica de Pelotas, Secretaria Municipal de Educação e Desporto de Pelotas, 5ª Coordenadoria Regional de Educação, Instituto Federal Sul-rio-grandense, Conselho Municipal de Educação de Pelotas e 24º Núcleo do CPERS-Sindicato.

O educador Paulo Freire, em seu livro “Professora sim, tia não”, chama a atenção para a contradição presente em projetos educacionais e projetos de formação docente organizados na forma de “pacotes”, os quais apresentam em seus discursos o objetivo de produzir mentes críticas e criativas, mas tem como expectativa e destino docentes apassivados e contidos em sua autonomia e na autonomia de sua escola. Na contramão dessa lógica encontra-se e sustenta-se a proposta dos Encontros sobre o Poder Escolar, um espaço potencial de formação continuada e um encontro entre pessoas com seus saberes e seus fazeres que, através da estratégia de pensar coletivamente, investe na autonomia e na capacidade de a comunidade escolar formular projetos pedagógicos coerentes com as necessidades e as dinâmicas locais, promover reflexões sobre o próprio trabalho e possibilitar sustentação teórico-prática para a reinvenção e a reivindicação cotidianas.

Assim, passada uma década, os Encontros do Poder Escolar permanecem fundamentados em três direções: a primeira, que os professores produzam os saberes da experiência; a segunda, que os professores aprendam na troca de experiências, no encontro, na discussão coletiva e no trabalho colaborativo e, a terceira, que o exercício da reflexão crítica qualifique as práticas escolares.

Na história dos Encontros diferentes atividades foram se sucedendo ao lado das conferências, painéis e mesas de apresentação de experiências. Nos últimos anos ampliaram-se as possibilidades de diálogo entre a comunidade escolar com as atividades A Voz dos Estudantes e A Voz dos Pais e no grupo de discussão Redes de Poder. Na edição atual, acrescenta-se A Voz das Equipes Diretivas, considerando ser a escola um universo plural cujo sucesso está fundamentado na participação dos diferentes segmentos. Essas iniciativas, além de tornarem a comunidade escolar e os profissionais da educação mais partícipes e autores da organização e do conteúdo dos Encontros sobre o Poder Escolar, também expressa a intenção de que as equipes diretivas estimulem e exercitem a construção de práticas de gestão escolar que evidenciem a participação dos profissionais de educação, pais e/ou responsáveis, de modo que esses sujeitos educativos se tomem os principais atores dessa nova dinâmica na/da escola.

De acordo com a natureza da proposta do Encontro, a forma mais concreta de valorização dos profissionais da educação são as Mesas de Apresentação de Experiências, onde os saberes produzidos nas escolas e salas de aula são apresentados e discutidos. Por esta razão investimos no avanço e na ampliação desta forma de participação, nas quais escolas e profissionais da educação, no exercício da sua autonomia e de seu poder, socializam e avaliam suas experiências e práticas. Neste encontro serão apresentadas 152 experiências e pesquisas que têm como base ações, reflexões e estudos teóricos que foram organizados nos seguintes eixos:

- EIXO 1: DEMOCRATIZAÇÃO E GESTÃO** – experiências que evidenciem o envolvimento e a participação de todos os segmentos que compõem o processo educativo na definição dos rumos que a escola deve imprimir à educação.
- EIXO 2: ESCOLA E CONHECIMENTO** – experiências de práticas alternativas inovadoras, desenvolvidos por diferentes disciplinas e/ou projetos interdisciplinares, que visem

mudança da realidade pedagógica e colaborem para a permanência e o sucesso escolar dos alunos.

EIXO 3: ESCOLA E INCLUSÃO – Experiências que tenham o direito à diversidade, inclusão e igualdade como eixos orientadores da ação, das práticas pedagógicas, do projeto político-pedagógico e dos planos de estudos, porque são pautados pelo respeito às diferenças e contra todo e qualquer tipo de racismo, preconceito, discriminação e intolerância.

EIXO 4: FORMAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO – Experiências que evidenciem ações concretas que a escola proporciona para o crescimento de seus profissionais, apontando os modos como se articula para envolver a todos neste processo.

Ao longo da programação do evento são realizadas cinco conferências. A conferência de abertura aborda a relação entre a sociedade e a educação no contexto sócio-político atual. Tema bastante amplo e pertinente que fica a cargo do professor titular na área de História Contemporânea da USP, Oswaldo Coggiola. Na segunda conferência o professor David Rodrigues da Universidade de Lisboa desenvolve o tema dos diferentes olhares sobre a inclusão e os vínculos com a educação. Posteriormente, o professor Erasto Fortes Mendonça da UNB aborda o tema da gestão democrática, enfatizando a condição de política pública conquistada e o papel da comunidade escolar. A quarta conferência fica a cargo da professora Terezinha Rios da Faculdade de Educação da USP abordando o tema da avaliação sob a perspectiva da ética. Na conferência de encerramento o professor Mariano Narodowski, da Universidad Tocuato Di Tella da Argentina, aborda o tema das resistências às mudanças presentes nas escolas.

Um painel reúne as professoras Clarice Salette Traversini e Elizabete Burigo da Faculdade de Educação da UFRGS e a professora Clélia Brandão da PUC/Goiás e membro do Conselho Nacional de Educação, propiciando uma discussão sobre desafios atuais da escolarização no Brasil e tendo como foco, respectivamente, o ensino fundamental, o ensino médio e a escola integral. Em outro painel estarão presentes representantes de equipes diretivas com o propósito de problematizar e socializar práticas de gestão escolar e dinâmicas democráticas no contexto das escolas.

Sobre a relação entre a formação docente e os Encontros sobre o Poder Escolar, um diálogo com a professora Maria Antonieta Dall'Igna, uma das idealizadoras e integrante da comissão organizadora do evento desde seu início, discute, avalia e problematiza os percursos da proposta dos Encontros e suas repercussões na formação docente e na constituição e manutenção da escola democrática na região.

Espera-se, no 11º Encontro sobre o Poder Escolar, avançar na sua concepção e formato. Contando com a participação dos Profissionais da Educação na construção coletiva de seus projetos, fazendo com que a Escola se apodere de seus saberes e poderes e dê continuidade ao trabalho numa perspectiva de construir uma escola mais atuante, combatendo o individualismo, o consumismo e o imediatismo, na busca de uma sociedade livre de preconceitos, capaz de interferir na defesa do bem comum e com uma visão crítica que possa aglutinar os interesses coletivos.

Ligia Cardoso Carlos
Régia Maria Tavares Nogueira

SUMÁRIO

ARTIGOS

ENSINO MÉDIO POLITÉCNICO? NOTAS SOBRE A REFORMA EM CURSO NO RIO GRANDE DO SUL	23
Elisabete Zardo Búrigo	
A CONJUNTURA INTERNACIONAL E BRASILEIRA	45
Osvaldo Coggiola	
LA IMAGINACIÓN DE ISAAC ASIMOV: ¿POR QUÉ DESDE HACE 400 AÑOS LAS ESCUELAS RESISTEN LOS CAMBIOS?	59
Mariano Narodowski	
O QUE SERÁ DA AVALIAÇÃO SEM A ÉTICA?	71
Terezinha Azerêdo Rios	
A CENTRALIDADE NA APRENDIZAGEM E O PREDOMÍNIO DO ENSINO: ORDENS DISCURSIVAS EM TENSÃO	87
Clarice Salete Traversini	

MESA TEMÁTICA ESPECIAL

PROJETO: AGORA O PODER É COM A ESCOLA

CONSTRUINDO PROCESSOS DE GESTÃO DEMOCRÁTICA NA ESCOLA – A EXPERIÊNCIA DA ESCOLA JOÃO DA SILVA SILVEIRA, MONTE BONITO, PELOTAS, RS	101
Adriana Gerber Martins, Ricardo Moreira, Rita Gomes e Francisco dos Santos Kieling	
DROGAS: O QUE EU TENHO A VER COM ISSO?	106
Clésis Luna Pereira e Mara Regina Zaltron	
I SEMINÁRIO “A EDUCAÇÃO EM DEBATE”: UM ESPAÇO/TEMPO DE FORMAÇÃO CONTINUADA NA ESCOLA PÚBLICA	109
Daniela Lopes Furtado, Dirlei de Azambuja Pereira, Gerusa Farias Porto, José Ronaldo Lopes Castro, Lucimar Madruga e Silva, Marcia Frizzo Amaral, Maria Lúcia Madruga Corral e Suami Soares Ramson	
DA ESCOLA RURAL PARA UM ENCONTRO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO: AGUÇANDO E DESCENTRALIZANDO AS REDES DE PODER – “OS FRUTOS DO PODER ESCOLAR”	112
Daniela Pedra Mattos	

ANAIIS DO 11º ENCONTRO SOBRE O PODER ESCOLAR

FORMAÇÃO CONTINUADA EM PARCERIA COM ESCOLAS ESTADUAIS – 2011	113
Elizabeth Miller e Niliane Moraes Dornelles	
POR UMA ESCOLA PÚBLICA DE QUALIDADE: ALGUMAS NOTAS SOBRE AS AÇÕES DESENVOLVIDAS PELA EEEF RUY RAMOS, PIRATINI/RS	116
Marcia Frizzo Amaral, Ana Paula Manetti Porto, Dirlei de Azambuja Pereira, Edina Azevedo Soares dos Santos, Heloisa Helena Pedra Madruga e Lucimar Madruga e Silva	
CONHECENDO E VALORIANDO A VIDA RURAL DO MUNICÍPIO DE SÃO LOURENÇO DO SUL	119
Marta Lauri Iepsen	
AVALIAÇÃO DO ESTADO NUTRICIONAL DOS ALUNOS DAS ESCOLAS DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DO MUNICÍPIO DE TURUÇU/RS, NOS ANOS DE 2009, 2010 E 2011	123
Patrícia Machado da Silva	
PODER ESCOLAR NO PRÊMIO PROFESSORES DO BRASIL	126
Patrícia Silveira Zaneti, José Luiz Rodrigues da Cunha e Maria Ivonete da Silva Tessmann	
AS ATIVIDADES COMPLEMENTARES COMO MEIO DE FORMAÇÃO INTEGRAL NA EJA NA ESCOLA JOÃO DA SILVA SILVEIRA, MONTE BONITO, PELotas, RS	130
Regina Célia Rodrigues Batista e Lucélia Sias Pereira	
FORMAÇÃO PERMANENTE: DOS SUJEITOS ÀS AÇÕES... A EQUIPE DIRETIVA ASSUMINDO PAPEIS	131
Rogéria Novo da Silva e Márcia Souza da Rosa	

RESUMOS

FEIRA DO LIVRO ESCOLAR	135
Adriane Cony, Edilene Silveira Maasz e Marilene Rickes	
DE CIDADES IMAGINÁRIAS E MATEMÁTICAS SUBJACENTES	136
Adriani Felix e Rafael Montoito	
PROJETO: CRESCENDO COM A COMUNIDADE	137
Alzirani Agostinho Fraga	
APRENDIZAGEM E INCLUSÃO ATRAVÉS DO BRINCAR	138
Ana Beatriz dos Santos Pintado, Márcia Leal Vieira e Teresa Cleneci Bandeira	
TEMPO DE CRIATIVIDADE	139
Ana Lúcia Pinto de Almeida, Magda Santos, José Francisco Durán, Maritza Flores, Cristiane Medeiros e Patrícia Fassbender Wille	
REDES SOCIAIS NA EDUCAÇÃO: APRENDIZAGEM COLABORATIVA NO ENSINO DE MATEMÁTICA ...	140
Ana Maria Simões Netto Costa	
PROJETO LEITURA ATIVA 2012	141
Ana Paula Corrêa Kohls, Rosângela Kuhn da Silva	

ANAIS DO 11º ENCONTRO SOBRE O PODER ESCOLAR

PROJETO SEMEADORES DA ESPERANÇA – PRESERVAR O QUE DEUS NOS DEU PARA AMAR	142
Ana Paula Corrêa Kohls, Rosângela Kuhn da Silva, Nedi Carlos Huckembeck dos Santos, Marcia Luciana Farias e Ely Mari Perin Wille	
A ESCOLA E A LEITURA LITERÁRIA	142
Ana Paula Goulart Bonat e Cristina Maria Rosa	
LIXO! PODE SE TORNAR APOIO PEDAGÓGICO: REFLEXÃO MEDIADA PELO USO PLENO DAS TECNOLOGIAS	144
Andréia Caetano Araújo, Eduardo Garralaga Melgar Junior e Lutiele Botelho Cardoso	
RECREIO ORIENTADO: INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA REALIZADA POR BOLSISTAS DO PIBID-PEDAGOGIA	145
Andressa Bilhalva Rodrigues Bartz e Graciele Silva do Amaral	
ARTES VISUAIS E TECNOLOGIA: PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM COM POWERPOINT NA SALA DE AULA	146
Ângela Balzano Neves	
ENCONTRO COM O ARTISTA APRENDIZAGENS EM ARTES VISUAIS NA ESCOLA E NA UNIVERSIDADE	147
Ângela Balzano Neves	
AÇÕES EDUCATIVAS REALIZADAS NA EXPOSIÇÃO “A FACE DA ARTE – CARICATURAS”	148
Angélica Soares Bosenbecker, Ana Lúcia Silva Pinto e Stefanie Kohn Winter	
AÇÕES EDUCATIVAS REALIZADAS NA EXPOSIÇÃO CARTAS E MEMÓRIAS NO MUSEU DA BARONESA “QUANDO TE ESCREVO ME PARECE QUE CONVERSO CONTIGO”	150
Annelise Costa Montone, Angélica Soares Bosenbecker e Verlaine Fátima Wazenkeski	
FORMAÇÃO CONTINUADA: CONTRIBUIÇÕES DO PIBID NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DE PROFESSORES EM SERVIÇO	151
Arita Mendes Duarte, Patrícia Perleberg Gielow, Gilceane Caetano Porto e Lourdes Maria Bragagnolo Frison	
BRINCANDO COM O LIXO E APRENDENDO GEOMETRIA	152
Aruana da Rosa Sadrês, Daniela Brião e Caroline Blass	
UMA PROPOSTA PARA O DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES E COMPETÊNCIAS: EXPERIÊNCIAS ATRAVÉS DE PROJETOS SOCIAIS	153
Áureo Luiz da Rocha	
UM ANALFABETO NA SOCIEDADE DA CULTURA ESCRITA: O ANALFABETISMO NO BRASIL	155
Bruna Iasmin Athaide de Campos	
PROGRAMA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL DO NURFS/CETAS/UFPEL: DOIS ANOS NA BUSCA PELA SENSIBILIZAÇÃO FRENTE À PROBLEMATICA DO TRÁFICO DE ANIMAIS SILVESTRES	156
Camila Alvez Islás e Greici Maia Behling	

PSIQUISMO NA LITERATURA – LITERATURA NO PSIQUISMO - REFLEXOS DA CRIAÇÃO LITERÁRIA COMO OFICINA TERAPÊUTICA E FERRAMENTA DE INCLUSÃO	157
Carlos Eugênio Costa da Silva	
VIVÊNCIAS DO PIBID/UFPEL NAS CIÊNCIAS SOCIAIS	158
Carlos Márcio de Quadros Leal, Ana Paula Ferreira D'Ávila, Germana da Costa Lopes, Isadora de Leon Torres, Odilom Júnior Segovia e Vera Lúcia dos Santos Schwarz	
CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO AMBIENTAL: POSSIBILIDADES E LIMITES NA CONVERGÊNCIA DAS MÍDIAS	160
Carmem Júlia Pires Iahnke	
EMÍLIA NA MONTEIRO LOBATO: ESTRATÉGIAS DE VALORIZAÇÃO NA ESCOLA INFANTIL	161
Carmem Luiza Nunes da Rosa, Amanda da Silva Borges e Juliana Dias Pinheiro	
BIENAL VAI À ESCOLA	163
Caroline Garcez Ávila e Lília Rochedo de Souza	
O PAPEL DA SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO: PERSPECTIVAS A PARTIR DE EXPERIÊNCIAS EM UMA ESCOLA DA PERIFERIA DE PELOTAS	164
Catarina Marafiga da Rocha	
CONSTITUINDO-SE PROFESSOR: EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS E ESCOLHAS DE PROFESSORES INICIANTES NA DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA	165
Catia Simone Becker Vighi, Beatriz Maria Atrib Zanchet e Helenara Plaszewski Facin	
MULTIFEIRA DO CONHECIMENTO: UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA EM ESCOLA NA ZONA RURAL ..	167
Cátia Simone Becker Vighi, Zelaine Brum Sant'Ana e Viviane Silveira da Costa	
HISTÓRIA E ARTE EM VÍDEO	168
Célia Ferreira, Eduardo Gonçalves, Rejane Bjerck, Rosa Morales, Suzy Allam e Vera Canielles	
REPENSANDO O CURRÍCULO DE BIOLOGIA: ENTRE SABORES E DISSABORES DE UMA PROPOSTA DE ENSINO E APRENDIZAGEM PARA A EJA	169
Clara Lisandra de Lima Silva e Carla Gonçalves Rodrigues	
AS MÁXIMAS GRICEANAS E O PROCESSO DE ESCRITURA	170
Clarice Vaz Peres Alves	
CONSTRUINDO O CONHECIMENTO FORA DAS QUATRO PAREDES	171
Claudenir Bunilha Caetano	
PROJETO "MÃOS NA TERRA": HORTAS ESCOLARES INTEGRAM ESCOLA E COMUNIDADE EDUCANDOS APRENDEM A CULTIVAR O SOLO E APROVEITAR OS ALIMENTOS	173
Claudenir Bunilha Caetano	
DESIGN SOCIAL APLICADO NO IFSUL	174
Claudia Campos Ribeiro, Stela; Lannes Stein, Liege, Alexandre Assunção, Lessandro Rosa, Ana Cristina Silva, Alfredo Viana, Martha Coswig e Gustavo Brod	

ANAIIS DO 11º ENCONTRO SOBRE O PODER ESCOLAR

LIXO – UM PROBLEMA A SER RESOLVIDO POR TODOS	175
Claudia Escalante Medeiros e Rosi Hernandes Trindade	
A DISCIPLINA DE ARTES EM UMA ESCOLA RURAL: MOVIMENTOS, SABORES E APRENDIZAGENS INSTIGANDO A AUTO-ESTIMA, VALORIZANDO OS JOVENS/ADOLESCENTES E MINIMIZANDO AS DIFERENÇAS	176
Cleber José Silveira da Costa	
PROJETO “RECONSTRUINDO IDENTIDADES”	177
Cristiane Bartz de Ávila, Jaqueline de Mattos Mendes e Tatiana Cristina Ugoski Rodrigues	
O ENSINO DE EQUAÇÕES DO 2º GRAU, PARTINDO DA LEITURA E DA CONTEXTUALIZAÇÃO. “AS MIL E UMA EQUAÇÕES”	179
Cristiane Soares Araujo	
EDUCAÇÃO MUSICAL PARA DEFICIENTES AUDITIVOS	180
Cristina Dias Ribeiro	
FORMAÇÃO CONTINUADA E PRÁXIS EDUCATIVA NA ESCOLA PÚBLICA: APRESENTANDO REFLEXÕES SOBRE TRÊS PESQUISAS ORIUNDAS DA ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO	181
Daiana Corrêa Vieira, Dirlei de Azambuja Pereira e Patrícia Tarouco Manetti Becker	
VINCULANDO EXPERIMENTAÇÃO E NOVAS TECNOLOGIAS NO ENSINO DE CIÊNCIAS	182
Daniel de Souza Pereira e Agueda Maria Fernandez de Araujo da Silva	
UMA EXPERIÊNCIA CHAMADA ROYALE ESCOLA DE DANÇA E INTEGRAÇÃO SOCIAL	184
Daniela Grieco Nascimento e Silva	
A GESTÃO, O DIÁLOGO E A COMUNIDADE ESCOLAR: CONSTRUINDO POSSIBILIDADES COLETIVAS NA CONSTRUÇÃO DE APRENDIZAGENS SIGNIFICATIVAS	185
Daniela Pedra Mattos, Nara Rejane Ávila e Tatiane Barcelos Motta	
CIDADANIA TAMBÉM SE FAZ NO J.G	186
Darcy Sérgio Machado Ferreira	
PROJETO RESGATANDO AS TRADIÇÕES FOLCLÓRICAS: UM ENCONTRO ENTRE O PASSADO E O PRESENTE NO UNIVERSO IMAGINÁRIO E LÚDICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	187
Débora Martins de Oliveira da Silva e Marina Cabreira Rocha de Moraes	
EDUCAÇÃO FÍSICA + PRATICANDO SAÚDE NA ESCOLA	189
Denise Zanolet Porto e Eliana Köhler Kröning	
A CONTEXTUALIZAÇÃO DA ESTATÍSTICA BÁSICA COM OS PROBLEMAS SOCIAIS: UMA ABORDAGEM REALIZADA ATRAVÉS DA REFLEXÃO DO ALUNO	190
Dilson Ferreira Ribeiro	
O LIVRO-BRINQUEDO NO BERÇÁRIO: ENCANTOS, HISTÓRIAS E APRENDIZAGENS	191
Doris Helena Santos dos Santos e Maria Cristina Madeira	

A LITERATURA COMO OBJETO DE REFLEXÃO, INCLUSÃO E CRIATIVIDADE NO CURSO DE DESIGN DE MÓVEIS NO INSTITUTO FEDERAL SUL-RIO-GRANDENSE	192
Elenice Botelho Antunes	
A PROPAGANDA COMO RECURSO CRIATIVO NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA	193
Elenice Botelho Antunes	
DESCOBRINDO CORES, AROMAS E SABORES	194
Elida Regina Nobre Rodrigues	
RADIAÇÃO NOSSA DE CADA DIA: UMA PROPOSTA DE INVESTIGAÇÃO E DE ENSINO CONTEXTUALIZADO	195
Elton Luiz Guimarães da Costa e Verno Krüger	
PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO: DESAFIOS E EXPERIÊNCIAS	196
Fabiana de Souza Ribeiro	
DESENVOLVENDO O PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO	198
Fabiane Ramson Wille e Rita Helena Moreira Gomes	
PROJETO FESTIVAL DE TEATRO “JOVENS TALENTOS”	199
Faustia Cristiani Fanka Corrêa, Betina Muller Bohm Ulguim e Liliane Von Laer Otto	
UM DESAFIO: CONHECER A REALIDADE ESCOLAR E AS ÁREAS DO PIBID III /GEOARTES	200
Fernanda Furtado, Maurício da Silva, Suelen Novack, Liz Cristiane Dias e Rosa Elane Antoria Lucas	
PROJETO: ALFABETOLÂNDIA	201
Gabriela Ortiz Prado	
PRÁTICA PEDAGÓGICA – RECEITAS DE VIDA	202
Gabriela Ortiz Prado e Cristiane Araújo	
A PEDAGOGIA DA COMUNICAÇÃO E A PRODUÇÃO DE VIDEO: UMA PROPOSTA TEÓRICO-PRÁTICA	203
Giovana Janhke e Josias Pereira	
A BIBLIOTECA MÁGICA DO SIMON	206
Gisele Clarindo Etcheverry, Ivana Gonçalves e Simone Ludtke	
PIBID-PEDAGOGIA FAVORECENDO A REFLEXÃO DOS ALUNOS FRENTE À SITUAÇÃO DO MEIO AMBIENTE NO SEU BAIRRO	207
Glediane Saldanha Goetzke da Rosa, Dalva Rosane Cruz Rodrigues, Gilceane Caetano Porto e Lourdes Maria Bragagnolo Frison	
DOCÊNCIA EM EDUCAÇÃO: CRUZANDO EXPERIÊNCIAS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES ENTRE CAMINHOS DO ENSINO A DISTÂNCIA EM UM CURSO DE LÍNGUA ESPANHOLA	209
Helenara Plaszewski Facin, Jorge da Cunha Dutra e Carolina Reis Monteiro	
CAMINHOS: UMA PRÁTICA DE EDUCAÇÃO INFANTIL ADAPTADA À SÉRIES INICIAIS	210
Ilis Ângela Wickboldt Manetti	

ANAIS DO 11º ENCONTRO SOBRE O PODER ESCOLAR

EDUCAÇÃO INCLUSIVA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL	211
Ilis Ângela Wickboldt Manetti e Marina Cabreira Rocha de Moraes	
INSERÇÃO DAS TIC'S NO ENSINO DE CIÊNCIAS FÍSICAS E BIOLÓGICAS	212
Islaine Ferreira Moura	
EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ESCOLA SYLVIA MELLO: POSSIBILIDADES DE CONSCIENTIZAÇÃO COM O USO DAS MÍDIAS	213
Islaine Ferreira Moura, Maranhaini Patrícia Azevedo Schemmfelnnig, Raquel Terezinha Fagonde Moraes e Dulce Meri Lotufo Leite	
PROJETO: "UM OLHAR PARA O LIXO!"	214
Ivan Nunes Gonçalves	
ENSINO FUNDAMENTAL DE NOVE ANOS E AS CLASSES POPULARES	216
Jéssica Aline Leal da Rosa e Juliana Ribeiro da Silva	
ARTE E MATEMÁTICA: ENTRE SABERES E FAZERES	217
Jordana da Silva Corrêa e Letícia de Queiroz Maffei	
RECREIOS DIRIGIDOS: INTEGRANDO OS ALUNOS, PRIMANDO PELO RESPEITO MÚTUO, DIMINUINDO A VIOLÊNCIA ESCOLAR, RESGATANDO BRINCADEIRAS ANTIGAS E QUALIFICANDO OS RESULTADOS ESCOLARES	219
Joseane Farias Dutra, Marilú de Moraes Nunes e Sirlei Wender Wille	
O PENSAMENTO COMO POTÊNCIA CRIADORA: UMA EXPERIÊNCIA COM OFICINAS DE ESCRILEITURA	220
Josimara Silva Wikbold, Carla Gonçalves Rodrigues e Samuel Molina Schnorr	
USO DO BLOG, VÍDEO E WEBQUEST PARA INCENTIVAR A PRODUÇÃO TEXTUAL EM SALA DE AULA ...	221
Jossemar de Matos Theisen	
A IMPORTÂNCIA DA AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA PARA A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO NA ALFABETIZAÇÃO	222
Julia Graciela da Silva Luna, Veridiana de Matos Paladino e Gilceane Caetano Porto	
UTILIZAÇÃO DA LITERATURA INFANTIL NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO	223
Julia Graciela da Silva Luna, Veridiana de Matos Paladino e Lourdes Maria Bragagnolo Frison	
PLANEJAMENTO COMPARTILHADO: TROCANDO IDEIAS E REVENDO PRÁTICAS	224
Juliana Ribeiro da Silva e Jéssica Aline Leal da Rosa	
PROJETO CAFÉ FILOSÓFICO	225
Juliana Rodrigues Ramos e Eduardo Ferreira das Neves Filho	
A AULA-PASSEIO COMO POSSIBILIDADE DE APRENDIZAGEM NO CONTEXTO ESCOLAR	226
Júlio César Madeira e Vanessa Bezerra Dias	
LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA PÚBLICA	227
Larissa Quintana de Oliveira, Roberta Rodrigues Link e Carla Adriani Carvalho Mendes	

ANAIIS DO 11º ENCONTRO SOBRE O PODER ESCOLAR

EDUCAÇÃO AMBIENTAL E TECNOLOGIAS	228
Leonilda Wessling, Patrícia Mendes Calixto e Sandra Pottmeier	
ORIGAMI E MATEMÁTICA: DESDOBRANDO PAPÉIS	229
Letícia de Queiroz Maffei	
A UTILIZAÇÃO DAS MÍDIAS E TIC'S Á FIM DE AMPLIAR O ESPAÇO DA ESCOLA	231
Liana Barcelos Porto	
UMA REFLEXÃO DAS PRÁTICAS EDUCACIONAIS NAS AULAS DE LÍNGUA INGLESA PARA ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL	233
Liane Régio Lucas	
MOSTRA FOTOGRÁFICA DIGITAL: CIDADANIA E DIREITOS HUMANOS CONHECENDO A REALIDADE SOCIAL E REFLETINDO SOBRE DIREITOS E DEVERES	234
Lílian Dilli Gonçalves	
A PESQUISA ELEITORAL E A APRENDIZAGEM DE ESTATÍSTICA: UMA INTERVENÇÃO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	235
Lisiane Jaques Rodrigues Scherwenske e Carla Gonçalves Rodrigues	
PRÁTICAS DOCENTES: A CONSTRUÇÃO DO PORTFÓLIO COMO POSSIBILIDADE DE REGISTRO DE EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS VIVENCIADAS	236
Lourdes Helena Rodrigues dos Santos e Paola Nunes	
PROJETO "O LIXO VIRA ARTE E O PLANETA AGRADECE"	237
Luçaires Czermainski Gonçalves	
UM NOVO ÂNGULO DE ESTUDO DA GEOMETRIA	239
Lupi Scheer dos Santos e Carla Gonçalves Rodrigues	
EDUCAÇÃO INFANTIL: O MUNDO DO FAZ DE CONTA	240
Lutiele Botelho Cardoso	
A CONTRIBUIÇÃO DO PIBID/UFPel NA FORMAÇÃO CONTINUADA	241
Magda Rosane Nunes Corrêa	
SOBRE O SABER ESCUTAR: A PARTICIPAÇÃO DOS ALUNOS NA CONSTRUÇÃO DO PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO NAS AULAS DE MATEMÁTICA	242
Mara Lisiane Sievert, Sandra L. de O. Schmidt Soares e Taís Rodrigues dos Santos	
INTERFACES COLABORATIVAS: ESTUDO DE CASO DOS RECURSOS MIADIÁTICOS NO ENSINO DE FILOSOFIA	243
Mara Sirlei Lemos Peres	
MUSEU DO DESCARTE	245
Marcia A. Lupi, Michele G. de Oliveira e Thiago T. Borchardt	
LEITURA E EDUCAÇÃO INFANTIL: OS CONTOS COMO PRÁTICA DE IMAGINAÇÃO E CRIATIVIDADE.....	246
Mari Regina Rocha Janke	

ANAIIS DO 11º ENCONTRO SOBRE O PODER ESCOLAR

TRILHA GEOMÉTRICA	247
Maria Angélica Lucas Lessa e Fernanda Ribeiro Vargas	
APRENDENDO A HISTÓRIA DA INDUMENTÁRIA GAÚCHA ATRAVÉS DE BONECOS	248
Maria Arita Madruga Garcia	
PROJETO CULTURAL “DESPERTAR PARA O CANTO” – “ORFEÃO DO CMP”	248
Maria da Conceição Peter da Fonseca	
PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO – A EDUCAÇÃO TORNA-SE COMUNITÁRIA E A COMUNIDADE TORNA-SE EDUCADORA	249
Maria Raquel Rodrigues Vieira, Tiago Lemões e Carla Ávila	
MEDIANDO A SOCIALIZAÇÃO E FAVORECENDO A AUTOIMAGEM ATRAVÉS DE JOGOS	250
Marilene Roschildt Perleberg	
PET NA ESCOLA: LEITURAS LITERÁRIAS NAS SÉRIES INICIAIS	251
Marília de Almeida Caniela e Bruna Iasmin Athaide Campos	
BONECOS DE PAPEL: A BUSCA DE CONHECIMENTOS APLICADOS NUM DIVERTIDO APRENDIZADO	252
Marina Mendonça Loder e Sabine Schoenell Evangelista	
O LUGAR ONDE SE VIVE: UM CONVITE À ESCRITA	253
Marion Rodrigues Dariz	
POESIA DE CORDEL: INCENTIVO AO ESTUDO DA LITERATURA	254
Marion Rodrigues Dariz	
APOIO DE MATEMÁTICA	256
Maristel Carrilho da Rocha Tunas	
APLICANDO CONCEITOS MATEMÁTICOS NO DIA-A-DIA	257
Maristel Carrilho da Rocha Tunas	
DANÇA AFRO NA ESCOLA: UMA POSSIBILIDADE PARA A INCLUSÃO SOCIAL	258
Maristela Machado Corrêa	
PROJETO SACOLA DA MATEMÁTICA	259
Mariza Madruga	
A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO: UMA EXPERIÊNCIA DE PLANEJAMENTO COMPARTILHADO	260
Mayra Prates da Silva e Natália Douglas Laner	
PERCURSO E PERCALÇOS DE UMA INTERVENÇÃO CURRICULAR DESENVOLVIDA A PARTIR DA UNIDADE DIDÁTICA: “OS ALIMENTOS E A PRODUÇÃO DE ENERGIA EM NOSSO CORPO”	261
Michele Gonçalves Fersula e Verno Kruger	
ESCOLA ATIVA: FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DE ESCOLAS MULTISSERIADAS	262
Nara Beatriz Clasen NoreMBERG, Perpétua Lacerda Pinto e Rosa Elane Antônia Lucas	

ANAIIS DO 11º ENCONTRO SOBRE O PODER ESCOLAR

FATORES DE VIOLÊNCIA PRESENTES NA COLÔNIA Z3 CONSTITUEM CRITÉRIOS PARA O BAIXO DESEMPENHO NA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL ALMIRANTE RAPHAEL BRUSQUE?	263
Nara Regina Borges Dias, Michele Silveira Azevedo e Vanessa Gonçalves Dias	
AULA PASSEIO: TRAZENDO A REALIDADE PARA DENTRO DA SALA DE AULA	264
Natália Douglas Laner, Mayra Prates da Silva e Giani Gonçalves Aldrighi	
MULTIMÍDIA NA APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA	266
Neemias de Oliveira Steinle	
LÍNGUA INGLESA: APRENDIZAGEM POR MEIO DO LÚDICO	267
Neemias de Oliveira Steinle	
PROJETO A AFRICA: O ESQUECIDO BERÇO DA HUMANIDADE NA REGIÃO COLONIAL	268
Neuza Janke	
BRINQUEDOTECA: CONSTRUINDO BRINQUEDOS A PARTIR DA SUCATA	270
Patrícia Bonow Fassbender Wille	
HORA DO CONTO – A ESCOLA COMO AMBIENTE ALFABETIZADOR, UM PROJETO INTERDISCIPLINAR PIBID/PEDAGOGIA/TEATRO/UFPEL NA ESCOLA	271
Patrícia Cabral Duarte, Jandira Dias de Souza Brito, Maicon Fernando Oliveira Barbosa, Gilceane Caetano Porto e Lourdes B. Frisson	
A FORMAÇÃO CONTINUADA COMO PROCESSO DE INCLUSÃO DE PRÁTICAS INOVADORAS	272
Patrícia Mendes Calixto	
ÁVALIAÇÃO DOS IMPACTOS DA URBANIZAÇÃO NO ARROIO BAGÉ: INTRODUÇÃO DA PESQUISA NO ENSINO MÉDIO	273
Patrícia Mendes Calixto e Gabriel Rodrigues Bruno	
PROJETO LEITURA EM MOVIMENTO: UMA EXPERIÊNCIA DE ATUAÇÃO DO PIBID/PEDAGOGIA/UFPEL NO PRIMEIRO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL	274
Patrícia Perleberg Gielow e Patrícia Cabral Duarte	
MEU ENTORNO E O MEIO AMBIENTE	275
Patrícia Silveira Zaneti	
A EVOLUÇÃO E AS CONTRIBUIÇÕES DO VESTUÁRIO SOB UM OLHAR DOS EDUCANDOS DA 6ª SÉRIE DO INSTITUTO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO PONCHE VERDE	276
Patrícia Tarouco Manetti Becker	
PRÁTICA PEDAGÓGICA DE PROFESSORES DO EJA NO INSTITUTO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO PONCHE VERDE, MÍDIA RÁDIO EM PIRATINI/RS	277
Patrícia Tarouco Manetti Becker e Rosimeire Simões de Lima	
ADAPTAÇÃO DOS JOGOS UNO E FUTEBOL DE BOTÕES PARA O ENSINO DA MATEMÁTICA AO DEFICIENTE VISUAL	280
Priscila Wally Virissimo	

ANAIS DO 11º ENCONTRO SOBRE O PODER ESCOLAR

DESEJO, MÚSICA, PODER E APRENDIZAGEM: EM BUSCA DE SINGULARIDADE NO MEIO ESCOLAR	281
Rafael Marrero Brignol	
O ENSINO DE CIÊNCIAS PARA UMA TURMA ESPECIAL DE SURDOS: UM OLHAR DIFERENCIADO DAS CLASSES PEIXES, ANFÍBIOS E RÉPTEIS	282
Raquel Massot Siqueira	
(LIVRO) PELOTAS DO MEU RIO GRANDE: HISTÓRIA, CULTURA E ECONOMIA	284
Raquel Radmann Domingues	
A ORIGEM DA VIDA NA CONCEPÇÃO DE ALUNOS DE UMA TURMA DE 6ª SÉRIE EM UMA ESCOLA PÚBLICA NO MUNICÍPIO DE PELOTAS/RS	285
Rosa Marani Rodrigues Brizolara	
CONTRIBUIÇÕES PARA O ENTENDIMENTO DA INSERÇÃO DAS CRIANÇAS DE SEIS ANOS NO ENSINO FUNDAMENTAL	286
Samanta Ferraz de Almeida e Raquel Mello Costa de Oliveira	
A IMPORTÂNCIA DA AÇÃO REFLEXIVA SOBRE O CURRÍCULO COMO AGENTE DE TRANSFORMAÇÃO ..	287
Samantha Machado, Daniele Terres e Mariângela Bairos	
A PRÁTICA DE LEITURA EM LÍNGUA INGLESA NO DISCURSO DE SUJEITOS DE ENSINO MÉDIO ..	288
Sandra Pottmeier	
SALA DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS: QUE ESPAÇO É ESTE?	290
Sastria Rodrigues e Adriane Corrêa	
MUSEU E ESCOLA: AÇÃO EDUCATIVA NO MUSEU E ESPAÇO CULTURAL DA ETNIA FRANCESA	291
Scheila Bárbara Padilha Fleming e Tainã de Lima Pereira	
ATIVIDADES EXTRA-CLASSE NO IF-SUL	292
Sidnei Padilha, Elisa Santos da Rosa e Vera Lúcia de Farias Machado	
PESQUISAR PARA APRENDER, VENCER O PRECONCEITO E MUDAR UMA REALIDADE	293
Silvana Carret Zanetti, Cláudia Xavier Weinerth e Janeti da Silva Lazzarotto	
POR UMA PEDAGOGIA DE PROJETOS NO ESPAÇO ESCOLAR: EXPERIÊNCIAS NA REDE PÚBLICA DE PINHEIRO MACHADO, RS	294
Sônia Aquino Alves Faria	
O ESPORTE COMO FATOR DE EDUCAÇÃO E SOCIALIZAÇÃO	295
Stael Harnich Palivorda	
BENEFÍCIOS DA PRÁTICA DO ESPORTE PARA ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL E MÚLTIPLA	297
Stael Harnich Palivorda	
ESTUDOS DE VOLUMES: A MATEMÁTICA COMO ELEMENTO MEDIADOR DO PROCESSO CRIATIVO NA ÁREA DE DESIGN	299
Stela Maris de Souza Stein	

ANAIIS DO 11º ENCONTRO SOBRE O PODER ESCOLAR

PROJETO: QUANTO MAIS ALEGRIA MELHOR	300
Tabata Vieira Dias e Tacia Xavier de Souza Lima	
CRIANÇA + MEIO AMBIENTE: PARCERIA QUE DÁ CERTO!	302
Tatiane Furtado Fontoura	
POSSIBILIDADES DE APRENDIZAGENS INTERDISCIPLINARES NO CONTEXTO DO PROJETO ARTE E MATEMÁTICA	303
Tiago Dziekaniak Figueiredo, José Alexandre Ferreira da Costa e Marília Nunes Dall'Asta	
PRECONCEITO BASEADO EM FATOS REAIS: UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA	304
Tiago Lemões, Mônica Ribeiro e Maria Raquel Vieira	
CENTRO DE TRADIÇÕES GAÚCHAS SINUELO DO SUL	305
Vera Lucia Machado e Marta Santos da Silva	
PRIMEIROS SOCORROS EM ÂMBITO ESCOLAR	306
Vera Saldanha Fernandes	
MEDINDO E CONSTRUINDO O CONHECIMENTO NA ESCOLA	308
Walter Romeu Bicca Júnior	

ENSINO MÉDIO POLITÉCNICO?

NOTAS SOBRE A REFORMA EM CURSO NO RIO GRANDE DO SUL

Elisabete Zardo Búrigo¹

A reforma do ensino médio da rede estadual do Rio Grande do Sul, anunciada em 2011 e iniciada em 2012, ainda não recebeu, por parte dos docentes das universidades, a atenção merecida. O debate é necessário e urgente, não apenas devido ao impacto dessa reestruturação sobre o cotidiano escolar e sobre as vidas dos professores e estudantes, mas também pelos efeitos que produz ao proclamar a implementação do ensino politécnico e ao fazer valer uma interpretação muito peculiar da legislação sobre o ensino médio.

Se implementada conforme as intenções enunciadas pela Secretaria de Estado da Educação (SEDUC), a reestruturação terá, como uma de suas consequências, a redução da carga horária total das disciplinas a 1200 horas. As outras 1200 horas – dentre as 2.400 previstas pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB, Lei nº 9.394/1996) – serão, segundo a proposta da SEDUC, ocupadas pela parte diversificada do currículo (SEDUC, 2011a). O papel atribuído à parte diversificada é o da “articulação entre as áreas do conhecimento e o mundo do trabalho”; deve comportar diversas “experiências e vivências com aplicação do conhecimento das áreas e suas tecnologias” (SEDUC, 2011b, p.7), entre as quais se destacam os projetos de pesquisa desenvolvidos pelos estudantes.

A reestruturação enfrenta a oposição do CPERS (Sindicato dos Trabalhadores em Educação do Rio Grande do Sul) – que, inclusive, fez da rejeição à reforma consigna de greve, deflagrada em novembro de 2011 – e as reticências do Conselho Estadual de Educação, que autorizou a aplicação “emergencial” da proposta apenas para o ano letivo de 2012 (CEE, 2012).

¹ Doutora em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: elisabete.burigo@ufrgs.br

Nas escolas, a reestruturação tem produzido as reações mais variadas por parte dos professores. Há aqueles que apostam no recuo do governo ou na obstaculização do processo pelo Conselho Estadual de Educação, e improvisam adaptações transitórias às mudanças curriculares impostas. Há outros que, antevendo a brutal redução da carga horária das disciplinas, ao final de três anos, planejam a reformulação dos programas, eliminando conteúdos ou modificando sua abordagem. E há aqueles que consideram a reforma uma oportunidade para a realização de projetos de ensino inovadores, e buscam inserir seus projetos entre as ações planejadas pelos estabelecimentos.

Entre os docentes universitários e pesquisadores da área da Educação, a discussão é ainda tímida. No dia primeiro de dezembro de 2011, a Faculdade de Educação da UFRGS promoveu um debate inicial sobre a reforma com a participação da Secretaria da Educação. Circularam, após a atividade, as notas dos debatedores e colegas Juca-Pirama Gil, Fernando Seffner e as minhas. Pouco se produziu depois disso.

Vários são os motivos para perplexidade ou cautela no debate, por parte dos que não enfrentamos cotidianamente o problema. Há, de lado, o desconforto em relação a uma reforma gestada em gabinete, por parte de um governo com o qual muitos se identificam, e que consideram progressista ou até popular. Há, também, incertezas relativas aos efeitos da reforma: alguns podem ser previstos, mas outros serão variados, conforme as condições locais e as interveniências dos professores e estudantes. Mas parece haver, antes de mais nada, hesitações na discussão do diagnóstico, apresentado pelo governo, de um ensino médio sem identidade, desconectado do mundo do trabalho, e que precisaria urgentemente ser reformado. É sobre esse diagnóstico, e sobre as conexões formuladas entre diagnóstico e reestruturação, que pretendo me deter neste artigo.

Destaco ainda a opção de discutir a proposta de reforma do ensino médio, sem adentrar na discussão sobre as orientações específicas para a educação profissional e o ensino normal. Considerando as limitações de tempo e de espaço para a produção deste texto, justifico essa opção considerando, de um lado, que as mudanças no ensino médio impactam o conjunto da rede – enquanto a oferta de educação profissional e de ensino normal está restrita, respectivamente, a 156 e 104 escolas, segundo a SEDUC – e, de outro lado, que a partir delas se pode já vislumbrar o sentido geral da reforma.

SOBRE O CONTEXTO DE INSTAURAÇÃO DA REFORMA

Em relação ao contexto de instauração da reforma, é preciso destacar as expectativas construídas em torno da mudança de governo no Rio Grande do Sul.

Entre 1999 e 2002, o Partido dos Trabalhadores (PT) já havia governado o Estado, com Olívio Dutra. A nomeação da então presidente do CPERS, Lucia Camini, como Secretária da Educação, era expressão da proximidade entre governo e as forças atuantes no movimento sindical e em defesa da educação pública. Essa proximidade, contudo, não evitou a eclosão dos conflitos entre o governo e a categoria dos professores em torno das questões salariais e de carreira, que culminaram com uma greve de 32 dias em 2000. A tensão se refletiu na Constituinte Escolar, processo através do qual o governo buscou construir uma proposta de “escola democrática e popular” com ampla participação da comunidade escolar, mas que se defrontou com a resistência do CPERS. O desencantamento dos professores em relação ao governo foi, também, um dos fatores que levaram à eleição da oposição, capitaneada em 2002 pelo PMDB.

O governo de Germano Rigotto (2003-2006) foi sucedido pelo de Yeda Crusius (2007-2010). A eleição em 2006 da coalizão entre PSDB e PFL, forças políticas de pequena expressão no Estado, foi possível devido à mobilização dos setores mais conservadores que tentaram, no primeiro turno, excluir o PT da disputa, e, no segundo turno, se uniram para derrotar Olívio Dutra. O governo de Yeda teve como uma de suas consignas zerar o déficit fiscal do Estado, às custas de brutais cortes nos gastos sociais. Na área da Educação, essa política se traduziu em atrasos nos repasses financeiros para as escolas, precarização das instalações, eliminação de cargos, remanejamento de professores e na medida chamada de “enturmação”, pela qual, já em 2007, 1590 turmas consideradas pequenas e algumas escolas foram fechadas, obrigando muitos alunos a trocarem de escola em meio ao ano letivo (AMARAL, 2010). Expressão emblemática da penúria nas escolas estaduais foi a falta de álcool em meio à epidemia de gripe A, no inverno de 2009, devido à política de contenção de gastos. O Piso Salarial Nacional para o Magistério, criado em julho de 2008, encontrou a oposição declarada do governo estadual, um dos cinco que ingressaram com Ação Direta de Inconstitucionalidade contra a medida, em outubro de 2008. As tentativas de desmonte do Plano de Carreira do magistério arrefeceram no contexto de

desgaste provocado pelas denúncias de corrupção no governo, que se multiplicaram a partir de 2009.

Nesse quadro sombrio e caótico, a eleição do novo governo do PT, em 2010, foi encarada com alívio e com expectativa pelos professores da rede. Uma das promessas de campanha de Tarso Genro era a do pagamento do Piso Nacional. À frustração gerada pela postergação do cumprimento do piso, somou-se, ao final do primeiro semestre de 2011, a perplexidade frente ao anúncio da reforma do ensino médio.

SOBRE A URGÊNCIA DA REESTRUTURAÇÃO DO ENSINO MÉDIO

No Programa de Governo divulgado em 2010 pela coalizão “Unidade Popular pelo Rio Grande”, já aparecia o tema da reestruturação curricular, como um dos vários itens relacionados à bandeira da “educação de qualidade”:

Estimular e garantir suporte à promoção de uma profunda Reestruturação Curricular nas escolas, com ampla participação da comunidade escolar e apoio das Instituições de Ensino Superior, visando à garantia ao acesso do conhecimento-aprendizagem para todos os que estão na escola, a partir da realidade contextualizada historicamente; da articulação do saber popular ao saber científico; da superação da fragmentação do currículo através da integração das áreas do conhecimento (interdisciplinaridade); do respeito às questões culturais e sócio-antropológicas; do incentivo à pesquisa da realidade e da dialogicidade, como método de construção social do conhecimento; repensando a reorganização dos espaços e tempos da escola, as relações de convivência, o planejamento da ação coletiva do trabalho docente; aprofundando os processos de avaliação diagnóstica, sistemática, investigativa e emancipatória, respeitando os tempos e ritmos de aprendizagem dos educandos, diagnosticando avanços e dificuldades, capaz de apontar todas as possibilidades de intervenção, de provocação, de desafio intelectual necessários ao avanço e à construção do conhecimento (PROGRAMA DE GOVERNO, 2010, p.14).

Sem adentrar na discussão sobre a consistência e coerência interna da proposta, tal como formulada, ou sobre a circulação do Programa de

Governo nas escolas e no eleitorado, cabe observar que muitos elementos do atual discurso da Secretaria da Educação já se faziam presentes nesse texto divulgado durante a campanha eleitoral.

O documento da SEDUC intitulado “Proposta Pedagógica para o Ensino Médio Politécnico e Educação Profissional Integrada ao Ensino Médio – 2011-2014”, enviado às escolas no segundo semestre de 2011, apresenta, contudo, um novo componente que é estruturante do seu discurso – o da urgência: “No entanto, a realidade que se apresenta está a exigir, urgentemente, mudanças e novos paradigmas para o Ensino Médio e para a Educação Profissional” (SEDUC, 2011a, p.4). A urgência é proclamada com veemência e difusamente relacionada com a lógica adotada: a da imposição de uma reestruturação que, vaga em relação àquilo que institui, é intransigente em relação àquilo que desconstitui – a redução da carga horária das disciplinas em 50% é o segundo componente do discurso até então inédito. O calendário da reestruturação é organizado segundo essa lógica da mudança emergencial: prevê-se a implementação imediata da proposta no ano letivo de 2012, atingindo as turmas de primeiro ano do ensino médio e, nos anos seguintes, as turmas de segundo e terceiro ano. O prazo de implementação para o ciclo completo do ano médio se encerra em 2014, coincidindo com o final do governo Tarso Genro.

É importante frisar que as mudanças propostas não têm origem em qualquer movimentação no âmbito das escolas ou por parte das comunidades escolares. Expressam uma vontade de governo. Mas, para validar a proposta, foi convocada uma Conferência Estadual do Ensino Médio, preparada em Encontros Interregionais. A Conferência, realizada em dezembro de 2011, foi um simulacro de processo participativo, com o caráter declarado de aprovar “contribuições e aperfeiçoamentos coerentes com o documento base” (SEDUC, 2011c, p.4), seu resultado sendo antecipadamente conhecido.

Mas, afinal, em que diagnóstico se apoia a prescrição de urgência? E o que é mesmo que seria urgente mudar?

O documento já mencionado de “Proposta Pedagógica” da SEDUC apresenta um diagnóstico resumido do ensino médio da rede estadual, que cita em primeiro lugar vários índices considerados preocupantes: de escolaridade líquida, ou fração dos jovens de 15 a 17 anos cursando ensino médio (53,1%), de defasagem idade-série (30,5%), de abandono (13%) e de repetência (21,7%) (2011a, p.6-7). Como é comum nos discursos oficiais, os

números são apresentados como se falassem por si mesmos, sem qualquer discussão sobre os procedimentos através dos quais foram obtidos e sem qualquer confronto com os índices de outros momentos ou de outras redes, que permitisse a apreensão da dinâmica em que se inscrevem, de redução ou aumento de cada um deles. Destaca-se apenas o “crescimento negativo” das matrículas nos últimos cinco anos, sem quantificá-lo. São elencados também variados problemas de infraestrutura. E, “agravando esse panorama”, fala-se de um “currículo fragmentado, dissociado da realidade sócio-histórica, e, portanto, do tempo social, cultural, econômico e dos avanços tecnológicos da informação e da comunicação” (Ibidem, p.7).

Entre as mudanças consideradas necessárias, o documento aponta, vagamente, a necessidade de investir na formação e valorização do magistério e na ampliação e recuperação da rede física. Mas para esses itens não são apresentados valores, metas, ou prazos. Dentre todas as mazelas identificadas, a única que se pretende tratar com urgência é a da grade curricular.

DEPRECIAÇÃO DA ESCOLA E IDEALIZAÇÃO DO MUNDO DO TRABALHO

Dois tipos de argumentos emergem, no discurso do governo, como justificativa para a prioridade e para a urgência imprimidas à reestruturação curricular, em meio a tantas outras ações reconhecidas como necessárias.

O primeiro tipo de argumento refere-se a uma associação estabelecida entre os processos de exclusão e o currículo:

Com currículo fragmentado e dissociado da realidade do aluno, [o ensino médio] apresenta altos índices de reprovação e repetência (34,7%). Do total de jovens entre 15 e 17 anos, 84 mil (14,7%) estão fora da escola (SEDUC, 2011c, p.4).

O documento sugere, desse modo, que o currículo seria o principal responsável pelas reprovações e evasões. Sugere também, inversamente, que a superação dessa fragmentação e a articulação com “a realidade do aluno” garantiriam a ampliação da permanência dos jovens na escola.

Essa associação entre currículo e exclusão repercute discursos mais difusos sobre o caráter arcaico da escola, que seria incapaz de incorporar as novas tecnologias e as práticas das culturas juvenis. Nessa ótica, a evasão e

as dificuldades de aprendizagem resultariam do desinteresse dos jovens pelos temas tratados na escola ou pelas abordagens escolares desses temas. Inversamente, uma escola que tratasse dos temas de interesse da juventude seria uma escola atrativa e capaz de assegurar a permanência dos estudantes. O apelo desses discursos reside, de um lado, na contraposição entre uma escola “arcaica” e um mundo “moderno” e na crença de que o moderno é sempre melhor; e, de outro lado, no cotidiano vivenciado pelos professores, que se vêem incumbidos de implementar um currículo cuja relevância têm dificuldade de justificar perante os estudantes.

De qualquer modo, é um discurso ancorado em uma avaliação depreciativa das escolas. Não se apresenta um diagnóstico sobre o que as escolas fazem ou sobre o que se faz nas escolas; não se faz nenhuma referência a experiências inovadoras em curso ou às peculiaridades dos estabelecimentos de ensino. Como em tantos outros discursos oficiais que apelam ao senso comum, a escola é culpabilizada pela sua suposta inadequação às mudanças em curso na sociedade.

O segundo tipo de argumento ancora-se em uma leitura do mundo do trabalho: é a partir da articulação com o trabalho que se pretende superar a seletividade, a exclusão, a “imobilidade de uma gradeação curricular” e conferir uma “efetiva identidade para o Ensino Médio” (SEDUC, 2011a, p.7).

Reproduzindo elementos do discurso educacional pelo governo Fernando Henrique Cardoso, afirma-se que são as mudanças na esfera produtiva que demandam mudanças na escola e no currículo:

Com o advento da microeletrônica [...] a capacidade de fazer passa a ser substituída pela intelectualização das competências, que demanda raciocínio lógico formal, domínio das formas de comunicação, flexibilidade para mudar, capacidade de aprender permanentemente e resistência ao estresse. Ou seja, as mudanças no mundo do trabalho trazem novas demandas para a educação, um novo princípio educativo. [...] Se o saber fazer poderia ser aprendido na prática, sem ou com reduzida escolaridade, o trabalho intelectualizado e a participação social atravessada pelas novas tecnologias demandam formação escolar sólida, ampliada e de qualidade, principalmente para os que vivem do trabalho (SEDUC, 2011a, p.15-16).

Recupera-se o pressuposto, disseminado nos anos 1990, de que haveria uma tendência generalizada de substituição do trabalho repetitivo e subordinado pelo trabalho complexificado, enriquecido e criativo, propiciado e requerido pelas novas tecnologias e pelas novas formas de organização do trabalho, que substituem a especialização típica do taylorismo, em que se demandava de cada trabalhador um mero “saber fazer”.

O mito do trabalho enriquecido logo foi desmentido pelas pesquisas e pela vida. Os postos de trabalho que requerem trabalho intelectual, criatividade, autonomia de decisão ficaram restritos aos setores de ponta da indústria e dos serviços, e reservados a uma pequena fração dos trabalhadores com formação técnica em nível pós-médio ou superior. O trabalho mais complexo seguiu convivendo e se articulando com formas de trabalho estritamente repetitivo e desqualificado (LEITE; RIZEK, 1998). Segundo Kon (1998), o investimento em inovações tecnológicas foi pequeno, e o aumento dos índices de produtividade deveu-se sobretudo à intensificação do trabalho. Ao invés da complexificação, predominou a polivalência, sendo cada trabalhador incumbido de múltiplas tarefas (INVERNIZZI, 2000).

Nos anos 1990, não se assistiu, portanto, à esperada “intelectualização” do trabalho. Mas a visão que idealizava as mudanças na esfera produtiva contribuiu para legitimar os discursos que pretendiam “modernizar” a educação profissional, desvinculando-a da educação básica. E introduziu na esfera educativa a chamada lógica das competências.

A noção de competência aparece em alguns documentos associada aos “esquemas mentais” da teoria piagetiana e, em outros, a uma capacidade de desempenho. Acomodando-se, conforme expressão de Ropé e Tanguy (1997, p.17), aos “deslizamentos semânticos” que sofre no seu uso em diferentes espaços, ela se instalou no senso comum e na lógica das políticas governamentais de avaliação do ensino. O uso disseminado da noção de competências tem, sobretudo, dois efeitos: o da naturalização de uma visão pragmática dos currículos – o conhecimento relevante seria aquele imediatamente aplicável – e a ênfase em capacidades genéricas, como “interpretar”, “resolver problemas” e “comunicar-se”. A contraposição entre essas capacidades genéricas e o conhecimento contextualizado leva à desvalorização dos conteúdos estudados nas diferentes disciplinas escolares, identificados com o que seria uma concepção “bancária” do currículo, ou com um ensino baseado na “transmissão de informações”. Essa

desvalorização dos conteúdos orientou a lógica do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), que não por acaso é uma das referências utilizadas pela SEDUC para legitimar sua proposta (SEDUC, 2011c, p. 5).

É a partir de uma visão idealizada do mundo do trabalho, portanto, que a SEDUC justifica o trabalho como princípio orientador do currículo e que se incorpora a noção de competência na discussão sobre as finalidades do ensino médio.

Ao mesmo tempo em que reproduz elementos do discurso educacional neoliberal, entretanto, o documento recupera um princípio de inspiração marxista, o da politecnia, e a proposta da interdisciplinaridade, compartilhada por muitos educadores progressistas.

A politecnia é apresentada pela SEDUC como “princípio organizador da proposta de Ensino Médio” (SEDUC, 2011a, p.17). Com o sentido preservado de unidade entre educação e trabalho, a politecnia é descrita como “domínio intelectual da técnica” ou “domínio dos fundamentos científicos das diferentes técnicas que caracterizam o processo de trabalho produtivo moderno” (SAVIANI, apud SEDUC, 2011a, p.17). Daí a necessidade do acesso ao conhecimento científico:

[...] é preciso reconhecer que a compreensão mais complexa da realidade supõe a superação do senso comum mediante a democratização do acesso ao conhecimento sistematizado. (SEDUC, 2011a, p.20-21).

Assim, reconhece-se neste e em outros trechos a importância do conhecimento sistematizado: “não se trata de ‘dissolução de conteúdos e empobrecimento cultural’” (SEDUC, 2011c, p.2).

Entretanto, não é a partir do conhecimento sistematizado e da lógica disciplinar segundo a qual está estruturado que se propõe a organização curricular. É a “prática social” que deve orientar a organização do ensino, e é a partir dela que se constrói a visão de interdisciplinaridade proposta no texto:

Do ponto de vista da organização curricular, a politecnia supõe novas formas de seleção e organização dos conteúdos a partir da prática social, contemplando o diálogo entre as áreas do conhecimento; supõe a primazia da qualidade da relação com o conhecimento pelo protagonismo do aluno sobre a quantidade de

conteúdos apropriados de forma mecânica; supõe a primazia do significado social do conhecimento sobre os critérios formais inerentes à lógica disciplinar (SEDUC, 2011a, p.17).

A prática social a que se refere o texto, como se pode depreender de outros trechos, não é de antagonismo com as relações sociais capitalistas ou mesmo de crítica às configurações atuais do mundo do trabalho. A articulação com o mundo do trabalho é vista sob a perspectiva da integração e da adaptação, pois o que se propõe é “um ensino médio que contemple a qualificação, a articulação com o mundo do trabalho e práticas produtivas, com responsabilidade e sustentabilidade e com qualidade cidadã” (SEDUC, 2011a, p.5).

Em um texto de várias páginas, em que a expressão “trabalho” é citada algumas dezenas de vezes, apenas uma breve passagem sugere a existência de contradição entre o ensino chamado “politécnico” e o mundo do trabalho em sua configuração atual:

[...] o mundo do trabalho, em decorrência das novas tecnologias de base microeletrônica, amplia o desemprego, a precarização e a intensificação do trabalho. Esta contradição traz para a escola um novo desafio: desenvolver consciências críticas capazes de compreender a nova realidade e organizar-se para construir a possibilidade histórica de emancipação humana (Ibidem, p.16).

Entretanto, o documento não esclarece como se pretende construir, de um lado, as “consciências críticas capazes de compreender a nova realidade” e, de outro, o “domínio intelectual da técnica”. A politécnica aparece então como um princípio vago, desprovido de sua dimensão transformadora e de qualquer indicação sobre a possibilidade de sua materialização no ensino. Sua presença no documento cumpre outra função: a de conferir uma aura progressista ao discurso oficial e de buscar legitimar o que parece ser o centro da proposta, a substituição do conhecimento disciplinar por aquele originado da “prática social”.

A AUTONOMIA FORMAL E O PROTAGONISMO CONSTRANGIDO

No plano da SEDUC, a carga horária destinada às áreas de conhecimento, designadas como “formação geral”, é reduzida a 50% do total

de 2400 horas previstas para o ensino médio na LDB. O peso das áreas do conhecimento vai sendo paulatinamente reduzido: 600 horas no primeiro ano, 400 horas no segundo ano e 200 horas no terceiro, totalizando 1200 horas. No sentido inverso, cresce a carga horária do que é denominado parte diversificada: 200, 400 e 600 horas, totalizando também 1200 horas. Prevê-se ainda a possibilidade de um acréscimo de 600 horas, a serem igualmente distribuídas entre a base comum e a parte diversificada (SEDUC, 2011a, p.27).

Sobre a “parte diversificada”, cabe observar que está inscrita na LDB como complementar à base nacional comum, “exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela” (Artigo 26 da Lei 9.394/1996). As Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio estabelecidas em 1998 (Resolução CEB nº 3/1998) haviam estipulado um peso mínimo de 75% para a base nacional comum e máximo de 25% para a parte diversificada. As novas Diretrizes (Resolução CEB nº 2/2012) não mencionam percentuais, entretanto se mantém na LDB a ideia da complementaridade.

Na proposta da SEDUC, a formação geral tem o objetivo de “articular o conhecimento universal sistematizado e contextualizado com as novas tecnologias, com vistas à apropriação e integração com o mundo do trabalho” (SEDUC, 2011a, p.27). Já a parte diversificada é descrita de modo vago como “experiências e vivências com o mundo do trabalho, a qual apresente opções e possibilidades para posterior formação profissional nos diversos setores da economia e do mundo do trabalho” (Ibidem, p.27). Confirmando observação feita anteriormente, é a perspectiva da integração e da adaptação ao mundo do trabalho que transparece nesses trechos.

As experiências e vivências devem ser articuladas por projetos, que por sua vez devem explicitar uma “necessidade e/ou uma situação-problema”. Os projetos devem ser organizados através de seminários integrados, “espaços planejados, integrados por professores e alunos, a serem realizados desde o primeiro ano e em complexidade crescente” (Ibidem, p.28).

A autonomia conferida às escolas na construção dos projetos e na organização da “parte diversificada” dos currículos permite imaginar uma diversidade de processos de reorganização e, para usar uma expressão do documento, um espaço ampliado para o “protagonismo” de professores e estudantes. Vale observar que uma lógica semelhante, de “diversificação dos tipos de estudo disponíveis”, já estava presente nas Diretrizes Curriculares

Nacionais de 1998 (Parecer nº 15/1998 da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, p.24). Como observa Nunes (2002) em relação ao Parecer nº 15/98, remete-se às escolas e aos professores a responsabilidade pelas mudanças, que são assim propostas “em nome da criatividade dos outros” (Ibidem, p.18, *italico no original*).

O que importa, contudo, é observar que se trata de uma autonomia formal, pois as escolas não são dotadas de recursos que permitam desenvolver práticas investigativas sobre temas livremente definidos, ou uma efetiva integração entre os professores responsáveis pelas diferentes disciplinas. Não se propõe uma mudança na jornada de trabalho dos professores que propicie tempo para o planejamento coletivo ou para a participação em processos de formação continuada. Não são previstos recursos para laboratórios ou para saídas a campo. Menciona-se uma possibilidade de aporte de recursos em um tempo distante e incerto, muito diverso daquele em que se a reestruturação se efetiva, hoje e agora.

As atividades que estão sendo chamadas de “projetos” serão limitadas, de um lado, pela precariedade dos recursos materiais e institucionais disponíveis, e, de outro, porque os temas e objetos de estudo estarão circunscritos ao conhecimento oriundo da experiência dos alunos e àquilo que eles acreditam que pode ser problematizado ou estudado. Com a carga horária das disciplinas reduzidas à metade, ficará reduzido o acesso dos estudantes ao conhecimento historicamente produzido através das disciplinas, e portanto aos problemas que motivaram o seu desenvolvimento, aos conceitos construídos no interior de cada uma delas e às ferramentas que propiciam para a compreensão do real.

Assim, o que se pode antever como produto dos seminários integrados, na maioria das escolas, não é a “superação da fragmentação do currículo através da integração das áreas do conhecimento”, como se anunciou no Programa de Governo e nos documentos da SEDUC, mas o esvaziamento de conteúdo de que fala Young (2011) e a diluição da especificidade da atividade escolar que, como explica Charlot (2009), consiste em tratar o mundo como objeto de estudo, e não como lugar de experiência.

INVERTENDO OS TERMOS DA DISCUSSÃO

O discurso da SEDUC sugere que se pretende, através dos projetos, reduzir a evasão e a repetência, como se fossem efeito da desmotivação produzida por um currículo desconectado da vida real.

É preciso, em primeiro lugar, colocar em questão esse tom alarmista e contextualizar os índices educacionais. Na Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA), o número de jovens com 16 ou 17 anos, que era de 142 mil indivíduos em 1999, caiu para 121 mil em 2009, refletindo uma mudança no perfil demográfico da Região (BASTOS, 2010, p.6). Essa redução da população adolescente é, certamente, um dos fatores que explicam a redução das matrículas no ensino médio, nos últimos anos.

Como se verá em seguida, as taxas de escolarização cresceram nos últimos vinte anos, consistentemente. Os índices de repetência e evasão são preocupantes, mas inferiores aos dos anos 1990, e não justificam qualquer tipo de açodamento ou atropelo na reestruturação curricular.

Em segundo lugar, penso que os termos do debate estão invertidos. De um lado, há um processo de deterioração das condições de acesso ao trabalho que, esse sim, deveria ser objeto de ações emergenciais por parte do governo. De outro lado, o que tem sido referido como “desmotivação” dos alunos reflete a depreciação da escola e do ensino pelo mercado de trabalho – uma depreciação em relação à qual a escola vem resistindo, com suas próprias forças, com pouco ou nenhum apoio oficial.

Esse processo de depreciação tem origem, sobretudo, nos modos como a contração do emprego incide sobre os jovens. Reconhecendo a especificidade das diferentes dinâmicas regionais, cito dados relativos à Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA), à guisa de ilustração.

Entre 1993 e 2009, segundo a Pesquisa Emprego Desemprego (PED) da RMPA, a População Economicamente Ativa (PEA) juvenil (16 a 24 anos) cresceu 20,8% e a PEA adulta cresceu 53,9% ; no entanto, segundo os dados da RAIS, entre 1989 e 2007, o emprego formal na Região cresceu apenas 5,2% (TONI, 2011, p.5-9). Portanto, a oferta de emprego teve um crescimento muito inferior ao da demanda.

A contração do emprego possibilitou que os empregadores elevassem os requisitos de escolaridade para contratação, sem qualquer correspondência com a natureza das tarefas, desse modo induzindo o prolongamento ou a retomada dos percursos de escolarização (DEDECA,

1998). Essa disparidade entre a exigência de escolaridade e a natureza das tarefas é confirmada pela Pesquisa da Atividade Econômica Regional (PAER), realizada nos anos 90 pela Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEADE) com vistas a subsidiar ações do Programa de Expansão da Educação Profissional (PROEP). Para “ocupações caracterizadas por atividades variadas com aplicação de conhecimentos profissionais de primeiro grau”, 38% das unidades de serviços e 27% das indústrias pesquisadas na RMPA exigiam ensino médio completo (SEADE, 2001a, p.149; SEADE, 2001b, p.73).

Não é a complexidade dos processos produtivos ou a automação que estão exigindo novas competências, mas o desemprego que permite a exigência do certificado de ensino médio para postos de trabalho que antes eram ocupados por pessoas sem o ensino fundamental completo. Com o critério do diploma, não se valorizam os conhecimentos escolares, mas algumas habilidades, como a de comunicação, e sobretudo os processos de socialização que acontecem na escola, o disciplinamento e o respeito às hierarquias.

Os jovens foram os mais atingidos pelo desemprego e pela precarização do trabalho. Em 2009, a taxa de desemprego na Região era de 40,5% entre adolescentes de 16 a 17 anos, sendo mais elevada, 47,4% entre as adolescentes (BASTOS, 2010, p.21-24), enquanto a taxa de desemprego dos adultos situava-se em torno dos 10%. Não se trata apenas do “desemprego de inserção” (dos jovens sem experiência anterior de trabalho) mas também do de “exclusão” (jovens que procuram mas não encontram trabalho em longo período de tempo) (POCHMANN, apud BASTOS, 2005).

As mudanças no mundo do trabalho, portanto, contribuíram para o crescimento da escolarização através da combinação dos processos de valorização do diploma como critério de contratação e de postergação do ingresso no mercado de trabalho provocada pelo desemprego juvenil. Além disso, também cresceu a importância da matrícula escolar como condição de acesso aos estágios, alternativa precária de inserção dos jovens no mercado de trabalho.

A frequência ao ensino médio, que já vinha em ascensão acelerada desde os anos 1980, continuou subindo. A taxa líquida de escolarização no ensino médio no Rio Grande do Sul, dada pelo percentual de jovens com 15 a 17 anos que frequentam esse nível de ensino, cresceu de 46% em 1998 para 53% em 2010 (SEADE, 2001a, p.82; SEDUC, 2011a, p.6). Na Região Metropolitana de Porto Alegre, como se pode ver na Tabela 1, relativa ao

período 1993-2009, cresceu a parcela dos jovens que só estudam ou estudam e trabalham, e diminuiu a parcela dos jovens que só trabalham ou que não estudam e não trabalham.

Tabela 1: Distribuição dos jovens de 16 a 24 anos na RMPA, segundo situação de trabalho e estudo

	1993	2009
Só estuda	14,6%	21%
Estuda e trabalha e/ou procura trabalho	17,5%	24,6%
Só trabalha e/ou procura trabalho	52,8%	44%
Apenas cuida de afazeres domésticos	10,5%	4,1%
Outros	4,5%	6,3%

Fonte: Compilação de dados da Tabela 3 de Bastos (2010) e da Tabela 3 de Bastos (2005)

Ao mesmo tempo, a escolaridade dos jovens que trabalham ou procuram trabalho cresceu expressivamente nesse período, como se pode ver na Tabela 2.

Tabela 2: Distribuição da PEA de 16 a 24 anos na RMPA, por faixa de escolaridade

	1993	2009
Analfabeto	1,4%	(1%)
Fundamental incompleto	46,6%	13,2%
Fundamental completo a médio incompleto	28,7%	32,3%
Médio completo a superior incompleto	22,3%	52%
Superior completo	1%	(1%)

Fonte: Compilação de dados da Tabela 4 de Bastos (2010) e da Tabela 4 de Bastos (2005)

O aumento da escolaridade entre os jovens, contudo, não se traduziu em melhoria dos rendimentos, em redução da informalidade ou do desemprego. O rendimento médio dos jovens ocupados caiu 0,6% entre 1993 e 2009 (TONI, 2011, p.17). A taxa de informalidade, que se refere à ausência de proteção social conforme a legislação trabalhista e previdenciária, alcançou 32,8% da população jovem em 2009, bem acima da taxa de informalidade no conjunto dos ocupados, que foi de 25% (Ibidem, p.20). A taxa de desemprego na população de 16 a 24 anos cresceu de 21,4% em 1993 para 23,1% em 2009 (BASTOS, 2005, p.292; 2010, p.27).

Nesse quadro, a vivência do mundo do trabalho pelos jovens é a da exclusão, da informalidade e da baixa remuneração ou, ainda, a da sobreposição de jornadas e dos deslocamentos penosos, quando conciliam trabalho e estudo. O mundo do trabalho desconhece os saberes dos jovens (inclusive aqueles construídos no espaço escolar); os empregos acessíveis aos jovens são os mais desqualificados e desvalorizados. Isso vale também para as escolas técnicas, pois os estudantes têm dificuldade de encontrar estágios que não sejam em atividades rotineiras, subalternas ou estressantes (BÚRIGO, 2004). A maioria dos jovens que frequenta o ensino médio tem a expectativa de encontrar empregos mais precários do que os que seus pais tiveram, com menor escolaridade.

Nesse cenário, quais as expectativas dos jovens em relação à escola? Que sentido ou que lugar atribuem à escolarização em suas trajetórias? Tem-se especulado sobre a escola como um lugar de espera para um ingresso postergado no mundo dos adultos. Entretanto, sabemos pouco sobre o que os jovens esperam de si mesmos e da escola.

Alguns dados interessantes foram produzidos por Miriam Abramovay e Miriam Garcia Castro (2003), em pesquisa encomendada pela Unesco e realizada em treze capitais. Em Porto Alegre, a pesquisa abrangeu amostra de 49 escolas e cerca de 2100 estudantes do ensino médio. Dentre os resultados, destaco aqueles que se referem aos planos para o futuro, retratados na Tabela 3.

Tabela 3: Distribuição de alunos do ensino médio segundo planos para o futuro. Amostra de 2100 estudantes de Porto Alegre – 2002

Plano	Dependência Administrativa		Total
	Escola Pública	Escola Privada	
Fazer vestibular e estudar na universidade	63,3%	82,6%	68,5%
Parar de estudar e começar a trabalhar	4,0%	1,3%	3,3%
Fazer curso profissionalizante	15,0%	2,8%	11,7%
Melhorar sua posição no emprego atual	4,0%	0,7%	3,1%
Trabalhar por conta própria, no próprio negócio	13,6%	12,7%	13,4%
Total	100%	100%	100%

Fonte: Tabela 3.4 de Abramovay e Castro (2003, p.178-180)

É interessante notar que, tanto entre os estudantes de escolas públicas como os de escolas privadas, o plano para o futuro mais frequente era o de “fazer vestibular e entrar na universidade”, refletindo o deslocamento das expectativas de ascensão social e de continuidade de estudos para o ensino superior.

É interessante também considerar os resultados aferidos pela pesquisa sobre as opiniões dos jovens acerca daquilo que é ensinado na escola, como mostra a Tabela 4.

Tabela 4: Distribuição de alunos do ensino médio segundo a opinião sobre o que é ensinado na escola. Amostra de 2100 estudantes de Porto Alegre – 2002

Opinião sobre o que é ensinado na escola	Dependência Administrativa		Total
	Escola Pública	Escola Privada	
São coisas necessárias para sua vida, úteis para o seu futuro	73,5%	68,3%	72,1%
Não são úteis nem necessárias, mas sem elas você não tem futuro	23,3%	27,3%	24,4%
Não são úteis, nem necessárias, e não têm a ver com seu futuro	2,2%	4,0%	2,7%
Não aprende nada na escola	1,0%	0,3%	0,8%
Total	100%	100%	100%

Fonte: Tabela 3.5 de Abramovay e Castro (2003, p. 183-186)

Que significado que os jovens atribuem à “utilidade” mencionada? O confronto entre os dados das Tabelas 3 e 4 sugere que essa “utilidade” refere-se, sobretudo, à almejada possibilidade de ingresso no ensino superior.

Esse é um tema em relação ao qual os documentos da SEDUC silenciam. Reconhece-se que a continuidade de estudos é uma das finalidades do ensino médio. Entretanto não se discute nem a condição atual de acesso ao ensino superior por parte dos alunos da rede estadual, nem os impactos da reforma sobre esse acesso.

A DIMENSÃO HISTÓRICA DA REFORMA EM CURSO

No início do século vinte, a educação no Brasil se caracterizava pela dualidade entre, de um lado, um ensino propedêutico, pago, destinado aos filhos das elites e, de outro lado, formas variadas de aprendizagens de ofícios, destinadas aos filhos dos trabalhadores e voltadas para sua inserção imediata no mercado de trabalho.

Ao longo do século vinte, a progressiva aproximação entre os currículos, percursos e diplomas dos ramos profissionalizante e propedêutico do ensino médio (pós-primário) culminou com a Lei de Diretrizes e Bases de 1961 (Lei nº 4.024/1961), que equiparou o ensino técnico ao secundário e concedeu autonomia curricular aos estados.

A Lei nº 5.692/71, que instituiu o ensino de primeiro grau de oito anos e a profissionalização obrigatória no segundo grau, acarretou importante redução da carga horária de formação geral. Para a maioria dos cursos (que não outorgavam diploma de técnico), a carga horária de formação geral foi reduzida a cerca de 1400 horas, num total de 2200 horas. O esvaziamento da formação geral foi apenas parcialmente revertido, posteriormente, pela Lei nº 7044/82.

Na mobilização em torno da Constituinte e pela nova LDB, a bandeira da escola unitária foi assumida pelos educadores, na perspectiva da educação pública e de qualidade para todos, e com o sentido de reversão do processo de esvaziamento do ensino público instaurado nos anos 1970. A mobilização não conquistou as condições necessárias para a universalização do ensino fundamental e médio de qualidade, mas a LDB confirmou alguns avanços anunciados no processo constituinte, estabelecendo a autonomia de cada escola para “elaborar e executar suas propostas pedagógicas” (Art. 12) e, no ensino médio, 2400 horas de formação geral para todos, como patamar mínimo (podendo ocorrer a formação profissional, atendida a formação geral do educando).

O governo Fernando Henrique Cardoso desrespeitou a LDB impondo a separação entre ensino médio e técnico através do Decreto nº 2.208/97. Mas a dualidade mais importante que se instalou desde os anos 1970, e que subsiste 15 anos após a promulgação da nova LDB, é aquela que opõe: a rede privada e uma pequena parcela de escolas públicas com acesso restrito, e que favorecem o acesso ao ensino superior gratuito e de qualidade; as redes estaduais, que atendem mais de 80% dos alunos do

ensino médio, em que são precárias a infra-estrutura, as formas de contratação, os quadros funcionais, a jornada e a remuneração dos professores.

O próprio Ministro Haddad reconheceu a existência de uma brutal disparidade quando comentou em abril de 2009 que a média de investimento nos estados era de 1500 reais por aluno ao ano, comparável a uma mensalidade da rede privada (apud BÚRIGO, 2009).

A reforma proposta pelo governo estadual não vem para superar essa dualidade. Ao contrário, a reforça, desconstituindo o patamar básico de formação geral conquistado na LDB, impondo a reorganização das disciplinas e exigindo o desenvolvimento de projetos que a ampla maioria das escolas não construiu, não propôs e não sabe como implementar.

O documento da SEDUC reconhece que “a escola é [para os que vivem do trabalho] o único espaço possível de relação intencional com o conhecimento sistematizado” (SEDUC, 2011a, p.16). Entretanto, é precisamente essa “relação intencional com o conhecimento sistematizado” que é alvo da investida governamental.

O currículo é construção social e histórica. Como lembra Viñao Frago (2008), as disciplinas escolares nascem, crescem e morrem. Entretanto, decisões sobre os tempos e lugares das disciplinas têm efeitos e correspondem a finalidades. Que finalidades são essas? Qual o sentido das mudanças que se pretende implementar?

O espontaneísmo que orienta a reforma da SEDUC atende as pressões do mercado de trabalho quando esvazia o ensino médio da sua finalidade educativa e o reduz a mais um “lugar de experiência”, onde se desenvolvem capacidades genéricas. E desconsidera as aspirações dos jovens que buscam na escola o conhecimento sistematizado, e, por que não, a possibilidade de acesso ao ensino superior.

FINALIZANDO

Mudanças amplas como a reforma em curso no Rio Grande do Sul não podem ser decisão de governo. Porque terão efeito sobre toda uma geração de estudantes, muito além de um mandato. O papel dos governos é garantir as condições para que as escolas possam praticar a autonomia inscrita na LDB, aportando recursos para que as escolas possam desenvolver os projetos que já têm, recompondo a jornada de modo que os

professores possam planejar atividades com seus colegas e construir experiências de ensino – interdisciplinares ou não – segundo os tempos locais e os interesses das comunidades escolares.

REFERÊNCIAS

Abramovay, Miriam; Castro, Mary G. (Coord.). *Ensino médio: múltiplas vozes*. Brasília: UNESCO/MEC, 2003.

AMARAL, Josiane C. S. R. *A política de gestão da educação básica na rede estadual de ensino do Rio Grande do Sul (2007 – 2010): o fortalecimento da gestão gerencial*. Tese – Doutorado em Educação, Faculdade de Educação, UFRGS. Porto Alegre, 2010.

BASTOS, Raul L. A. O segmento juvenil do mercado de trabalho da Região Metropolitana de Porto Alegre: um estudo com ênfase na escolaridade. *Ensaio FEE*, Porto Alegre, v. 26, p. 271-298, maio, 2005.

_____. Jovens no mercado de trabalho da Região Metropolitana de Porto Alegre: quais as mudanças relevantes nos anos 2000? *Textos para discussão FEE*, 86, Porto Alegre, dez. 2010.

BÚRIGO, Elisabete Z. *A reforma do ensino técnico segundo os professores: adaptações e resistências em duas escolas técnicas industriais gaúchas*. Tese – Doutorado em Educação, Faculdade de Educação, USP. São Paulo, 2004.

_____. Políticas para o ensino médio no Brasil: anúncios, recorrências e impasses. In: TRIVIÑOS, A.; BÚRIGO, C.; OYARZABAL, G. (Org.). *A formação de professores para Educação Básica na América Latina: problemas e possibilidades*. Florianópolis: UFSC, 2009.

CHARLOT, B. School and the pupil's work. *Sísifo/Educational Sciences Journal*, n. 10, p. 87-94, 2009.

CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO (RS). Comissão de Ensino Médio e Educação Superior, Comissão Especial de Educação Profissional e Comissão de Legislação e Normas. *Parecer nº 156/2012*. Porto Alegre, 27 jan. 2012.

DEDECCA, Claudio Salvadori. Emprego e qualificação no Brasil dos anos 90. In: OLIVEIRA, M. A. (Org.). *Reforma do Estado e políticas de emprego no Brasil*. Campinas, UNICAMP, 1998.

INVERNIZZI, Noela. Qualificação e novas formas de controle da força de trabalho no processo de reestruturação da indústria brasileira: tendências dos últimos vinte anos (*Texto apresentado na 23ª Reunião Anual da ANPED, Caxambu, setembro/2000*). Mimeo. 2000.

KON, Anita. *Desenvolvimento regional e trabalho no Brasil*. São Paulo: Abet, 1998.

LEITE, Marcia P.; RIZEK, Cibele S. Cadeias, complexos e qualificações. In: LEITE, Marcia; NEVES, Magda (Org.). *Trabalho, qualificação e formação profissional*. São Paulo; Rio de Janeiro: ALAST, 1998.

PROGRAMA DE GOVERNO. Unidade Popular pelo Rio Grande. *Rio Grande do Sul do Brasil do mundo*. Porto Alegre: 2010. 60p. Disponível em: <http://www.portugalglobal.pt/PT/geral/Documents/programa_governo_RGS.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2012.

ROPÉ, F. e TANGUY, L (Org.). *Saberes e competências: o uso de tais noções na escola e na empresa*. Campinas: Papirus, 1997.

SEADE. Estudos de mercado de trabalho como subsídio para a reforma da educação profissional no Estado do Rio Grande do Sul. *Indústria, serviços e agropecuária*. Brasília: 2001a. 226p. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br/proep.html>>. Acesso em: dez. 2002.

_____. Estudos de mercado de trabalho como subsídio para a reforma da educação profissional no Estado do Rio Grande do Sul. *Serviços*. Brasília: 2001b. 150p. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br/proep.html>>. Acesso em: dez. 2002.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO (RIO GRANDE DO SUL) (SEDUC). *Proposta Pedagógica para o Ensino Médio Politécnico e Educação Profissional Integrada ao Ensino Médio – 2011-2014*. Porto Alegre, nov. 2011a. 53f.

_____. *Regimento Referência das Escolas de Ensino Médio Politécnico da Rede Estadual*. Porto Alegre, dez. 2011b. 27f.

_____. Perguntas e respostas sobre a Proposta do Ensino Médio. Porto Alegre, nov. 2011c. Disponível em <<http://www.educacao.rs.gov.br/pse/html/educa.jsp>>. Acesso em: 30 nov. 2012.

TONI, Miriam de. Rumo ao trabalho decente? A evolução do mercado de trabalho da RMPA no período 1993-2009. *Textos para discussão FEE*, 97, Porto Alegre, nov. 2011.

VIÑAO FRAGO, A. A história das disciplinas escolares. *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas, n. 18, p. 174-215, set./dez. 2008.

YOUNG, M. O futuro da educação em uma sociedade do conhecimento: o argumento radical em defesa de um currículo centrado em disciplinas. *Revista Brasileira de Educação*, v. 16, n. 48, set./dez. 2011.

A CONJUNTURA INTERNACIONAL E BRASILEIRA

Oswaldo Coggiola¹

A presente situação internacional continua dominada pela crise mundial e suas consequências sociais e políticas. Estas últimas se manifestam mais claramente na Europa, embora o epicentro da crise econômica mundial continue sendo os EUA. O desespero diante da pobreza e perspectivas de piora já levou aposentados ao suicídio (em Grécia e Portugal). Mas a reação social começa a ganhar contornos de classe, por exemplo, na greve geral na Espanha, convocada pelos sindicatos desse país. A ira das pessoas não começa nas urnas, e sim com a pobreza, o desemprego, a fome, a que têm sido condenados indefinidamente pela trióica do capital internacional (BCE, UE, FMI), os bancos, os industriais, os magnatas dos meios de comunicação, os capitalistas em geral. Os círculos dirigentes do capital alemão e francês expressaram abertamente sua preocupação de que a indignação popular na Grécia se transforme numa revolução social, com consequências diretas em toda Europa.

Não só a dívida grega é insustentável e está em constante crescimento, como também Portugal e Irlanda seguem os passos da Grécia com novos “acordos financeiros” com a trióica. Itália e Espanha, a terceira e quarta maior economia da “eurozona”, desmoram sobre montanhas de dívidas. A França, que pertence ao núcleo duro da União Europeia, perdeu sua qualificação de crédito AAA, e está também sob ameaça direta, enquanto que o conjunto da União Europeia, começando pelo seu motor, a Alemanha, está se afundando nas areias movediças da recessão. O círculo vicioso da austeridade feroz que agrava a recessão e o endividamento não se interrompe, ao contrário, aperta a corda e estrangula a chamada “economia real”, a produção, achatada por uma crise de superprodução de capital, sem mercados suficientemente rentáveis. A grande recessão da economia capitalista mundial que seguiu ao colapso do banco *Lehman Brothers* em 2008 nunca terminou. Ao colocar a Grécia na UTI com o segundo resgate

¹ USP.

(garantia), os capitalistas globais queriam evitar as consequências catastróficas de um segundo *Lehman Brothers*, que causaria uma avalanche de quebras de países e bancos em toda Europa e internacionalmente.

A eventual anulação da dívida, única saída, tem a sua própria lógica. Requer a adoção de medidas imediatas contra a ameaça de colapso econômico-social: a nacionalização dos bancos e os setores econômicos estratégicos, sem indenização e sob controle dos trabalhadores, e a reorganização da economia de acordo com as necessidades sociais e não nos benefícios capitalistas. Definitivamente não é o Estado capitalista que poderia dar uma saída à crise que não comprometa a sobrevivência dos trabalhadores e suas famílias. Somente a classe trabalhadora, com o apoio de todos os estratos pobres do povo, pode tirar a sociedade do beco sem saída, cortando o nó górdio da crise do capitalismo, tomando seu destino em suas próprias mãos, as mesmas mãos que produzem a riqueza, demolindo o poder do capital e substituindo-o pelo poder dos trabalhadores. Pela sua formação histórica e sua posição geográfica estratégica, a Grécia pode se transformar na ponte entre a primavera árabe com os trabalhadores, os desempregados e as massas empobrecidas da Europa, que já estão nas ruas e nas praças, indignadas e ultrajadas.

Na América Latina, a crise mundial começa a desenhar fortes confrontos nacionais, como no caso da Argentina, afetada por um forte déficit comercial devido à importação crescente de energia, que levou à “nacionalização” da companhia petroleira YPF-Repsol. A pretensão do governo argentino de seguir o modelo da Petrobrás, cujo capital se encontra em mãos de fundos privados em 52% do valor acionário, mostra os limites capitalistas desse enfrentamento, sem falar do ressarcimento que o Estado argentino deveria reclamar pelas condições fraudulentas que rodearam a entrega da YPF à Repsol, na década de 1990. A ação sobre a YPF deixou em pé o conjunto da estrutura privada do setor petroleiro, em mãos de grandes grupos internacionais. A presidenta Kirchner deixou claro que a expropriação parcial em termos privatistas aponta a relançar a licitação petroleira internacional nas águas do Atlântico Sul e para as jazidas de gás, os objetivos mais cobiçados pelo capital internacional.

Brasil começou o ano 2012 proclamando, de modo ufania, sua nova condição de sexta economia do mundo (superando pela primeira vez o PIB da Inglaterra) e proximamente quinta, dada a descontada queda do PIB francês neste ano; a balança comercial brasileira registrou, em 2011,

superávit de quase US\$ 30 bilhões, o maior nos últimos quatro anos, com um aumento de 47,8% (as vendas ao exterior somaram US\$ 256 bilhões, um aumento de 26,8% em relação a 2010, as exportações brasileiras atingiram a marca histórica de US\$ 1 bilhão por dia útil): China, Estados Unidos e alguns países da África foram os principais destinos das exportações brasileiras; aumento real do salário mínimo (com um reajuste acumulado em dez anos de 65,96%) cujo novo valor é de R\$ 622. Em relação ao anterior (R\$ 545), o novo valor representa um aumento nominal de 14,13% e de 9,2% reais, já descontada a inflação de 2011. Um panorama cor de rosa para o Brasil, no meio da crise econômica mundial?

Com o reajuste do mínimo, segundo os cálculos oficiais, o valor diário do salário mínimo corresponde a R\$ 20,73, e o valor (médio) pago pela hora de trabalho será de R\$ 2,83. Isto não leva em conta o ainda volumoso trabalho dito "informal" ou temporário, com remuneração menor ainda. E R\$ 2,83 (US\$ 1,50, aproximadamente) por hora continua sendo um salário de miséria, entre os mais baixos do mundo. O poder de compra do novo salário mínimo chega a 2,25 cestas básicas, uma relação que é a maior desde 1979, com a ressalva de que os produtos da cesta básica e suas respectivas quantidades mensais, diferentes por regiões, continuam definidos pelo Decreto 399 de 1938 que, três quartos de século depois, continua em vigor, como se em 75 anos as necessidades sociais não tivessem mudado, em especial em matéria de moradia e de transporte nas grandes cidades (em 1938 a maioria da população brasileira era agrária, hoje é esmagadoramente urbana). Brasil ostenta o nada invejável recorde de um dos transportes públicos mais caros do planeta (o que não se corresponde em absoluto com sua qualidade), tanto o urbano quanto o inter-urbano (hoje, diferentemente da década de 1930, quase todas as famílias trabalhadoras brasileiras estão divididas e espalhadas geograficamente, separadas por enormes distâncias, devido à desigualdade do desenvolvimento regional).

Isso sem contar as oficialmente calculadas 800 mil famílias (5 milhões de pessoas) que vivem em condições de miséria absoluta, um número aquém da realidade, em que pese 325 mil dessas famílias estarem incluídas nos programas e benefícios sociais do governo Dilma, que afirma querer "um país de classe média que consuma e seja capaz de produzir". "Ser capaz" é uma coisa, "produzir" é outra: os "programas sociais focalizados (o "Brasil sem Miséria" é o último de uma longa lista), que se ampliam constantemente, evidenciam justamente a incapacidade do Estado

brasileiro para incorporar a massa miserável a um processo de desenvolvimento econômico baseado na produção.

Os investimentos continuaram estagnados, e a produção, extensiva e cada vez (percentualmente) mais primária (soja, sobretudo para o mercado chinês, minério de ferro, petróleo), está voltada ao aumento das exportações, para nichos cuja capacidade de compra pode cair abruptamente com o aprofundamento da crise mundial. As importações, por sua vez, alcançaram US\$ 226 bilhões, ou seja, 24,5% a mais do que o registrado no ano passado. No segundo semestre de 2011, houve queda significativa da demanda de crédito do BNDES para compra de máquinas e equipamentos, indicando queda absoluta do investimento privado, especialmente industrial. Isso repercutiu diretamente no salário médio (não o mínimo) que, contrariamente à propaganda governamental, tem sofrido queda real nos últimos anos, pois, para um salário médio industrial de R\$ 1700 (ou seja, pouco mais de oitocentos dólares), ele é de R\$ 1440 no setor de serviços, e de R\$ 1300 no setor comercial, setores estes que avançam percentualmente no emprego total devido à "primarização" da economia brasileira. Se compararmos com a combalida e "superada" Europa, nesta, com serviços públicos universais, fala-se com repugnância da "geração mil euros", a geração submetida aos empregos-lixo pagos mil euros por mês: no Brasil "emergente e superador", com serviços públicos deteriorados ou inexistentes, o salário médio não supera 600 euros (o mínimo, percebido por um percentual enorme da população, atingiu 200 euros devido à desvalorização do euro).

O governo Dilma Roussef promoveu, em 2012, um corte no orçamento de R\$ 60 bilhões, superando os R\$ 50 bilhões de 2011, visando o cumprimento da meta cheia de superávit primário, de 3,1% do PIB. O objetivo maior do governo é continuar a política de superávit primário para pagar mensalmente 30 bilhões de reais de juros aos banqueiros e especuladores. Nada de requalificar os serviços públicos e oferecê-los a dezenas de milhões de brasileiros, hoje sem acesso a eles. Dilma disse que o governo não pretendia reajustar os salários dos servidores públicos, sob o argumento de que seria necessária austeridade fiscal para enfrentar a crise econômica mundial, a mesma contra a qual o Brasil estaria, supostamente, blindado. Ora, as próprias estatísticas oficiais demonstram que os gastos do governo com o pagamento de pessoal têm caído (muito) em proporção ao PIB. Os gastos com pessoal (ativo e aposentado), na conta Receita Corrente Líquida da União, caíram de 56,2% em 1995, para 33,3% em 2010. O projeto de lei orçamentária de 2012, encaminhado pelo governo, prevê uma redução nos

gastos com pessoal, proporcional ao PIB, de 4,89% em 2009 para 4,15% em 2012, uma queda de 0,75% do PIB (que se incrementou em mais de 10% nesses anos).

Ao lado disso, os gastos com a dívida, incluindo pagamento de juros e amortizações, consumirão 22,37% do PIB em 2012, ou seja, mais do que o quántuplo dos gastos com servidores públicos. Em 2009, esses gastos somaram 20,17% do PIB. Ou seja, há um decréscimo no gasto com pessoal (serviço público universal), e há um aumento no pagamento dos juros. Os aumentos nos "gastos sociais" (programas focalizados, não universais), que não consomem mais que 0,5% do PIB, são financiados com uma fração pouco significativa desse 2,20% do PIB pago "a mais" aos especuladores financeiros (nacionais e internacionais). Em 2011, foram gastos com o pagamento da dívida (juros, encargos e amortizações) R\$ 656 bilhões.

Apesar de ter aumentado a previsão da receita em mais R\$ 32,1 bilhões em relação ao projeto enviado pelo governo, o orçamento 2012 não incluiu qualquer índice de reposição para os servidores públicos, mantendo apenas a previsão para cobrir as correções salariais dos acordos firmados em 2011 entre os sindicatos e o Ministério do Planejamento (MPOG), atingindo quase 950 mil servidores públicos federais. Também não previu dotação para reajuste das aposentadorias e pensões do INSS. O governo se manteve irredutível diante da corrosão salarial dos servidores públicos. Nem mesmo os servidores do judiciário, que há dois anos lutam por reajuste salarial, tiveram suas reivindicações atendidas. O mais importante: o orçamento também manteve a previsão para o pagamento de juros, encargos e amortizações da dívida pública mobiliária, que totaliza R\$ 1,014 trilhão para 2012 (mais de US\$ 600 bilhões), ou seja, quase metade do orçamento total, de R\$ 2,150 trilhões.

A "frente externa", por outro lado, não é o componente principal da crise da economia do Brasil, do mesmo modo que nos outros países "emergentes". A dívida pública brasileira representa hoje 36,6% do PIB, menos da metade do que a da França (85,4%) ou a da Alemanha (81,7%), para não falar dos 163% da Grécia, 120% na Itália, ou 108% na Irlanda; predominantemente interna, no entanto, ela arrasa com o investimento e o serviço públicos do Brasil. A dívida privada brasileira, por outro lado, é estratosférica, proporcionalmente superior à dos EUA na fase prévia à crise de 2007-2008. E é refinanciada com juros que não admitem comparação com nada que exista no planeta: a taxa anual de juros do cartão de crédito no

Brasil é, por exemplo, de 238%, contra uma média que oscila entre 30% e 40% no restante da América Latina (na Argentina, a mais alta, ela atinge 50%), e é muito mais baixa nos países-epicentro da crise mundial (EUA, Europa, Japão) com taxas de juros vizinhas de zero. A capacidade de refinanciamento está chegando ao limite, em condições em que o horizonte brasileiro está tingido pela desaceleração econômica. O ministro da Fazenda, Guido Mantega, anunciou uma expansão do PIB entre 4% e 5% em 2012, mas os dados do Relatório de Inflação do Banco Central reduzem o percentual a 3,5%. Estimativas "privadas" vão abaixo disso.

Os "emergentes", com China e Brasil no centro, entram na crise menos pelo "contágio externo" do que pelas suas próprias contradições internas. Mal pese aos defensores da "blindagem" brasileira, a situação do país está cada vez mais determinada pela bancarrota mundial, a única compreensão sobre a qual pode se estruturar uma política realista. A trajetória descendente do PIB (+7,5% em 2010; +2,7% em 2011, menos ainda previsto para 2012) reflete, em primeiro lugar, a tendência para o recuo do mercado mundial. A anunciada desaceleração da economia chinesa, principal cliente das exportações brasileiras, provocou uma queda abrupta nas bolsas de valores no país. O centro da política governamental está determinado pela remuneração extraordinária ao capital financeiro, que mantém os fluxos de investimentos externos. Os cinco maiores bancos brasileiros (BB, CEF, Bradesco, Itaú, Santander) apresentaram em 2011 um lucro líquido (recorde) de quase R\$ 51 bilhões, quase o total do montante do corte orçamentário executado por Dilma para seu segundo ano de mandato. A "prosperidade" brasileira está baseada numa valorização fictícia do capital (nacional e internacional) derivada de uma violenta transferência de renda em favor do grande capital financeiro, que afeta a todas as classes assalariadas, compensada pelos programas sociais (Bolsa Família e outros, que beneficiam 58% da população, contra 8% em 1978), que não consomem mais que 0,5% do PIB.

No meio da crise mundial, o crédito no país passou de 38,4% do PIB (em dezembro de 2008) para 49,1% do PIB (em dezembro de 2011). Isto não se refere apenas, nem principalmente, à dívida das "famílias" (que devem pagar juros espantosos para as compras ou dívidas parceladas mais elementares), mas, sobretudo, à dívida do grande capital financeiro, que dobrou nos últimos dois anos, perfazendo atualmente uma cifra próxima de R\$ 350 bilhões (era de R\$ 313 bilhões em setembro passado, com R\$ 125 bilhões dos bancos estrangeiros, e R\$ 188 bilhões dos bancos nacionais).

Um relatório do banco de investimentos *Morgan Stanley* revelou que o total do endividamento externo brasileiro (passivos em moeda estrangeira), há pouco tempo declarado “extinto”, atingiu US\$ 746 bilhões em dezembro de 2011, perto de R\$ 1,3 trilhão, o equivalente a todo o orçamento federal. *Morgan Stanley* definiu a economia brasileira como a mais vulnerável dentre as dos países ditos “emergentes”, ou seja, como a mais provável “bola da vez” de um próximo ataque do grande capital especulativo, que provocaria uma espetacular fuga de capitais. De nada adiantou consagrar mais de metade do orçamento federal ao pagamento de juros e amortizações de credores especulativos (nacionais e estrangeiros).

Isto, contra o pano de fundo de um aparelho produtivo tornado mais dependente do que nunca da importação de bens de capital (maquinário) e de mercadorias externas: entre 2005 e 2011 a participação de produtos manufaturados nas exportações despencou de 55% para 36%; a indústria reduziu em 17% sua participação no PIB, entre 1985 e 2008 (caiu de 33% para 16%), situando-se agora em 14,6%, a menor participação do setor no PIB nacional desde 1956 (primeiro ano do governo JK, ou seja, a um nível anterior ao “desenvolvimentismo”). Entre 2004 e 2010, o percentual da indústria na pauta exportadora caiu de 19,4% para 15,8%. A fatia do Brasil no mercado mundial de manufaturados despencou de 0,95% (1984) para 0,68% (2010).

A política do governo do PT tem consistido na abertura de novos campos de investimento lucrativo (e improdutivo) para o grande capital. A isto corresponde a criação do fundo de previdência complementar do servidor público federal, denominado Funpresp, para que os servidores que ingressarem no setor público federal a partir de 2012 já façam parte do novo regime previdenciário. O Funpresp faz parte da Lei 1992/07; o governo brasileiro constituiu o maior fundo de previdência “complementar” (privada) da América Latina. O capital “produtivo” é beneficiado com a desoneração da folha de pagamentos, através do corte de impostos, em nome dos altos custos dos encargos da mão-de-obra (32,5% na folha). Desde 1995, no entanto, as estatísticas comprovam que a produtividade do trabalho aumentou 14%, enquanto os salários se mantiveram no mesmo patamar. E não adiantou, depois de demitir 9 mil operários, a Vulcabrás mudou-se para a Índia, atraída pelos seus salários abaixo da linha de miséria.

Os cortes no orçamento federal, e também nos estaduais e municipais, ameaçaram provocar uma crise institucional (de Estado). Foi o que se evidenciou na greve salarial, em fevereiro, das polícias e bombeiros

militares de Bahia e do Rio de Janeiro, que fazem parte da coluna vertebral do Estado e sustentam a repressão contra os movimentos de luta pela terra e, sobretudo, contra as ocupações urbanas, como se evidenciou no massacre da desocupação de Pinheirinho (em SP) e contra a ocupação Tarumã, em Manaus (AM), assim como na crescente militarização das universidades estaduais e federais, como se vê na USP, na Unicamp, na UNIR (Rondônia) e no Piauí. Enquanto advogados de todas as cores políticas lembravam que, pela Constituição, “ao militar são proibidas a sindicalização e a greve”, os jornais do capital reclamavam repressão (militar ou policial) dessas greves, o que colocaria uma perspectiva de implosão institucional.

Está colocada uma vasta luta pela independência de classe, pela ruptura das organizações de classe com o Estado. O terceiro mandato do PT e sua Frente Popular conseguiu até agora evitar uma luta geral pelas reivindicações salariais, sociais, educacionais e agrárias, graças à cooptação das lideranças operárias e populares, com concessões e benesses. Nos oito anos de governo encabeçado por Lula, praticamente a totalidade das direções políticas e sindicais da classe operária e do campo foi integrada ao Estado. A desmobilização das massas, com escassas exceções, foi a tônica dominante nos últimos anos. Mas isso está, agora, mudando. Nos anos de 2009 e 2010, ocorreram 964 greves no país, segundo levantamento do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese). Os números são os maiores da última década.

Além de incorporação de numerosos dirigentes aos diversos escalões do Estado, a cooptação baseou-se no fortalecimento dos aparelhos sindicais com base nas contribuições compulsórias. Em 2010 foram R\$ 84,3 milhões para as centrais sindicais: segundo o Ministério do Trabalho, as duas maiores centrais, CUT e Força Sindical, receberam R\$ 27,3 milhões e R\$ 23,6 milhões, respectivamente – valores que representam 80% do orçamento da Força e 60%, da CUT. Em seguida, os maiores beneficiados foram a União Geral dos Trabalhadores (UGT), com R\$ 14 milhões; Nova Central Sindical de Trabalhadores (NCST), que embolsou R\$ 9,9 milhões; Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil (CTB), R\$ 5,3 milhões; e Central Geral dos Trabalhadores do Brasil (CGTB), R\$ 3,9 milhões. Mais do que nunca, está colocada a luta contra o Imposto Sindical, para tornar as organizações de classe independentes da burguesia e seu Estado.

De 2006 e 2010, o grupo de construtoras com faturamento acima de R\$ 1 bilhão passou de cinco para 11 empresas. Assim, ao grupo dos cinco

composto por Odebrecht, Camargo Corrêa, Andrade Gutierrez, Queiroz Galvão e Delta Construções foi adicionada a OAS, Galvão Engenharia, Construcap, Mendes Júnior, ARG e Egesa. A marca principal de todas é a dependência de contratos públicos. Começou a ficar mais claro quem são os grandes beneficiados dos grandes projetos das hidrelétricas na Amazônia, da Copa de 2014, da Olimpíada de 2016: as grandes empreiteiras, agora donas de grande parte dos setores considerados estratégicos, como telefonia, petróleo, química, energia, rodovias, metrô, portos e aeroportos, associados com os fundos de pensão, a partir de gigantescos recursos subsidiados do BNDES. A introdução do fundo de pensão para os servidores públicos ocorre logo após a Argentina ter reestatizado a previdência, privatizada em 1994, após o fracasso dessa privatização. A principal empresa do PAC, a Delta, que faturou em 2011 quase R\$ 900 milhões com obras federais, está agora no centro de um novo esquema de corrupção, o “Deltaduto”, que inclui farto financiamento de campanhas eleitorais. A reforma agrária, por outro lado, foi enterrada pelo governo Dilma, que contingenciou 70% das verbas de custeio do INCRA.

Em março, recomeçaram as greves nas grandes hidrelétricas de Jirau e Santo Antônio. A luta da classe trabalhadora começou a se transformar em um fator do cenário político brasileiro. Metroviários de SP, professores do ensino fundamental em vários estados, professores universitários, operários da construção em Belo Monte, Jirau e Santo Antonio, operários nas obras da Copa 2014, essas e outras lutas mostram a tendência para uma virada na luta de classes no país. Oito mil operários de Belo Monte, em Altamira (PA), pararam pelo salário e condições de trabalho: os operários não têm direito de visitar suas famílias antes de 180 dias trabalhados, e aos trabalhadores “ajudantes” (menos qualificados) nem este direito é concedido. A situação desses trabalhadores é de literal cativo, com total cumplicidade do governo “dos trabalhadores”.

A pauta de reivindicações da luta em Belo Monte inclui aumento e isonomia salarial, baixada de 90 dias para todos, plano de saúde, aumento do valor do vale-alimentação, entre outros pontos. Essa greve convive com um forte aparato da repressão policial, federal e estadual, em todas as áreas controladas pelo CCBM (Consórcio Construtor Belo Monte), empresa privada, que conta com apoio efetivo dos governos e dos aparelhos de repressão. Instalou-se uma delegacia policial no canteiro de obras, com um arsenal de perseguições, assédios, prisões e demissões de trabalhadores e lideranças das lutas.

No Comperj, maior complexo petroquímico da América Latina, quinze mil trabalhadores entraram em greve, dando continuidade aos levantes de 100 mil trabalhadores em 2011, como os dos operários dos canteiros de obras da Copa 2014, das hidrelétricas, refinarias, portos, e das obras da construção civil leve. Os professores de 48 das 54 universidades públicas federais entraram em greve por tempo indeterminado desde 17 de maio. O movimento, coordenado pelo sindicato nacional dos docentes (Andes-SN), foi decretado em plenária nacional de delegados de base. O pleito da categoria diz respeito à carreira única com incorporação das gratificações de produtividade, variação de 5% entre níveis a partir do piso para regime de 20 horas correspondente ao salário mínimo do Dieese (calculado em R\$ 2.329,35), percentuais de acréscimo relativos à titulação e ao regime de trabalho, assim como a incorporação dos benefícios para os aposentados. A proposta de reajuste salarial de 4 % apresentada pelo governo federal depois de dois anos de negociações não repõe perdas históricas, nem o congelamento salarial absoluto de dois anos.

O Andes-SN denunciou: “Instituições sem professores, sem laboratórios, sem salas de aulas, sem refeitórios ou restaurantes universitários, até sem bebedouros e papel higiênico, afetando diretamente a qualidade de ensino”, em especial nas novas universidades, criadas durante o governo Lula, além da contratação dos “professores temporários”, com salários de miséria. Cerca de um milhão de jovens ingressaram na universidade através do Prouni, desde 2004, basicamente em universidades privadas, subsidiadas pelo governo federal. Os docentes dessas universidades sofrem cada vez mais com demissões em massa decorrentes das fusões entre os grupos econômicos que atuam no setor, e da penetração do capital estrangeiro nele. Em vários estados, por conta da precarização das condições de trabalho e achatamento salarial, também houve greve na saúde, na educação, além de movimentos urbanos de reação aos problemas causados pela preparação da infraestrutura para os “grandes eventos” (Copa e Olimpíadas).

Durante o primeiro ano do governo Dilma foi continuada a política econômica do governo Lula, mais voltada ainda para o grande capital e para os “ajustes” exigidos pela crise mundial. A taxa de juros ficou inicialmente no espaço, a política fiscal foi marcada por um arrocho extremo, a taxa de câmbio mantinha sua trajetória de valorização em relação ao dólar e demais moedas externas. O embate da crise mundial obrigou a uma redução da taxa de juros, o real sofreu desvalorizações sucessivas até atingir R\$ 2,00 (Lula o

havia deixado em R\$ 1,60). Na política tributária e de incentivos, o governo lançou um “pacote de bondades” dirigidas ao empresariado, com reduções no Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) e no Imposto sobre Operações Financeiras (IOF). A renúncia fiscal do governo é de R\$ 7,2 bilhões, só em 2012. O governo cedeu à reivindicação do empresariado em favor da desoneração da folha de pagamentos para efeitos de contribuição previdenciária, depois do cerco empresarial aos gabinetes de Brasília. As contribuições patronais sofreram uma queda de 20%. Todas essas medidas atenderam a demandas de setores como a cadeia automobilística, os diversos setores da construção civil, as empresas da chamada “linha branca”. O grande capital teve reduzidos seus impostos, pode receber empréstimos com taxas de juros subsidiadas do BNDES (o Tesouro liberou R\$ 10 bilhões para reforçar as linhas de financiamento do Banco, estando previstos outros R\$ 10 bilhões no segundo semestre), foi contemplado pela redução generalizada dos juros bancários e até obteve diminuição nos custos trabalhistas. Estão previstos R\$ 45 bilhões de subsídios ao capital nas medidas da segunda fase do “Plano Brasil Maior”.

O “empresário de Lula”, Eike Batista, já criou e listou na Bovespa cinco empresas: MPX (geração de energia), MMX (mineração), LLX (logística), OGX (petróleo e gás) e OSX (construção naval). Há ainda outras quatro empresas não listadas na Bolsa de Valores, de sua propriedade, nos setores de entretenimento, metais preciosos, tecnologia da informação e imóveis. Mas poucas dessas companhias conseguiram dar lucros, e algumas foram a mercado quando não eram mais do que ideias. Eike Batista, ainda assim, virou a 7º pessoa mais rica do mundo, vendendo fumaça (*The Economist* comentou que Batista é a pessoa que mais fez dinheiro no mundo com o “power point”, depois de Bill Gates), com uma fortuna (declarada) de US\$ 30 bilhões. A esta miragem de data show (junto ao criminoso processado proprietário da Gol Linhas Aéreas) se reduz a “burguesia nacional” petista. A realidade dependente do país começou a derrubar o castelo de cartas dos parvenus tupiniquins, que casam em castelos franceses alugados e tiram férias em ilhas da fantasia.

Uma pesquisa do Banco Central apontou a disseminação de um “foco de pessimismo” no empresariado, vinculado à crise mundial, com a desaceleração da economia chinesa, principal cliente das exportações brasileiras. O saldo comercial brasileiro em março-abril sofreu queda de 55% em relação ao ano precedente, perfazendo seu pior desempenho em dez anos. É que a crise também passou a afetar a China, com uma forte

desaceleração de suas taxas de crescimento, afetando os “emergentes” (Brasil incluído) que já começaram a sofrer da queda nas vendas ao “gigante asiático”. A corrente comercial brasileira (importações + exportações) pulou de pouco mais de US\$ 100 bilhões no ano 2000 para mais de US\$ 400 bilhões, atualmente.

O endividamento privado interno no Brasil, por outro lado, já beira a inadimplência, com 15 milhões de famílias “superendividadadas”, ou seja, tecnicamente inadimplentes. Os calotes de créditos concedidos (as “carteiras podres”) reduziram o valor de mercado dos principais bancos do país (BB, Itaú, Bradesco e Santander) em R\$ 40 bilhões (US\$ 20 bilhões) somente no mês de abril. A inadimplência no financiamento de veículos saltou de 4 % para quase 6 % em um ano. Existe uma sobreprodução galopante no setor automobilístico, eixo do sistema industrial. A desesperada liquidação de estoques das montadoras choca com a realidade da inadimplência privada.

A produção industrial brasileira sofreu queda pelo quarto trimestre consecutivo. The Economist já deu o sinal de alarme para os “investidores internacionais”, qualificando o Brasil como “um touro rebaixado”. O governo projetou um crescimento do PIB de 4,5 % em 2012, o “mercado” (o grande capital) já calculou um crescimento inferior ao de 2011, mal superando 2 %. A crise econômica brasileira tem imediata projeção internacional, devido aos investimentos brasileiros na América do Sul (Bolívia, Equador, Colômbia, Peru, Argentina) e até na África, onde “operam” Petrobrás, Vale do Rio Doce, Odebrecht, Camargo Corrêa, Andrade Gutierrez, Queiroz Galvão e Marcopolo, principalmente (os investimentos e a corrente de comércio brasileiro no continente, porém, equivalem só a 3% dos investimentos chineses e a 10% daqueles da Índia). Nada que se compare, porém, aos US\$ 70 bilhões investidos por brasileiros em paraísos fiscais (os investimentos verde-amarelos na Unasul, em comparação, mal superam US\$ 12 bilhões...).

Pelo Funpresp, o Estado vai garantir ao servidor uma aposentadoria no máximo igual à do trabalhador da iniciativa privada, cujo teto é de R\$ 3.691. Se quiser mais, o funcionário público deverá contribuir para um fundo de previdência complementar. Se o servidor contribuir com até 7,5 % do que exceder o teto, o governo também depositará igual quantia no fundo. Mais do que isso, o servidor contribuirá sozinho. A “previdência complementar” cria um mercado gigantesco para os monopólios financeiros. Em 30 anos, o fundo dos servidores públicos deverá estar com 440 mil participantes e R\$

500 bilhões em ativos. Esse patrimônio equivale ao triplo do capital da Previ, o fundo de pensão dos funcionários do Banco do Brasil, o maior da América Latina e o 24º do mundo. Hoje, a Previ administra pouco mais de R\$ 150 bilhões em ativos e cobra uma taxa de carregamento de 4 %, que incide sobre a contribuição dos seus 192 mil participantes. O novo sistema deve piorar as contas públicas do país, porque parte da contribuição dos novos servidores irá para o fundo privado, não mais para o pagamento dos aposentados já existentes.

Ao lado da queda das taxas de juros (Selic e dos bancos) e do anúncio mais programas sociais, houve um avanço na política de privatização da saúde com o EBSEH (empresa brasileira de serviços hospitalares, fundação de direito privado), além da privatização da previdência social, e dos ataques aos direitos sociais e repressão às lutas dos trabalhadores, aí incluídos os assassinatos de lideranças dos sem-terra e de indígenas. A crise política, no entanto, se ampliou. A CPI de “Carlinhos Cachoeira” (um criminoso de folha corrida que comprava e financiava todo mundo), que o governo petista quer centrar na direção do senador ex DEM Demóstenes Torres e do governador tucano Marconi Perillo (de Goiás), tem seu centro na empreiteira Delta, a empresa que mais recursos recebeu do governo do PT nos últimos três anos. Para as eleições municipais deste ano, Lula literalmente impôs seus candidatos para São Paulo e Campinas, para manter o controle do partido nos centros políticos do país. Em Recife, a direção do partido anulou as eleições internas que consagraram um candidato contrário às alianças políticas do PT no estado. Ora, uma crise política do PT, na ausência de alternativa política, pode se transformar em crise institucional. Em torno destas questões se joga o futuro político imediato do Brasil.

LA IMAGINACIÓN DE ISAAC ASIMOV: ¿POR QUÉ DESDE HACE 400 AÑOS LAS ESCUELAS RESISTEN LOS CAMBIOS?¹

Mariano Narodowski

RESUMEN

El artículo problematiza el hecho de que, a pesar de los ingentes esfuerzos políticos y pedagógicos por cambiarla, la escuela permanece estable en términos de respeto del paradigma transdiscursivo cimentado por el discurso pedagógico moderno desde hace cuatro siglos. Este hecho es problematizado a la luz de la aparición de las denominadas “nuevas tecnologías de la información y la comunicación”, aludiendo en este caso a los clásicos trabajos de Ivan Illich y especialmente a las profecías del escritor Isaac Asimov, en el sentido de que la generalización del uso de computadoras interconectadas podría dar lugar a la concreción de la desescolarización de la sociedad. El trabajo construye una interpretación teórica vinculada a los motivos históricos y sociales atribuibles a la estabilidad de la escuela y, finalmente, hipotetiza una matriz que contribuye a avizorar escenarios futuros de cambio.

EL PERSISTENTE INCONFORMISMO FRENTE A LA ESCUELA

Es evidente que el futuro de las escuelas y los sistemas educativos es fuente de debate. Desde la literatura académica y desde los medios de comunicación y las redes sociales ronda una suerte de clima de fin de una época y de nacimiento de otra para las viejas instituciones escolares.

Sin embargo, estos discursos radicalmente innovadores que en la actualidad pululan y se reproducen vertiginosamente, no son en sí mismos una novedad puesto que desde hace siglos, los pedagogos y los educadores

¹ Universidad Torcuato Di Tella. E-mail: mnarodowski@utdt.edu – Twitter @narodowski

vienen señalando que las escuelas son portadoras de problemas de diverso tipo siendo que estos intelectuales se posicionan como garantes de la posibilidad de un cambio que haga de esas criticadas escuelas un instrumento adecuado a las necesidades de los tiempos.

No resulta casual que Jan Amos Comenius, posiblemente el padre de la pedagogía moderna, ha señalado en su gran obra *Didactica Magna* que “Hasta ahora hemos carecido de escuelas que respondan perfectamente a su fin” (COMENIUS, 1986). Esta frase, publicada en la edición latina de la obra en 1657, parece marcar el devenir profundamente insatisfecho y quejoso de la pedagogía, respecto de la misma actividad escolar. Como hemos demostrado en otros trabajos (NARODOWSKI, 2001a y 2001b), este inconformismo con la escuela resulta la marca paradójica de la existencia de la pedagogía e, incluso, de la misma escuela. Paradójica en la medida que al mismo tiempo que es redentora de la humanidad, la escuela siempre fue cuestionada por no disponer de todos los mecanismos para conseguirlo.

Sin embargo, es indudable el siglo XXI aporta nuevos argumentos y sueña con nuevos escenarios. Ahora, el futuro de la escuela es tema de debate público pero con una nueva causa probable: el surgimiento y la expansión de las denominadas TICs – una sigla que significa Tecnologías de la Información y de la Comunicación – pero que connota muchísimo más -: computadoras, Internet, redes sociales, textos interactivos, realidad aumentada y una interminable y siempre en ebullición lista de artefactos sofisticados y que acrecientan no solamente su cantidad sino su potencial cada día.

El significado de TICs que suele brindarse parece indicar que el imperio de la vieja escuela de la tiza y el pizarrón, el ámbito de producción y distribución de saberes que en el siglo XVII había institucionalizado a la instrucción simultánea – “un educador que enseña al mismo tiempo a un mismo grupo de alumnos, de similar edad o experiencia, un mismo conocimiento de similar grado de complejidad” (NARODOWSKI, 2001a) – habrá de ser sustituido por otro formato, completamente novedoso.

No hay que descartar que este relato pedagogizado de reforma de la educación escolar no es nuevo en la historia de la educación. Sólo para no remontarnos más atrás de la segunda mitad del siglo XX, la aparición del cine, de la radio y más tarde de la televisión habían generado expectativas análogas a las actuales las que, con el correr del tiempo, se vieron frustradas por la capacidad y la eficacia de la escuela en el sostenimiento de sus propios dispositivos institucionales. Una sencilla recorrida por la literatura de

la denominada “tecnología educativa” desde finales de los años sesentas y principios de los ochentas del siglo XX, habrá de conducirnos por el camino, primero, de la esperanza casi certera acerca de los inmediatos cambios en el formato escolar a favor del uso de pantallas educativas y, un poco más tarde, por el de la desesperanza y la frustración debido a la imposibilidad de realizar esos cambios de manera consistente, sustentable y, sobre todo, generalizada en el sistema educativo (LION, 2012).

Pero con la irrupción de las denominadas TICs a partir de la aparición de las computadoras personales y sobre todo de la difusión y popularización de Internet (seguido de una fenomenal baja en los precios de los artículos tecnológicos y la casi universalización de algunos de ellos como los teléfonos celulares) el debate de la transformación radicalizada de las instituciones escolares ha vuelto con más bríos y más esperanzas que en los años sesenta.

Es tal el mareo frente a los cambios en pantallas, computadoras y redes que casi nadie se abstiene de esperar metamorfosis reveladoras en las escuelas: desde ricos magnates del mundo informático como Bill Gates o Steve Jobs, hasta gobernantes de países tan diversos como el uruguayo Tabaré Vázquez o el norteamericano Barak Obama, todos apuestan a una fenomenal mutación de la escuela.

Las esperanzas son muchas, es verdad. Pero tal como lo ocurrido en décadas atrás, en las escuelas reales los cambios no son tan sencillos de producir. A pesar de que todavía no hay estudios concluyentes sobre las programas de innovación escolar a gran escala basados en el uso intensivo de pantallas y redes, diferentes experiencias de innovación tecnológica en países distintos parecen haber sido poco productivas en cuanto a cambios efectivos en la profundidad de las instituciones escolares y, al mismo tiempo, algunas experiencias escolares exitosas en este campo son difíciles de generalizar a escalas cuantitativamente importantes. Incluso, podría afirmarse que la multimillonaria inversión que estados y empresas efectúan en tecnología para las escuelas obtiene resultados limitados respecto de algunas de las enormes esperanzas cifradas en ellas (por ejemplo, una mejora en las pruebas estandarizadas de rendimiento de los aprendizajes) aunque sí resultados en aspectos no del todo previstos (reducción de la brecha social digital e inclusión de poblaciones vulnerables a diferentes actividades no tradicionales, por ejemplo)².

² Para citar apenas dos trabajos recientes en relación con esta controversia véase Baez y García (2012); Santiago y otros (2010).

LA INTUICIÓN DE IVÁN ILLICH, LA PROFECÍA DE ISAAC ASIMOV

Este nuevo panorama rico en expectativas respecto de los cambios que posiblemente vaya a operar la escuela en su interior, es a la vez todavía muy confuso en cuanto a los caminos posibles en los que estos cambios hubieren de transcurrir. ¿Cómo será la escuela del futuro? Las preguntas que al respecto se formulan desde periodistas hasta expertos educacionales son variadas y heterogéneas, pero podrían resumirse en algunos pocos interrogantes.

En primer lugar ¿El formato escolar actual con su preponderancia del lugar del docente como lugar del saber, saldrá indemne de la influencia de las TICs o acaso la institución escolar logrará co-optar (o sea, escolarizar) a todos y cada uno de los nuevos dispositivos y absorberlos en sus propios dispositivos y su propia dinámica general?

Segundo, y suponiendo que la respuesta al primer interrogante sea al menos parcialmente positiva: ¿Si el formato escolar habrá de modificarse como producto de las nuevas tecnologías, en qué medida lo hará? ¿Será un cambio masivo, radicalizado “fuerte” o apenas unas pocas concesiones a las redes y a las pantallas pero sin llegar a renunciar a r la matriz dura que conforma el núcleo de la institución escolar de la modernidad, su paradigma transdiscursivo?

Tercero y más allá de la lógica que asuman los posibles cambios; ¿Cuáles son las transformaciones en las relaciones sociales de la educación que habrán de observarse como consecuencia (o como causa, o al menos como elemento interviniente) en los cambios operados a partir de las nuevas tecnologías?

Estas preguntas tuvieron respuestas inteligentes y sólidas hace más de treinta años, cuando las computadoras personales apenas despuntaban fuera de los laboratorios y cuando Internet apenas se difundía entre un puñado de instituciones académicas norteamericanas.

El primero en proponer estas mudanzas fue, sin lugar a dudas, Ivan Illich. Su libro *Deschooling Society* (ILLICH, 1976), proponía un mundo sin escuelas, en el cual las personas se aglutinan sin institucionalizarse en establecimientos educacionales especializados sino que se organizan en redes configuradas por interés por medio de las cuales los diversos actores sociales procuran su acercamiento al saber en forma voluntaria y electiva. Con un marcado acento en la crítica al carácter disciplinante y uniformizador

de las instituciones escolares de la modernidad, Illich apunta contra la organización coercitiva de la producción y distribución de saberes (organización que tiene en los sistemas escolares nacionales su máxima expresión) por su carácter disciplinante y pretende sustituirlo por un espacio voluntario de articulación social (una o varias redes) que se anudan para dar paso al acceso irrestricto al saber; redes en las que apenas se diferencian quienes “poseen” el saber respecto de aquellos que no lo detentan.

Esta propuesta, surgida en los inicios de los años setenta, se inscribía en una corriente de fuerte cuestionamiento a las instituciones escolares. Contemporáneamente, los libros de Paulo Freire interpelaban cuestiones análogas y algunos sociólogos franceses como Pierre Bourdieu, Christian Baudelot o Roger Establet marcaban un intenso tono crítico a los mecanismos de reproducción de las relaciones capitalistas de producción que las escuelas y los sistemas educativos llevaban a cabo.

En el momento de su difusión, las propuestas de Illich recibieron no pocos elogios pero también sufrieron unas cuantas críticas (GINTIS y otros, 1975). Tal vez el punto más vulnerable de su postura era de carácter metodológico: aún quienes simpatizaban con su radical posición sospechaban del hecjo de que simples reuniones interpersonales articuladas según grupos de interés fueran efectivamente practicables a gran escala, capaces de sustituir nada menos que a fenomenales sistemas educativos nacionales bien organizados, estatalmente establecidos y legítima y legalmente consolidados, al menos en los inicios de los años setenta del siglo XX. En el caso de los sectores sociales más vulnerables, aparecían en la mirada de la crítica a Illich como los más perjudicados por la propuesta por poseer menos recursos para agenciar saberes por fuera de la organización escolar. Esta limitación metodológica, argumentaban, se vuelve en contra de la propia intencionalidad democratizadora de Illich.

Esta crítica fue respondida, entendemos que implícitamente, por el genial escritor de ciencia ficción Isaac Asimov³. En una entrevista realizada por el entrevistador de la televisión norteamericana Bill Moyers para su programa *World of Ideas* (MOYERS, 1988), Asimov desgana las ideas Illichianas de desregulación de la distribución y circulación de saberes en forma masiva y por fuera de la institución escolar pero a diferencia de Illich, su punto de vista aporta una solución metodológica a la propuesta original:

³ Para una revisión de la vida y de la obra de Isaac Asimov véase su autobiografía Asimov y Asimov (2002)

las computadoras. Allí donde Illich conjeturó una intuición (una genial intuición, convengamos), Asimov pudo profetizar el futuro.

A pesar de que la entrevista fue efectuada en 1988, – año en el que si apenas se insinuaba la masificación de las computadoras personales muy lejos se estaba, aún, de su interconexión en red a escala global – la visión de Asimov de un futuro de computadoras de acceso ilimitado e interconectadas era tan clara como consistente: se trataba de la aplicación concreta al ideario de Illich de una sociedad desescolarizada⁴.

La crítica de Asimov a la educación institucionalizada mediante escuelas es homóloga a la que años antes realizara Illich:

Lo que la gente llama aprendizaje hoy, es algo forzado. Todos están obligados a aprender lo mismo el mismo día y a la misma velocidad en clase. Pero cada uno de nosotros es diferente de los otros. Para algunos, la clase es demasiado rápida. Para otros, demasiado lenta. O va en la dirección incorrecta. Ahora bien, dele a cada uno la oportunidad de seguir sus propias inclinaciones desde el comienzo, de descubrir lo que le interesa buscándolo desde su propia casa, en su propio tiempo y a su propia velocidad, y así todo el mundo disfrutará del aprendizaje (MOYERS, 1988).

La metodología que permitirá que cada uno obtenga la oportunidad de seguir sus propias inclinaciones es la masificación del uso de computadoras interconectadas. Asimov propone una novedosa manera de acceder al conocimiento en detrimento de la vieja forma de hacerlo:

La única forma en que podíamos hacerlo era teniendo un profesor para muchos estudiantes, y darle al profesor un currículo del que enseñar. Pero ¿cuántos profesores son buenos en esto? Al igual que con todo lo demás, el número de profesores es muy superior al número de buenos profesores. Así que o tenemos una relación de uno a uno para unos pocos, o uno para muchos, para la mayoría. Ahora con la computadora, es posible tener una relación de uno a uno para la mayoría. Todos pueden tener un profesor en la forma de acceso al conocimiento acumulado de la especie humana.

⁴ Si bien no poseemos evidencia de que Asimov hubiese leído el trabajo Illich, es central para nuestro trabajo establecer este diálogo de ideas más allá de su existencia real.

En relación con las objeciones vinculadas con las diferentes posibilidades socioeconómicas de acceso a las computadoras, Asimov ya advierte que este problema habrá de ser solucionado con el paso del tiempo. El entrevistador Moyers le pregunta si “nuestra sociedad podrá alguna vez proveer a todos, incluso los chicos más pobres, con buenas computadoras”, a lo que Asimov responde:

Quizá no al principio. Eso es como preguntarte a ti mismo, “¿Es posible proveer a todos en la nación con agua potable?” En muchas naciones es imposible obtener agua potable excepto bajo muy inusuales circunstancias. Esa fue una de las razones por las que la gente comenzó a beber cerveza y vino – el alcohol mataba a los gérmenes, y si no bebías eso, morías de cólera. Pero hay lugares en donde puedes suplir de agua potable prácticamente a todos. Los Estados Unidos probablemente brinden agua potable a un porcentaje más grande de su población que cualquier otra nación. Así que no es que esperemos tener una computadora perfecta para todo mundo inmediatamente, pero podemos intentarlo, y con el tiempo, creo que más y más lo intentarán. En el nombre de Dios, cuando yo era joven, muy poca gente tenía automóviles o teléfonos, y casi nadie tenía un aire acondicionado. Ahora estas cosas son casi universales. Podría ser lo mismo con las computadoras (MOYERS, 1988).

El pensamiento de Asimov, como puede colegirse en las citas precedentes, da solución al problema planteado por Illich. La forma de articulación reticulada para la circulación del conocimiento ya tiene una base tecnológica para su ejecución metodológica: las computadoras en red, dispositivos tecnológicos que, aventura Asimov, con el tiempo habrán de estar al alcance de cualquiera.

Analizando prospectivamente las profecías de Asimov, es posible inferir dos conclusiones. La primera es la descomunal clarividencia de sus predicciones en tiempos en los que no era tan sencillo, como ahora, aventurar un futuro relevante para las computadoras personales y su interconexión en redes, hoy representada por la Internet. La segunda conclusión es la constatación de que los dispositivos computacionales conectados son accesibles a una masa poblacional antes impensada, no

solamente en los Estados Unidos o en otros enclaves altamente desarrollados sino en casi todo el mundo.

Más todavía, es fácil advertir que la profecía de Asimov se superó a sí misma ya que muchas personas que tienen acceso a computadoras conectadas a Internet no tienen posibilidades económicas de comprarse un auto ni un aparato de aire acondicionado siendo que el teléfono (el otro artefacto señalado por Asimov en 1988 de acceso limitado) ya forma parte del mismo dispositivo que la computadora. Incluso, muchas personas han accedido a estas nuevas tecnologías merced a la descomunal baja de sus precios de mercado y, así y todo, aún no poseen servicio de agua potable.

Sin embargo, la profecía más importante formulada por Asimov aún no ha sido realizada. A pesar de la difusión y de la generalización de los dispositivos conectados a Internet, esta presencia cotidiana y constante en muy buena parte de las sociedades actuales no se ve reflejada en cambios relevantes en las instituciones escolares. No se está planteando hoy ni en ámbitos académicos ni en ámbitos políticos que los sistemas escolares hayan mutado o estén mutando con tendencia a su disolución o a una reconversión en el sentido de las propuestas Illich/Asimov. Por otro lado, parece ser que tampoco han cambiado prácticas escolares frente a la presencia de estos dispositivos en las escuelas. En otras palabras, a pesar de la profusión de computadoras en las escuelas, su introducción no parece incidir en la práctica escolar más profunda y ni siquiera está muy clara la evidencia en lo que hace a la mejora de los resultados en las pruebas estandarizadas (SANTIAGO y otros, 2010).

¿POR QUÉ LAS ESCUELAS NO CAMBIAN?

El recorrido por las ideas de Illich y sobre todo por las profecías de Asimov respecto del futuro, permite concluir que están dadas – objetivamente – las condiciones tecnológicas para desescolarizar la sociedad y para hacerlo sin mayores costos para los sectores sociales más vulnerables. Y esto sería posible no sólo en países que ostentan altos índices de desarrollo económico sino a escala mundial. O sea, la utopía de un mundo sin escuelas, que fuera genialmente formulada hacia los años setenta del siglo XX, puede ser tecnológicamente llevada a la práctica tan solo cuarenta años más tarde.

Pero, como ya hemos insinuado, lejos se está de que eso ocurra. Los sistemas escolares siguen su marcha habitual y los fuertes cuestionamientos

hacia sus prácticas en muy poco preanuncian un cambio radicalizado. Con la excepción de algunas experiencias alternativa como el *homeschooling* y algunas otras acciones educacionales (NARODOWSKI y BRAILOVSKY, 2006) la escolarización sigue siendo, sino el modo predominante de distribución y circulación de saberes en la sociedad contemporánea, al menos mantiene un predominio significativo.⁵

Las tres preguntas que efectuamos en la sección anterior vinculadas a los cambios probables que las TICs habrían de generar en los sistemas escolares, parecen obtener una respuesta más bien pesimista, a pesar del auge y la moda de notebooks y tablets y a pesar, incluso, Asimov. En primer lugar, es dable pensar que el formato escolar actual con su preponderancia del lugar del docente como lugar del saber es blanco de un brutal cuestionamiento a la autoridad adulta docente (NARODOWSKI, 2011), pero la centralidad de este ataque no proviene de la integración de TICs a la actividad escolar sino que el mismo se materializa incluso afuera de las escuela (aunque adentro adquiriera expresiones singulares) y no supone ser óbice para cambios radicalizados en la función docente.

En relación con la específica introducción masiva de TICs en las escuelas, el proceso parece asemejar a la introducción de otras tecnologías en otras épocas (NARODOWSKI y GVIRTZ, 1988): la impresión es que la institución escolar tiende a escolarizar los nuevos elementos y así procesarlos mediante la lógica sus propios dispositivos. Si bien la investigación académica en esta área recién comienza la evidencia parece sostener que en el caso de las TICs el comportamiento de lo escolar homologa otros intentos de introducción, acontecidos en el pasado.⁶

El escepticismo recién explicado, motiva a hipotetizar que los cambios tecnológicos operados en relación con la distribución y circulación de saberes y lo que de ellos se advierte para el futuro, no suponen en una instancia cercana el devenir de cambios radicalizados o “fuertes” sino o apenas unas pocas concesiones a las redes y a las pantallas que no reclaman la renuncia a la matriz que conforma el núcleo de la institución

⁵ Un análisis más extenso respecto de la relevancia de la institución escolar moderna en el proceso de producción y distribución de saberes en la sociedad contemporánea y su virtual pérdida de legitimidad hemos desarrollado en Narodowski (1999).

⁶ En una investigación reciente (NARODOWSKI y SCIALABBA, 2012) se pudo corroborar que incluso actores sociales muy involucrados con nuevas tecnologías, y que desarrollan actividades en el límite de la innovación tecnológica, aenas avizoran mínimos cambios en las escuelas cuando reflexionan sobre su futuro.

escolar de la modernidad: dispositivos vinculados a la infancia o el lugar del docente no han sido cuestionados hasta ahora por las TICs, sino que parecen convivir unos y otros bajo la hegemonía del viejo paradigma transdiscursivo de la pedagogía moderna.

Pero que las TICs no impacten significativamente en los viejos dispositivos escolares no quiere decir que estos tengan el mismo nivel de eficacia y performatividad que antaño; a la recíproca, las grietas que presenta la conformación de la institución escolar moderna no obedecen a la introducción de TICs sino a motivos que los preceden en la historia y en el análisis. Esto se relaciona con la tercera pregunta planteada más arriba: más allá de la lógica que asuman los posibles cambios operados por las TICs (que como indicamos han resultado pocos y de bajo impacto) las transformaciones en las relaciones sociales de la educación comportan una cierta autonomía respecto de la decisión de introducir o no TICs en la escuela.

Como hemos explicado en otros trabajos (NARODOWSKI, 1999, 2012a y 2012b) los problemas de legitimación y performatividad de la institución escolar moderna tiene que ver con cambios en las relaciones sociales vinculadas con la forma de transmisión generacional, con el régimen epistémico y con las mutaciones en el orden productivo y familiar. Las computadoras, en ese contexto, son otro acontecimiento relevante en ese escenario pero que no ha tenido otro destino que formar parte de un engranaje mayor que coadyuva a la convalidación del deterioro de las instituciones escolares modernas más que la de su revolucionaria modificación.

En este sentido, podríamos aventurar una hipótesis respecto de la actual imposibilidad para la concreción de la ilusión de Iván Illich, aún cuando Asimov ya nos explicara, hace ya varias décadas, que existe la tecnología para realizarla: son las relaciones sociales existentes las que mantienen, aún en el deterioro, el esquema actual de la escuela y lo multiplican en tiempo y espacio. A pesar de los embates permanentes, algo acontece en el orden de lo escolarizado que sobrevive no solamente a las críticas sino a su misma e irónica autodegradación.

Este panorama, convengamos, no es nuevo en la historia de la humanidad. Ya Eric Hobsbawm (1987) señalaba que la revolución industrial podría haberse llevado a cabo dos siglos antes de que efectivamente aconteciera, en la época en la que surgiera la matriz científico-técnica que le diera sustento: los principios matemáticos newtonianos, la física de Galileo, la astronomía de Kepler y la química de Lavoisier. Sin embargo, se necesitó un

actor social concreto (en el caso de la revolución industrial, la nueva burguesía urbana inglesa) que pudiera llevar adelante en términos concretos los principios científicos y tecnológicos preexistentes.

El mismo esquema conceptual, *mutatis mutandis*, nos permitió explicar la aparición de los sistemas educativos modernos casi dos siglos después de que su configuración ya fuera explicitada en la *Didactica Magna* de Jan Amos Comenius y en algunas obras de pedagogos de principios del siglo XVIII (NARODOWSKI, 2001a)

Del mismo modo, esta lógica explicativa puede servir también para comprender en qué radica el error de la profecía incumplida de Asimov. La tecnología y las relaciones sociales no siempre van a la par y si bien es probable que exista una base tecnológica objetiva que permite desescolarizar la sociedad, enseñar y aprender a parir de redes voluntarias y aspirar a un saber democratizado tanto para su producción como para su distribución y circulación, – cumpliendo así el sueño de Ivan Illich –, la escuela continúa siendo, maltrecha en su configuración; agrietada en su eficacia, diluida en su autoridad, deslegitimada en su imagen pública, el ámbito recurrente de procesamiento del saber.

REFERENCIAS

- ASIMOV, Ivan; ASIMOV, Janet. *It's been a good life*. New York: Prometheus, 2002.
- BÁEZ, Mônica; GARCÍA, José Miguel. El Modelo Ceibal: las tecnologías como excusa. In: NARODOWSKI, Mariano; SCIALABBA, Alejandra (Comp.) *¿Cómo serán? El futuro de las escuelas y de las nuevas tecnologías*. Buenos Aires: Prometeo, 2012.
- BUCKINGHAM, David. *After the death of childhood*. Growing up in the age of electronic media. Malden: Polity Press, 2000.
- COMENIUS, Jan Amos. *Didactica Magna*, Madrid: Akal, 1986.
- GINTIS, Herbert y otros. *Crítica de Iván Illich*. Barcelona: Anagrama, 1975.
- HOBSBAWM, Eric. *Las revoluciones burguesas*. México: Guadarrama, 1987.
- ILLICH, Ivan. *Deschooling Society*. New York: Penguin Books, 1976.
- LION, Carina. Pensar en red. Metáforas y escenarios. In: NARODOWSKI, Mariano; SCIALABBA, Alejandra (Comp.). *¿Cómo serán? El futuro de las escuelas y de las nuevas tecnologías*. Buenos Aires: Prometeo, 2012.

- MOYERS, Bill. Interview with Isaac Asimov. *World of Ideas*, 1988. Traducción propia. Disponible en <http://www.youtube.com/watch?v=qLEBAPA7yqo>
- NARODOWSKI, Mariano. *Después de clase*. Desencantos y desafíos de la escuela actual. Buenos Aires: Novedades Educativas, 1999.
- NARODOWSKI, Mariano. *Infância e poder*. conformação da pedagogia moderna. São Paulo: Universidade de São Francisco, 2001^a.
- NARODOWSKI, Mariano *Comenius e a educação*. São Paulo: Autêntica 2001b.
- NARODOWSKI, Mariano. Destinos de la infancia: hiper y desrealización.
- ARELLANO DIQUE, Antonio (Coord.) *La educación en tiempos débiles e inciertos*. Madrid: Antropohos, 2005.
- NARODOWSKI, Mariano. No es fácil ser adulto. Asimetrías y equivalencias en las nuevas infancias y adolescências. *Educación y pedagogía*, n.60, 2011.
- NARODOWSKI, Mariano. Looking for Asymmetries: A theoretical approach to the feeling of nostalgia in modern childhood as well as adulthood, *paper presented to II PLACIM Seminar, University of Reading*, 2012a.
- NARODOWSKI, Mariano. El bullying como sustituto de la vieja indisciplina. Estrategias frente a la disolución de la autoridad adulta. *Linha Educativa* 2012 b (Aceptado, en prensa)
- NARODOWSKI, Mariano; GVIRTZ, Silvina. Micro-politics of School Resistance: The case of Argentine teachers versus the educational policies of Peron and Evita, *Discourse. Studies in the Cultural Politics of Education*, 19 (2), 1998.
- NARODOWSKI, Mariano; BRAILOVSKY, Daniel. *Dolor de escuela*. Buenos Aires: Prometeo, 2006.
- NARODOWSKI, Mariano; SCIALABBA, Alejandra. “¿Cómo serán? Nostálgicos y entusiastas frente al futuro de la escuela”. In: NARODOWSKI, Mariano; SCIALABBA, Alejandra (Comp.). *¿Cómo serán? El futuro de las escuelas y de las nuevas tecnologías*. Buenos Aires: Prometeo, 2012.
- SANTIAGO y otros. Evaluación experimental del programa Una laptop por niño del Perú. *Aportes*, n.5 Julio 2010.

O QUE SERÁ DA AVALIAÇÃO SEM A ÉTICA?¹

Terezinha Azerêdo Rios²

A obsessão do uso do termômetro nunca fez baixar a temperatura.

Philippe Meirieu

Haverá algo mais educativo e libertador do que exercitarmos nossa capacidade de avaliar a avaliação, reconhecendo que sua complexidade não se encontra na seleção de dados a coletar, mas na decisão do olhar interpretativo que será utilizado?

Mara Regina de Sordi

Não se pode deixar de concordar com os que afirmam que a avaliação é, muitas vezes, “uma pedra no caminho” do trabalho das instituições, das escolas, dos educadores. Dizemos sempre que avaliar não é fácil. A pergunta que imediatamente se propõe é: por quê? Que características tem a avaliação que a tornam “difícil”? O que se exige num processo avaliativo que o faz converter-se frequentemente num problema para os que com ele estão envolvidos?

Minha área de trabalho é a Filosofia da Educação. A Ética tem sido um espaço privilegiado de minha reflexão. É, no âmbito da filosofia da

¹ Artigo publicado originalmente na revista *Cadernos Cenpec*, do Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária, número 3, primeiro semestre de 2007, São Paulo, SP, Brasil, páginas 45 a 52.

² Doutora em Educação, membro do GEPEFE – Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Formação de Educadores, da Faculdade de Educação da USP. E-mail: te.rios@terra.com.br.

educação e da ética, portanto, que tenho me voltado para as diversas questões que nos desafiam no nosso cotidiano de educadores.

Neste texto, pretendo centrar a reflexão na necessidade da presença da ética no terreno da avaliação. Em um trabalho anterior (RIOS, 2000), procurei apontar alguns aspectos desse tema. Aqui, quero levar adiante a discussão, explorando alguns elementos provocativos, encontrados na prática de professores e indicados por eles em algumas situações. Vou destacar uma experiência que, embora tendo um caráter bastante particular, representa, de certa forma, algo que é vivenciado por muitos educadores.

UMA VIVÊNCIA EM MOÇAMBIQUE

De 2004 a 2006, trabalhei como professora num convênio da PUC-SP com a Universidade Pedagógica, em Moçambique. Tratava-se de um Mestrado desenvolvido pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação/Currículo e cujos alunos eram professores dos diversos cursos da universidade moçambicana. Ali, ministrei a disciplina Avaliação: Teorias e Práticas.

O objetivo central da disciplina, apresentado na proposta de programa, foi discutir sobre o significado da avaliação no contexto escolar, identificando suas funções e percebendo suas conseqüências e implicações político-pedagógicas. Buscou-se analisar o processo avaliativo no interior das tendências da educação contemporânea e refletir sobre as políticas de avaliação na educação em Moçambique, seus fundamentos e sua significação na organização curricular da escola daquele país.

No relatório apresentado ao final do trabalho, afirmo que foi uma experiência muito gratificante, na medida em que pude contar, no decorrer dos trabalhos, com a disponibilidade e a atenção de todo o grupo. Todas as propostas apresentadas foram acolhidas com interesse e foi grande o envolvimento de todos nas discussões. Revelaram-se a curiosidade e o empenho de ampliar o conhecimento para aprimorar a atuação profissional, especificamente no que diz respeito à avaliação educacional. Pôde-se perceber que a exploração sistemática dos conceitos trouxe a alguns dos participantes uma nova forma de se apropriar deles.

Num dos momentos do trabalho, depois de termos discutido a natureza da avaliação, suas funções, os tipos de avaliação, solicitei, aos

alunos-professores, que indicassem quais eram as certezas e dúvidas que tinham sobre a questão.

No plano das certezas, apontavam-se:

- a importância do processo avaliativo no contexto da educação;
- as vantagens de um olhar crítico sobre a prática pedagógica;
- a necessidade da atenção dos professores para todos os elementos envolvidos nessa prática.

Algumas afirmações já indicavam uma preocupação com o eixo da reflexão que aqui pretendo desenvolver:

- “Tenho certeza de que uma avaliação justa motiva os alunos para a aprendizagem”;
- “É preciso ser um bom educador para garantir uma avaliação justa”;
- “A avaliação é um gesto crítico que visa trazer a justiça na relação professor-aluno”.

No plano das dúvidas, concretizaram-se as preocupações que já se anunciavam nas “certezas”:

- “Será que existe um professor que faz uma avaliação justa?”;
- “É possível fazer justiça no processo da avaliação?”;
- “A subjetividade do processo de avaliação deixa-me com uma série de dúvidas quanto à justiça nesse processo?”.

Esses questionamentos apontavam para um foco comum: será que há realmente possibilidade de haver justiça quando se realiza uma avaliação?

A referência à justiça nos remete imediatamente à necessidade da presença da ética no campo da avaliação. Para além de perguntar por métodos e técnicas de elaboração de instrumentos de avaliação, ou pela objetividade de critérios para organização de exames e provas, os professores faziam emergir o núcleo da ação avaliativa, que se encontra em sua própria definição, se recorrermos à etimologia: avaliar é conferir valor. E qual é o valor da avaliação? Embutida na pergunta pela justiça, havia uma indagação: de que vale a avaliação, se ela não é justa?

CONFERIR VALOR

Conferir valor é algo que marca a intervenção dos seres humanos no mundo, como criadores de cultura. A transformação que se opera na realidade, por meio do trabalho, não se dá apenas num aspecto material, como também, e principalmente, num plano simbólico, de atribuição de significados, de valores. Valores de diferentes naturezas, que se encontram presentes em todas as dimensões das ações e relações dos seres humanos, na sociedade e na história:

- lógicos – quando nos referimos à verdade ou falsidade dos enunciados, das proposições teóricas;
- estéticos – quando se qualificam como belas ou não as criações artísticas;
- econômicos – quando se quantificam as realizações que produzem a vida material;
- valores morais – aqueles para os quais quero chamar atenção, que dizem respeito à significação conferida ao comportamento dos indivíduos em sociedade, na sua relação com os outros.

Se a presença dos valores é algo constituinte da ação e da relação entre os seres humanos e se dizemos que avaliar é conferir valor, podemos dizer que a avaliação faz parte do cotidiano da vida humana. Ouvimos dizer, sempre, que, em todo momento, estamos avaliando: acordamos, chegamos à janela e dizemos que “o dia está bonito”; vemos passar um conhecido na rua e pensamos que sua gravata é “de mau gosto”; assistimos na televisão à descrição de um homicídio e opinamos que é “um crime imperdoável”; lemos o trabalho de um aluno e dizemos que “está regular”.

Será que são “avaliações” de natureza idêntica? Sabemos que não, tanto em virtude da “classificação” antes apresentada, quanto dos contextos nos quais se dá o gesto avaliativo. Entretanto, é importante assinalar que, em qualquer espaço em que se realiza esse gesto, sempre se tem uma referência para se afirmar que algo é “bom”, “de mau gosto”, “imperdoável” ou “regular”. Não avaliamos sem considerar alguns critérios, que constituem uma base para nossos juízos.

É da natureza da avaliação voltar-se para um objeto com a intenção de emitir sobre ele um juízo. Há sempre, no gesto avaliativo, um juízo de valor. Os juízos são atos do pensamento nos quais afirmamos ou negamos algo.

Nos juízos de fato, enunciamos algo que diz respeito a aspectos verdadeiros ou falsos da realidade. Nos juízos de valor, fazemos uma apreciação dos fatos.

Não se diz que se avalia quando apenas se verifica que um corredor percorreu uma distância de 100 metros em 30 segundos. Na verdade, avalia-se quando se julga se isso significou ou não algo importante – o registro de um recorde, por exemplo. Na escola, não haveria sentido em atribuir notas aos trabalhos dos alunos, se não houvesse um referencial segundo o qual se poderia dizer se aquelas notas indicariam algo bom ou mau.

APONTAR O POSITIVO E O NEGATIVO

Falamos aqui em presença da ética na avaliação que se realiza no contexto educacional, mais propriamente no contexto escolar. Ai, num processo de educação organizada e sistemática, a avaliação deve caracterizar-se como um olhar crítico, que procura voltar-se para a realidade com a intenção de vê-la com clareza, profundidade e abrangência, buscando superar uma visão ideológica ou preconceituosa, indo às raízes das questões que pretende investigar e enfrentando o desafio de levar em consideração a diversidade e a multiplicidade de pontos de vista com que se defronta.

Avaliar deve ser, então, no sentido que aqui se considera, fazer uma crítica. É preciso cuidado, entretanto, para não ficarmos presos ao sentido que se dá à crítica, no nível do senso comum. Ai, a crítica é considerada como uma apreciação que aponta apenas o aspecto negativo do objeto enfocado. Diz-se, então, que criticar é “falar mal”: “o aluno criticou a professora”, “os pais criticaram a escola”, “os professores criticaram o governo”.

Isso leva a pensar que talvez a resistência que se tenha à avaliação se justifique em virtude de uma compreensão restrita, que reduz e empobrece a significação do olhar crítico. Sem ter consciência clara disso, muitos professores buscam no desempenho dos alunos somente os aspectos que é preciso corrigir.

É claro que, quando avaliamos, encontramos muitas vezes elementos que precisam ser corrigidos, modificados, superados. Entretanto, se já partimos do pressuposto de que há algo a ser corrigido, nosso olhar pode deixar de enxergar o que está bom, o que merece ser destacado e aprimorado.

O que dissemos sobre a atitude crítica nos ajuda a entender, assim, que fazer a crítica a algo não significa apontar só o que é negativo. Ao olhar com clareza, com profundidade e com abrangência, temos a possibilidade de ver o que é bom e o que é mau, o que anda bem e o que está inadequado. Assim, podemos nos esforçar para mudar o que não está satisfatório e aprimorar o que julgamos que está indo bem. Por isso é que não faz sentido falar em crítica construtiva ou destrutiva: a crítica alarga e aprofunda nossa visão – o que fazemos a partir daí é que efetivamente qualifica o processo, do ponto de vista ético.

DIMENSÕES DA AVALIAÇÃO

Talvez a qualificação da avaliação como algo difícil se deva ao fato de ela constituir uma atitude crítica, que nem sempre se assume facilmente. Na verdade, menos que difícil, a avaliação é complexa: o campo da avaliação – especialmente da avaliação educacional – compõe-se de vários segmentos específicos e o processo avaliativo se constitui de inúmeras dimensões, estreitamente conectadas entre si.

Para falar da presença da ética, como uma dimensão que deve ser constituinte da avaliação, devemos, então, voltar nosso olhar para as dimensões da avaliação.

Há em toda ação avaliativa uma dimensão técnica, que diz respeito ao conhecimento tanto dos objetos ou dos sujeitos a serem avaliados, quanto dos objetivos e dos procedimentos necessários e adequados. Aí também se encontram os referenciais para as verificações. Avaliar pressupõe apontar determinados objetos, estabelecer objetivos que se pretendem alcançar, construir ou selecionar instrumentos para a ação e definir caminhos para atingir o fim.

Por ser fundamental na configuração da avaliação, a dimensão técnica constitui, sem dúvida, o seu suporte. Entretanto, ela só ganha sentido se estiver articulada às outras dimensões. Uma delas é a dimensão política, que guarda referência ao contexto no qual se dá a avaliação, às determinações aí presentes, às pressões para a definição de caminhos.

A outra é a dimensão moral, que diz respeito especificamente à atitude, ao comprometimento dos sujeitos que realizam as ações de avaliação.

Fica, evidente, então, que a avaliação não tem apenas um caráter técnico, não se reduz aos atos de verificar ou conferir ações e resultados. É impossível falar de um processo de avaliação sem fazer referência às determinações a que está constantemente submetido e aos valores que o fundamentam. Avaliar pressupõe definir princípios, em função dos objetivos que se pretendem alcançar e implica um compromisso dos sujeitos envolvidos na direção desses objetivos.

Muitas vezes, considera-se apenas a dimensão técnica da avaliação, deixando-se de lado os aspectos políticos e, principalmente, os aspectos éticos. Assim, a preocupação maior se concentra nos instrumentos, nas medidas, nas representações quantificadas. Não é ruim estar atento a esses elementos. Na verdade, é uma atitude ingênua aquela que despreza os aspectos quantitativos da avaliação.

Romão (1998, p.48) qualifica como um mito, indicador do caráter ideológico que se encontra muitas vezes no campo da avaliação, a afirmação de que “é preciso eliminar os aspectos quantitativos da avaliação”. Recorrendo a Gramsci, Romão afirma que “já que não pode existir quantidade sem qualidade e qualidade sem quantidade (economia sem cultura, atividade prática sem inteligência e vice-versa), qualquer contraposição dos dois termos é, racionalmente, um contra-senso” (idem).

O que vale assinalar é que, ao se perder de vista o que significam, do ponto de vista ético-político, os aspectos qualitativos, empobrece-se o sentido da avaliação, que faz parte de uma dinâmica mais ampla, a da prática educativa e a da convivência social. Dias Sobrinho (2003, p.177) confirma a presença da dimensão político-moral quando afirma que

a avaliação [...] é uma prática social orientada sobretudo para produzir questionamentos e compreender os efeitos pedagógicos, políticos, éticos, sociais, econômicos do fenômeno educativo, e não simplesmente uma operação de medida e muito menos um exercício autocrático de discriminação e comparação.

ÉTICA E MORAL

O fato de existir uma dimensão moral na avaliação não implica, entretanto, a presença da ética. Embora haja uma referência constante à ética no trabalho dos educadores, penso que ainda se faz uma confusão, que

é muito comum, entre ética e moral. É preciso distingui-las, não para separá-las – o que é impossível – e sim para que possamos nos referir a elas com mais propriedade.

Enquanto a moral consiste no conjunto de prescrições que orientam a conduta de indivíduos e grupos nas sociedades, a ética se apresenta como um olhar crítico sobre a moral, perguntando pelos fundamentos dos valores que a sustentam.

As ações morais têm sua origem nos costumes de cada sociedade. Esses costumes estão fundados em valores – o que é costumeiro é confundido, muito frequentemente, com o que é bom. E, então, porque algumas ações reprováveis tornam-se costumeiras em algumas instâncias sociais, as pessoas são levadas a afirmar que “já que é costumeiro, não é mau”.

Muitas vezes, verifica-se isso no campo da avaliação – recorremos a determinadas formas de avaliação costumeiras, já “consagradas”, sem perguntar por sua consistência ou coerência. São “costumeiros” os exames vestibulares, logo... serão bons?

É para evitar equívocos dessa natureza que recorremos à ética. Diferente da moral, que tem um caráter normativo, a ética tem um caráter reflexivo. É com base em seus princípios – o respeito, a justiça, a solidariedade – que as ações morais podem ser julgadas.

Essa é uma distinção que pretende ser esclarecedora, no sentido de levar ao reconhecimento da presença da moral, em todas as ações e relações, e de uma costumeira ausência da ética, em boa parte delas, em nosso contexto social, nas instituições escolares, nas salas de aula.

É porque temos necessidade dessa presença da ética que precisamos nos mobilizar para identificá-la e promovê-la com firmeza. No terreno da avaliação educacional, que aqui nos interessa especificamente, a ética tem o papel de indagar se as ações avaliativas estão fundadas em princípios que levam à promoção do bem comum, da dignidade humana, da vida feliz.

IGUALDADE NA DIFERENÇA

Os professores moçambicanos preocupavam-se com a justiça na avaliação. Alguns apontavam a dificuldade de realizar uma avaliação justa, em virtude da presença da subjetividade no processo. A partir de suas indagações, tivemos oportunidade de refletir sobre a falsa dicotomia

objetividade/subjetividade nas ações e relações humanas. Objetividade e subjetividade são perspectivas do conhecimento, o qual se define exatamente como uma relação que envolve sujeito e objeto. Essa relação tem um caráter dialético – impossível separar os seus polos.

Assim, pelo fato de haver sempre um sujeito “conhecedor”, é impossível deixar de haver subjetividade no conhecimento e na ação. Isso se evidencia se retomarmos o que dissemos sobre os valores presentes no contexto humano. Valores são atribuídos levando-se em conta características que os objetos, quaisquer que sejam eles, possuem, independentemente da relação com o sujeito, mas se configuram exatamente a partir da significação que os sujeitos dão a essas características.

Assim, não é a presença da subjetividade que prejudica o trabalho educativo ou a avaliação. O que pode causar prejuízo é a forma como se atribuem os valores, quando se desconsideram os princípios que devem fundamentar a convivência humana, o processo educativo, os mecanismos de avaliação. Levando em conta a subjetividade, somos remetidos também à necessidade de considerar a diversidade e a diferença. É exatamente aí que ganha relevo a questão da justiça.

Pelo princípio da justiça, afirma-se a igualdade na diferença. Somos diferentes, homens e mulheres; brancos, negros, de diversas etnias; idosos, adultos, jovens e crianças. Mas somos iguais em direitos, iguais no direito de ter direitos, de criar direitos. Somos, portanto, diferentes e iguais. O contrário de igual não é diferente. É desigual, e tem uma conotação social e política. A afirmação da identidade se dá na possibilidade da existência da diferença e na luta pela superação da desigualdade.

Perguntar pela presença da justiça nas ações de avaliação é indagar se elas, como elementos de um processo mais amplo que é a educação, contribuem para que se cumpra a finalidade desse processo: a criação e a partilha da cultura, a construção da humanidade, a afirmação da cidadania.

Pode parecer enfático fazer essa afirmação. Entretanto, é preciso que nós a reiteremos, sempre: quando avaliamos, no campo da educação, educamos. E temos que nos indagar se estamos efetivamente educando de acordo com os princípios éticos, para além do que se costuma determinar moralmente. Quantas vezes o processo avaliativo não tem contribuído para a instalação de desigualdades, quantas vezes a avaliação não se apresenta como um instrumento de dominação e controle, apesar dos discursos que mencionam igualdade e diálogo?

Parece-nos que é exatamente na avaliação que (os professores) mais negam seus discursos progressistas, que retomam, com mais determinação, a prática do monólogo com o aluno, que usam o espaço para o exercício do poder, um poder que se harmoniza com a ordem social vigente. [...] Não conseguem analisar a avaliação do estudante como apenas uma limitada faceta de um processo mais amplo (SORDI, 1995, p.23).

Vale retomar a ideia de que, ao trazer a justiça para o processo educativo/avaliativo, cria-se espaço para a igualdade e a diferença. Comte-Sponville (1996, p.75) afirma que “a igualdade não é tudo”. E indaga: “Seria justo o juiz que infligisse a todos os acusados a mesma pena? O professor que atribuísse a todos os alunos a mesma nota?”. É preciso reconhecer a diferença – de natureza, de condições – dos que são submetidos à avaliação, uma vez que é a partir desse reconhecimento que se pode criticamente estabelecer critérios e encaminhar ações.

AVALIAÇÃO, “ENSINAÇÃO” E APRENDIZAGEM

Tenho chamado atenção para uma pergunta que é feita por um amigo e colega, o professor Douglas Santos: o que ensinamos quando ensinamos uma determinada disciplina? “O que realmente ensinamos quando procuramos explicar cada um dos temas que dão identidade às nossas disciplinas e às nossas aulas?” (SANTOS, 2004, p.35). A resposta é: não ensinamos apenas aquelas disciplinas. Segundo Santos, “ensinar conteúdos ultrapassa os limites aparentes de nosso discurso e das afirmações que nele estão contidas”.

Isso quer dizer que, ao ensinar qualquer disciplina, criamos possibilidades de o educando desenvolver a capacidade de dominar as estruturas que são usadas para construir o pensar e, além disso, possibilidades de desenvolver a capacidade de agir e sistematizar sua ação. Mais ainda: não é apenas um amplo conjunto de habilidades que se desenvolve, também se configuram atitudes em relação à realidade e à convivência social. A atitude do professor ensina.

Ora, a avaliação não é algo isolado da organização curricular, é elemento constituinte dessa organização. Por isso mesmo é que se insiste no caráter processual e contínuo da avaliação, no seu caráter formativo. Assim, com relação à avaliação, há uma pergunta decorrente daquela que nos apresenta Santos: o que se ensina quando se avalia algo no contexto educativo?

Trago a pergunta levando em consideração a forma como a avaliação tem sido, muitas vezes, realizada na escola: de forma fragmentada, em momentos específicos. Tem-se, então, “a semana de provas”, “o dia da avaliação”. Nesses momentos, supostamente, “não há aulas”. Há uma interrupção no processo de ensinar, que ocorre nas aulas. A “ensinação” e a aprendizagem dão lugar à avaliação.

É propositalmente que pinto com cores mais fortes o que costuma acontecer – reconheço que essa forma de considerar o trabalho na escola não é própria da maioria dos professores. Entretanto, ela faz parte de um imaginário que se expressa na fala dos alunos: “Não estamos tendo aula (aprendendo?) nesta semana, pois é a ‘semana dos exames’”. Efetivamente, numa “parada para avaliar” acontece algo diferente da relação cotidiana de professores e alunos. Mas não se deixa de ensinar e aprender. E o que se ensina e se aprende naquele momento?

A organização das questões que se propõem aos alunos, a forma como se esclarecem os objetivos e critérios, atitude do professor ao apresentá-los, tudo isso ensina, para além da sistematização de determinadas estruturas de conhecimento. Sem dúvida, há que se estar atento para a dimensão técnica do processo (será mesmo considerado um processo?), mas não se podem esquecer suas implicações políticas e éticas.

No filme *Pro dia nascer feliz*, de João Jardim³, entre diversas cenas inquietantes e constrangedoras, o cineasta nos faz participar daquela em que se mostra uma sessão do Conselho de Classe de uma das escolas enfocadas no filme. As professoras estão discutindo o desempenho de um aluno que tem um comportamento extremamente problemático nas aulas de todas as disciplinas, e cujo rendimento se encontra longe do desejável. Os conceitos que cada professora traz são muito baixos e levariam imediatamente a uma reprovação. Entretanto, elas se perguntam se vale à pena reter o aluno, uma vez que as condições para a recuperação são quase inexistentes e a reprovação levaria o aluno a abandonar a escola.

Em nenhum momento as professoras fazem referência explícita à questão da justiça na avaliação que estão realizando. Mas é isso o que está implícito. E é evidente o mal-estar que causa a ausência de recurso a qualquer fundamento para os encaminhamentos que são propostos.

³ *Pro dia nascer feliz*. Documentário. João Jardim (diretor). Ravina Filmes/Fogo Azul Filmes. Brasil, 2006.

Problematiza-se, ali, não apenas a situação do aluno, como também a das próprias professoras e da escola. E, sem dúvida, a da sociedade, carente de justiça. No Brasil, lugar do documentário; em Moçambique, onde os alunos-professores revelam suas preocupações. Em tantas partes do mundo. Esteban (2003, p.32) nos diz que muitas vezes, o que dá sentido às palavras, atos, produções, processos, possibilidades, carências, está silenciado, nem por isso, ausente. Apenas invisibilizado no discurso e nas práticas. Para avaliar, é preciso produzir instrumentos e procedimentos que nos ajudem a dar voz e visibilidade ao que é silenciado e apagado. Com muito cuidado, porque a intenção não é melhor controlar e classificar, mas sim melhor compreender e interagir.

CRÍTICA E UTOPIA

“Não mexa na minha avaliação!” é o título que Perrenoud (1993, p.173) dá a de seus trabalhos. Essa exclamação é, segundo Perrenoud, aquela com a qual se reage a qualquer mudança no sistema de avaliação, uma vez que ela implicaria uma mudança mais ampla, do sistema educacional: “significa pôr em questão um conjunto de equilíbrios frágeis e parece representar uma vontade de desestabilizar a prática pedagógica e o funcionamento da escola”, afirma ele (idem).

Há, sem dúvida, uma verdade na afirmação de Perrenoud. Se considerarmos que a avaliação não pode estar desarticulada de outros elementos do processo educativo, sendo considerada até um dos elementos-chave desse processo, mexer na avaliação poderia colocar em risco o edifício supostamente seguro do trabalho realizado na escola.

É importante, portanto, pensar a avaliação no contexto da proposta curricular e esta no interior de um projeto pedagógico, elaborado com a participação de toda a equipe escolar e levando em conta as necessidades concretas da sociedade e os limites e possibilidades para a construção coletiva de uma educação democrática e justa (RIOS, 2000).

Se atualmente a discussão em torno da organização curricular amplia a noção de conteúdos, que não abrange apenas os conceitos, como também os comportamentos e atitudes, é preciso ampliar também a noção de avaliação. Se se pretende realizar uma formação integral, é preciso que a avaliação também o seja. Trata-se de olhar criticamente para todo o trabalho que se realiza na escola e não apenas o do aluno. E quando se voltar para o

trabalho do aluno, é preciso que, numa relação de respeito e justiça, professores e professoras procurem estabelecer princípios e definir instrumentos e ações que encaminhem para os objetivos desejados.

O terreno da avaliação é um espaço privilegiado para que se encontre a possibilidade de concretização da proposta de incluir a ética no currículo das escolas como algo que, não constituindo uma área ou disciplina, articula-se com elas de maneira que os professores e as professoras possam trabalhar, de maneira integrada, o conhecimento específico de suas áreas e as questões relacionadas aos valores e ao convívio social (BRASIL, 1998). O respeito, a justiça, a solidariedade, o diálogo, que devem estar presentes nas relações no interior da escola e dessa com a sociedade, devem ser os referenciais para o estabelecimento de critérios e devem fundamentar o trabalho na sala de aula e o processo continuado de avaliação desse trabalho.

Retomo a certeza do professor que afirma que “a avaliação é um gesto crítico que visa trazer justiça na relação professor-aluno”. Ela se converte numa dúvida quando percebemos seu caráter categórico: “a avaliação é...”. Na verdade, a avaliação deve ser... Este “dever ser”, revestido não de um caráter impositivo e controlador, e sim entendido como expressão do desejo e da necessidade, leva-nos ao caráter utópico que se abriga na ética.

Como tentativa de compreensão, o exercício crítico da ética volta-se para um ideal – algo desejado e necessário, que se anuncia no futuro e cuja possibilidade já se encontra inscrita no real e no presente. Ainda não encontramos no contexto educativo a avaliação justa do jeito que pensamos ser desejável. Mas é nesse próprio contexto que se revelam ações que nos fazem esperar, que indicam a possibilidade de contribuir, na escola, para a construção da sociedade democrática e solidária. As certezas – sempre provisórias – continuam a conviver com as dúvidas que nos provocam a seguir em frente, enfrentando os desafios.

REFERÊNCIAS

AFONSO, Almerindo Janela. *Avaliação educacional: regulação e emancipação*. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. Avaliar a escola e a gestão escolar: elementos para uma reflexão crítica. In: ESTEBAN, Maria Teresa (Org.). *Escola, currículo e avaliação*. São Paulo: Cortez, 2003. p. 38-56.

- BARBIER, Jean-Marie. *A avaliação em formação*. Porto: Edições Afrontamento, s/d.
- BARLOW, Michel. *Avaliação escolar: mitos e realidades*. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental*. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Fundamental, 1998.
- COMTE-SPOVILLE, André. *Pequeno tratado das grandes virtudes*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- DIAS SOBRINHO, José. *Avaliação – Políticas educacionais e reformas da educação superior*. São Paulo: Cortez, 2003.
- _____. Educação e avaliação: técnica e ética. In: DIAS SOBRINHO, José; RISTOFF, Dilvo (Org.). *Avaliação democrática: para uma universidade cidadã*. Florianópolis: Insular, 2002.
- ESTEBAN, Maria Teresa. Ser professora: avaliar e ser avaliada. In: ESTEBAN, Maria Teresa (Org.). *Escola, currículo e avaliação*. São Paulo: Cortez, 2003. p. 13-37.
- _____. (Org.). *Escola, currículo e avaliação*. São Paulo: Cortez, 2003.
- HADJI, Charles. *Avaliação desmistificada*. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- PERRENOUD, Philippe. Não mexam na minha avaliação! Por uma abordagem sistêmica da mudança pedagógica. In: ESTRELA, Albano; NÓVOA, António (Org.). *Avaliações em educação: novas perspectivas*. Porto: Porto Editora, 1993. p. 171-191.
- RIOS, Terezinha A. A dimensão ética da avaliação. *Pró-Posições*, Campinas, Faculdade de Educação da Unicamp, v. 10, n. 2, p. 94-101, maio 2000.
- _____. *Ética e competência*. 16ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- _____. *Compreender e ensinar: por uma docência da melhor qualidade*. 6ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- ROMÃO, José Eustáquio. *Avaliação dialógica – desafios e perspectivas*. São Paulo: Cortez, 1998.
- SANTOS, Douglas. Uma consultoria para a educação escolar no Amapá – *Relatório de discussões*. São Paulo: PUC-SP/Instituto de Estudos Especiais, 2004.
- SORDI, Mara Regina Lemes de. Entendendo as lógicas da avaliação institucional para dar sentido ao contexto interpretativo. In: VILLAS BOAS,

Benigna M. de F. (Org.). *Avaliação: políticas e práticas*. Campinas: Papyrus, s/d. p. 65-81.

VILLAS BOAS, Benigna M. de F. (Org.). *Avaliação: políticas e práticas*. Campinas: Papyrus, s/d.

A CENTRALIDADE NA APRENDIZAGEM E O PREDOMÍNIO DO ENSINO: ORDENS DISCURSIVAS EM TENSÃO¹

Clarice Salette Traversini²

É preciso pensar na escola “como uma instituição que pelo menos garanta a manutenção das conquistas fundamentais da Modernidade”, como tem nos alertado Veiga-Neto (2003, p.103). Compartilhando dessa crença e tendo em vista que a sociedade aposta na educação para a formação social e profissional dos indivíduos, o presente texto expressa os resultados de um projeto de pesquisa desenvolvido de 2005-2008, com o objetivo de analisar o cotidiano nas salas de aula de Educação Básica através da tríplice relação: discursos docentes, representações culturais de alunos, e metodologias de ensino.

A necessidade de investir em pesquisas sobre a sala de aula se justifica tendo em vista que o espaço escolar está em “ebulição”! Seja pelas exigências legais (políticas de inclusão), seja por razões de cunho financeiro (manutenção dos alunos nas escolas para garantir repasses de financiamento para as instituições escolares), houve ampliação das oportunidades de escolarização nas últimas décadas. São sujeitos chegando nas escolas com vivências multifacetadas e buscam nela representação nas quais possam se reconhecer e serem reconhecidos, impactando diretamente as práticas pedagógicas. A escolarização reduziu a possibilidade de ser um garantido e seguro mecanismo de ascensão social, como era há algumas décadas. O espaço escolar tem sido significado como lugar de encontro com amigos – um *clube social* – e o “preço” pago é assistir as aulas, como tem mostrado Xavier (2008) e Canário (2007). Sob outro prisma, a pesquisa de Costa (2008) mostra que a crença no futuro, segundo uma parcela de

¹ Texto apresentado no XV Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

² NECCSO/FACED/UFRGS.

estudantes pobres e de escola pública, depende mais de fatores fortuitos do que do esforço pessoal, este incluindo estudos na escola e em casa.

Essas constantes transformações não são novidade no exercício cotidiano da docência nas salas de aula. A urgência parece estar na intensificação dos estudos das práticas pedagógicas e seus efeitos na constituição dos sujeitos alunos contemporâneos, como afirma André (2008). Ao examinar os textos do Grupo de Trabalho – Didática, da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação (ANPED), no período de 2003 a 2007, a autora constata: “há temáticas completamente esquecidas como o ensino em tempos pós-modernos, a sala de aula da contemporaneidade, a incorporação dos saberes da experiência na didática, o desenvolvimento de práticas escolares para o atendimento à diversidade de raça, de gênero, de formas variadas de aprender”. Então, com o foco na didática, o texto a seguir está estruturado em duas seções: na primeira analiso discursos pedagógicos predominantes entre os professores quando se trata de metodologias de ensino. Na segunda, destaco representações culturais de um conjunto de alunos do Ensino Fundamental e Médio sobre atividades escolares particularmente aquelas situadas por eles como produtivas ou não para aprender. Por fim, são tecidas considerações a partir dos resultados obtidos com a pesquisa.

O PREDOMÍNIO DA PEDAGOGIA CENTRADA NO APRENDIZ NOS DISCURSOS DOCENTES

As metodologias utilizadas pelos professores para ensinar, na expectativa que produzam aprendizagens para os alunos – enquanto outras rechaçadas por não gerar tal efeito – são validadas por discursos pedagógicos vigentes e que adquirem um estatuto de verdade. Discurso é utilizado, neste estudo, a partir da compreensão que objetos e ações não se constituem naturalmente com seus nomes, mas é utilizando classificações e categorias da linguagem que os nomeamos. Conforme Foucault (1995), o discurso constitui-se de conjuntos de enunciados sustentados em formações discursivas que pertencem a um mesmo conjunto de regras e leis. Concebido assim, discurso consiste em práticas que definem e formam os objetos de que falam, ou seja, são as palavras que fornecem significados às coisas. Por meio de nomeações, descrições e concepções construímos conhecimentos e podemos agir sobre nós mesmos e sobre os outros.

A partir dessa noção, Díaz (1998) argumenta que o “discurso do professor não constitui um projeto deliberado de um falante autônomo a partir de uma intenção comunicativa”, mas, continua o autor, “é assumido a partir de uma ordem, a partir de um sistema de produção do discurso, a partir de princípios de controle, seleção e exclusão que atuam sobre suas (re)produções de significados e sobre suas práticas específicas” (DÍAZ, 1998, p.15). O professor, considerado aqui como um sujeito pedagógico, “é constituído, é formado e regulado, no discurso pedagógico, pela ordem, pelas posições e diferenças que esse discurso estabelece” (DÍAZ, 1998, p.15). A investigação de Sommer (2005) também evidencia que “as práticas discursivas da escola obedecem a um ordenamento prévio, que os enunciados obedecem a regras de formação específicas, que alguns ditos são sancionados e outros interditados” (p.4). Tais estudos incitam-nos a questionar que discursos priorizamos ao exercermos a docência, que *ordem do discurso pedagógico* valorizamos e qual interdítamos.

As noções teóricas selecionadas para este estudo e aqui expostas inspiraram tanto a compreensão de metodologia de ensino, quanto o modo como coletamos as informações para serem analisadas. No que tange ao primeiro aspecto, as metodologias de ensino foram compreendidas como práticas pedagógicas, operacionalizadas por meio de conjuntos de atividades escolares, propostas pelos professores com vistas a alcançar a aprendizagem de determinados conhecimentos, valores e comportamentos. Significadas pela linguagem, as atividades escolares são classificadas como geradoras ou não de aprendizagem vinculadas a diferentes discursos pedagógicos (nomeados de tradicionais, tecnicistas e construtivistas, por exemplo) validados em determinadas épocas, bem como relacionadas aos efeitos das experiências vivenciadas pelos professores e alunos como sujeitos e assujeitados pelas verdades instituídas nesses discursos pedagógicos. Quanto ao segundo aspecto, Silveira (2002), ao discutir as entrevistas mostra que são uma arena de significados. Compartilhando dessa perspectiva, as respostas dos professores e alunos não trazem revelações íntimas ou estabelecimento de verdades definitivas. Assim como as entrevistas, os questionários são “embebidas[os] nos discursos de seu tempo, de situação vivida, das verdades instituídas para os grupos sociais dos membros dos grupos” (SILVEIRA, 2002, p.130).

A obtenção das informações ocorreu por meio de questionários respondidos por 120 professores que atuam nas escolas municipais, estaduais e particulares da região Oeste de Santa Catarina e Noroeste do

Rio Grande do Sul. Tal investigação realizou-se nessas regiões em virtude da possibilidade de acesso para a coleta de dados. Como critério de seleção dos professores buscou-se aqueles que haviam finalizado recentemente seus cursos de graduação e tivessem alguma experiência docente. A hipótese era de que os docentes recém graduados pudessem ter sido constituídos por múltiplos discursos pedagógicos, tendo em vista que a realização dos cursos se deu em várias instituições de ensino superior e em vários cursos, hipótese que não se confirmou. Os sujeitos pesquisados podem ser caracterizados: quanto a formação, há predomínio de docentes com Curso de Pedagogia e de Educação Física (80%), em menor proporção, Licenciatura em Letras e em Matemática (13%) e apenas um professor das Licenciaturas de Geografia, de História, de Filosofia e de Biologia (7%). Em relação a experiência, os professores tem em média doze anos de atuação e aproximadamente 15% possuem apenas experiência de estágio do Curso de Graduação.

Solicitamos aos participantes a resposta das perguntas a) No seu fazer pedagógico que atividades de ensino e aprendizagem são propostas aos alunos e considera que eles aprendem? Justifique; b) Em quais atividades propostas considerou que o aluno não aprendeu? Justifique. Foram encontradas duas vertentes nas respostas: uma, a pedagogia centrada no aprendiz e a outra, a interdição de metodologias centradas no ensino. Como o foco neste texto é discutir possibilidades para oferecer propostas pedagógicas geradoras de aprendizagem, foram priorizadas as respostas referentes a questão a), que geraram a segunda vertente. Assim, foram organizados três eixos analíticos: no aprender fazendo, na relação do conteúdo com a realidade do aluno e nas atividades lúdicas.

Quanto a ênfase no aprender fazendo são mencionadas aquelas atividades que prevêm o uso de “materiais concretos” e que “trabalham a teoria na prática” conforme consta nos registros a seguir: “Atividades relacionadas a seu cotidiano com **material concreto** que instiga a curiosidade do educando. Eles aprendem porque é tema que faz parte do seu dia a dia” (Prof. 45); “Ao trabalhar com algo significativo, **que faça parte do meio deles**, como por exemplo: conhecer um pomar, colher frutas, estudar sobre suas utilidades, aproveitamento, **fazer experiências na prática**” (Prof. 100); “As atividades que estão relacionadas a práticas pedagógicas, pois conseguimos **fazer a relação prática x teoria** transformaremos a realidade que está aí colocada” (Prof. 69).

Percebemos a ênfase nos discurso pedagógico focado no ensino ativo, para usar a expressão de Popkewitz (2001), o qual consiste em uma forma de desenvolver os raciocínios escolares por intermédio da proposição de atividades que lidam com a aprendizagem de conhecimentos classificados como “úteis” e “práticos”. Como é uma metodologia que incentiva o “aprender fazendo”, não diz respeito apenas ao conhecimento a ser aprendido, mas também ao “eu”. Isso porque, nesse tipo de pensamento, o prazer e a participação não estão associados apenas ao que é aprendido, mas ao “fazer” para aprender (POPKEWITZ, 2001).

No segundo agrupamento reunimos os discursos acerca do caráter emancipatório da educação, largamente fortalecidos nas respostas que caracterizam como produtivas as atividades que relacionam o conteúdo escolar com a realidade do aluno, como os exemplificados: “[...] depois de trabalhar o assunto água com a 3ª série este ano [2006], nós fomos conhecer a nascente do Rio do Mel, que abastece os municípios de Planalto (RS) e Alpestre (RS) e a CORSAN (Companhia Riograndense de Saneamento). Assim partimos da teoria para a prática e houve o entendimento de todo o processo que a água passa **e com certeza as crianças se conscientizaram da importância de preservar o meio ambiente** (Prof. 58); “no trabalho que desenvolvi com jovens que frequentam as casas familiares [rurais], no que se refere a aprendizagem, **o importante é partir da realidade de cada um**, assim o tema passa a ter sentido, a aula se torna mais atrativa, pois o assunto é de interesse” (Prof. 92); “são atividades do conhecimento cotidiano do aluno, ou seja, **o conjunto de significados sobre a vida que nos rodeia**” (Prof. 111).

Partindo da classificação de Mizukami (1986), os registros selecionados referem-se a que a autora denomina de “abordagem sócio-cultural”, cujas características do processo de ensinar e aprender concentram-se a superar a relação entre opressor-oprimido (cujo um dos entendimentos é a organização curricular tida como opressora e os saberes dos alunos como oprimidos), desenvolvendo a consciência crítica por meio de práticas pedagógicas que valorizam “a realidade do aluno” e priorizam atividades com os chamados temas geradores. Lembrando: na abordagem sócio-cultural, compreende-se como tema gerador um assunto, um tema ou um problema da comunidade ou sociedade e em torno do qual são discutidos conhecimentos afins. Freire (1996) acentua a importância do processo de escolha desses assuntos, problemas ou temas geradores, pois eles não devem ser impostos, são resultado de ações mediadoras que incluem as

responsabilidades docentes e os interesses dos alunos. Nas práticas pedagógicas propostas principalmente para as crianças, após a década de 80 no Brasil, com a difusão das perspectivas construtivistas, a abordagem sócio-cultural tem se aliado com as metodologias ativas, discutidas anteriormente. Possivelmente, a aliança fortaleceu a o argumento de que crianças, jovens e adultos “aprendem fazendo” e não “ouvindo” e nem realizando atividades “mecânicas”. Com isso, as formas de ensinar e aprender não-centradas na atividade e no fazer do aluno são situadas como metodologias “tradicionais” e seu uso não é recomendado.

O terceiro agrupamento focaliza como produtivas as atividades com características lúdicas, contendo jogos e brincadeiras: **“Atividades lúdicas**, jogos, teatros, expressões orais, trabalhos em grupo e atividades que o aluno precisa pensar, interagir e construir sua aprendizagem, **sempre com a liberdade de criar**, porém sob a orientação do **professor que faz um papel de mediador** entre o aluno e os saberes” (prof. 49). **“Trabalho de maneira lúdica**, onde a participação da criança esteja interagindo em todo momento e fazendo com que a aprendizagem acontece de **forma divertida e prazerosa** (Prof. 81); **“Atuando com crianças pequenas** entendo que o **fazer pedagógico jamais acontece desassociado de brincar**, ninguém ensina, ambos (professores e crianças) construímos conceitos e conhecimentos juntos (Prof. 97).

Se por um lado as atividades caracterizadas como tradicionais, tais como a repetição, a decoreba, a cópia, são tratadas como enfadonhas, cansativas e posicionadas como desinteressantes para os alunos, por outro, parece haver um imperativo do prazer para aprender. A partir dessa hipótese, a identidade docente exigida para operacionalizar as práticas pedagógicas se caracteriza por um conjunto de ações, nas quais o professor é concebido como alguém que: orienta mais do que ensina, prioriza o ritmo individual do aluno com possibilidade de haver diminuição de conteúdos trabalhados e enfatiza a participação do aluno e nas atividades de grupo. Essa “verdade” pedagógica centralizada no aprender lúdico é composta por um conjunto de discursos largamente conhecidas no campo da Pedagogia, tais como “a Escola Nova, a pedagogia Freinet, o personalismo, as práticas rogerianas” (PALAMIDESSI, 1996, p. 203).

Portanto, o conjunto dos agrupamentos organizados a partir dos registros mostram reiteradamente que as metodologias de ensino centradas no professor não ocupam mais o centro da ação docente. O centro do

processo educativo escolar, nas últimas décadas está deslocado em favor do aluno, ou melhor, no seu processo de aprendizagem. Sommer (2005) evidencia essa centralidade do aluno e também o deslocamento da preocupação do ensino para a aprendizagem, nos discursos docentes sobre alfabetização. Também nesta investigação com professores das Séries Iniciais, de Educação Física e um pequeno número que atuam nos Anos Finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio, tal discurso mantém sua vitalidade. Isto é, palavras, discursos pedagógicos, tais como os construtivistas, dominantes nas últimas décadas, não produzem apenas a “pedagogia centrada na criança”, como evidencia Walkerdine (1998), mas uma *pedagogia centrada no aprendiz* seja qual for sua faixa etária.

A VALORIZAÇÃO DAS METODOLOGIAS CENTRADAS NO ENSINO NAS REPRESENTAÇÕES DISCENTES

Para analisar as representações discentes sobre metodologias de ensino consideradas válidas para aprender propostas pelos professores, utilizou-se a noção de *representação cultural* discutida por em Hall (1997). Tal noção é compreendida não como um processo mental ou como um reflexo da realidade, buscando uma correspondência ideal e verdadeira com as coisas do mundo. A representação relaciona-se com as práticas de produção de significados, interessando sons, palavras, imagens ou conjunto de significantes que produzem os significados em determinada cultura.

A representação utiliza-se da linguagem para descrever o mundo que nos rodeia e, muitas vezes, ao fazer isso, acaba padronizando-o (COSTA, 2002). Compartilha-se da crença de que o conhecimento não é algo preexistente em algum lugar do mundo à espera para ser descoberto ou desvelado. A vontade de conhecer está imbricada com a vontade de poder (FOUCAULT, 1996), portanto, o processo de conhecimento, do mesmo modo que a pesquisa e a escrita consiste em uma ação de nomear, atribuir sentido, caracterizar algo em determinado momento e espaço a partir de certa posição de poder (professor, pesquisador, escritor) e, por isso, autorizar a dizer algo que funciona como verdade. Desse modo, as respostas dos alunos pesquisados foram analisadas como representações culturais, construídas historicamente a partir de determinados discursos pedagógicos que mantém seu vigor, circulam e são sustentados pela escola, família, mídia, enfim diferentes espaços e artefatos produzidos em nossa cultura.

Para conhecer as atividades de ensino propostas que produzem ou não aprendizagem, segundo estudantes de Ensino Fundamental e Médio foi utilizado como instrumento um questionário aberto para coletar as seguintes informações: atividades propostas pelos professores que os alunos consideram que aprendem e aquelas que não produzem aprendizagem, justificando as respostas. Após essa etapa, os dados foram organizados por convergência, elencando as atividades mais citadas pelos alunos. É necessário destacar que o maior número de atividades citadas como não geradoras de aprendizagem, segundo os alunos, nem sempre coincidem com o maior número daquelas que geram aprendizagem. No entanto, interessou-nos no estudo conhecer as justificativas do grupo de alunos que classificou como atividades que não “servem” para aprender as mesmas que outro grupo classificou de forma oposta. O quadro a seguir apresenta uma síntese das informações obtidas junto aos alunos.

MODALIDADE	ENSINO FUNDAMENTAL	ENSINO MÉDIO
Número de alunos e rede	188 alunos rede pública	397 alunos pesquisados (15% de duas escolas públicas de grande porte de Porto Alegre/RS)
Crítérios	Seleção de turmas de forma aleatória	Indicação de turmas pela escola
Dizem aprender com	<p>Aulas expositivas: facilitam a assimilação se o professor explica os assuntos com clareza. Uso de imagens: é possível “ver” o que será aprendido (áreas de História e Ciências)</p> <p>Aulas práticas e atividades realizadas fora da sala de aula: rompem com a rotina escolar e tornam interessante o assunto a ser aprendido.</p>	<p>Aulas expositivas com explicações claras Oferta de exercícios para fixar o conteúdo e sua correção feita pelo professor no quadro. Paciência para responder dúvidas dos alunos e bom humor do professor.</p>
Dizem não aprender com	<p>Aulas expositivas: são cansativas, os professores não “explicam bem” e têm pouca paciência com as perguntas sobre o assunto. Saídas da sala: tomam-se “matação” de tempo e aumento da bagunça. Trabalhos em grupos: um colega faz o trabalho e os outros “só botam o nome”. Depois cada um lê a sua parte, o professor não explica e faz prova do assunto.</p>	<p>Aulas expositivas com repetição de conteúdos e esquemas abstratos. Textos para a leitura sem uma clara explicação do conteúdo e com muitas páginas para ler. Excesso de material didático (resumos, apostilas reprografadas...) doado ou solicitado que o aluno adquira para a aula.</p>

As informações, resumidamente aqui apresentadas, permitem fazer algumas considerações. A primeira: o predomínio da clareza nas explicações e possivelmente, do uso de uma linguagem acessível ao aluno nos procedimentos didáticos, evidenciado nas respostas dos alunos em todas as séries pesquisadas, parece mostrar *valorização das práticas de oralidade do professor*. Aliado a esse aspecto, no Ensino Médio, o conjunto de saberes didáticos docentes (exemplificados pelo “explicar bem”, esclarecer dúvidas, usar o quadro, “dar” exercícios) aponta para a *centralidade do ensino* nas aulas.

Como segundo aspecto foi possível apreender que grande parte dos alunos, tanto de Ensino Fundamental quanto de Ensino Médio, cita atividades características de determinadas disciplinas. Exemplificando: observa-se o uso de dicionário pelo professor de Português e de jogos na disciplina de Matemática, as visitas a museus e exposição de filmes predominante na aula de História e Biologia e as idas aos laboratórios predominam nas aulas de Física e Química. Se por um lado, isso demonstra o domínio metodológico específico que cada professor possui com a disciplina que ministra, por outro, percebe-se que cada área defende as formas de ensinar e aprender tidas como próprias de seu campo de saber ou consideradas mais interessantes, podendo não compartilhar atividades propostas pelas demais.

Já sobre o uso de imagens, terceiro aspecto considerado nesta discussão, as justificativas dos alunos (de Ensino Fundamental) apontam para a visualização do conceito a ser aprendido. Imagens, velocidade e movimento são ícones da contemporaneidade e os alunos estão imersos nelas em grande parte do seu tempo através de artefatos culturais como a internet, filmes, propagandas e jogos eletrônicos. Sobre a preferência pelas aprendizagens fora da sala de aula (laboratórios, pátios, praças e museus), o aluno pode motivar-se para a realização de outras experiências, talvez mais significativas, extrapolando o espaço formal de aprendizagem: a sala de aula. Em particular, essas representações de atividades que “servem” para aprender, segundo os alunos leva a refletir que, talvez, a forma como o conhecimento é trabalhado pode ser mais marcante para o aluno do que o próprio conhecimento aprendido!

Um quarto aspecto merece atenção: O bom humor e a paciência do professor. Eles se inserem na ordem do “comportamento” do professor e pode ser uma forma de estabelecer e manter a relação professor-aluno. Teixeira (2007), refere a sala de aula como o terreno no qual a relação professor-aluno

se materializa: “independente de seu conteúdo curricular e metodológico, ela [sala de aula] concretiza esta relação [docente/discente], objetivando-a” (p.435). Essa relação se materializa de múltiplas formas envolvendo a sociabilidade que se instala nos tempos e espaços da sala de aula; as “tensões e conflitos, tendo em vista a diversidade e possibilidades de ações instituintes dos sujeitos estudantes, de seus grupos e subgrupos” (p.435).

Tais constatações fizeram emergir questões como: as atividades propostas pelos professores adquirem um caráter predominantemente burocrático? Seriam realizadas no menor tempo possível para livrarem-se (os alunos) logo das tarefas escolares e voltar-se as suas preocupações, próprias dos adolescentes e jovens? Estaria esse sujeito escolar vivendo “a tensão entre ser aluno e ser jovem” como menciona Dayrell (2007)? Para ele essa tensão não se encontra apenas fora da escola, “se manifesta também na relação com o conhecimento e os processos de ensino-aprendizagem”, por haver investimentos diferenciados dos alunos em relação as disciplinas, “dependendo da forma como cada um elabora o seu estatuto como aluno, mas também com a capacidade de atribuir sentido ao que é ensinado, condição essencial para a aprendizagem” (p.1122).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do cotidiano nas salas de aula por meio da relação entre discursos docentes, representações culturais alunos e metodologias de ensino, possibilita afirmar, mesmo que provisoriamente, que ao mapear as atividades tidas como importantes para a aprendizagem dos conteúdos escolares: a) se reafirmam as considerações de Gore (1995), ou seja, é difícil e prematuro vincular uma metodologia de ensino ou especificamente uma atividade a uma postura progressista ou conservadora do professor; b) no grupo de professores pesquisados, predominantemente nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, os registros dos docentes mostram uma ordem discursiva escolar na qual predomina a valorização da aprendizagem, enquanto questões relativas ao ensino ficam esmaecidas, ou menos valorizadas; c) a mesma atividade foi classificada pelos alunos como geradora ou não de aprendizagem, dependendo da representação da mesma e do seu efeito no decorrer da sua experiência discente. Nas respostas do conjunto de alunos do Ensino Fundamental e Médio, as atividades que geram aprendizagem possuem, em geral, uma sequência composta pelo ensino de

conteúdos priorizando clareza nas explicações e proposição e correção de exercícios. Destaca-se a valorização das práticas de oralidade do professor e preferência por comportamentos docentes caracterizados pela paciência e bom humor.

Ao se tratar de atividades escolares, os aspectos que atribuem centralidade na figura professor, tanto em seu comportamento quanto na forma de tratar o conteúdo, levam a crer na predominância pelo processo de ensino centrado no docente. Nesse processo, é preciso lembrar que está em jogo o auto-reconhecimento do aluno como alguém que conseguiu dar conta das tarefas propostas, de alguém competente para atingir sucesso na escola, de alguém capaz. Isso quer dizer que, ao realizar, ou não, uma atividade o aluno não está apenas cumprindo uma tarefa escolar, mas atribuindo a ela determinados significados, construindo formas de julgar-se como aluno e narrar-se de determinado modo frente a si e aos outros. Aqui cabe ressaltar que as narrativas dos alunos fazem parte de um discurso escolar, que é produtivo e fecundo como lembra Silveira (2008), ensinando desde cedo a criança a ser aluno, a perceber como atuar, e como deve “ser” a prática pedagógica em determinado contexto.

Em síntese, a pesquisa reafirma que no exercício da docência em sala de aula, quando se trata de metodologias de ensino produtivas para aprender, os discursos docentes centram-se na aprendizagem do aluno enquanto que as representações discentes valorizam o processo de ensino centrado do professor. Haveria aqui uma dicotomia? Acredito que não, há sim uma tensão entre os discursos docentes e as representações discentes que constituem o cotidiano da sala de aula contemporâneo. Um tensionamento que na maioria fica das vezes permanece “fora de foco”, pois o domínio está na aprendizagem. Por que isso ocorre? Talvez devido a nós professores os alunos e as pessoas em geral estarmos imersos no que Noguera (2009) e Popkewitz; Olsson; Petersson (2009) denominam de “sociedade da aprendizagem”, caracterizada por indivíduos e organizações que aprendem a aprender e estão em processo de aprendizagem ao longo da vida e sujeitos responsáveis pela auto-gestão de seus riscos.

Do ponto de vista da escola, a relação entre os sujeitos escolares se complexifica, seja pelas demandas exigidas dos docentes na atualidade, seja pelas características dos alunos que hoje estão e permanecem na escola, quanto. Em relação aos docentes, é preciso considerar que os processos de reestruturação educacional e curricular vividos nos últimos tempos, se

caracterizam pela intensificação do trabalho dos professores. Tal característica somada a outras têm impactado as identidades docentes produzindo uma auto-intensificação do trabalho do professor, conforme discutido por Hypolito; Vieira; Pizzi (2009). Já em relação aos alunos, conforme mencionei no início deste artigo, o ingresso e permanência de alunos que em outros tempos a escola os “evadia”, desafia a construção de outros modos de exercer a docência hoje. Nesse sentido, a pesquisa que ora finda possibilitou a continuidade dirigindo o foco para a pergunta: Como as práticas curriculares e didático-pedagógicas têm sido desenvolvidas nas salas de aula para constituir o sujeito aluno contemporâneo, considerando os processos de inclusão presentes nas escolas de Ensino Fundamental? Esse é o próximo investimento!

REFERÊNCIAS

- CANÁRIO, Rui. *A escola tem futuro? Das promessas às incertezas*. V *Congresso Internacional de Educação: pedagogias (entre) lugares e saberes*, 20 à 22/08/2007. São Leopoldo: UNISINOS, 2007 (Conferência proferida em 21/08/2007).
- COSTA, Marcio da. Prestígio e hierarquia escolar: estudo de caso sobre diferenças entre escolas em uma rede municipal. *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro: ANPEd, vol.13, n.39, dez 2008, p.455-469.
- COSTA, Marisa C. V. (Org.). *Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação*. Rio de Janeiro, DP&A, 2002.
- DAYRELL, Juarez. A escola "faz" as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. *Educação e Sociedade*. Campinas, v. 28, n.100, 2007, p. 105-1128.
- DÍAZ, Mario. *Foucault, docentes e discursos pedagógicos. Liberdades reguladas: a pedagogia construtivista e outras formas de governo do eu*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. 4ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente*. São Paulo, Paz e Terra, 1996.
- GORE, Jennifer M. Foucault e a Educação: Fascinantes Desafios. SILVA, Tomaz Tadeu da. *O sujeito da Educação: estudos foucaultianos*. 2ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

- HALL, S. *Representation: cultural representations and signifying practices*. London: Sage/The Open University, 1997. p.13-74.
- HYPOLITO, Álvaro Moreira; VIEIRA, Jarbas Santos; PIZZI, Laura Cristina Vieira. Reestruturação curricular e auto-intensificação do trabalho docente. *Currículo sem Fronteiras*, v.9, n.2, Jul/Dez 2009, p.100-112. Disponível em <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol9iss2articles/hypolito-vieira-pizzi.htm>
- MIZUKAMI, M.G.N. *Ensina: as abordagens do processo*. São Paulo: EPU, 1986.
- NOGUERA-RAMIREZ, Carlos Ernesto. *O governo pedagógico: da sociedade de ensino para a sociedade da aprendizagem*. Porto Alegre: FRGS/FACED/PPGEDU, 2009 (Doutorado em Educação).
- PALAMIDESSI, Mariano I. La producción Del “maestro constructivista” en el discurso curricular. *Educación & Realidade*. Porto Alegre, v. 21, n.2, p.191-213, jul./dez. 1996.
- POPKEWITZ, Thomas S.; OLSSON, Ulf; PETERSSON, Kenneth. Sociedade da Aprendizagem, cosmopolitismo, Saúde Pública, Prevenção à Criminalidade. Revista *Educación e Realidade*. Porto Alegre: UFRGS/FACED, n.34, v.2, mai/ago, 2009, p.73-96. Disponível em <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/issue/archive>
- POPKEWITZ, Thomas. *Lutando em defesa da alma: a política do ensino e a construção do professor*. Porto Alegre: Artmed Editora Ltda, 2001.
- SILVEIRA, Rosa M. H. A entrevista em educação – uma arena de significados. In: COSTA, M.V. (Org.). *Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação*. Rio de Janeiro, DP&A, 2002, p.119-141.
- SOMMER, L.H. A ordem do discurso escolar. *28ª Reunião Anual da ANPED*. Caxambu (MG): ANPED, 2005.
- TEIXEIRA, Inês A.C. Da condição docente: primeiras aproximações teóricas. *Educación e Sociedade*. Campinas: CEDES, mai/ago. 2007, vol.28, n.99, p.426-443.
- XAVIER, Maria Luisa M. Educação básica – resgatando espaços de humanização, civilização, aquisição e produção de cultura na escola contemporânea. PEREIRA, Nilton [et al] (Org.). *Ler e escrever: compromisso no Ensino Médio*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

MESA TEMÁTICA ESPECIAL

PROJETO: AGORA O PODER É COM A ESCOLA

CONSTRUINDO PROCESSOS DE GESTÃO DEMOCRÁTICA NA ESCOLA – A EXPERIÊNCIA DA ESCOLA JOÃO DA SILVA SILVEIRA, MONTE BONITO, PELOTAS, RS

Adriana Gerber Martins, Ricardo Moreira, Rita Gomes e Francisco dos Santos Kieling
EMEF João da Silva Silveira – Licenciatura em Pedagogia a Distância UFPel/UAB – Pelotas/RS

A escola João da Silva Silveira está localizada no distrito de Monte Bonito, na zona rural de Pelotas, a 25 km da sede urbana. As atividades econômicas predominantes da população são o trabalho na pedreira Silveira, que marca a fixação da população no local, e a agricultura familiar, com a produção de leite, produtos hortifrutigranjeiros e corte de mato para finalidades diversas.

O núcleo do distrito é um vilarejo com densidade populacional intensa. Na população deste local, é possível constatar formas de vida opostas: uma parte vivendo em condições materiais bastante precárias, morando em lotes pequenos e em casebres precários; outra apresenta uma estrutura domiciliar já consolidada e apresenta melhores condições materiais.

Essa situação resulta de diferenças na inserção dessa população no mundo do trabalho. O primeiro grupo fixa-se no Monte Bonito através de um processo de “êxodo urbano”, ou seja, de fuga das precárias condições da periferia de Pelotas, da situação de marginalidade e violência que caracterizam algumas dessas localidades. Essas pessoas trabalham em serviços temporários, ocupações transitórias e, em grande medida, beneficiam-se com as políticas de redistribuição de renda, tais como o Programa Bolsa Família. O segundo grupo possui trabalhos mais estáveis. São funcionários públicos, pequenos produtores rurais, comerciantes e funcionários fixos da pedreira, o que lhes permite manter um padrão de vida mais confortável.

A população local apresenta como característica peculiar a participação e a mobilização em ações políticas e sociais. Nesse contexto insere-se, há 84 anos a escola João da Silva Silveira, que hoje conta com 370 estudantes, 53 professores e 21 funcionários. Essa instituição centralizou em diversos momentos as ações coletivas da população local, sendo muito

ligada às lutas sociais da comunidade. O espaço da escola é frequentemente utilizado para as discussões sobre os problemas locais. Essa efervescência política facilita, em grande medida, a participação da comunidade nos processos de gestão escolar.

DIRETRIZES QUE FUNDAMENTAM A GESTÃO DA ESCOLA

A equipe diretiva da escola tem como prioridade consolidar um processo de gestão democrática com o envolvimento de professores, funcionários, pais, estudantes e outras pessoas da comunidade. Uma das intenções da coordenação da escola é desenvolver processos de conscientização das famílias sobre a importância da sua participação para a formação escolar dos seus filhos.

O fomento à participação da comunidade tem como objetivo abrir a gestão da escola para o máximo possível de sujeitos que dela fazem parte. Deste modo, consolida-se a escola como espaço de construção política e produção cultural da comunidade. Articula-se o espaço da escola aos projetos deliberados pelo conjunto da população.

O processo de participação comunitária na escola acontece em três espaços fundamentais: o Conselho Escolar; os Seminários e os Conselhos de Classe Participativos. Além desses, a escola mobiliza a comunidade durante todo o ano nas suas atividades artísticas e culturais.

O CONSELHO ESCOLAR

Cumprindo as determinações legais, o CE deve estruturar-se com a representação de cada segmento da comunidade escolar (direção, pais, funcionários, professores e estudantes) eleitos a cada dois anos. Na última eleição três chapas concorreram ao Conselho. Nenhuma delas se posicionava contra os processos de gestão democrática ou propunha outra forma de gestão

Na Escola João da Silva Silveira a constituição do Conselho Escolar (CE) não constitui apenas o cumprimento de uma obrigação legal. O grupo gestor entende que a participação ativa da comunidade na vida escolar faz a diferença para a consolidação de processos educativos qualificados junto à população local.

O processo de gestão democrática da escola faz com que as ações do CE ultrapassem os limites da escola, sendo seus representantes chamados para representar a Escola em diferentes eventos educacionais promovidos no município. A participação da comunidade é permanente, sendo poucos aqueles, tendo algum vínculo, preferem ficar alheios à vida escolar. Aqueles que se omitem das atividades coletivas são chamados em momentos específicos para conversas informais individualizadas com a equipe diretiva, de forma a sensibilizá-los para as outras formas de participação.

A ação do CE inicia-se pela discussão de temas surgidos a partir das possibilidades que se abrem para a escola. Num segundo momento, coletivamente, são tomadas as decisões sobre os assuntos em pauta. As consultas à comunidade abrem o espaço de participação para além do CE, inserindo mais pessoas nas discussões e na definição das prioridades para investimento da comunidade escolar.

Atualmente, está em andamento a ampliação do prédio da Escola para atender às necessidades da comunidade escolar e permitir a plena aplicação do Projeto Pedagógico, como os estudos de recuperação em turno inverso, que no momento não tem local adequado, a reforma da cozinha e do refeitório que apresentam sérios problemas estruturais, a construção de um laboratório de informática e melhoras nas condições de acessibilidade. As definições sobre a obra e todo o longo processo de conquista dela foram acompanhados pela comunidade e pelo CE, que teve papel fundamental na articulação da demanda junto à prefeitura municipal.

Ao mesmo tempo, a escola participa da luta para o atendimento de uma antiga necessidade da população local que é a criação de uma Escola de Educação Infantil no distrito. Neste sentido a escola colabora na mobilização dos moradores para reivindicar a EMEI e tem sido o elo de comunicação entre a comunidade e a SMED, assim como, mediu as negociações da compra do terreno onde será construída a nova escola.

O CONSELHO DE CLASSE PARTICIPATIVO

O conselho de classe é o momento culminante da avaliação dos estudantes. Nele, os sujeitos envolvidos na avaliação dialogam sobre o processo educacional e o resultado deste sobre estudantes e professores. Como forma de consolidar o entendimento deste processo por parte de todos

os envolvidos, a escola adotou, há dois anos, de forma plena, o sistema de avaliação por pareceres. Isso possibilita avaliar o estudante na sua totalidade, e não apenas o desenvolvimento cognitivo desejado. Esta prática foi feita inicialmente nas séries iniciais e EJA.

Este espaço torna-se participativo quando se reconhece entre os sujeitos do processo de avaliação não somente os professores, mas os estudantes e suas famílias. Numa perspectiva de comprometer as famílias com o desenvolvimento da instituição e dos seus processos, nada mais natural do que seus membros também participem das discussões sobre a avaliação das crianças. No conselho participativo não se realiza somente uma avaliação do aluno, mas a avaliação do professor, do trabalho desenvolvido e da escola como um todo.

Com isso, consegue-se compreender o impacto que a vida do estudante fora da escola pode ter no seu aprendizado. E, conversando com as famílias, pensar em estratégias comuns que potencializem a escola como espaço socializador e educativo. É interessante pontuar que a participação dos pais ou responsáveis na discussão sobre o processo educacional das crianças torna o Conselho de Classe Participativo um espaço educativo também para pais e professores. Esses têm a possibilidade de aprender sobre os processos escolares e familiares, respectivamente.

Para os pais ou responsáveis que não participam do Conselho Participativo abre-se a possibilidade de fazer essa conversa com a equipe diretiva da escola, nos dias seguintes. Assim, mesmo aqueles que trabalham no momento do Conselho ou se ausentam por outro motivo, tem a oportunidade de dialogar sobre o desenvolvimento de seu filho na escola.

SEMINÁRIOS COM A COMUNIDADE

Complementando as estratégias de participação da comunidade, a escola realiza três seminários ao longo do ano e abordam temáticas variadas. O objetivo principal é estimular a participação de toda a comunidade escolar em diversos assuntos, quando todos são estimulados, de forma democrática, a expor suas ideias e opiniões e as decisões são tomadas pelo conjunto da comunidade escolar. Esses seminários vão além dos debates administrativos e pedagógicos e contemplam projetos educativos mobilizadores e potencializadores de novas práticas na comunidade do Monte Bonito.

A preparação para o seminário inicia-se nas salas de aula, quando, nos projetos escolares são desenvolvidos alguns fundamentos sobre o tema escolhido para ser debatido. A partir da discussão com os estudantes, mobiliza-se o restante da comunidade. Cartazes são distribuídos nos espaços de sociabilidade da população local e avisos feitos através dos estudantes e pela rádio local são os meios de chamamento para o evento.

Normalmente ele acontece numa manhã de sábado. São organizados grupos de discussão, onde os relatos são feitos e as sugestões construídas. Ao final, o grande grupo se reúne para partilhar as discussões feitas em cada grupo. As ações a serem desenvolvidas são definidas pelo grande grupo, através de votação. É comum os seminários contarem com grande participação, lotando os espaços destinados à sua realização.

Os três seminários anuais são pensados como um processo de formação e de ação junto à população local. O primeiro seminário do ano retoma as deliberações feitas no último seminário do ano anterior e encaminha o desenvolvimento das ações programadas. O segundo intensifica as ações de formação e as realizadas junto à comunidade. O terceiro culmina com a avaliação do trabalho realizado e com os encaminhamentos para o ano seguinte. Assim, as pessoas participam desde a definição dos temas e da programação do que será feito. Mais do que uma ação educacional, os seminários com a comunidade constituem um processo de articulação entre escola e comunidade, numa ação social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática de participação da comunidade nas escolas públicas tem sido incentivada desde 1996, quando se promulgou a atual legislação educacional brasileira. A abertura da escola à população está inserida num processo de fomento à gestão democrática dessa instituição. Busca-se, dessa forma, garantir espaços de controle social sobre os estabelecimentos educacionais públicos.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental João da Silva Silveira construiu ao longo dos últimos anos uma experiência de envolvimento da comunidade do Monte Bonito nas suas ações, projetos e decisões. O Conselho Escolar, o Conselho de Classe Participativo e o Seminário com a Comunidade são estratégias que buscam envolver a comunidade nos diferentes espaços da escola. Abrem-se para a comunidade os espaços de

deliberação e decisão sobre a administração, a ação pedagógica, as finanças e os projetos de ação político-educacionais. Assim, propicia-se à população envolvida o entendimento e a participação de como se organiza e funciona essa instituição. Mais do que prestar contas do que o grupo gestor faz, esse envolvimento co-responsabiliza e compromete a população participante nos projetos de desenvolvimento educacional das crianças.

Além disso, abre-se a possibilidade de a comunidade pensar junto os rumos da instituição e de seus projetos extrapolarem os muros escolares. Dessa forma, a escola transforma-se de um estabelecimento educacional, a um centro cultural e político da comunidade.

BLOG DA ESCOLA (<http://emefjoaodasilva.blogspot.com.br>)

REFERÊNCIAS

Diálogo entre Adriane, Ricardo, Rita e Francisco – via chat, dia 21/out/2011.

Blog da Escola: <http://emefjoaodasilva.blogspot.com/>, acesso em 21/out/2011.

BRASIL. Site do MEC. *Programa nacional de fortalecimento dos Conselhos Escolares*. http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12384&Itemid=655, acesso em 21/10/2011

DROGAS: O QUE EU TENHO A VER COM ISSO?

Clésis Luna Pereira e Mara Regina Zaltron

EEEF Pe. Rambo

Este projeto interdisciplinar foi desenvolvido no período noturno no ano de 2011 na Escola Estadual de Ensino Fundamental Padre Rambo, em Pelotas/RS¹. Nasceu da necessidade de transformar a escola e os conteúdos escolares em um espaço para a transformação dos saberes populares em conhecimentos escolares com base da vivência e a partir de relatos, debates e palestras, na busca de uma maior conexão entre o ensino e a realidade. Isso, porque temos consciência do papel fundamental que a escola desempenha no desenvolvimento saudável das crianças e jovens, assim como da sua contribuição para a formação geral dos alunos e da sociedade.

¹ Projeto organizado e coordenado pelas professoras Clésis Luna Pereira, Mara Regina Zaltron, Viviane Kneib, Maria Isabel Saizer, Mara Rejane Menezes e Carlos Humberto Vieira.

Para o sucesso da escola na missão a que se propõe, é preciso que o corpo pedagógico tenha uma relação adequada e comprometida com o processo educativo. O que diferencia o ambiente escolar de outros são as ações que ali são desenvolvidas, bem como a sua capacidade de enfrentar novos desafios.

A prevenção ao uso de drogas é uma atitude que deve ser tomada desde a infância e promovida durante toda a vida. Lamentavelmente, o uso de drogas de qualquer tipo passou a ser uma prática comum na sociedade e não é diferente na comunidade onde a escola está inserida. Aliados a este fator, ainda vivenciamos a desestruturação familiar e o aumento da violência nas diversas escalas fazendo com que a escola necessite assumir a posição de educar, prevenir e aconselhar os estudantes para a promoção de uma vida saudável, destacando as atitudes benéficas de uma vida com hábitos positivos.

Com este projeto buscou-se, de forma criativa e informativa, esclarecer a comunidade escolar a respeito dos problemas causados pelo uso de drogas, promovendo a reflexão sobre a necessidade da prevenção e sobre as consequências do uso indevido de drogas, através de ações afirmativas em relação a vida e destacando a qualidade e a saúde como um direito a ser construído diariamente pelos jovens. Acreditamos que, deste modo, os jovens educandos se tornarão mais conscientes sobre os malefícios causados pelo uso de drogas e sobre a necessidade de buscar outras formas de “curtir” a vida, ou seja, de melhorar a qualidade de vida, agindo com responsabilidade e preservando a saúde.

Para isso, a escola desenvolveu, ao longo do segundo trimestre e parte do terceiro trimestre do ano letivo de 2011, um projeto interdisciplinar com os alunos do ensino noturno, das etapas 1 e 2 da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e das séries finais do ensino fundamental com o objetivo de alertar sobre os riscos e de prevenir o uso de drogas. O projeto consistiu num trabalho pedagógico em sala de aula e, logo em seguida, na apresentação de vídeos educativos, pesquisas em livros, revistas e jornais, levantamento e tabulação de dados, elaboração de slogans, elaboração e apresentação de slides e, ainda, na criação de um blog e divulgação nas redes sociais.

O processo de formação destinou-se ao corpo docente e discente e aos funcionários da escola, tendo a equipe diretiva promovido ciclos de palestras com profissionais da área de psicopedagogia e da segurança pública, com o diretor do presídio regional e mestre em educação de jovens e

adultos juntamente com a participação de Organizações Não Governamentais de atuação nacional (CUFA e STOP DROGAS).

No decorrer do projeto foi intensificado o uso de softwares educativos, o incentivo a elaboração de textos e relatórios, debates, confecções de cartazes e murais para exposição, criação de álbum educativo de palavras e gravuras feito a partir das letras do alfabeto e idealizado pelos alunos das séries iniciais da EJA entre outras ações instrutivas.

O projeto culminou com a realização de uma exposição de trabalhos, murais, apresentações orais, individuais e/ou em grupos, e com a apresentação de um vídeo elaborado a partir do depoimento de uma ex-usuária de drogas e aluna da escola que foi organizado pelos professores e encenado pelos próprios alunos. O vídeo abordou o tema de forma simples e clara destacando o retorno do dependente a uma vida saudável, sem drogas logo, com maior qualidade tanto para o ex-drogado quanto para o seu círculo de amizades e familiares.

Destacou-se no projeto o fato de que é possível ter outras formas de prazer que não sejam as drogas, tanto as lícitas quanto as ilícitas. Foram estimulados novos conhecimentos e descobertas, sempre dando ênfase a outros sentidos do prazer, pois o objetivo principal deste trabalho sempre foi desenvolver atividades voltadas à prevenção do uso de drogas na escola, proporcionando várias ideias e estimulando novas atitudes para uma vida plena e saudável, destacando que é possível uma vida feliz e livre de drogas.

Os resultados foram positivos no sentido da participação e envolvimento de todos os agentes educacionais, pois se trata de um assunto vivenciado pela comunidade escolar e pela sociedade em geral. Acreditamos que este projeto, desenvolvido dentro do espaço escolar, neste período, serviu como um alerta contra os perigos do uso de drogas e como um meio simples, porém real de esclarecimento e prevenção. Nossa meta é atingir anualmente um número significativo de estudantes da escola e transformá-los em agentes multiplicadores no seu meio social. Por isso, o projeto será implementado a cada ano.

Observamos também, com este projeto, como a educação, no tocante ao uso de drogas, pode alicerçar as decisões de uma vida inteira, pois ainda é crescente entre os jovens o desconhecimento das consequências e dos problemas associados ao uso indevido de drogas.

I SEMINÁRIO “A EDUCAÇÃO EM DEBATE”: UM ESPAÇO/TEMPO DE FORMAÇÃO
CONTINUADA NA ESCOLA PÚBLICA

Daniela Lopes Furtado, Dirlei de Azambuja Pereira, Gerusa Farias Porto,
José Ronaldo Lopes Castro, Lucimar Madruga e Silva, Marcia Frizzo Amaral,
Maria Lúcia Madruga Corral e Suami Soares Ramson

A educação é alvo de sérias críticas na atualidade, tanto sob o ângulo de sua concepção quanto sob o aspecto de suas possibilidades frente ao modelo social vigente. Cabe, portanto, a partir do quadro delineado, construir momentos de reflexão, em conjunto, sobre os desafios que a realidade da educação e da sociedade nos apresentam, como também a respeito das possibilidades da sua superação, transformando-os em caminhos que levem a uma educação verdadeiramente de qualidade.

Frente a estes breves apontamentos (e diante da proposta apresentada pelo 10º Encontro sobre o Poder Escolar, realizado em 2010, a qual desafiava as escolas a assumirem também a responsabilidade de formação continuada em seus espaços), de 18 a 21 de julho de 2011, nas dependências de uma escola pública de Piratini/RS, realizamos o I Seminário “A Educação em Debate: construindo reflexões a partir de diferentes campos do conhecimento”. Este seminário surgiu, primeiramente, do diálogo entre a EEEF Ruy Ramos e o IEE Ponche Verde (ambos localizados na zona urbana do município). Com o avanço e a consolidação do Seminário, mais três escolas se aproximaram: a EEEF Sepé Tiaraju (localizada no Assentamento Conquista dos Imigrantes, 4º Distrito de Piratini), a EEEF Profª. Inácia Machado da Silveira (desta escola, situada na sede, participaram somente os educadores que trabalham na EJA) e a EEEM Carmosina Vaz Guimarães (localizada no 3º Distrito do município). No total, portanto, formou-se um grupo de cinco escolas que se responsabilizaram pelo evento. É importante ressaltar que, com este seminário, atendemos também a uma determinação da Secretaria Estadual de Educação do RS que, desde 2010, recomenda que as escolas da rede organizem processos de formação continuada no mês de julho.

Uma vez consolidada a proposta, passamos a buscar pesquisadores que aceitassem o desafio de construir conosco a reflexão que, naquele momento, nos dispúnhamos a efetivar. Sem nenhum recurso financeiro para custear o pagamento dos palestrantes, começamos a realizar o convite a alguns educadores/pesquisadores com os quais gostaríamos de dialogar em nossa formação. Grata foi a nossa surpresa ao realizarmos os contatos. Todos

aqueles que convidamos aceitaram prontamente o nosso convite. Desta forma, reunimos um grupo muito especial e comprometido em desenvolver uma discussão radical e rigorosa sobre o ato educativo (em seu sentido amplo) costurando tal debate com diferentes áreas do conhecimento. A título de esclarecimento, citamos as temáticas abordadas no transcorrer da formação, bem como os pesquisadores que as problematizaram: Educação/Preservação Ambiental, Cidadania e Sustentabilidade (Profa. Dnda. Cláudia Battestin e Dndo. Fabricio Hoff Dupont); Motivação e Trabalho Docente (Prof. Ms. Moacir Jorge Rauber e Profa. Ms. Márcia Knabah Neumann); Gênero e Sexualidade (Gigliola Gonçalves); O uso das Mídias na Escola Pública (Profa. Mnda. Daiana Corrêa Vieira e Profa. Mnda. Patrícia Tarouco Manetti Becker); Filosofia e Educação (Prof. Dr. Avelino da Rosa Oliveira); O Poder da Escola (Profa. Dra. Maria Antonieta Dall'Igna); Relações Interpessoais e Violência na Escola Pública (Profa. Ms. Alice Maria Souza Szezepanski); Aspectos Históricos, Sociais e Educacionais de Piratini/RS (Profa. Ms. Darlene Rosa da Silva e Profa. Ms. Angela Alves dos Passos). Além dos assuntos acima elencados, ocorreu ainda, durante o encontro, uma oficina sobre a utilização das mídias no cotidiano escolar e, também, um espaço para a exposição de projetos pedagógicos desenvolvidos por educandos e educadores das escolas participantes da formação.

Ao avaliarmos, coletivamente, o Seminário, foi possível perceber que a sua realização atingiu o seu objetivo maior: construir um debate problematizador acerca da educação sob diferentes perspectivas. Ainda no que concerne à avaliação, foi pontuada como positiva, a integração entre cinco escolas da rede estadual de Piratini/RS na promoção do encontro, como podemos constatar na declaração a seguir: "Com a união das escolas, acreditamos que o grupo, ao término deste Seminário, está saindo fortalecido, pois só em um encontro como este torna-se possível conhecer um pouco da realidade de cada educandário" (GRUPO DE AVALIAÇÃO 2). Nesta mesma esteira de argumentação, outro Grupo de Avaliação afirmou que o Seminário "foi um espaço de construção e desconstrução indispensável ao crescimento coletivo e individual de cada educador, pois agregou experiências e reflexões às práticas educativas" (GRUPO DE AVALIAÇÃO 4).

Ao trazermos à baila estas questões, concordamos com Alarcão (2008, p.44) quando afirma que:

[o] professor não pode agir isoladamente na sua escola. É neste local, o seu local de trabalho, que ele, com os outros, seus colegas,

constroi a profissionalidade docente. Mas se a vida dos professores tem o seu contexto próprio, a escola, esta tem de ser organizada de modo a criar condições de reflexividade individuais e colectivas. [...] A escola tem de se pensar a si própria, na sua missão e no modo como se organiza para cumprir. Tem, também ela, de ser reflexiva. Mas o que é a escola? Uma comunidade educativa, um grupo social constituído por alunos, professores e funcionários e fortes ligações à comunidade envolvente através dos pais e dos representantes do poder municipal. A ideia do professor reflexivo, que reflecte em situação e constroi conhecimento a partir do pensamento sobre a sua prática, é perfeitamente transponível para a comunidade educativa que é a escola.

A educação e a escola pública necessitam, cada vez mais, lançar, sobre si mesmas, um olhar reflexivo. E este olhar precisa ser promovido no coletivo para ganhar legitimidade e profundidade. Certamente, por meio do coletivo, os sujeitos constroem e reconstróem saberes e edificam uma práxis potencializadora de aprendizagens significativas. É pertinente ainda destacar que, diante do movimento anunciado, conseguiremos escrever uma história mais bela nos espaços da escola.

Por fim, ao apresentarmos as nossas palavras finais, registramos o nosso compromisso na realização, em 2013, do II Seminário “A Educação em Debate”. Pretendemos, para esta segunda edição, a adesão de toda a rede estadual de Piratini/RS na elaboração/participação do mesmo como também a discussão de outras temáticas de forma mais substantiva, como é o caso da Educação Especial e das Práticas Educacionais.

REFERÊNCIA

ALARCÃO, Isabel. *Professores reflexivos em uma escola reflexiva*. 6ed. São Paulo: Cortez Editora, 2008.

DA ESCOLA RURAL PARA UM ENCONTRO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO: AGUÇANDO E DESCENTRALIZANDO AS REDES DE PODER – “OS FRUTOS DO PODER ESCOLAR”

Daniela Pedra Mattos

Secretaria Municipal de Educação e EMEF Armando Fajardo – Piratini/RS

Como participante do Poder Escolar desde o 3º encontro e apresentando trabalhos nas mesas de experiências desde o 5º, posso dizer que cresci junto com o Poder Escolar. Sinto-me filha dos saberes e sabores que degustei na fonte dos conhecimentos entrelaçados e multiplicados a cada Encontro. Nessa mesma proporção meu trabalho como docente e gestora de escola também começou a germinar, no início, de forma tímida, como semente em terra arenosa, depois, a cada ano, uma nova folha se abria e eu aprendi e ouvi muito. Comecei a fomentar esses singelos e incertos saberes junto aos meus colegas, na pequena escola rural em que desempenho até hoje minhas atividades docentes. E assim nasceram as formações continuadas na escola. Não sabíamos como fazer, mas começamos a discutir nossas práticas em sala de aula e socializá-las entre os colegas. Nossos saberes eram tímidos, mas acreditávamos na necessidade de socializá-los e, então, construímos o 1º Encontro Municipal de Educação em nossa cidade, com 8 horas de duração, para o qual foram convidados todos os professores municipais. Esperávamos 300 pessoas, mas tivemos apenas 105 inscritos. Nesse Encontro discutimos a escola, olhamos para ela e, sobretudo, para nós mesmos. Tivemos a certeza que precisávamos ir além e, no ano seguinte, construímos o 2º Encontro Municipal de Educação. Novamente esperávamos 300 pessoas, mas o público foi de 120 participantes. Novamente, discutimos a escola nas suas múltiplas faces, refletimos sobre as nossas práticas e entendemos que precisávamos continuar. Em 2009 o grupo de docentes da escola apostou num encontro maior, de 40 horas.

Alçamos voos e construímos novamente um grande evento com palestrantes renomados e esperávamos mais uma vez 400 pessoas, tivemos um público de apenas 128 participantes. Entretanto, o evento foi iluminado. A coragem era tanta que acreditávamos que não poderíamos desistir, uma vez que o sentido e o objetivo desses Encontros Municipais de Educação era olhar e refletir sobre e com a escola. Nasceu, então, o sonho de realizar em Piratini o I Encontro Internacional de Educação organizado pelas escolas municipais. Este sonho foi multiplicado, foi construído e, no final do mês de

maio de 2011, nasceu o I Encontro Internacional de Educação e o IV Encontro Municipal de Educação com o tema – Escola: espaço de sonhos, construções e possibilidades, com duração de quarenta horas. Este evento teve por objetivo multiplicar saberes, valorizar os docentes e, sobretudo, fomentar as reflexões com e sobre a escola. Nasceu o fruto do Poder Escolar. Este evento foi organizado pelas direções municipais e por todos os docentes da escola Armando Fajardo. Organizamos um evento para 400 pessoas e tivemos um público de 410 participantes (entre pagantes, autoridades e convidados especiais). Nossos sonhos docentes saíram da escola rural, chegaram à cidade, embarcaram no Poder Escolar e alçaram vôos para o mundo do conhecimento, prova maior do Poder da Escola, do trabalho coletivo e da busca incessante por uma escola melhor e mais humana.

FORMAÇÃO CONTINUADA EM PARCERIA COM ESCOLAS ESTADUAIS – 2011

Elizabeth Miller e Niliane Moraes Dornelles

EMEF Nossa Senhora de Lourdes e EMEF São Vicente de Paulo – Pelotas/RS

Ao longo do ano letivo de 2011 a Escola Estadual de Ensino Fundamental São Vicente de Paulo ofereceu diversos encontros, tanto aos professores como aos funcionários da Escola, intencionando promover a Formação Continuada de professores e funcionários da escola. A pauta destes encontros foi definida, paulatinamente, de acordo com as necessidades e/ou sugestões apresentadas pelos participantes ao longo do processo. Estes encontros foram avaliados como positivos; alguns mais outros menos instigantes, mas valeu cada um deles, principalmente, por possibilitar a interação e a maior troca de experiências ao grupo participante.

Entretanto, o ápice da formação continuada, tanto para o grupo participante da Escola São Vicente de Paulo, como para os da Escola Nossa Senhora de Lourdes e de outras escolas, foi, quando, no mês de julho de 2011, ela foi realizada em “parceria”. Em razão de diferentes fatores como tempo restrito, poucos recursos financeiros, dificuldade em contatar e contratar bons palestrantes que atendessem aos interesses e necessidades dos participantes e visando a possibilitar o encontro e a troca de experiências entre colegas, professores e funcionários de diferentes escolas, direção e coordenação pedagógica, de algumas destas escolas, reuniram-se para organizar uma Formação em Parceria.

Com este novo modelo de Formação Pedagógica, pretendeu-se ultrapassar as paredes desta ou daquela escola, consituindo um grupo maior de participantes, com diversas palestras e palestrantes de maior envergadura do que aqueles que se obteria, isoladamente, para atuar em uma única escola e para um pequeno grupo de pessoas.

O evento, então organizado, resultou em uma formação de melhor nível, com maior complexibilidade e mais enriquecedora. E, apesar do maior custo financeiro, foi mais acessível às escolas, uma vez que houve a contribuição estratégica e, também, financeira de diversas das escolas participantes. Dividiram-se os gastos e as funções para a organização, trabalhou-se em parceria: algumas escolas disponibilizaram o espaço, outras ficaram responsáveis pelo “coffee-brake”, outras aportaram recursos financeiros e outras, ainda, fizeram os contatos e contrataram os palestrantes. Assim, enquanto os alunos curtiam a primeira semana do recesso escolar de inverno, em julho de 2011, professores e funcionários de sete escolas estaduais, “Areal, Dom João Braga, João XXIII, Luís Carlos Correa da Silva, Nossa Senhora de Lourdes, Pedro Osório e São Vicente de Paulo”, participavam de encontros de uma “Formação Continuada em Parceria”. Ao longo da semana em que aconteceu esta Formação em Parceria foram abordados muitos temas, entre les: Avaliação, Regimento, Plano de Estudos, Disciplina e Relações Humanas desenvolvidos em palestras ministradas por professores, coordenadores pedagógicos, advogados, psicólogos e que provocaram muitas reflexões acerca da Educação. Além das palestras, esta formação contou, ainda, com a apresentação do grupo “Andança”, da Escola Nossa Senhora de Lourdes, com o espetáculo “Amor, Paixão e Ódio”, que abrilhantou o evento. Quanto às palestras oferecidas nesta semana de Formação Continuada, pode-se dizer que eram complementares entre si. A Promotoria da Infância e da Juventude falou sobre o tema “Disciplina”; o Escritório de Advocacia Casser e Lauser sobre o tema “O Equilíbrio entre Disciplina e Direitos dos Alunos – Aspectos Legais da Relação Professor/Aluno, dentro do Projeto Pé na Escola; a doutora, psicóloga Marlise Flório Real abordou o tema “Comportamento e Disciplina do Aluno” e “ela”, e, junto à coreógrafa Berê Fuhro Souto, abordaram o tema “Psicoarte-(Re)Significando Relações”, que levantaram questionamentos sobre a responsabilidade da escola e dos docentes na sociedade contemporânea, levando em consideração as inúmeras e aceleradas transformações vividas no mundo atual. Questionamentos sobre o que fazer quando o aluno não tem base curricular

e/ou familiar ou sobre o que fazer quando a família transfere sua responsabilidade para a escola – foram levantados pelos participantes. Resultaram em discussões bastante significativas, gerando, inclusive, a realização de um encontro extra, além dos programados, na Escola São Vicente de Paulo, a pedido dos participantes, por sentirem necessidade de debater, ainda mais, sobre o que foi exposto e que causou intensa inquietação.

As palestras contaram, ainda, com o professor Olavo Fritzem, falando direcionado, principalmente, aos funcionários sobre a “Importância da Percepção no Processo de Relacionamento Humano e o Papel Fundamental dos Funcionários”, enquanto educadores nas escolas: Relações Humanas e Percepção do Outro.

Esta Formação em Parceria proporcionou, todos os dias, momentos de integração informal, em confraternizações que deram lugar à aproximação e à descontração entre os participantes. Ela foi além do encontro, da troca de experiências, inaugurando uma nova etapa dentro do processo de Formação Continuada, marcada pela força da união, pela troca e pelo diálogo entre escolas com realidades diversificadas, mas que preocupam-se, sobretudo, em qualificar seu grupo de trabalho em benefício das comunidades a que atendem.

**POR UMA ESCOLA PÚBLICA DE QUALIDADE: ALGUMAS NOTAS SOBRE AS AÇÕES
DESENVOLVIDAS PELA EEEF RUY RAMOS, PIRATINI/RS**

Marcia Frizzo Amaral, Ana Paula Manetti Porto, Dirlei de Azambuja Pereira, Edina Azevedo Soares dos Santos, Heloisa Helena Pedra Madruga e Lucimar Madruga e Silva
EEEF Ruy Ramos – Piratini/RS

Construir uma escola pública de qualidade requer uma profunda reflexão sobre os limites e as possibilidades que se apresentam cotidianamente neste espaço. Conscientes de tal desafio, a partir de 2010, buscamos implementar, na EEEF Ruy Ramos, localizada em Piratini/RS, ações que possibilitassem a efetivação de uma educação e de uma escola de qualidade.

Ao resgatarmos parte do que vem sendo desenvolvido neste educandário, destacamos a presença cada vez maior de projetos pedagógicos nas práticas dos educadores, que são na maioria das vezes coletivas. Durante o ano 2010, por exemplo, trabalhamos com o tema Datas Comemorativas. Naquele ano, cada educador ficou responsável pela execução de, pelo menos, dois projetos que envolvessem datas importantes do nosso calendário. Ao finalizar as atividades escolares, realizamos uma Mostra de Projetos, na qual a comunidade escolar pode conhecer o que fora trabalhado pelos educadores e pelos educandos. Já em 2011, a proposta foi estruturada em torno dos seguintes Temas Geradores: Escola e Comunidade, Meio Ambiente, Brasil e Valores Humanos. Como em 2012, a EEEF Ruy Ramos completa 50 anos, adotamos este relevante acontecimento como o eixo central para os nossos projetos pedagógicos.

Ainda no que concerne à proposta educacional que estamos, gradativamente, construindo nos espaços deste educandário, destacamos a Gincana da Solidariedade, a qual acontece desde 2010 com o intuito de integrar toda a comunidade escolar, bem como inserir os educandos em atividades realmente solidárias, extrapolando, por sua vez, os muros da EEEF Ruy Ramos. Desde o início da sua realização, este projeto já obteve expressivos resultados. Em sua primeira edição, em uma das tarefas a serem executadas, os educandos e os educadores arrecadaram quase uma tonelada de alimentos não-perecíveis, os quais foram repassados a famílias e entidades assistenciais da cidade. Já em 2011, em uma das ações, cada equipe deveria realizar um projeto solidário na comunidade piratiniense. A execução de tal tarefa foi significativa, pois inseriu os educandos em atividades voltadas a ajudar o próximo. No ano de 2012, a proposta passou a

denominar-se Gincana da Solidariedade e do Meio Ambiente, por entendermos que, no presente momento histórico, há uma necessidade urgente de refletirmos sobre as questões ambientais que afetam o nosso entorno. Com efeito, as tarefas apresentadas desenvolveram uma reflexão crítica sobre como os temas solidariedade e meio ambiente se interligam. Como nos anos anteriores, as ações objetivavam, ainda, instigar os educandos a se engajarem em propostas relevantes, como, por exemplo, campanhas de divulgação de trabalhos solidários, elaboração de programas de rádio sobre os assuntos discutidos na gincana, construção de um projeto socioambiental a partir de uma problemática existente na comunidade, entre outras. Desta forma, cabe ratificar, os educandos puderam vivenciar (em seu sentido pleno) o que significam estes dois importantes valores: solidariedade e respeito ao meio ambiente.

A reativação da banda (que, a partir de 2011, passou a ser intitulada Banda Musical Ecy Taddei) foi um projeto proeminente que, nestes dois últimos anos, foi agregado substancialmente à proposta do educandário. A partir dele, muitos educandos têm acesso a uma atividade extraclasses que os mobiliza e que oferece à escola momentos de extremo orgulho. Prova disso são os desfiles comemorativos ao dia 7 de setembro. A cada ano cresce o número de educandos que participam desta festividade evidenciando, por conseguinte, o sentimento de pertencimento à escola.

Outro destaque a ser feito, neste movimento desenhado pela EEEF Ruy Ramos, diz respeito à formação continuada. Em julho de 2010, a escola realizou um salutar debate sobre valores humanos, orientado pela Professora Marisa Iribarrem (uma especial parceira/colaboradora da instituição). No ano seguinte, 2011, aceitamos o desafio de elaborar, juntamente com outras quatro escolas da rede estadual de Piratini/RS, o I Seminário “A Educação em Debate: construindo reflexões a partir de diferentes campos do conhecimento”. Tal ação obteve a aprovação dos educadores que participaram do encontro, os quais solicitaram que, em 2013, acontecesse a segunda edição do mesmo. A partir deste seminário, percebemos a necessidade tornar permanentes, no âmbito da escola, esses momentos de formação/discussão. Assim, gradativamente, estamos desenvolvendo encontros formativos em uma perspectiva comprometida e crítica a fim de qualificar as práticas educativas dos educadores e da gestão escolar.

Ao expormos algumas das ações que vem se consolidando nos espaços deste educandário, comungamos com Freire (1995) quando afirma

que é preciso mudar a cara da escola. Na obra *A educação na cidade*, o ilustre pedagogo, ao falar acerca da escola pública, declara:

Sonhamos com uma escola pública capaz, que se vá constituindo aos poucos num espaço de criatividade. Uma escola democrática em que se pratique uma pedagogia da pergunta, em que se ensine e se aprenda com seriedade, mas em que a seriedade jamais vire sisudez. Uma escola em que, ao se ensinarem necessariamente os conteúdos, se ensine também a pensar certo (FREIRE, 1995, p.24).

Em outro escrito, Freire continuou a discorrer sobre esta escola com a qual tanto sonhou e que nós, educadores, continuamos a buscar incessantemente:

É vivendo, não importa se com deslizes, com incoerências, mas disposto a superá-los, a humildade, a amorosidade, a coragem, a tolerância, a competência, a capacidade de decidir, a segurança, a eticidade, a justiça, a tensão entre paciência e impaciência, a parcimônia verbal, que contribuo para criar, para forjar a escola feliz, a escola alegre. A escola que é aventura, que marcha, que não tem medo do risco, por isso que recusa o imobilismo. A escola em que se pensa, em que se atua, em que se cria, em que se fala, em que se ama, se adivinha, a escola que apaixonadamente diz sim à vida (FREIRE, 1998, p.63).

Diante das palavras de Freire e, ao refletirmos sobre os projetos que estamos implementando na EEEF Ruy Ramos, a partir de 2010, acreditamos que belas práticas educativas estão emergindo e, conseqüentemente, estruturando, uma proposta político-pedagógica que, aos poucos, ganha cor e forma. Sabemos que a construção de uma escola pública de qualidade requer um esforço em espiral. Assim, buscamos, a cada novo projeto, a edificação de uma escola que, através de sua práxis, contribua para que educandos e educandas tornem-se sujeitos da história. Sonhamos com a construção de uma escola alegre na qual educandos, educadores e comunidade possam realizar movimentos em direção de uma sociedade justa, democrática e humanizadora. E é por este sonho, que acreditamos ser viável, que lutamos.

REFERÊNCIAS

- FREIRE, Paulo. *A educação na cidade*. São Paulo: Cortez Editora, 1995.
- _____. *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. 9ed., São Paulo: Editora Olho d'Água, 1998.

CONHECENDO E VALORIANDO A VIDA RURAL DO MUNICÍPIO DE SÃO LOURENÇO DO SUL

Marta Lauri Iepsen

EEEM Pe. Rodolpho Bersch – São Lourenço do Sul/RS

Este trabalho apresenta uma reflexão sobre a inserção das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) no desenvolvimento de um projeto de aprendizagem colaborativo denominado “Conhecendo e valorizando a vida rural do município de São Lourenço do Sul”, realizado na Escola Estadual de Ensino Médio Prof. Rodolfo Bersch localizada no interior do município de São Lourenço do Sul. Para desenvolver o projeto os alunos foram desafiados a se reunirem em grupo com os colegas, durante as férias de inverno do ano de 2011, para realizar a leitura da paisagem, pesquisar sobre aspectos sociais, históricos, ambientais, econômicos e relevantes das localidades em que residem, utilizando as TIC para sistematizar os resultados e editar os registros (imagens, sons, textos e vídeos) em forma de Power Point ou Movie Maker para apresentar em um Seminário Integrador.

A EEEM Prof. Rodolfo Bersch possui seiscentos e cinquenta alunos que compõem cinco turmas dos anos iniciais, oito turmas dos anos finais do ensino fundamental e doze turmas do ensino médio. A maioria dos alunos são filhos de pequenos agricultores familiares, descendentes de imigrantes alemães e pomeranos, provenientes de diversos distritos da zona rural de São Lourenço do Sul. Noventa e cinco por cento dos alunos utilizam o transporte escolar, sendo que alguns viajam durante uma hora e meia para chegarem ao local de estudo. Muitos alunos já possuem computador, mas sem acesso à Internet. Constata-se também que, dos trinta e seis professores da escola, apenas oito residem na zona rural, vindo os demais da zona urbana da cidade e das cidades vizinhas. Por este motivo, na maioria das vezes, as aulas por eles ministradas são muito “urbanas”, descontextualizadas da realidade do interior. É de fundamental importância que haja uma reflexão, por parte dos educadores, sobre o significado dos

termos: “escola no campo” e “escola do campo” para trabalhar de acordo com a realidade dos alunos.

Ao planejar o calendário escolar, no início do ano letivo de 2011, a comunidade escolar participou da elaboração de projetos com objetivos voltados para a melhoria da qualidade da educação ofertada pela escola, e que contribuíssem com a formação dos educandos nos aspectos antropológicos, econômicos, culturais e políticos, para que eles possam refletir sobre a sua vida, a natureza e a sociedade em que estão inseridos e, conseqüentemente, melhorar a sua qualidade de vida. Para tanto, esta qualidade buscada para a escola e a vida está intrinsecamente ligada à transformação da realidade e, para consegui-la, é preciso antes conhecê-la. Nesta oportunidade, pensou-se em desenvolver um projeto intitulado “Agricultura” porque esta faz parte da vida dos alunos. As professoras Diva Lopes Kneip, Mara Lúcia Turnes Jurgini, Marta Lauri Iepsen e Virgínia Krüger inscreveram-se como responsáveis pelo planejamento e pela execução das atividades do referido projeto.

METODOLOGIA

Ao trabalhar com a metodologia de projetos, além de dar um sentido mais amplo à prática escolar, evita-se a fragmentação dos conteúdos e os alunos tornam-se corresponsáveis pela aprendizagem. É um momento importante porque proporciona a interação entre os estudantes que permite a cooperação, a colaboração e a socialização. Os conflitos gerados pelas ideias divergentes oportunizam a discussão de hipóteses desenvolvem habilidades e competências dos indivíduos. Descobre-se que o diálogo deve ser de respeito com as outras pessoas, que concebem o mundo de uma perspectiva diferente. Percebem-se coisas ainda não percebidas, notam-se problemas nos quais ainda não se havia pensado. Isso modifica a maneira de os alunos verem as coisas e a si mesmos, uma vez que, ampliando os horizontes e as possibilidades de escolha os sujeitos poderão construir uma vida mais justa, com mais sabedoria, ser mais generosos e felizes.

Para desenvolver o projeto, partiu-se do pressuposto de que é importante conhecer a realidade dos alunos que estudam na escola. As professoras responsáveis juntamente com os alunos, intitularam o projeto “Conhecendo e valorizando a vida rural do município de São Lourenço do Sul”, colocaram cartazes com o “Desafio para as férias”, em todas as salas

de aula, desafiando os alunos a pesquisarem sobre as suas localidades. Dialogaram com as turmas para esclarecer dúvidas e informar sobre as datas para entrega dos trabalhos e a ordem das apresentações no seminário. Pensou-se, ao propor esta tarefa, em desenvolver um projeto para conhecer a realidade dos alunos sem que os professores precisassem sair da escola para visitá-los.

Ao assistir as apresentações de trinta localidades, os professores puderam ter acesso às informações, conhecer mais sobre a realidade onde vivem e como vivem os alunos e assim planejar e trabalhar com metodologias contextualizadas, mudando as suas concepções e visão sobre a educação do campo.

A avaliação do projeto não consiste em fazer registros das informações que os alunos retém ou deixam de reter através da aplicação de testes ou de provas, o que não contribuem para o desenvolvimento da aprendizagem, apenas servem para aferir resultados finais após o término do projeto. A proposta consiste em valorizar o processo de aprendizagem do aluno e onde ele aprende conteúdos através de procedimentos que desenvolvem a sua vontade e necessidade de continuar aprendendo e utilizar as TIC para estimular a utilização das ferramentas em benefício de seu desenvolvimento educacional e futuro profissional. Há a possibilidade de fazer avaliações através de portfólios (CD ou Pen Drive), onde ficam registrados todos os trabalhos dos alunos, cuja principal função não é a avaliação do professor, mas sim para que os alunos façam a auto-avaliação e percebem o que vêm construindo.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A função social da escola é formar o cidadão através da construção de conhecimentos, atitudes e valores que o tornem solidário, crítico, ético e participativo. Para as escolas é importante que proporcionem trabalhos com metodologias inovadoras, utilizando as TIC de forma a realmente atingir o aluno para que haja mudanças. Sabemos que estas não ocorrem isoladamente, mas estão atreladas a fatores históricos, culturais, sócio-econômicos, tecnológicos e biológicos e que constituem um processo de longo prazo. Portanto, para que possamos trabalhar com essa nova metodologia na educação precisamos reformular os currículos incluindo as tecnologias nas escolas, pois ela favorecem a interação com pessoas

distantes e com colegas próximos pela falta de tempo e às vezes pela dificuldade de todos se reunirem. tudo isso trará profundas modificações na organização do tempo, espaço, concepções e práticas tradicionais.

Pedrinho Guareschi (2002, cap. XV) escreveu sobre o aparelho ideológico da escola e diz:

[...] aqui se coloca a grande força de uma prática educativa dialogal: ela leva à mudança das relações existentes na sociedade, pois ela fornece um novo modelo de vivência social. O que leva na realidade à mudança numa sociedade são as novas práticas que são vividas e incentivadas entre as pessoas. Se numa escola, educadores e educandos se propuserem a vivenciar e promover novas relações sociais, baseadas na igualdade, no respeito, no diálogo, então sim, essa sociedade começa a mudar. As pessoas que se acostumam a uma prática democrática vão levar essa prática às outras situações sociais em que elas vivem: às igrejas, às famílias, aos locais de trabalho. Eis a grande chance numa escola: ela pode ser o laboratório onde se forjarão novas vivências verdadeiramente comunitárias, de onde poderão surgir transformações profundas e radicais em todo o corpo social.

Paulo Freire (1999, p.127) nos provoca a pensar quando afirma: “[...] se a educação não pode tudo, alguma coisa fundamental a educação pode”. E diz mais:

A professora democrática, coerente, competente, que testemunha seu gosto de vida, sua esperança no mundo melhor, que atesta sua capacidade de luta, seu respeito às diferenças, sabe cada vez mais o valor que tem para modificação da realidade, a maneira consistente com que vive sua presença no mundo, de que sua experiência na escola é apenas um momento, mas um momento importante que precisa ser autenticamente vivido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, espera-se que este trabalho possa contribuir para apontar caminhos de reflexão e atuação para o relacionamento entre as tecnologias e o trabalho pedagógico do professor, de maneira que este se descubra um

profissional em permanente aprendizagem e transformação, aberto às mudanças na sua forma de trabalho, com especial atenção às descobertas dessa sociedade onde as TIC estão cada vez mais presentes, participando da estruturação de uma escola cada vez mais integrada e interligada à realidade de seus alunos e colocando-se como elemento vivo do processo coletivo de construção dos conhecimentos.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia – Saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo e PAPERT, Seymour. *O Futuro da escola e o impacto dos novos meios de comunicação no modelo de escola atual* (Entrevista realizada entre Seymour Papert e Paulo Freire – Encontro PUC São Paulo, Publicada no caderno de 20-01-1996 JORNAL DA TARDE) Disponível em <http://www.paulofreire.ufpb.br/paulofreire/Controle?op=detalhe&tipo=Video&id=37> Acesso em: 10 out.2011.

GUARESCHI, Pedrinho. *Sociologia crítica – alternativas de mudança*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. 52ª edição.

AVALIAÇÃO DO ESTADO NUTRICIONAL DOS ALUNOS DAS ESCOLAS DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DO MUNICÍPIO DE TURUÇU/RS, NOS ANOS DE 2009, 2010 E 2011

Patrícia Machado da Silva
SMEC – Turuçu/RS

Nos últimos anos tem sido muito discutido problema da obesidade, não só no Brasil, mas em todos os países. Por outro lado, a fome que atinge milhões de brasileiros, ainda é uma realidade, um grave problema de saúde pública. Assim como a desnutrição, a obesidade na infância pode trazer sérios danos à saúde como: hipertensão, diabetes, cardiopatias, entre outros.

A alimentação adequada é um direito fundamental do ser humano, reconhecido internacionalmente pela Declaração Universal dos Direitos Humanos (art. 25) e pelo Pacto Internacional de Direitos Econômicos, Sociais e Culturais – PIDESC (art. 11). É inerente à dignidade da pessoa humana e indispensável à realização dos direitos consagrados na Constituição Federal. Para garantir este direito deve o poder público adotar as políticas e ações

necessárias para promover e garantir a segurança alimentar e nutricional da população, como disposto na Lei nº 11.346, de 15 de setembro de 2006, que cria o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional. O Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) apresenta como algumas de suas diretrizes:

I – o emprego de alimentação saudável e adequada, que compreende o uso de alimentos variados, seguros, que respeitem a cultura, as tradições e os hábitos alimentares saudáveis, contribuindo para o crescimento e o desenvolvimento dos alunos e para a melhoria do rendimento escolar, em conformidade com a faixa etária, o sexo, a atividade física e o estado de saúde, inclusive dos que necessitam de atenção específica.

II – a inclusão da educação alimentar e nutricional no processo de ensino e aprendizagem que perpassa pelo currículo escolar, abordando o tema alimentação e nutrição e o desenvolvimento de práticas saudáveis de vida, na perspectiva da segurança alimentar e nutricional.

Diante disso, sentiu-se, na Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Turuçu/RS a necessidade de conhecer a realidade do estado nutricional dos alunos da rede municipal de ensino do município. Desenvolveu-se, então, um projeto para avaliar o estado nutricional dos alunos da rede de ensino municipal, detectando alunos com peso abaixo ou acima do considerado adequado para cada faixa etária e para, com base nos dados obtidos, melhorar a qualidade de vida destes, através de orientações nutricionais saudáveis.

Nos anos de 2009, 2010 e 2011 realizou-se uma Avaliação Antropométrica dos alunos. Os dados foram coletados utilizando-se uma balança antropométrica para obter o peso (Kg) e a altura (m). A análise dos dados baseou-se nas normas do Sistema de Vigilância Alimentar e Nutricional do Ministério da Saúde, observando-se o indicador Peso/Idade em crianças de 5 a 9 anos e 11 meses e o Índice de Massa Corporal, que é obtido através da divisão do peso (Kg) pela altura ao quadrado (m^2).

Nos anos de 2009, 2010 e 2011 foram pesados e medidos respectivamente, 132, 142 e 147 crianças da EMEF Doutor Urbano Garcia (zona urbana) e 93, 91 e 97 crianças da EMEF Caldas Júnior (zona rural). Assim como, foram avaliados 202, 185 e 211 adolescentes da escola da zona urbana e 92, 96 e 91 alunos da escola da zona rural. O estado

nutricional dos alunos foi avaliado através de percentis, que são tabelas de medições.

Os resultados obtidos foram os seguintes: na EMEF Dr. Urbano Garcia, os alunos com idades entre 5 e 9 anos e 11 meses, nos anos de 2009, 2010 e 2011, 10% apresentaram risco de sobrepeso. Os adolescentes 22% e 23% de sobrepeso, em 2009 e 2010, respectivamente e, em 2011, 31% de sobrepeso.

Na EMEF Caldas Jr., em 2009, as crianças apresentaram 13% de risco de sobrepeso. Em 2010 e 2011, 8% e 7% de risco de sobrepeso, respectivamente. Sendo que os adolescentes apresentaram sobrepeso, em 2009 e em 2011.

A pesquisa mostrou uma realidade que é mundial, de um número expressivo e cada vez maior de crianças com risco de sobrepeso e obesidade, além de mostrar, também, a existência de crianças com peso baixo para a idade e risco nutricional.

Com estes resultados, pode-se desenvolver atividades para orientar a alimentação dos alunos em casa e na escola. Com os pais foram realizadas algumas orientações nutricionais a fim de melhorar a qualidade de vida dos alunos, para isso foi realizada, com os pais, a anamnese alimentar dos alunos que não apresentaram peso adequado para a idade, a fim de conhecer os hábitos alimentares de cada aluno. Mostrou-se que a hereditariedade é um fator que contribui para o desenvolvimento da obesidade e que os hábitos alimentares se mostraram inadequados. Constatou-se um baixo consumo de alimentos como frutas, verduras, legumes e cereais e um alto consumo de salgadinhos, refrigerantes, doces, gorduras, produtos industrializados e frituras. A partir da constatação, os pais foram orientados pela nutricionista a preparar refeições saudáveis para os filhos, tanto em suas residências como no preparo do lanche que é levado para a escola.

Os alunos participaram de palestras para orientá-los com relação a hábitos alimentares saudáveis. As escolas foram orientadas a melhorar a qualidade dos alimentos ofertados nas cantinas. Os responsáveis pelas cantinas deverão ofertar alimentos saudáveis (frutas, iogurte, sanduíches naturais, sucos naturais, salada de fruta etc) e foi proibida a comercialização de alimentos industrializados e inadequados (salgadinhos, refrigerantes, balas, frituras, doces, chocolates etc).

No que diz respeito à alimentação escolar foram incluídas mais frutas, verduras e legumes. As escolas foram orientadas a controlar a quantidade de alimentos ofertados aos alunos, bem como a ofertar alimentos específicos para aqueles alunos com problemas de saúde como diabetes, intolerância a lactose e outros. Melhorar o perfil nutricional dos alunos considerados sobrepeso/obesidade, é uma forma de prevenir doenças como hipertensão arterial, cardiopatias, diabetes, hiperlipidemias, entre outras.

PODER ESCOLAR NO PRÊMIO PROFESSORES DO BRASIL

Patrícia Silveira Zaneti, José Luiz Rodrigues da Cunha e Maria Ivonete da Silva Tessmann
EMEF Irmã Maria Firmina Simon – Canguçu/RS

No ano de 2011 o projeto “Nosso Espaço, Nosso Fazer” foi contemplado pelo MEC no 4º Prêmio Professores do Brasil. O Poder Escolar esteve dentro deste projeto porque, após participarmos, em Pelotas, da décima edição, uma das atividades causou inquietação. Foi quando houve espaços para a Voz de Estudantes, Pais e Professores falarem sobre “a escola que temos e a escola que queremos”. Ficamos pensando: como os alunos da escola responderiam a esta questão? De volta à sala de aula, foi proposto um Seminário aos alunos que, em grupos, deveriam pensar e responder às mesmas questões: que escola temos e que escola queremos?

Este trabalho fez pensarmos em realizar ações na escola e na comunidade, e assim, tornar nosso espaço melhor e provocar a diferença com o nosso fazer. Ainda mais, que, enquanto uma instituição educativa, através de uma política de envolvimento pudéssemos sensibilizar as pessoas para a melhoria do seu local. Freire nos diz que “a alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria” (1996, p.142).

Este trabalho, a pedido da direção e da coordenação da escola foi apresentado numa reunião dos professores. As análises dos alunos foram recebidas a princípio com alguma estranheza por parte de alguns profissionais da educação. É preciso confessar que este estranhamento incomodou e, assim, por mais sutil que as mudanças estejam ocorrendo, os professores já sabem como os alunos gostam das aulas, quando aprendem, em que condições. Foi um trabalho político educacional de grande valia, é

um processo, mas este parar para analisar a escola proporcionou melhorias dentro e fora da sala de aula.

Com base no levantamento da visão dos alunos sobre a escola que temos e a escola que queremos, começamos a analisar quais as possibilidades tínhamos em mãos, o que poderia ser feito com os recursos existentes e aqueles que poderíamos captar. As turmas, de acordo com ano que cursavam, analisaram qual poderia ser a contribuição para o espaço escolar e a comunidade, buscando a capacidade do fazer de cada turma. Em aula, conversando, as turmas escolheram o seu fazer, ficando assim constituído:

6º ano A – Deu início à horta medicinal, ao lado da escola, confeccionaram as placas de identificação, trouxeram mudas de ervas de chá e realizaram o plantio utilizando pneus para delimitar os espaços das plantas.

6º ano B – Construíram lixeiras para espalhar pelo pátio já que foi detectado que não tínhamos lixeiras suficientes, por isso fizeram recipientes para lixo orgânico e seco.

7º ano – Elaboraram um vídeo com base em filmagens feitas na hora do recreio, mostrando as atitudes dos alunos bem como filmaram os alunos arrumando e limpando este mesmo espaço que foi exibido para todas as turmas.

Esta turma também trouxe a ideia de construir um local para a lixeira que seja um espaço divertido, como uma lixeira que seja uma boca de palhaço ou uma cesta de basquete, que oferece aos alunos um atrativo para jogar o lixo e criar o hábito.

8º ano – Organizou, na lateral da escola, um espaço para educação infantil, utilizando pneus e areia.

9º ano – Planejou uma campanha de conscientização com os alunos da educação infantil e séries iniciais, fizeram uma apresentação de peça teatral e criaram panfletos que mostram a importância para melhorar o espaço escolar e a comunidade.

Além das questões práticas, foi realizado um seminário em sala de aula relacionado com o tema geral “Meio Ambiente”. Os alunos assistiram um vídeo na sala de informática seguido de uma reflexão sobre o assunto e escolheram um tema como, por exemplo, desmatamento, poluição, queimadas, enxurradas, lixo, reciclagem, coleta seletiva, entre outros para pesquisar causas e consequências, apresentar aos colegas em forma de seminário e entregar trabalho escrito.

Nesta campanha, os líderes de turma fizeram, no região do entorno da escola, uma distribuição de mudas de flores alertando a comunidade para a importância do plantio de flores para a garantia da biodiversidade e como embelezamento do local e os fatores que influenciam estas questões.

Para continuar as reflexões sobre o meio ambiente, os alunos foram desafiados a pensar uma apresentação para os colegas (de todos os anos) que falasse da conscientização sobre o meio ambiente, impactos ambientais e sustentabilidade. A forma poderia ser teatro, música, poesia ou dança. Esta apresentação ocorreu no Cine Teatro da cidade e foi aberta à comunidade escolar. Foi um momento de aprendizagem não só sobre a questão ambiental, mas também, sobre as relações pessoais, pois exigiu dos alunos o trabalho cooperativo, o desenvolvimento da oralidade, de postura na apresentação e o respeito com o outro – meu colega – durante a apresentação.

Apresentaram-se 22 grupos do 6º ano ao 9º ano do ensino fundamental. Todos os professores contribuíram para o andamento do trabalho auxiliando as turmas na apresentação. Percebeu-se um envolvimento com as mídias, com os recursos áudio-visuais, pois alguns grupos se utilizaram destes materiais para levar sua mensagem sobre o meio-ambiente. Tivemos vídeos, imagens sendo montados por eles captados na internet. Logo, este trabalho, além de buscar o fundamento que era o meio ambiente, oportunizou várias outras aprendizagens e contatos, seja nas dinâmicas de grupo, seja no acesso ao teatro, internet e programas de computador. Enfim, no seu conjunto, a atividade proposta superou as expectativas mostrando a grande teia de envolvimento entre os alunos e com os assuntos trabalhados interdisciplinarmente, valorizando o conhecimento discente.

O projeto NOSSO ESPAÇO, NOSSO FAZER condensou ações empreendidas na escola na perspectiva de reconhecer o que é o nosso espaço, não só geográfico mas, também humano, de como tratamos e o que podemos fazer para cuidar de nosso “eu” e valorizar o espaço escolar e da comunidade com sentimento de pertencimento, pois, ao mesmo tempo que nos pertence e pertence, posso contribuir para sua melhoria, tornando-o um espaço agradável, saudável, harmonioso.

Na caminhada não existe momento fácil, cada momento se renova, se refaz com mais exigência e na consciência do que somos e do que desejamos ser. Somos seres inacabados, portanto, necessitamos estar

conscientes da nossa reconstrução diária. Participar do Poder Escolar e do concurso Prêmio Professores do Brasil é uma oportunidade de mostrar as manifestações de nossos alunos e da comunidade, contribuindo e interagindo para que todos tenham voz e vez, proporcionando visibilidade a uma escola de periferia e do interior do Rio Grande do Sul.

A adolescência é um período da vida cheio de motivações, de energia, que quando canalizada pode tornar-se um caminho de vivência de experiências que servirão de base para toda a vida adulta. Os alunos aprendem quando vivenciam, quando pesquisam, quando criam e recriam, hoje é um desafio constante ao professor fazer de sua aula uma atração, que os discentes estejam conectados com o conteúdo, com a atividade escolar.

A educação precisa estar estreitamente vinculada à realidade, ou seja, vinculada a uma cultura que se produz por meio de relações mediadas pelo trabalho, investindo em uma interpretação e compreensão complexas e politizadoras da realidade, que possibilitem a construção de conhecimentos potencializadores da transformação dos problemas socioambientais, atenta às diferenças do ambiente natural, históricas e culturais. Contribui, assim para a formação de sujeitos responsáveis, capazes de identificar, analisar, compreender e resolver problemas, capazes de cooperar e, acima de tudo, portadores de um comportamento ético.

Um dos grandes desafios da educação é contribuir para recriar os vínculos de pertencimento dos sujeitos, para que estes se reconheçam como integrantes de uma comunidade e reconstruam a sua identidade com o local em que vivem. No momento em que os sujeitos sentem-se pertencentes a um determinado território possuem sentimentos que lhes possibilitam comprometerem-se com a realidade respeitando suas potencialidades e seus limites. O diálogo com Freire reforça diariamente a prática do diálogo com os educandos e com a comunidade, e como diz o autor “Educar exige a convicção de que a mudança é possível” (1996, p.76).

REFERÊNCIA

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

AS ATIVIDADES COMPLEMENTARES COMO MEIO DE FORMAÇÃO INTEGRAL NA EJA NA ESCOLA JOÃO DA SILVA SILVEIRA, MONTE BONITO, PELOTAS, RS

Regina Célia Rodrigues Batista e Lucélia Sias Pereira
EMEF João da Silva Silveira – Pelotas/RS

O projeto de EJA na nossa escola começou em 2002 e, originalmente, parte da carga horária dos alunos era dedicada à formação profissional e era oferecida por meio de convênios estabelecidos pela Secretaria Municipal de Educação com instituições que proporcionavam os cursos com certificação. O CEFET, atual IFSUL, oferecia os cursos de computação, mecânica, obras e marcenaria. O Instituto Agrotécnico Visconde da Graça oferecia cursos de embutidos, panificação e outros. Com a interrupção destes convênios os alunos deixaram de receber este tipo de formação, passando a ter atividades à distância que correspondiam a 20% da carga horária prevista em lei. A partir de 2009, na tentativa de retomar a formação integral, nossa escola organizou momentos de formação por meio de cursos, oficinas e seminários oferecidos pela própria escola para complementar a educação formal e ampliar a compreensão do aluno sobre a realidade e, ao mesmo tempo, despertar seu interesse. As Atividades complementares são oferecidas aos alunos nas quartas-feiras, enquanto os professores das turmas estão em reunião de formação. Até o momento, a escola já ofereceu: a) Formação em tecnologias da informática, proporcionando conhecimentos básicos de informática como digitação e formação de textos, tratamento de imagens, elaboração de apresentações digitais e uso de planilhas de cálculos no computador, sob a responsabilidade da Professora Maria Angélica Aroucha; b) Formação em dança e conhecimento do corpo que visa proporcionar aos alunos conhecimento sobre o próprio corpo e orientações sobre postura, movimentos, espaço e manutenção da saúde numa ótica social, buscando auxiliar os alunos na relação com outras pessoas nos diversos ambientes que frequentam, dando ênfase ao ambiente de trabalho, sob a responsabilidade da Professora Rita Gomes; c) Formação em Direitos Humanos que proporciona orientações aos alunos sobre os direitos e deveres da vida em sociedade, desenvolvendo a cultura da paz, da solidariedade, do respeito e do compromisso de todos com uma sociedade melhor, de responsabilidade da professora Maria Venilda Lopes; d) Formação em LIBRAS que oferece conhecimento de LIBRAS para facilitar a comunicação dos alunos com os colegas surdos, de

responsabilidade do professor de LIBRAS; e) Formação para o associativismo e para a economia solidária, tem como objetivo contribuir para a criação de um núcleo de trabalho popular para os alunos da EJA e da comunidade escolar, como forma de fortalecer os vínculos e desenvolver o senso de coletividade entre os alunos envolvidos, buscando sempre os ideais e os preceitos de uma escola cidadã conforme previsto no Projeto Pedagógico, e também fortalecer a cultura de paz no ambiente escolar, sob a responsabilidade da professora Camila Goulart de Campos.

Os cursos são oferecidos a todos os alunos em forma de rodízio, ou seja, quando um grupo de alunos conclui um curso ele passa para o outro, devendo frequentar todos os cursos durante o ano letivo. Os Seminários de formação ocorrem durante o ano letivo com a participação de professores, alunos e equipe diretiva e são planejados pelos professores durante as reuniões de quarta-feira com base em consultas feitas com alunos para conhecer seus interesses e expectativas. Então são definidos os temas de maior interesse para serem desenvolvidos em sala de aula, pelos professores, durante o trimestre. Ao final, é realizado um Seminário com a apresentação do trabalho desenvolvido e as conclusões. Nos seminários já foram abordados os seguintes temas: Seminário Educação para a Paz; Seminário das Profissões; Seminário de Debates sobre Cidadania; Seminário Escritores da Liberdade e Seminário Semana da Consciência Negra. As Oficinas de formação são atividades desenvolvidas também nas quartas-feiras, tendo por objetivo ensinar aos alunos uma atividade que poderá ser transformada em fonte de renda alternativa. As oficinas são planejadas e ministradas pelos próprios professores da EJA e por voluntários da comunidade e ocorrem a cada dois meses.

**FORMAÇÃO PERMANENTE: DOS SUJEITOS ÀS AÇÕES...
A EQUIPE DIRETIVA ASSUMINDO PAPEIS**

Rogéria Novo da Silva e Márcia Souza da Rosa
EMEF Machado de Assis – Pelotas/RS

Apresentar a experiência de promoção do espaço/tempo de formação permanente na escola, como iniciativa da equipe diretiva, pode soar como discurso produzido a partir do reconhecimento de que os professores aprendem com seu próprio fazer, mas que corre o risco de esvaziar-se na falta de intencionalidade e diretividade pedagógica. As reflexões aqui

apresentadas correspondem ao trabalho desenvolvido pela equipe diretiva da EMEF Machado de Assis e apontam um conjunto de indicadores dos temas que se colocam como objeto de aprendizagem do professor, que se relaciona diretamente com a aprendizagem do aluno, estabelecendo-se num outro movimento epistemológico.

A partir do reconhecimento de uma demanda concreta de formação permanente, construímos indicadores que permeiam o plano pedagógico da equipe diretiva neste sentido, envolvendo: a) organização do plano trimestral a partir das reais necessidades de aprendizagem da turma, o que demanda um processo de avaliação diagnóstica do conhecimento já adquirido pelo aluno, de pesquisa da realidade do entorno escolar e uma relação com as necessidades concretas dos alunos e da comunidade escolar; b) intervenção e mediação pedagógica condizente com as necessidades individuais dos alunos, o que demanda uma avaliação processual e pormenorizada, bem como registro sistemático das necessidades e dos avanços; c) conhecimento dos temas a serem tratados de forma que possibilite ao professor identificar nas relações cotidianas os conhecimentos de que trata na sala de aula a fim de significá-los; d) utilização de diferentes linguagens para promover a aprendizagem dos alunos, considerando que os mesmos aprendem de formas variadas; e) investigação dos diferentes elementos que podem interferir na aprendizagem dos alunos a partir da sua própria criação; f) organização do espaço/tempo das atividades que planeja e executa como forma de potencializar as oportunidades de aprendizagem. Trazer estes temas ao centro das discussões sistemáticas dos professores se insere num movimento constante de formação permanente e assim, ao mesmo tempo em que promovemos tais processos, potencializamos o grupo pessoal e profissionalmente.

Organizar-se a partir destes indicadores nos impõe enfrentar limites que muitas vezes também são nossos e que estão inscritos num movimento de triangulação praxiológica (FORMOSINHO, 2008, p.28), que envolve as práticas fecundadas nas teorias e nos valores, superando a ideia do “poder do destino ou da sina ou do fado – potências irremovíveis- ou a uma distorcida visão de Deus” (FREIRE, 2005, p.55), atribuindo ao movimento de formação as dimensões éticas, políticas, filosóficas e pedagógicas da docência. Sabemos que ainda temos muito a caminhar, mas já sabemos que devemos dar um passo de cada vez e que assim estamos caminhando... usando pontes... removendo as pedras e os pedregulhos...

Resumos

FEIRA DO LIVRO ESCOLAR

Adriane Cony, Edilene Silveira Maasz e Marilene Rickes

EEEF Vicente Di Tolla – São Lourenço do Sul/RS

O presente trabalho tem como objetivos: incentivar o hábito de ler e escrever através de oficinas e palestras, o gosto pela leitura e escrita a fim de que o aluno desenvolva-se social e culturalmente; provocar a imaginação e o interesse do educando, através da contação de histórias e peças teatrais; oportunizar a escola e a comunidade, um maior contato com a literatura, popularizando o livro. A Feira do Livro da Escola Estadual de Ensino Fundamental Vicente Di Tolla, é um evento especial e acontece em outubro, bianualmente. A realização dessa feira surgiu da necessidade de criar ambientes favoráveis e situações para a leitura, incentivar a curiosidade, a imaginação e a criatividade, descobrindo no livro o prazer em ouvir histórias, contribuindo, assim, para a formação de leitores e escritores dos livros. Como nossos alunos têm pouco acesso aos livros, precisávamos facilitar o acesso e a circulação dos mesmos no ambiente escolar. Até a culminância, inúmeras atividades são desenvolvidas na Escola: oficinas de poesia, de prosa e verso, de contação de histórias, de temas relevantes e do cotidiano. Para divulgação da feira, convidamos toda a comunidade educativa, pais e encarregados de educação a assistirem as atividades que ocorrem durante este evento, que acontece no pátio da escola. Na ocasião, são expostos os trabalhos e livros confeccionados pelos estudantes ao longo do ano. É uma prática pedagógica que foge das paredes da escola e que deu certo, pois está em sua 3ª edição e, a cada ano que passa, mais alunos se envolvem. A Feira do Livro Escolar significa a democratização do livro e da leitura no ambiente da escola; a programação planejada multiplica-se no que se refere à promoção da leitura como fonte de prazer, conhecimento e conquista da cidadania. O número de trabalhos, bem como a qualidade e organização dos mesmos, surpreende a cada edição. Em 2011, uma aluna da 8ª série, lançou seu próprio livro: o romance “A menina que amava”. Percebe-se um crescimento gradativo do evento, tanto em termos de participação quanto de organização. Avalia-se o sucesso de uma escola pela sua capacidade de promover hábitos de leitura e escrita entre os alunos. Há o envolvimento de professores, funcionários, alunos e pais, além das pessoas da comunidade escolar, no espaço que se oferece, com a divulgação e conhecimento de trabalhos de autores/artistas.

DE CIDADES IMAGINÁRIAS E MATEMÁTICAS SUBJACENTES

Adriani Felix e Rafael Montoito

IF-Sul – Pelotas/RS

Cidades, há várias. Viajar, quem não gosta? Viajar por cidades reais ou imaginárias é uma opção igualmente aprazível. Se são imaginárias, não é preciso se levar muita coisa e pode-se bancar o mochileiro com pouca grana. Além disso, já que a moeda é o pensamento, sempre se tem a opção de dormir no melhor hotel, comer no melhor restaurante, ir às melhores festas. Viajar por cidades imaginárias numa aula de matemática é possível, desde que na mochila do viajante haja disposição para fazer contas, pesquisas, ler mapas, pedir informações, optar por uma rua e depois voltar no sentido inverso se o caminho escolhido foi constatado não ser o melhor. Com estas ideias em mente é que propusemos, à uma turma de Edificações do Quarto Semestre, o roteiro “Construindo e Gerenciando uma Cidade” que daria, a cada grupo de alunos, a oportunidade de viajar por cidades ainda desconhecidas, cidades únicas no mundo, e também gerenciá-las em sua subsistência e funcionamento. Cidades, em suma, criadas por eles mesmos. Partindo de cidades conhecidas que serviriam de bases documentais para a pesquisa, nossos viajantes tinham a opção de comprar apenas um bilhete de viagem, escolhendo entre os destinos: Cidade Medieval, Cidade Balneário, Capital Administrativa, Cento Cultural, Cidade Universitária, Vila Esportiva e Cidade Futurista. Seus destinos de viajantes deveriam, posteriormente, ser partilhados com os demais amigos mochileiros, relatando os pontos principais da cidade que conheceram, o traçado das suas ruas, sua história etc. Para contar aos demais sobre suas viagens, cada grupo trouxe um mapa da cidade, uma planta em vista superior feita em algum programa de computador ou jogo de construção de cidades. Os mapas foram de fácil compreensão, pois os mochileiros eram do curso de Edificações e estavam acostumados à leitura de plantas e vistas parciais. E das mochilas saíram ideias matemáticas, além dos sanduíches e águas básicos para a sobrevivência, com sabores de escalas, proporções, medidas de comprimento: ideias para pensar as cidades visitadas com olhos na geometria analítica, no cálculo de áreas e perímetros, na descrição estatística de dados. As narrativas das viagens motivaram os alunos, pois partilharam saberes que aglutinavam matemática e conhecimentos do Curso de Edificações. E, nestas viagens, compreenderam que a matemática se faz

presente no traçado das ruas, na distribuição das malhas, na construção dos prédios, na gestão das cidades... Viagens convertem-se em experiências transformadoras e cumulativas. E sempre se pode partir para uma outra cidade ou visitar os pontos favoritos das cidades já conhecidas, dirigindo-lhes outros olhares matemáticos.

PROJETO: CRESCENDO COM A COMUNIDADE

Alzirani Agostinho Fraga
EMEF São Miguel – Cerrito/RS

O trabalho teve como objetivo levar os educandos a conhecer melhor o lugar onde residem e também onde esta localizada a escola que frequentam, pois após constatações pela professora de geografia, os alunos demonstraram saber muito pouco sobre o Bairro Arco Iris. A professora subentende que os educandos devem saber e conhecer a geografia e a história do Estado, País e do Mundo, mas que este aprendizado deve partir primeiramente do espaço onde vivem. Após apresentação da proposta de trabalho a todas as turmas, foi feito um concurso entre os alunos para escolha do nome do projeto, o mais votado foi o nome sugerido por um aluno da 7ª série “Crescendo Com Comunidade”. No segundo momento, a professora com a turma da 5ª série realizou uma saída de campo quando foi feito o mapeamento do bairro em rascunhos pelos alunos, e em sala de aula foi desenhado um mapa contendo os contornos, becos e ruas com seus referidos nomes. Em outras saídas de campo foi realizada pela professora e alunos, entrevistas em todas as residências do bairro, onde se pesquisou a faixa etária, a escolaridade e o gênero de cada morador, e todos os dados coletados foram transformados em tabelas e em gráficos em sala de aula. Também foi realizada visita à Câmara de Vereadores, onde se procurou saber o histórico de cada pessoa que teve o seu nome colocado nas ruas do bairro. As turmas visitaram a secretaria de obras onde lhes foi entregue o mapa oficial do Bairro Arco Íris e os projetos de lei que autorizaram o nome de cada rua; foi também visitadas a Secretaria de Assistência Social do município de Cerrito e também o PIM (Primeira Infância Melhor), para se saber quantas famílias do bairro são assistidas por esses programas. Todas as informações coletadas também foram cobradas em trabalhos avaliativos durante o período de desenvolvimento do projeto. A partir deste trabalho os educandos envolvidos, ficaram mais cientes de suas responsabilidades junto a comunidade onde

vivem e também passaram a conhecê-la melhor em todos os seus aspectos. Foi entregue um polígrafo com todos os resultados coletados para a escola, Prefeitura e Secretaria de Educação de Cerrito. O trabalho proposto foi considerado muito satisfatório, pois envolveu de forma harmônica a comunidade escolar, os moradores do bairro e também muitas autoridades municipais.

APRENDIZAGEM E INCLUSÃO ATRAVÉS DO BRINCAR

Ana Beatriz dos Santos Pintado, Márcia Leal Vieira e Teresa Cleneci Bandeira
EMEI Regina Maria Duarte Alves – Cerrito/RS

O objetivo de trabalharmos com projetos pedagógicos na educação infantil é fortalecer atitudes dentro do processo ensino/aprendizagem, envolvendo a comunidade escolar para estabelecer vínculos com a escola numa perspectiva de valorização dessa etapa de ensino. Ao abordarmos o tema “brincar” é pertinente ressaltar que a proposta não é usar o “brincar” pelo “brincar”, mas as brincadeiras como facilitadoras de aprendizagem tendo essas uma sistematização com propostas que facilitem o desenvolvimento e o despertar para práticas das mais simples do cotidiano até as mais complexas, criando assim subsídios para os envolvidos buscarem novas descobertas. Essas brincadeiras são planejadas em reunião com a comunidade escolar, tendo como finalidade de explorar competências / habilidades do grupo e propiciar momentos de inclusão dentro da escola. Toda escola é um espaço possibilidades na prática educativa, ao referir-se a educação infantil é importante que pensemos essa etapa, como umas das primeiras fora de seu ciclo familiar, portanto antes de tudo o educador deve estar atento quanto a necessidade de constituir laços com a família. A escola tem que estar aberta para esta acolhida buscando estratégias de fortalecimento dos laços afetivos isso vai gerar segurança e confiabilidade entre ambos. A proposta da instituição deve ter clareza no Projeto Político Pedagógico, a filosofia da escola deve abordar subsídios que contribua para cidadania. Procurando gerar ações com clareza em conjunto, organizando tempo e espaço para participação de atividades extras-classes. **Resultados:** Esse trabalho proporciona momentos de reflexão e avaliação no grupo. Onde os registros são realizados em ata sendo possível planejar novas atividades, reorganizar outras, avaliar o que foi significativo, traçar metas dentro do processo. Destacamos como positivo o reconhecimento do instituto faça

parte com o selo escola solidária 2011, interação da comunidade dentro da escola, a colaboração do CPM o apoio e reconhecimento pelo trabalho desenvolvido e o desenvolvimento e aprendizagem dos educandos.

TEMPO DE CRIATIVIDADE

Ana Lúcia Pinto de Almeida, Magda Santos, José Francisco Durán, Maritza Flores,
Cristiane Medeiros e Patrícia Fassbender Wille
EMEM Colégio Municipal Pelotense – Pelotas/RS

Com o objetivo de relacionar de maneira mais intensa teoria e prática e proporcionar um momento de exploração da criatividade elaboramos o projeto Tempo de Criatividade, que envolveu seis eixos do curso normal habilitação em educação infantil. Partindo das necessidades elencadas pelas alunas em sala de aula – segundo ano do curso Normal Hab. Educação Infantil – tais como: escrita de projetos, atividades para estágio, utilização de materiais recicláveis, entre outros, partindo do livro (disponibilizado em ppt e pdf para as alunas) “O homem que amava caixas”, fizemos uma explanação do trabalho a ser desenvolvido, conversamos sobre os objetivos a serem alcançados pelo grande grupo e iniciamos com uma vivência de grupo sobre as brincadeiras infantis. Além das caixas de diversos tamanhos e formas, utilizou-se também: cordão, lã, papel colorido, tinta, cola, cola quente, tesouras, canetinhas, data show e material para realizar anotações. A segunda etapa foi a divisão da turma em pequenos grupos de trabalho, o sorteio da temática a ser desenvolvida – dentro dos eixos propostos – discutimos e realizamos a preparação para a escolha adequada do material pelo grupo. Apresentamos a necessidade de um esboço da ideia de trabalho onde apareça a ação e a intenção do grupo. Nessa etapa, o grupo realizou e apresentou uma brincadeira sem transformar as caixas, brincando com as mesmas conforme estavam no momento da escolha do material. O terceiro momento foi a construção dos materiais, o que levou um tempo, pois o objetivo precisou estar adequado à utilização pelas crianças com a abordagem dos elementos trazidos pelo grupo, a cargo do professor responsável. A etapa final foi colocar à prova os materiais construídos. Para isso chamamos as crianças de diferentes idades que compareceram ao auditório externo do Colégio Municipal Pelotense, esperadas com lanche e convidadas a explorar os diferentes cantos e os materiais dos diversos grupos. Tivemos por intenção fortalecer a identidade do profissional da

educação infantil e constatar os limites das aprendizagens nos diferentes eixos. O projeto durou um mês, envolveu os professores em suas salas de aula, mobilizou o curso como um todo – uma vez que foi realizado com a turma de segundo ano – recebendo o auxílio das turmas de primeiro ano para o pleno desenvolvimento. A finalização do trabalho pediu, também, um trabalho escrito, para que a reflexão teórica não se perca com a descrição da experiência abordando aspectos positivos e negativos, relato do que foi realizado, eixo e objetivos, avaliação do interesse das crianças convidadas a partir da observação do laboratório.

**REDES SOCIAIS NA EDUCAÇÃO:
APRENDIZAGEM COLABORATIVA NO ENSINO DE MATEMÁTICA**

Ana Maria Simões Netto Costa
EEEB Osmar da Rocha Grafulha – Pelotas/RS

O presente trabalho tem como objetivo utilizar a rede social Twitter como Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC) no processo ensino-aprendizagem de Matemática nas turmas de 1ª série do Ensino Médio da EEEB Osmar da Rocha Grafulha, com o intuito de tornar a aprendizagem mais significativa para o aluno. Foi desenvolvido em cinco turmas de 1ª série do Ensino Médio da EEEB. Osmar da Rocha Grafulha no terceiro trimestre de 2011. O projeto valeu-se da pesquisa acerca da História da Matemática presente nos conteúdos que foram estudados ao longo do ano letivo e do uso da Rede Social Twitter como ferramenta no processo de construção colaborativa de conhecimento. A escolha do tema História da Matemática, procurou responder os, muitos questionamentos sobre o porquê de se aprender determinados conceitos, qual a relação entre os conteúdos aprendidos em aula e as situações práticas do dia a dia, bem como a curiosidades sobre como se chegou aos modelos matemáticos utilizados nos conteúdos aprendidos em aula. A Rede Social escolhida para as discussões dos materiais da pesquisa foi o Twitter. A opção por rede social se deu por sua popularidade entre os alunos; por caracterizar-se como uma via de comunicação rápida e eficaz; por utilizar para a comunicação, em sua interface, um número consideravelmente pequeno de caracteres, o que obriga postagens objetivas por parte dos alunos; por poder ser acessada com facilidade, inclusive através de aparelhos celulares conectáveis à Rede. Para as discussões, também foram reservados alguns encontros presenciais

julgados necessários para as observações acerca de materiais obtidos de fontes que não a Web. Em todas as turmas os alunos estavam organizados em cinco grupos, totalizando vinte e cinco grupos de trabalho. A opção por esse tipo de organização está vinculada à teoria de Vygotsky que defende que o processo de desenvolvimento do pensamento assume uma direção que vai do social para o individual (MOYSÉS, 1997, p.27). Sendo assim, acredita-se que o trabalho em grupo, mediado pela pesquisa e pela utilização da Rede Social, tende a reforçar conceitos e ampliar conhecimento. A pesquisa além de caracterizar mediação, também é metodologia, pois no processo de pesquisa “o aluno deixa de ser objeto de ensino, para tornar-se parceiro de trabalho” (PEDRO DEMO, 2000, p.2), que implica, consciência crítica, questionamento reconstrutivo, sujeito ativo, participativo, produtivo. Os alunos foram unânimes em afirmar que ela, além de motivadora, também os levou a compreender a origem dos conceitos presentes nos conteúdos aprendidos durante o ano letivo. Comentaram, ainda, que aprenderam mais através da pesquisa, mas que não é possível dispensar o auxílio da professora. Pode-se inferir que a pesquisa como mediadora no processo ensino-aprendizagem, além de ter uma boa aceitação entre os alunos, proporciona a ampliação dos conhecimentos já existentes e promove a evolução do aprendizado. Já acerca da utilização da Rede Social, é necessário uma investigação prévia sobre qual é a Rede mais aceita entre os alunos partindo-se do princípio de que a interatividade entre o aluno e a Rede é indispensável para que sua utilização medeie a pesquisa.

PROJETO LEITURA ATIVA 2012

Ana Paula Corrêa Kohls e Rosângela Kuhn da Silva
EMEF Ulisses Guastucci – Cerrito/RS

O Projeto Leitura Ativa tem como objetivo organizar a Biblioteca Escolar para o seu funcionamento contínuo e para todos. Os alunos confeccionarão uma pasta com o logotipo da Escola e uma planilha contendo o resumo dos livros lidos por eles e também uma pesquisa com as pessoas que “ouviram” o relato dos mesmos, neste mesmo projeto a bibliotecária auxiliou os demais professores na ornamentação das salas de aula para um ambiente mais acolhedor e todas as salas contendo a caixinha da leitura, além do Grupo Gravata com as professoras Ana Paula Corrêa Kohls e Rosângela Kuhn da Silva estimularam os alunos ao teatro e para escreverem paródias com os

clássicos infantis. A Escola, juntamente com a Comunidade, no dia do desafio, fez uma gincana para a coleta de livros a serem colocados nos pontos estratégicos escolhidos pelos alunos, tais como: pontos de ônibus, hospitais, praças e etc. Incluindo ainda intercâmbio entre Londres e a Escola Ulisses Guastucci, cujo contato foi feito com a Diretora Marlene de Moura Dias e as Professoras do Teatro.

**PROJETO SEMEADORES DA ESPERANÇA –
PRESERVAR O QUE DEUS NOS DEU PARA AMAR**

Ana Paula Corrêa Kohls, Rosângela Kuhn da Silva, Nedi Carlos Huckembeck dos Santos,
Marcia Luciana Farias e Ely Mari Perin Wille
EMEF Ulisses Guimarães – Cerrito/RS

O Projeto *Semeadores da Esperança* teve como principal objetivo aproximar as pessoas de algo em que possam acreditar, não importando o credo ou etnia e sim estimular a fé pelo ouvir. As professoras utilizaram seus conhecimentos no Curso de Ensino Religioso do CONER, em Cerrito. Os alunos foram estimulados a trabalharem a Bíblia de maneira simples e na sua linguagem, através de teatro, música, paródias com as músicas atuais e modernas, apresentações em outras cidades e para a Comunidade. Foram estimulados a reproduzirem histórias Bíblicas, confecção de livros infantis para as séries iniciais, além de confeccionarem sacolas ecológicas, cujo tema foi defendido pelos estudantes, fizeram também um esboço do cartaz sobre o Meio Ambiente em que foi feito logo após um Banner. Tivemos a participação intensa de toda a Comunidade Escolar, entre eles citamos Jordana de Moura Dias, Vinicius Perin Wille e Beatriz da Rosa Pereira, não podemos deixar de citar o apoio total da Diretora Marlene de Moura Dias e da Diretora de Educação Noeli Peter Martins, que fizeram da Escola Ulisses Guastucci o principal eixo para concretização do Projeto.

A ESCOLA E A LEITURA LITERÁRIA

Ana Paula Goulart Bonat e Cristina Maria Rosa
EEEF Dr Armando Fagundes – Pelotas/RS

Neste trabalho apresentamos resultados parciais da intervenção realizada em uma escola de ensino fundamental da periferia urbana de Pelotas a partir dos resultados da pesquisa “Leituras na Escola: Quais os títulos, autores e

gêneros mais lidos?”. A investigação aconteceu em 2011 e a intenção foi conhecer com que frequência os professores liam para as crianças, quais seus autores e textos prediletos. A intervenção – oficinas dialogadas – partiu da necessidade de publicizar os resultados encontrados durante o período de coleta dos dados. O objetivo foi oferecer um retorno tanto em procedimentos como em títulos e autores a serem adotados para que se efetivasse um projeto de leitura literária na escola. O principal procedimento de intervenção foram oficinas dialogadas, que tiveram como eixo a metodologia de leitura, ou seja, a compreensão e explicitação de como, quando e com que frequência os professores entrevistados liam e/ou deveriam ler para as crianças além dos títulos, gêneros e autores mais adequados às faixas etárias que se encontram em cada um dos anos escolares. A ênfase foi dada à leitura literária e a literatura brasileira. Diante dos dados coletados foi possível perceber que raramente os professores preparam os eventos de leitura para suas crianças e utilizam leituras diversas indiscriminadamente. Muitos mencionaram que se utilizam de reportagens de jornais, receitas, fragmentos da Bíblia e o preparo antecipado e refletido sobre como utilizar o texto do livro procurando um autor e/ou texto que possibilitaria um melhor aproveitamento em sala de aula, não acontece. Outro resultado apresentado foi a pouca necessidade que os professores demonstraram em registrar os eventos de leitura (o que leram, quando, com que frequência). Muitos relataram que o registro do que fazem em sala de aula fica esquecido, só na oralidade. Outros indicaram que o ato da leitura feita pelo professor para as crianças ocorre com mais frequência nos primeiros anos escolares sendo substituída rapidamente pela leitura em voz baixa, assim que os meninos e meninas aprendem a ler. Entendem também que a leitura tem que ocorrer posteriormente ao período da alfabetização pelos alunos em seus livros didáticos e não pelo professor. Um dos resultados mais interessantes que percebemos foi a intensa participação de todos que ali estavam. Os professores conversaram e trocaram informações além de complementar aquelas já oferecidas quando das entrevistas. A participação foi de todos os professores dos primeiros anos e da administração da escola, indicando o respeito e a troca de saberes tão necessários em projetos dessa natureza. Como conclusão podemos afirmar que as trocas oportunizadas durante a intervenção indicam que conhecer as atitudes dos professores pode oferecer pistas para que compreendamos o trabalho que lá se realiza. Acreditamos que é preciso partilhar com a escola os resultados de qualquer investigação além de oferecer procedimentos de atuação no campo literário.

**LIXO! PODE SE TORNAR APOIO PEDAGÓGICO:
REFLEXÃO MEDIADA PELO USO PLENO DAS TECNOLOGIAS**

Andréia Caetano Araújo, Eduardo Garralaga Melgar Junior e Lutiele Botelho Cardoso
EMEI Edgar Dutra Lisboa – Arroio Grande/RS

O projeto foi desenvolvido na turma de Educação Infantil, com crianças de quatro a cinco anos de idade, da Escola de Educação Infantil Edgar Dutra Lisboa na cidade de Arroio Grande. Por estarmos vivendo momentos em que o meio ambiente esta sendo prejudicado por diversos fatores, no qual a todo instante urge por transformações que modifiquem a realidade atual, resolvemos desenvolver um projeto integrado às mídias, pois a educação tem um papel crucial no auxílio de um trabalho voltado à preservação do meio ambiente. O objetivo principal desse projeto foi conhecer a importância da reciclagem e o cuidado com o meio ambiente no contexto escolar e comunitário com apoio pedagógico mediada pelo uso pleno das tecnologias. As mídias tiveram papel importantíssimo para que conseguíssemos levar aos nossos alunos a importância do meio ambiente, para além dos processos que acontecem no bairro e na escola. Através de vídeos, captura de imagens foi possível trazer para a sala de aula interações que encantaram nossos infantes. Desse modo trabalhamos o meio ambiente com exemplos reais da comunidade inserida e com atos que envolveram a própria escola. As crianças tiram fotos dos lugares sujos e mal cuidados de sua comunidade, compararam com o que é correto e o que é errado, construíram brinquedos de sucata, assistiram filme sobre o lixo, realizaram uma caminhada com panfletagem para as pessoas do bairro sobre os cuidados com o meio ambiente e para finalizar o projeto foi realizada uma exposição para a comunidade das fotos retiradas pelos próprios alunos e dos trabalhos realizados durante o projeto. As tecnologias desencadearam neste projeto todo o nosso processo pedagógico, foi através da exploração dos meios multimídias que desenvolvemos a consciência ambiental, problematizando através da ludicidade mediada pelas tecnologias, que conseguimos tornar esta temática o mais prazerosa para nossas crianças. Os alunos no decorrer do projeto se mostraram integrados com a causa, participaram ativamente das atividades e demonstravam prazer em realizar o que era proposto. Era possível perceber a evolução da consciência social, pois quando algum colega jogava lixo no chão outro colega já o questionava sobre a atitude errada, bem como eles mesmos comentavam sobre os hábitos que estava

mudando em casa, teve um menino que chegou a comentar que viu uma garrafa na rua e pegou e jogou na lata do lixo. Foi muito gratificante perceber que a aprendizagem tinha sido significativa para a turma e para a comunidade.

RECREIO ORIENTADO:

INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA REALIZADA POR BOLSISTAS DO PIBID-PEDAGOGIA

Andressa Bilhalva Rodrigues Bartz e Graciele Silva do Amaral
EMEF Ministro Fernando Osorio – Pelotas/RS

Realizamos práticas de recreio orientado em uma escola municipal cujo objetivo primordial foi o de encontrar subsídios que comprovassem a relação entre: recreio, brincadeira e aprendizagem, além de estimular o envolvimento dos alunos com atividades lúdicas, através das quais, eles conseguissem aprender brincando. A realização desse projeto faz parte do subprojeto do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas, que incorpora o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID/Humanidades. Após alguns dias de observação e análise de fatos e falas das crianças, dos professores e da monitora responsável pela recreação, constatamos que a criação de um projeto voltado para o recreio das crianças seria bem querido na escola, pois o recreio convencional das classes de alfabetização (1º e 2º ano/manhã) era bastante tumultuado. Após alguns estudos e reuniões de planejamento começamos a montar o projeto. Acreditávamos que seria importante propor às crianças um modo diferenciado de brincar, que valorizasse e resgatasse brincadeiras tradicionais, pois as mesmas, além de serem lúdicas, ajudam os alunos a desenvolverem a socialização em termos individuais e/ou coletivos. O ato de brincar possibilita às crianças momentos de reflexão e de construção de conhecimentos sobre si mesmo, sobre os outros e sobre a sociedade como um todo. Sendo assim, selecionamos as seguintes atividades: brincadeiras de corda, ioiô, bilboquê, bolinha de gude, amarelinha, bambolê, boliche, vai e vem, pega-pega, cinco Marias e jogos com bola. Depois da realização de todas essas brincadeiras, resolvemos realizar uma pesquisa junto aos alunos com o objetivo de sistematizar e, descobrir de forma concreta, se realmente esse recreio dirigido tinha trazido benefícios a eles ou se tinha sido apenas mais uma prática sem contribuições significativas. Logo, entrevistamos 27 crianças (14 de uma turma e 13 de outra). A metodologia que utilizamos para

a coleta dos depoimentos dos discentes foi a realização de pequenas entrevistas, através de conversas informais. Por meio da análise dos dados coletados constatamos alguns resultados positivos, dentre eles, o contentamento dos alunos, a sensação de acolhimento, o respeito de uns pelos outros nos momentos das brincadeiras, o aumento da autoestima, a diminuição da timidez etc. Além disso, os alunos conseguiram interagir uns com os outros, promovendo uma troca de conhecimentos, gerando, gradativamente, um avanço nos seus processos de aprendizagem sem, no entanto, precisarem se afastar do prazer da ludicidade. Logo, esta experiência foi bastante proveitosa porque, assim como as crianças, as professoras das turmas envolvidas também aprovaram esse trabalho e mostraram-se propensas a dar continuidade ao mesmo.

**ARTES VISUAIS E TECNOLOGIA:
PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM COM POWERPOINT NA SALA DE AULA**

Ângela Balzano Neves
EMEF Dr. Berchon – Pelotas/RS

Neste texto relato a experiência de ensino realizada no ano de 2011 na disciplina de Artes Visuais com a 6ª série do ensino fundamental da escola municipal da zona rural Dr. Berchon. Com o objetivo de ensinar conteúdos como: linha, ritmo, sobreposição, variação de dimensão, composição formal, forma tridimensional e cor, elaborei um projeto de trabalho, que durasse todo o ano. Cada aluno escolheu uma figura coletada em revistas, representando-a graficamente, atentando para os conteúdos propostos. No conteúdo sobre forma tridimensional os alunos desenvolveram construções a partir da figura escolhida. Selecionei DVDs de dois artistas que trabalhavam com formas tridimensionais, Mestre Vitalino e Shoko Suzuki, para que os estudantes conhecessem a arte da cerâmica, a vida e a obra dos artistas e entendessem a proposta de construção de seu objeto. Cada estudante construiu o objeto tridimensional utilizando materiais diferentes, como: argila, sucata, arame, tecido, dentre outros. Depois que os objetos estavam prontos, propus para os alunos que fizessem uma montagem com os trabalhos do grupo num espaço determinado, na sala de aula. Os alunos agregaram elementos da natureza à montagem e após, chamaram as turmas da escola para apreciarem suas criações. Para finalizar o processo, propus que fizessem um Power point do trabalho realizado durante o ano, estendendo as aulas de Artes Visuais para

a sala de informática da escola. A turma imediatamente aceitou o desafio, demonstrando entusiasmo pela atividade sugerida. Os estudantes levaram para a escola máquinas fotográficas digitais, celulares com câmara fotográfica, para fotografarem seus trabalhos, produzindo material que constituiria seu Power point. Por meio deste trabalho, os alunos que tinham experiência sobre informática avançaram em seu conhecimento, pois com o auxílio do professor responsável pelo projeto de informática da escola, foi possível aprender novas técnicas para elaboração do Power point. Os alunos mais experientes ajudaram seus colegas menos experientes, trabalhando a colaboração entre pares. Compreendi a importância da presença do professor do projeto e dos colegas mais experientes na realização da atividade, sem os quais não teria sido possível a conclusão do trabalho. Após a produção dos Power point, os alunos apresentaram seus trabalhos para a turma por meio do datashow recentemente adquirido pela escola, contribuindo para que a experiência fosse visualizada por todos. Para os alunos foi uma experiência nova, pois aprenderam a fazer a diagramação de cada página do Powerpoint, utilizando os recursos próprios do programa. Percebi motivação nos alunos na aprendizagem dos conteúdos propostos em Artes Visuais, indicando a importância do uso da tecnologia nas atividades escolares.

ENCONTRO COM O ARTISTA
APRENDIZAGENS EM ARTES VISUAIS NA ESCOLA E NA UNIVERSIDADE

Ângela Balzano Neves
EMEF Santa Teresinha – Pelotas/RS

No ano de 2011, trabalhei na disciplina de Artes Visuais o conteúdo de História da Arte, com alunos da 6ª série da EMEF Santa Teresinha. Propus aos estudantes que construíssem um objeto tridimensional a partir de figuras selecionadas em revistas. Os alunos escolheram objetos como: sapato, chapéu, barco, colar etc. A partir desta situação busquei artistas que utilizam estes objetos em suas obras. Selecionei imagens para que os alunos conhecessem e apreciassem a produção artística e cultural de Arthur Bispo do Rosário, Shoko Suzuki, René Magritte, Aline Pottier, Auguste Renoir, Frida Khalo, Mestre Vitalino e Salvador Dali, dentre outros. A partir deste conhecimento os alunos construíram o objeto tridimensional, utilizando diversos materiais, conforme seu interesse. Após a experiência de produção

artística na escola, propus aos alunos uma visita ao Centro de Artes da UFPel, para conhecerem o professor de escultura e cerâmica e artista plástico Paulo Damé. As turmas ficaram empolgadas com a ideia de conhecerem um artista e o Centro de Artes. A princípio, propus aos jovens que elaborassem questões para fazerem ao artista, no momento do encontro. No Centro de Artes, Damé que foi receptivo ao convite, respondeu as questões feitas pelos estudantes e apresentou seu trabalho artístico, falando de sua profissão como artista e professor universitário, convidando-os a participar do projeto de extensão “Transitar: contato e movimento em torno do barro”. Após, ensinou os estudantes a utilizar o torno para que produzissem peças de cerâmica. Percebi o envolvimento dos alunos que ficaram absortos nas atividades propostas por Damé. As peças produzidas pelos alunos necessitavam de queima, portanto ficaram no atelier, ao qual retornei para buscá-las, entregando-as posteriormente aos estudantes na escola. Sugeri aos alunos, concluindo o processo, que fizessem um trabalho a ser entregue ao artista, para que ele tivesse o retorno do trabalho realizado com os grupos. Finalmente propus aos estudantes que fizessem uma auto-avaliação sobre o processo e percebi o quanto foi importante para eles terem a oportunidade de conhecer a universidade e o trabalho de um artista local, pois até então, não haviam tido essa experiência. Para eles o encontro com o artista no Centro de Artes, proporcionou um entendimento mais amplo sobre a arte, conforme seus comentários em sala de aula. Eles se surpreenderam com a possibilidade de utilizar o barro no torno para cerâmica, o que revelou que a sala de aula pode extrapolar o limite da escola e dessa forma tornar a aprendizagem mais prazerosa e consistente para os jovens. Os alunos assim tiveram a oportunidade para compreender a arte e constituírem-se em sujeitos estéticos ao ampliarem seus olhares, diálogos e ações interativas por meio dessa experiência estética.

**AÇÕES EDUCATIVAS REALIZADAS NA EXPOSIÇÃO
“A FACE DA ARTE – CARICATURAS”**

Angélica Soares Bosenbecker, Ana Lúcia Silva Pinto e Stefanie Kohn Winter
UFPel – Pelotas/RS

O presente trabalho pretende apresentar os resultados das ações educativas realizadas na exposição *A Face na Arte – Caricaturas*, com duas escolas públicas do município de Pelotas; a escola Estadual Francisco Simões e a

Escola Municipal Joaquim Assunção, ambas situadas na cidade de Pelotas. A exposição foi organizada por acadêmicos do Curso de Museologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), turma 2013/1, no ano de 2010, sob a orientação da professora Dr^a Francisca Ferreira Michelon, professora e colaboradora do MALG (Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo) no período de 18 de novembro de 2010 a 3 de dezembro de 2010, no horário das 08:00 as 22:00 horas no saguão do IF-Sul-Pelotas. A exposição apresentou trabalhos de dois artistas da cidade de Pelotas, André Macedo e Jonas Fernandes, caricaturistas com importante produção na cidade. A escolha do lugar para realizar a exposição se deu em virtude do fácil acesso ao público e por permitir realizar ações educativas devido ao seu espaço amplo. Foram convidadas para a visita seis escolas situadas na área central da cidade de Pelotas, e, houve o aceite das duas acima citadas. A professora de Educação Artística da 6^a série da Escola Estadual Francisco Simões logo aceitou o convite para comparecer a exposição por ter trabalhado a temática das caricaturas anteriormente em sala de aula. Assim, oportunamente, a exposição veio contemplar conteúdos que já estavam em desenvolvimento em sua matéria. A mediação consistiu na ação educativa realizada com os visitantes. Após o agendamento, a turma escolar acompanhada da professora foi recepcionada pelo grupo responsável pela exposição. Logo na chegada ocorreu a divisão destes alunos em dois grupos, cada grupo fez o percurso da exposição acompanhado por uma monitora que apresentou a vida e trajetória dos artistas pelotenses e, explicou quem eram as celebridades que foram representadas nas caricaturas. Em seguida, foi solicitado que os alunos escolhessem uma das obras visualizadas na exposição e a desenhassem de acordo com a sua preferência. Assim, a mediação oportunizou o conhecimento sobre os artistas, sobre os caricaturados, a apreciação, a interação e a liberdade de apreciarem aquele espaço de exposição não como um local chato, mas como um lugar dinâmico e de aprendizado e, ao mesmo tempo, de reflexão e entretenimento. Em seguida, realizou-se o registro fotográfico com a turma visitante, o registro com a turma em conjunto com a professora, e, por último desfrutou-se de um espaço de confraternização oferecido pela equipe de organização da exposição, momento este que propiciou o entrosamento e o diálogo entre os acadêmicos, os estudantes e as professoras presentes. Ao sair do espaço expositivo, os estudantes receberam ainda uma ficha avaliativa na qual puderam manifestar sua opinião, e, ao mesmo tempo, deixar suas críticas e sugestões para a equipe organizadora. Portanto, a idealização, organização

e execução da exposição permitiu um importante aprendizado a nós acadêmicos enquanto profissionais da área dos museus, proporcionando a aplicação das metodologias e técnicas aprendidas no curso, e, ao mesmo tempo, nos demonstrou a amplitude de oportunidades que a escola proporciona tanto na troca de experiências quanto na manifestação dos sentimentos, perspectivas e informações que os visitantes trouxeram do seu universo escolar.

AÇÕES EDUCATIVAS REALIZADAS NA EXPOSIÇÃO CARTAS E MEMÓRIAS NO MUSEU DA BARONESA “QUANDO TE ESCREVO ME PARECE QUE CONVERSO CONTIGO”

Annelise Costa Montone, Angélica Soares Bosenbecker e Verlaine Fátima Wazenkeski
Museu Municipal Parque da Baronesa – Pelotas/RS

A exposição falava de uma época em que as pessoas tinham hábito de se comunicar através de cartas. Esta exposição mostrou cartas da Baronesa que estão sob a guarda do Museu e objetos utilizados na escrita de cartas, tais como mobiliário, tinteiros e penas do acervo e aconteceu entre junho e setembro de 2011. Por esta ocasião foram desenvolvidas atividades educativas, oferecidas a escolas públicas e particulares do município de Pelotas. Os estagiários do Museu da Baronesa, alunos do Curso de Museologia da UFPel, junto com a Prof^a Carla Gastaud utilizaram a personagem Amelinha que conta a história do Museu da Baronesa, a mesma escreve uma carta para algumas escolas convidando-as para visitar o museu. A turma do 2º ano da Escola Castro Alves entrou em contato solicitando participar desta atividade, pois já estava desenvolvendo uma atividade de aula que envolvia o ato de escrever cartas e a professora se interessou pela atividade. A personagem Amelinha escreveu, então, uma carta para a escola convidando-os para visitar o museu da Baronesa que os alunos responderam na sala de aula e encaminharam ao Museu, “dizendo que gostariam de visitar o museu e de conhecer a Amelinha”. Agendada a visita, as crianças conheceram o museu, sendo recebidos pela Amelinha, pela Baronesa e pelo Barão, representados por fantoches, e acompanhados pela mediadora percorreram o museu visitando a exposição que mostrava cartas pertencentes a família Antunes Maciel, assim percebiam que o ato de escrever cartas era mais frequente e que as pessoas se comunicavam e respondiam as cartas recebidas. Na exposição foi utilizado material gráfico, cartas originais e digitalizadas, reprodução de fotografias de cartas,

instrumentos de escrita e peças de mobiliário, e um baú onde as crianças e outros visitantes da comunidade eram convidados a depositar as cartas que escreviam ao final da exposição manifestando sua opinião sobre a exposição e sobre o Museu. Ao término da exposição foram contadas 365 cartas de diversos assuntos. Depois da visita os alunos foram conduzidos ao salão de festas do Museu, onde coletivamente montaram uma carta enigmática utilizando palavras e imagens para contar a visita, que levaram para a escola para servir como registro do passeio ao Museu da Baronesa (fotografias foram feitas para ficar no Museu) e integrar uma exposição de cartas escritas pelas crianças na própria escola.

**FORMAÇÃO CONTINUADA: CONTRIBUIÇÕES DO PIBID
NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DE PROFESSORES EM SERVIÇO**

Arita Mendes Duarte, Patrícia Perleberg Gielow, Gilceane Caetano Porto e
Lourdes Maria Bragagnolo Frison
FaE/UFPel – Pelotas/RS

Abordamos no presente trabalho as contribuições do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência- PIBID-Pedagogia na formação de professores em serviço, que participam do projeto em duas escolas municipais da cidade de Pelotas/RS. A pesquisa teve como objetivo investigar quais foram as contribuições que o PIBID proporcionou na formação em serviço de docentes, além de analisar a importância do programa para as professoras, caracterizar a relevância do projeto nas classes de alfabetização, identificar a importância da formação continuada dos professores através do programa e contribuir para o aperfeiçoamento da prática docente nas turmas de 1º e 2º anos do ensino fundamental. Para atender a este objetivo teve-se como problema de investigação: Quais as contribuições do PIBID na formação continuada dos docentes em serviço? Para realizar a pesquisa entrevistamos doze professoras de 1º e 2º anos do ensino fundamental envolvidas com o projeto. Através da análise dos dados percebemos que o PIBID oportuniza refletir sobre a formação continuada e suas relações com a prática pedagógica porque acredita na importância e na necessidade de formar professores qualificados e comprometidos com a educação. As mudanças sociais exigem do professor que ele se atualize e se torne um professor-pesquisador. A formação reflexiva foi e é um desafio a ser vencido. Este programa contribuiu para que as professoras refletissem sobre

sua prática pedagógica, valorizando os conhecimentos e as práticas individuais e coletivas. A reflexão-ação-reflexão passou a ser o eixo condutor na transformação do trabalho realizado pelos professores, o qual só teve êxito porque o diálogo foi cultivado em todo processo. É relevante destacar os objetivos do PIBID, os quais são promover a integração entre educação superior e educação básica, incentivar as escolas públicas de educação básica a tornarem-se protagonistas nos processos formativos dos estudantes das licenciaturas, contribuir para a elevação da qualidade da escola pública e valorizar o magistério. Por este motivo, o programa contempla a formação inicial e continuada de professores e futuros professores, sendo ela destaque nos debates relativos às políticas públicas. O PIBID promoveu a reflexão sobre o processo de alfabetização, mostrando a importância de atuar de forma interdisciplinar.

BRINCANDO COM O LIXO E APRENDENDO GEOMETRIA

Aruana da Rosa Sadrés, Daniela Brião e Caroline Blass
Colégio Gonzaga – Pelotas/RS

O projeto aqui descrito foi aplicado no Colégio Gonzaga, localizado na Praça José Bonifácio, 166 no centro de Pelotas. O trabalho foi desenvolvido pelas professoras do 4º ano, ao qual trabalha com a tri docência três turmas da escola. Este foi utilizado como um dos critérios de avaliação, sendo considerado o projeto interdisciplinar do trimestre. Percebendo a importância da reflexão sobre o lixo que produzimos, procuramos resgatar algumas brincadeiras de infância e fazer ligação com o conteúdo estudado. O principal objetivo foi auxiliar os alunos a construir uma consciência global em relação à preservação do meio ambiente, de modo a que venham agir com responsabilidade e sensibilidade, buscando alternativas sustentáveis para neste caso, brincar. No início do trimestre os alunos receberam um folheto com a explicação de como ocorreria o projeto descrito, sendo dividido em cinco etapas: A primeira era de problematização, onde os alunos conversaram sobre o meio ambiente, discutindo questões relacionadas ao problema do lixo, desde sua produção, coleta até a questão do descarte em locais indevidos. Nela houve uma pesquisa de alternativas sustentáveis como a coleta seletiva. Esta etapa ocorreu nas aulas de História, Ciências e Geografia. Já na segunda etapa, Artistas em ação, os alunos elaboraram uma história em quadrinhos com o tema: “O que é cuidar do nosso Meio

Ambiente?” ou “O que fazer com o lixo produzido?” Quando estas ficaram prontas, foram fixadas em sala de aula para que todos pudessem ler e vivenciar as atitudes citadas, que ocorreram nas aulas de Produção Textual, Língua Portuguesa, Artes e Religião. Na terceira etapa Exercendo a cidadania, aconteceu uma atividade prática: onde os alunos selecionaram sucata recolhida em casa, levando-as para escola e observaram as formas geométricas envolvidas, percebendo a geometria e aplicando ela na construção de um brinquedo ou objeto de uso pessoal, que neste caso foi um bilboquê e um porta-treco. Após a construção os alunos construíram um texto onde explicaram a geometria envolvida nesta prática e no seu cotidiano, esta etapa ocorreu na aula de Matemática. Na quarta etapa aconteceu a Saída de Campo, nela os alunos saíram da escola para visualizar a questão do lixo na cidade de Pelotas. No encerramento deste projeto aconteceu a etapa Refletindo, que foi feita uma reflexão sobre a quantidade de lixo que produzimos e a importância de usar a lógica dos Três R's: reduzir, reutilizar e reciclar. Esta etapa aconteceu nas aulas de Religião. É importante ressaltar que uma atividade deste tipo deve ser sempre bem orientada na construção e organização. No final deste projeto saímos para o pátio onde brincamos e os alunos puderam conversar sobre o que aprenderam e o que mais gostaram, atingindo assim, uma aprendizagem significativa.

**UMA PROPOSTA PARA O DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES E COMPETÊNCIAS:
EXPERIÊNCIAS ATRAVÉS DE PROJETOS SOCIAIS**

Áureo Luiz da Rocha

Núcleo Preparação de Oficiais da Reserva/9º BIMtz – Pelotas/RS

O Núcleo de Preparação de Oficiais da Reserva (NPOR) é um Estabelecimento de Ensino Militar, localizado no Bairro Fragata em Pelotas, estando diretamente vinculado ao Departamento de Ensino e Cultura do Exército, foi criado em 13 de agosto de 1942. Abrange os jovens que concluíram o ensino médio, os quais passam por um processo seletivo meritocrático (físico e intelectual) e os aprovados são matriculados como alunos do NPOR. Durante um período de dez meses são avaliados através de uma grade curricular interdisciplinar que envolve disciplinas técnicas e específicas de conhecimentos gerais. Como forma de aplicação concreta, as experiências envolvendo projetos pedagógicos de cunho social objetiva despertar o espírito de cidadania nos discentes e desenvolver ferramentas

necessárias a vida profissional ou social. A perspectiva utilizando habilidades e competências pode ser dividido da seguinte maneira: inicialmente os alunos escolhem os diversos projetos que desejam trabalhar (esporte, drogas, homenagens, campanhas assistenciais, história oral etc) passando a planejar em pequenos grupos a atividade e posteriormente realizar a execução sob orientação de um professor-coordenador, o qual avalia os diversos atributos da área afetiva evidenciados (iniciativa, civismo, criatividade, dedicação etc), sendo considerados como parte da avaliação ao final do curso. Quanto a resultados, percebe-se que o envolvimento dos discentes nos projetos, além de aplicar de forma prática o que é discutido teoricamente em sala de aula, possibilita em termos de aprendizado satisfazer vários aspectos: 1) construir a médio prazo uma mentalidade cidadã, crítica da realidade social e ao mesmo tempo humanizadora; 2) em termos profissionais é possível estimular ações que visem atender as próprias demandas profissionais exigidas pelo mercado de trabalho e 3) estimular iniciativas que possam desdobrar-se em ações positivas junto à sociedade. Considerando os conceitos de Perrenoud (1999) onde as competências são as modalidades estruturais da inteligência que utilizamos para estabelecer relações com fenômenos e pessoas e as habilidades decorrem das competências adquiridas e referem ao plano do "saber fazer", ambas acabam aperfeiçoando e articulando-se. O NPOR tendo como fim formar jovens tanto para seguirem na carreira militar como contribuir na formação de valores e aptidões, busca desenvolver uma base sólida para a reflexão de problemas sociais que atingem a cidade de Pelotas. Portanto, face aos resultados positivos observados ao longo do processo ensino-aprendizagem, esta perspectiva de abordagem do ensino desenvolvida junto aos discentes aplicado a realidade tem proporcionado excelente rendimento escolar. Quanto à participação dos alunos no decorrer dos projetos constatou-se o entusiasmo ao participarem ativamente, acrescidos do aspecto emocional envolvido durante a execução e o amadurecimento pessoal claramente evidenciados ao final das atividades.

**UM ANALFABETO NA SOCIEDADE DA CULTURA ESCRITA:
O ANALFABETISMO NO BRASIL**

Bruna Iasmin Athaide de Campos

EMEF Dr. Alcides de Mendonça Lima e ETE Profª Sylvia Mello – Pelotas/RS

No trabalho apresento resultados de uma investigação-intervenção realizada em 2011 que teve como objetivo abordar a alfabetização e analfabetismo no Brasil, além de compreender como vive um analfabeto numa sociedade de cultura escrita. Realizado em duas escolas públicas na cidade de Pelotas, os procedimentos foram entrevistas com professoras alfabetizadoras ou que já trabalharam na área de alfabetização. Tendo como referência os estudos de EMILIA FERRERO e MAGDA SOARES, pude estabelecer um diálogo entre as opiniões das professoras e os princípios e ideias das estudiosas, com vistas a compreender o fenômeno do analfabetismo e suas relação com a escola pública. Indicadores encontrados no site do MEC também contribuíram para a análise. A partir da pesquisa pude perceber, como uma das conclusões, que os fatores que levam ao fracasso da escola no que diz respeito a não alfabetizar e que resultam em índices tão elevados de analfabetos são diferentes e de várias ordens além de encontrarem-se vinculados, principalmente, a pessoas oriundas das classes economicamente desfavorecidas, ou seja, nas classes sociais mais pobres, onde as crianças e jovens frequentam escolas públicas. Estas, em sua maioria, necessitam de muitos reparos não apenas em sua estrutura física, mas também em relação à formação de seus educadores que estão longe dos processo de continuidade dos estudos. Pude perceber que essa questão – o enfrentamento do analfabetismo – é importante para os professores e para aqueles que futuramente irão trabalhar na área da educação, pois está vinculado aos conhecimentos prévios necessários a todos que vão entrar em uma sala de aula com a função de ser alfabetizador. A pesquisa originou uma intervenção que teve como resultado oferecer aos professores um aporte teórico em relação ao fenômeno do analfabetismo em nosso país. Outra das conclusões é de que apesar das melhorias na área da educação ainda é muito pouco para que essa situação mude consideravelmente.

**PROGRAMA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL DO NURFS/CETAS/UFPEL:
DOIS ANOS NA BUSCA PELA SENSIBILIZAÇÃO FRENTE À PROBLEMÁTICA
DO TRÁFICO DE ANIMAIS SILVESTRES**

Camila Alvez Islãs e Greici Maia Behling
UFPEl – Pelotas/RS

O Núcleo de Reabilitação da Fauna Silvestre e Centro de Reabilitação de Animais Silvestres da Universidade Federal de Pelotas (NURFS/CETAS/UFPEl) são responsáveis pelo recebimento e destinação de espécies da fauna silvestre oriundas principalmente de tráfico e cativeiro ilegal, mas também de atropelamentos, maus tratos, órfãos e outros. Neste contexto, o Programa de Educação Ambiental do NURFS/CETAS é uma atividade de extensão desenvolvida principalmente em escolas públicas e privadas da região, mas também em outros eventos da comunidade, através de diversas ações educativas voltadas à proteção e preservação da fauna silvestre brasileira. O programa teve início no ano de 2010, atuando em escolas do Município de Capão do Leão e de Pelotas, buscando a sensibilização e o estímulo da formação de uma consciência crítica dos sujeitos sobre o tema, pois o cativeiro de animais silvestres é intenso na região, como foi possível constatar nos dados disponíveis referentes às apreensões no Município. O trabalho envolveu aproximadamente 2.000 pessoas ao longo dos dois anos. Foram realizadas inúmeras ações de Educação Ambiental, cada qual com uma abordagem específica para a situação e para os sujeitos envolvidos. Dentre as abordagens, foram realizadas palestras nas turmas das escolas, em eventos da comunidade e acadêmicos, visitas guiadas à sede do NURFS/CETAS, solturas de animais apreendidos, utilização de vídeos sobre o tema, organização de feiras multidisciplinares, dentre outras abordagens. Sempre que possível foram aplicados questionários com questões objetivas para avaliar o conhecimento prévio e posterior ao trabalho realizado, chegando a um total aproximado de 300 sujeitos e 900 questionários analisados. Com os resultados obtidos na comparação dos questionários e também com a convivência com os sujeitos e envolvimento no trabalho, foi possível perceber que de uma forma mais concreta, ou às vezes mais subjetiva, as ações sempre resultaram ser positivas. Nos questionários finais, todas as questões demonstraram um significativo aumento no percentual de respostas consideradas corretas, demonstrando que o trabalho realizado foi capaz de contribuir, se não para a

transformação de atitudes, para a sensibilização dos sujeitos frente às problemáticas do tráfico. As Visitas à sede do NURFS/CETAS evidenciaram grande importância por possibilitar aos alunos visualizar de perto os prejuízos do tráfico e do cativeiro, complementando de forma prática os conhecimentos teóricos trabalhados. As atividades de soltura se transformaram em fato de grande motivação positiva a respeito dos processos relacionados à reabilitação e demonstraram ser fundamentais na sensibilização por meio do sentimento de dever cumprido e a sensação prazerosa de libertar um animal cativo. Assim é possível concluir-se que o projeto alcançou seus objetivos principais por oportunizar mecanismos capazes de gerar reflexões nos alunos, levando-os a mudança de posturas frente à realidade trabalhada.

PSIQUISMO NA LITERATURA – LITERATURA NO PSIQUISMO - REFLEXOS DA CRIAÇÃO LITERÁRIA COMO OFICINA TERAPÊUTICA E FERRAMENTA DE INCLUSÃO

Carlos Eugênio Costa da Silva
CAPS i Canguru – Pelotas/RS

O uso frequente na Literatura de temas ligados a problemas psíquicos refletindo nas personagens o sofrimento decorrente da doença instiga a proposta desta pesquisa. Baseado na análise das obras dos escritores Machado de Assis e Lima Barreto (O Alienista e Triste fim de Policarpo Quaresma) onde o mote engloba um conjunto de fenômenos da vida mental inconsciente, permitindo aos autores subsídios para o desenvolvimento dos livros, buscou-se o entendimento dos processos de criação e recepção a fim de proporcionar-se a inversão temática “psiquismo na literatura” demonstrando como a literatura pode estar presente no psiquismo e auxiliar terapeuticamente no tratamento das vítimas reais de comorbidades. Realizada no Centro de Atenção Psicossocial infanto-juvenil – CAPS i Canguru – órgão da Secretaria de Saúde – Gerência de Saúde Mental da Prefeitura Municipal de Pelotas, a Oficina Terapêutica de Criação Literária Poetinha objetiva desenvolver em seus participantes a capacidade de pensamento e a manifestação de expressão inferindo-lhes a esperança de interferir no mundo ativamente e gerar novas realidades via escrita e leitura. Desenvolvida semanalmente a oficina atende um público alvo de crianças e adolescentes encaminhados em sua maioria pelo CASE – Centro de Atendimento à Saúde Escolar, HEP – Hospital Espírita de Pelotas e UBS – Unidade Básica de Saúde. Metodologicamente é feita a exploração poética

de um tema pré-determinado trabalhando-se “sonoramente” a rima, estrutura da escrita, criatividade e valores, respeitando-se a vivência, expressão e problemas individuais. A convivência e a amizade são incentivadas constantemente através de composições coletivas onde cada um escreve uma frase sobre o tema e depois em conjunto busca “sonoramente” a rima. Os resultados alcançados são facilmente observados na recuperação da autoestima, valorização do convívio harmônico e capacidade de vencer obstáculos, fatores que contribuem para a inclusão social. Mário Pedrosa nos diz que “As imagens do inconsciente são apenas uma linguagem simbólica que o psiquiatra tem por dever decifrar. Mas ninguém impede que essas imagens e sinais sejam, além do mais, harmoniosas, sedutoras, dramáticas, vivas ou belas, constituindo em si verdadeiras obras de arte”. Trabalhar com a poesia é fazer com que o indivíduo, pense, conteste, interrogue, explique, construa, corrija, imagine, reinvente e sonhe. Através da “Poetinha” pode-se desenvolver o hábito da leitura e escrita como processo de descoberta e criação recuperando-se a autoestima por meio destas percepções bem como a manifestação de problemas do dia a dia e a exteriorização de sentimentos que são trabalhados para restabelecer o equilíbrio emocional.

VIVÊNCIAS DO PIBID/UFPEL NAS CIÊNCIAS SOCIAIS

Carlos Márcio de Quadros Leal, Ana Paula Ferreira D’Ávila, Germanna da Costa Lopes,
Isadora de Leon Torres, Odilom Júnior Segovia e Vera Lúcia dos Santos Schwarz
UFPEl – Pelotas/RS

A oferta da disciplina de Sociologia no Brasil é marcada por oscilações ocorrendo períodos de inclusões e exclusões, de avanços e retrocessos, maiores ou menores, estando presente ou não no currículo escolar brasileiro. Esta situação da disciplina figurar nas escolas tem sido no decorrer de nossa história variável e inconstante, conforme situações determinadas por períodos, de crise ou estabilidade nacional. Esta instabilidade de constância que a Disciplina sofreu no contexto histórico, acarretou uma fragilidade de metodologia, de conteúdos e de profissionais qualificados formados na área, para poderem atuar eficazmente como professores. Diante desta realidade, de ser disciplina recém implantada, nós do PIBID da UFPEl Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) das Ciências Sociais – Licenciatura da UFPEl, atuamos na Escola desenvolvendo um laboratório de formação e conhecimento sobre a forma como essa disciplina se desenvolve.

Preparamos, também, projetos que contribuíram para a nossa formação. Este trabalho apresenta uma síntese do que foram esses meses de aprendizado no Colégio Dom João Braga. O Projeto desenvolveu-se em três etapas. Inicialmente, ao ingressarmos no PIBID tivemos reuniões de área e reuniões gerais (com outras áreas do conhecimento), em que discutimos o projeto PIBID/UFPEl, as funções dos professores que participavam do programa, dos professores das escolas e as nossas funções de estudantes bolsistas com os projetos e com os alunos da escola. Nesta etapa começamos a planejar como faríamos o diagnóstico do ensino de Sociologia nas escolas. Estudamos intensamente os PCNEM, especialmente no que se refere a nossa área, lemos e discutimos também, vários textos sobre interdisciplinaridade e, posteriormente, estudamos textos sobre Sociologia na fotografia, texto sobre teatro e leituras diversas. Na segunda etapa elaboramos questionários sobre o ensino de Sociologia nas escolas, que, posteriormente, foram ponto de partida para a construção de nossos projetos para essa área. Dentre outros bolsistas das Ciências Sociais, um grupo de cinco alunos ficaram com a responsabilidade de atuar no Colégio Estadual Dom João Braga. O questionário foi aplicado ao corpo docente, administração e professores de Sociologia da Escola. Foi investigado sobre o funcionamento da escola, seus aspectos administrativos e sobre a forma de ensino de Sociologia. Também foi perguntado qual o embasamento dos professores para suas aulas, quais os recursos utilizados, forma de avaliação dos estudantes e sobre a aceitação dos alunos a essa disciplina. Constatamos que a maior parte dos professores que ministram aulas da Sociologia não são formados em Ciências Sociais. Também constatamos que a carga horária semanal desta disciplina é muito reduzida, apenas um período semanal, o que mostra a pouca importância dada à Disciplina de Sociologia. Na terceira etapa nós, os alunos PIBID das Ciências Sociais, elaboramos, em conjunto com a nossa orientadora e com as supervisoras da escola, um projeto disciplinar para ser aplicado nas escolas de Pelotas abrangidas pelo Programa. Esse projeto chamou-se “Sociologia in Foco” e visou dar um olhar sociológico, através das lentes de fotografias, às instituições Família e Escola e deveria despertar, nos alunos, um olhar crítico sobre estas instituições tão importantes para a sociedade. No Colégio Estadual Dom João Braga este projeto foi desenvolvido nos meses de agosto a dezembro de 2011 e foi uma experiência gratificante pela nossa interação com os alunos e professores da escola.

**CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO AMBIENTAL:
POSSIBILIDADES E LIMITES NA CONVERGÊNCIA DAS MÍDIAS**

Carmen Júlia Pires Iahnke
IF-Sul – Pelotas/RS

Este trabalho se justifica porque é de suma importância verificar se os recursos midiáticos interferem na construção do conhecimento geográfico. Ao mesmo tempo busca a sensibilização para a formação de um educando voltado para uma cidadania ambientalista, tendo como princípios os desenvolvidos na Carta da Terra. Como as imagens através de vídeos e material impresso interferem na formação e conscientização ambiental dos alunos? Será que uma educação voltada para a conscientização ambiental no processo de globalização levará a formação de um ser com cidadania ambiental? Hoje, vivemos em uma sociedade na qual se destaca cada vez mais a importância e a multiplicidade das informações e linguagens com as quais temos que lidar, como resultado da revolução tecnológica responsável pela difusão e rapidez dos meios de comunicação. Isso não significa uma inserção crítica da maioria dos indivíduos nessa sociedade, uma vez que geralmente eles têm de lidar com uma enorme massa de informações distintas, descontextualizadas e fragmentadas. Essa situação dificulta o estabelecimento de relações entre as informações e a construção do conhecimento. Assim, a escola tem o importante papel de conferir sentido e significado a esse conjunto imenso de informações, promovendo um processo de reflexão, decodificação, análise e interpretação das mesmas, além de permitir ao aluno uma apropriação das várias linguagens presentes nas mesmas. O material impresso e o vídeo são recursos midiáticos de suma importância para se decifrar todos esses códigos de leitura. No âmbito da educação escolar, essa implicação resulta em novas metodologias e práticas didáticas capazes de permitir a apropriação e socialização do saber, que é a tarefa da escola. Procurar desvendar o conhecimento geográfico ambiental com os recursos midiáticos o material impresso e o vídeo são uma estratégia fundamental para potencializar a competência comportamental dos alunos, que é a razão deste trabalho. Desvelar o próprio comportamento é o passo inicial para mudar nosso padrão de consumo. Começar a fiscalizar o nosso consumo e mudança de hábito que podem gerar a transformação social, para uma ambiência saudável para todos, tendo como subsídio de estudo a Carta da Terra. A Carta da Terra é uma declaração universal de princípios éticos

fundamentais para a formação de uma sociedade sustentável no século 21, com uma visão global justa, sustentável e pacífica. Busca inspirar todos os povos a um novo sentido de interdependência global e responsabilidade compartilhada voltado para o bem-estar de toda a família humana, da grande comunidade da vida e das futuras gerações. É uma visão de esperança e um chamado à ação. No capítulo um tratará de uma análise da questão ambiental e o desenvolvimento sustentável em que procurará fazer uma análise do processo em andamento e sua relação com a educação. No capítulo dois buscar-se-á analisar a questão ambiental em relação a discussão entre autores sobre o crescimento econômico versus a questão de desenvolvimento sustentável sustentado. No capítulo três buscar-se-á um estudo sobre a agricultura familiar, como uma alternativa econômica, com vistas a um desenvolvimento sustentável sustentado de forma ambientalista. No capítulo quatro tratará de uma análise das possibilidades e limites de uma agricultura familiar e suas características no Brasil. Assim, através deste trabalho de pesquisa, conclui-se que existe no ensino brasileiro um germe de uma educação voltada para cidadania ou, pelo menos, uma tendência de escola crítica onde o aluno é uma pessoa concreta, objetiva, que determina e é determinado pelo social/político – pela história, onde os objetivos educacionais são definidos a partir das necessidades reais do educando e do contexto em que ele se encontra inserido.

**EMÍLIA NA MONTEIRO LOBATO:
ESTRATÉGIAS DE VALORIZAÇÃO NA ESCOLA INFANTIL**

Carmem Luiza Nunes da Rosa, Amanda da Silva Borges e Juliana Dias Pinheiro
EMEI Monteiro Lobato – Pelotas/RS

O trabalho “Emília na Monteiro Lobato: Estratégias de Valorização na Escola Infantil” foi uma parceria da Universidade Federal de Pelotas, Secretaria Municipal de Educação e Desportos e a Escola de Educação Infantil: Monteiro Lobato. O trabalho ocorreu durante o primeiro semestre de 2011 com o objetivo de tornar a escola conhecida pelo seu nome “Escola Municipal de Educação Infantil Monteiro Lobato” o que representava grande desafio, pois como escola era conhecida apenas por sua mantenedora e seus profissionais. Para os alunos, pais e familiares destes e para a maioria das pessoas da comunidade era popularmente conhecida apenas por creche, o que ajudava a designar a ela um papel meramente assistencialista, apesar

do empenho de seus gestores e educadores por torná-la reconhecida e respeitada como escola, que além do cuidar, trabalha com as crianças a socialização, autonomia, desenvolvimento das motricidades, raciocínio lógico de forma sempre pedagógica e lúdica, com brincadeiras e jogos. Partimos para a realização deste trabalho através de ações pedagógicas e lúdicas junto às crianças e comunidade escolar, visando reconhecer a boneca Emília como mascote e símbolo da bandeira da Escola e um dos principais personagens das obras de Monteiro Lobato, Patrono da Escola. Com esse objetivo o projeto começou com uma série de visitas na escola sempre as sextas-feiras das 13 h 30 min às 17 h 30 min com os personagens: Boneca Emília, Visconde de Sabugosa, Narizinho, Dona Benta e Tia Nastácia, integrando nas atividades pedagógicas fundamentos que englobem valores humanos, morais, sociais, éticos e étnicos. Semanalmente os pais, professores e funcionários eram informados destas atividades realizadas na escola e também das que iriam acontecer na semana seguinte, através do “Jornal do Projeto” distribuído para serem anexados nas agendas. Todo este trabalho realizado foi pensado a partir da necessidade de construir junto a comunidade o reconhecimento de escola, local onde as crianças passam o dia, como lugar de cuidado e educação que contribui para o seu desenvolvimento integral. Para tanto partimos de atividades lúdicas, brincadeiras e interação com a comunidade escolar expondo dessa forma o quão necessário é a participação de todos os membros na escola, principalmente para o desenvolvimento dos pequenos. Concluímos que após o semestre as crianças, pais, comunidade em geral, começaram a reconhecer melhor esta instituição educacional como Escola de Educação Infantil e não mais como “creche”. As várias ações que foram desenvolvidas ajudaram muito na construção dessa identidade de escola, outro aspecto que colaborou foi a nossa caracterização dos personagens do Sítio do Pica Pau Amarelo. Durante este trabalho a escola sentiu necessidade de levar as crianças para conhecer o sítio do “Seu Lobato” e o fez, atendendo ao pedido delas. Outra ação fundamental foi a grafitação do muro com o nome da escola e personagens da obra de Monteiro Lobato, pois em toda a sua existência essa entidade educacional nunca teve nenhum tipo de identificação, agora quem passa pelo local identifica facilmente a escola. Destacamos o passeio ao sítio e a grafitação como dois aspectos importantes deste trabalho. Todas as ações do projeto Emília foram registradas pela mídia (jornal/site da prefeitura) contribuindo para a sua valorização enquanto escola. Assim além de integrar a comunidade com a

escola, os professores estão mais estimulados e com mais ideias para trabalhar com as crianças. Ressaltamos que o referente projeto obteve ótimos resultados e que relacionado aos objetivos propostos todos foram conquistados e comemorados com toda a escola.

BIENAL VAI À ESCOLA

Caroline Garcez Ávila e Lília Rochedo de Souza
EMEF Afonso Vizeu – Pelotas/RS

O projeto teve o objetivo de levar à escola a Arte Contemporânea em produção. Sabe-se que a arte estudada não acompanha o ritmo frenético do mundo. Em função disto, percebeu-se a necessidade de oferecer formação continuada aos professores da rede. A professora de artes visuais e fotógrafa Caroline Garcez Ávila, ministrou formação aos professores de Arte, Literatura, História, Geografia e Pré-escola, da rede pública municipal de Pelotas, conforme os cadernos da 8ª Bienal do Mercosul. O trabalho foi desenvolvido em 3 etapas, realizadas de outubro a dezembro de 2011. Na primeira etapa foi realizada formação para professores de arte e música onde a professora ministrou palestra sobre a 8ª Bienal, após ter participado do curso de formação para professores pela Fundação Bienal através do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo e ter visitado, in loco, a Mostra em Porto Alegre. Nesta palestra foi exibido material didático dos cadernos pedagógicos e slides com fotos dos trabalhos dos artistas participantes. A seguir, os professores visitaram a mostra do artista homenageado (Eugênio Dittborn) no MALG, como forma de interagir com a obra. Após os professores participaram de oficina com algumas das atividades propostas pelo caderno de arte, com o intuito de aplicá-las na escola. Por fim, os participantes foram a Porto Alegre conhecer e apreciar as obras em exposição na 8ª Bienal (Santander Cultural, MARGS, Armazéns do Porto, Casa M, Gasômetro e centro da cidade). Toda proposta desenvolvida foi documentada através de fotos. Na segunda etapa, em novembro, foram oferecidas palestras para as demais áreas contempladas pelos cadernos. Na última etapa, em dezembro, foi realizada exposição fotográfica que retratou o processo criativo dos professores com as releituras, bem como a visita à Bienal, cujo título foi: “Ensaio de Geopoética”, como uma forma de experiência visual e sensorial adaptada à sala de aula. Assim, a mostra apresentada resultou do projeto “Bienal Vai à Escola”, uma experiência transformada num modo de ver

através de registros fotográficos de um caminho “geopoético”. A exposição teve como curadora a Prof^{ra} Caroline e Coordenação/Produção da Secretaria Municipal de Educação e Desporto (SMED)/Supervisão de Ensino/Arte – Lília Rochedo de Sousa. Foram contemplados com o projeto 104 professores das 90 escolas da SMED. O resultado inicial foi alcançado ao aproximar o maior número de professores da arte contemporânea produzida na América Latina, em especial dos países que integram o Mercosul. Almejando melhores resultados, o projeto terá sua continuidade em 2012 através de oficinas. Desta vez, nas escolas, como forma de preparar um número bem maior de docentes e alunos apropriando-os da arte contemporânea no contexto escolar. Assim, as escolas estarão preparadas e motivadas para, no ano de 2013, interagirem com a arte contemporânea em exposição na 9ª Bienal.

**O PAPEL DA SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO: PERSPECTIVAS A PARTIR
DE EXPERIÊNCIAS EM UMA ESCOLA DA PERIFERIA DE PELOTAS**

Catarina Marafiga da Rocha
UFPeL – Pelotas/RS

Esta experiência se desenvolve a partir de observações em sala de aula, e consideram o ensino da Sociologia no ensino médio como fator de socialização dos alunos. Realizou-se uma pesquisa bibliográfica sobre, a influência do espaço de vida e de formação na construção da identidade social e a perspectiva empírica através do contato em sala de aula. Desenvolveu-se a observação e a análise da participação do aluno considerando seus relatos, focando a ação do cotidiano em sala de aula através das atividades desenvolvidas. Atentando ao fato de estarmos com adolescentes, que envolve o biológico e o psíquico-social, que questiona as relações sociais e a necessidade de aceitação de si e pelo grupo, fase de transição do infantil que “deve” direcionar para a vida adulta. O contexto escolar pode vir a representar um campo de experimentação social, a sala de aula o local em que as relações podem aflorar e tornar-se um local intermediário entre o aluno e o mundo extra-familiar. É nesta perspectiva que se sugeri a possibilidade da Sociologia como maneira de refletirmos sobre a prática educativa: ensinar não deve ser simplesmente transferir o conhecimento, a partir do momento em que assuntos abordados em sala de aula tornam-se familiares. Alguns links eram tomados na sua relação com o cotidiano, a curiosidade era aguçada e a participação ia consolidando o

debate e a troca de conhecimentos e informações entre os colegas e o professor. A Sociologia pôde propiciar uma autonomia que se desenvolve na formação do ser enquanto educando, sua liberdade de expressão, opinião, sem podar a sua participação ou o considerando errado, direcionando, oferecendo possibilidades, orientando para outro aspecto ou perspectiva, levando em consideração o olhar e participação do outro. Observou-se a prática da proximidade entre cultura de classe do aluno e a cultura escolar aplicada em sala de aula, consequência do êxito nas relações quando relacionadas ao contexto da periferia em foco. Uma forte influência na relação escola, comunidade e sala de aula foi a questão familiar, que se percebe como processo onde ocorre o confronto entre as questões pessoais e as da formação familiar, bem como as estruturas da comunidade, resultando em novas identidades de um processo de socialização. Neste caso a partir da periferia, podem existir muitas maneiras da Sociologia se tornar instrumento de transformação, formação e contestação em sala de aula. A partir da problematização da vida do aluno, suas implicações nas diversas áreas de relacionamento (social, política, religiosa, cultural e econômica), percebe-se a contribuição da Sociologia enquanto função socializadora, num sentido de justiça onde prevalece a realidade, não de iguais, mas de uma perspectiva de valorização as diferenças na compreensão do contexto.

CONSTITUINDO-SE PROFESSOR: EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS E ESCOLHAS DE PROFESSORES INICIANTES NA DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA

Catia Simone Becker Vighi, Beatriz Maria Atrib Zanchet e Helenara Plaszewski Facin

UFPel – Pelotas/RS

Desafios da docência se apresentam para professores iniciantes em situações que exigem formação específica. Assim, pretendemos dar especial atenção às experiências iniciais ouvindo 27 professores universitários iniciantes das Universidades: UFPel, UNISINOS, UNIPAMPA e UFPR – Setor Litoral. Resultados oriundos desta pesquisa mostraram que se trata de “jovens” recém-doutores que assumem a docência e precisam processar a passagem entre uma formação que privilegia a pesquisa e uma prática significativamente exigente de docência. A partir da entrevista semi-estruturada os professores relataram sua percepção de que o período de inserção na docência é uma fase de intensas aprendizagens na qual eles

precisam apropriar-se de saberes que os ajudem a enfrentar os desafios da sala de aula e que há necessidade de iniciativas institucionais que os ajudem neste processo. Também mencionaram que suas aproximações com professores, através de outras atividades acadêmicas: as bolsas de iniciação científica e a inserção na pesquisa em seu tempo de estudante foi uma condição para a escolha pela profissão. Isto reforça a ideia de que o encaminhamento profissional está diretamente ligado à trajetória de cada sujeito, assumindo perspectivas de aprendizagem e práticas desenvolvidas ao longo da vida. Quando se perguntou aos docentes sobre suas experiências iniciais e sobre os principais desafios, os professores apontaram a falta de formação pedagógica como um fator preocupante. Explicaram que o curso de graduação foi balizado na perspectiva técnica e, posteriormente, a pós-graduação alicerçada na investigação de problemas muito específicos, logo, esses aspectos limitaram significativamente sua formação para a prática pedagógica. Mesmo que nossos interlocutores tenham mencionado que durante seus cursos de mestrado e/ou doutorado aprenderam metodologia para fazer pesquisa, e não aprenderam metodologia de ensino, entendemos que eles expressaram, nas suas falas, a preocupação com uma formação que os ajude a enfrentar os desafios da docência, pois de qualquer forma, as funções de docência e de pesquisa precisam de formação. Torna-se importante, no contexto da formação dos docentes iniciantes, refletir sobre sua formação pedagógica, além de buscar compreender os processos que esses docentes vivenciam para construir saberes para o ensino. Salientamos que a tarefa fundamental deste professor durante seus primeiros anos de docência deveria ser a aprendizagem, focando seu pensamento e suas atitudes para as demandas do ensino. Nessa perspectiva, seria pertinente dedicar-se a desempenhar funções que os ajudassem a aprender o exercício da docência, entendendo-a como uma profissão de conhecimentos específicos e que carece de sustentação epistemológica. Caso contrário há um grande risco de ficarem fortemente limitados à reprodução, perdendo a oportunidade de atuarem como sujeitos protagonistas de outro tipo de educação.

**MULTIFEIRA DO CONHECIMENTO:
UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA EM ESCOLA NA ZONA RURAL**

Cátia Simone Becker Vighi, Zelaine Brum Sant'Ana e Viviane Silveira da Costa
EMEF Bruno Chaves – Pelotas/RS

Considerando que um dos papéis da escola é constituir-se num espaço, por excelência, de aprendizagens e valorização de saberes para a consolidação do conhecimento, lhe cabe promover possibilidades para a troca de experiência entre seus pares. Este resumo objetiva mostrar uma prática pedagógica realizada na EMEF Bruno Chaves – Multifeira do Conhecimento. Evento promovido pela equipe diretiva, professores e alunos, aberto à comunidade, tem como objetivos principais valorizar, destacar, socializar e publicizar resultados referentes às atividades pedagógicas desenvolvidas por alunos e professores nas mais variadas áreas do conhecimento que envolvem o currículo da escola ao longo de cada ano letivo, caracterizando-se como uma atividade de culminância e que representa uma oportunidade que favorece o fortalecimento da relação escola e comunidade. Salientamos que esta escola integra a rede municipal de Pelotas, localiza-se na zona rural e representa a única instituição pública que oferece serviço à população in lócus. Atualmente, atende 105 alunos e conta com um quadro de pessoal composto por 26 professores e 9 funcionários. A multifeira do conhecimento consiste numa exposição que contempla trabalhos envolvendo atividades multi e interdisciplinares relevantes realizados em diferentes momentos, resultantes dos diversos objetivos curriculares e/ou conteúdos disciplinares, propostos pela equipe diretiva ou pelos professores para desenvolver o currículo da escola. Os trabalhos contam com o uso de técnicas diversas de ensino: construção de maquetes, realização de experimentos com base em conhecimentos das ciências biológicas, trabalhos manuais, artesanato, cartazes, atividades que usam técnicas das artes plásticas, por exemplo. Como resultados, apontamos o êxito da ação: pela participação efetiva de comunidade escolar e a presença de visitantes; pelo entusiasmo e empenho demonstrado por parte de alunos e de professores destacando a criatividade na execução das atividades propostas. Cria-se um espaço interativo com trabalho diversificado e marcado por um ambiente estimulante que atende e favorece o desenvolvimento de cada ser quer seja na construção do conhecimento e dos valores humanos, bem como, o desenvolvimento das diversas habilidades cognitivas quanto os conteúdos específicos (pré-requisitos da série) buscando priorizar o aspecto da ludicidade. Essa atividade possibilita o

olhar ampliado e integral da produção da escola possibilitando a identificação e avaliação das conquistas alcançadas, cumprindo com sua função social que é propiciar condições para que o educando seja um cidadão crítico, participativo, independente e transformador, através da valorização e aperfeiçoamento de conhecimentos pré-existentes, de formação integral, de um currículo diversificado e atualizado, o que oportuniza a ascensão social. Também faz com que essa escola se torne um ponto centralizador de encontro social, cultural e prazeroso onde se estabelecem relações diversas.

HISTÓRIA E ARTE EM VÍDEO

Célia Ferreira, Eduardo Gonçalves, Rejane Bjerk, Rosa Morales, Suzy Allam e Vera Canelles
Colégio Municipal Pelotense – Pelotas/RS

Este projeto, desenvolvido com alunos do segundo ano do ensino médio e reuniu as disciplinas de Artes, História, Literatura e Português visa refletir sobre a diversidade cultural entre Brasil e África, num processo de reconhecimento das nossas identidades culturais e com o intuito de resgatar a cidadania. Atende, também, à Lei 10.639/2003 que estabelece a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira na Educação Básica. Paralelamente, busca incentivar o emprego de novas tecnologias, para aperfeiçoar o processo de ensino e de aprendizagem. A partir da leitura do romance O Cortiço de Aluísio de Azevedo, foram abordados conteúdos das diferentes disciplinas. Em Literatura foram estudados os movimentos literários realismo e naturalismo, em História foram analisadas as sociedades Colonial e Republicana brasileiras, assim como reconhecida e valorizada a importância da presença da cultura Afro-Brasileira na constituição da brasilidade. Foi proposta aos alunos a produção de um vídeo de 3 minutos baseado no texto O Cortiço estabelecendo a relação entre o enredo e o conteúdo discutido nas aulas de História. Nas aulas de Literatura os alunos tiveram acesso ao romance “O Cortiço”, em quadrinhos, as professoras de artes organizaram a gravação dos vídeos, a partir do conteúdo de cinema como arte. A experiência foi considerada positiva. Os vídeos foram analisados e avaliados por uma banca constituída pelos professores das disciplinas envolvidas a partir de critérios previamente estabelecidos. Avaliou-se que os alunos demonstraram interesse e se envolveram na realização do projeto e atingiram o objetivo de refletir e estabelecer relações entre o romance e os temas apresentados.

REPENSANDO O CURRÍCULO DE BIOLOGIA: ENTRE SABORES E DISSABORES DE UMA PROPOSTA DE ENSINO E APRENDIZAGEM PARA A EJA

Clara Lisandra de Lima Silva e Carla Gonçalves Rodrigues
EEEM Bibiano de Almeida – Rio Grande/RS

Este trabalho resultou do projeto de ensino e aprendizagem: “A contextualização de algumas doenças virais e bacterianas como recurso mediador para o estudo de seus agentes patogênicos”. Foi elaborado durante o curso de Pós-Graduação em Educação – Área de Ensino em Ciências e Matemática, oferecido pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), e desenvolvido em uma turma de formandos da modalidade Educação de Jovens e Adultos – EJA – da Escola Estadual Bibiano de Almeida, localizada em Rio Grande (RS). O grupo era constituído por 27 alunos (entre 18 e 35 anos), a maioria inserida no mercado de trabalho. Considerando a problemática que envolve o currículo da disciplina de Biologia, com parâmetros estagnados e pouco correlatos ao dinamismo científico vigente na atualidade, a proposta justificou-se na tentativa de vincular o fazer pedagógico ao contexto diário dos alunos. Assim, a hipótese pautou-se na escolha de um tema norteador (doenças virais – AIDS e Gripe A e, bacterianas – Tuberculose e Hanseníase) e a partir deste, uma nova composição curricular foi formada, mediando à aprendizagem relativa às doenças por meio da elaboração de folders informativos, que comportaram a síntese dos conceitos construídos pelos alunos. A metodologia consistiu em um plano teórico-prático de oito aulas, composto de atividades voltadas para a edificação dos saberes e trabalhos em grupo (FONTANA, 1997). Priorizou, ainda, a avaliação processual (GONZÁLEZ *et al*, 1999), que visou à observação contínua do grupo, registrada em um diário de classe; a turma reuniu os trabalhos realizados, em um portfólio. Assim, a análise dos resultados obtidos deu-se em função da verificação crítica destes instrumentos. Detectou-se os seguintes aspectos: o aprender dos alunos se confirma quando estes produzem sentido para aquilo que estão estudando, entendendo o conhecimento científico (MOLL, 1996) como útil no meio em que vivem; a troca de experiências com o outro, através das atividades de grupo, foi essencial para a construção dos saberes, fortalecendo os elos de aprendizagem; e, por fim, a contextualização do tema gerador apregouo fundamento aos conceitos abordados ao longo do projeto, proporcionando um entendimento sistêmico do assunto.

AS MÁXIMAS GRICEANAS E O PROCESSO DE ESCRITURA

Clarice Vaz Peres Alves
Escola Mario Quintana – Pelotas/RS

O presente estudo teve como objetivo analisar a concepção de textualidade que os sujeitos apresentavam e observar a atenção dispensada por eles, durante a escrita e o processo de revisão, às máximas griceanas. Embora o princípio cooperativo proposto por Grice (1975) tenha sido elaborado considerando apenas o uso da linguagem oral, é igualmente aplicável ao texto escrito, porque este, da mesma forma que o falado, faz parte de uma atividade interacional entre os usuários da língua. Para atingir esse objetivo, proporcionamos aos alunos o envolvimento em seis atividades de escrita de textos, que foram produzidas sempre em função de determinadas situações comunicativas em que os sujeitos foram motivados com a utilização de recursos diversos e com a pré-definição dos interlocutores. Toda a fase de produção foi seguida de dois momentos, sendo o primeiro destinado à revisão individual e, o segundo, à revisão colaborativa com parceiros do contexto escolar – professor e colegas. As atividades de revisão e/ou reescritura tiveram como base o modelo cognitivo de escrita de Flower e Hayes (1981). Foi através do estudo pioneiro desses autores que a escrita passou a ser abordada em nível de processo, isto é, a escrita não mais se limita ao produto, mas ao processo que o escritor está envolvido durante a escrita. As atividades de revisão e/ou reescritura são procedimentos que proporcionam a constituição das condições necessárias à produção textual, pois o processo de retificação e de retomada do texto possibilita a criança lidar com o próprio escrito. Entendemos que essas atividades reflexivas sobre a produção textual permitem ao aluno-escritor ser agente no processo de aprendizagem. Além do mais, quando se vive num meio sobre o qual se age são criadas situações favoráveis ao desenvolvimento da textualização e um autocontrole do aluno sobre o próprio texto. Este trabalho mostra que a escrita não é vista pelos sujeitos como um momento de criação e reflexão, mas como um meio de treinar os aspectos considerados “importantes” na produção textual, ou seja, os aspectos linguísticos. O estudo também revela que a produção de texto, por estudantes em condições escolares, é marcada, em sua origem, por uma situação especial em que são negadas à língua características básicas como a funcionalidade e a subjetividade de seus locutores e interlocutores. O caráter artificial dessa situação tende a dominar todo o processo de produção.

CONSTRUINDO O CONHECIMENTO FORA DAS QUATRO PAREDES

Claudenir Bunilha Caetano

EMEF Dona Margarida Maichê Sallaberry – Arroio Grande/RS

Este trabalho enfoca o Projeto de Educação Ambiental para Cidadania: intervenção escolar e comunitária desenvolvido na escola localizada no Assentamento Chasqueiro, em Arroio Grande/RS e tem dois objetivos: integrar a educação ambiental ao currículo regular da escola, em uma prática interdisciplinar de Educação Ambiental entre professores e comunidade e propiciar aos educandos oportunidades de aprendizagem sobre as relações entre os ecossistemas e a cultura, respeitando as peculiaridades do assentamento, do Arroio Chasqueiro e da cidade. A falta de planejamento e consequente destruição dos recursos naturais, particularmente das florestas caracterizaram o processo de ocupação do Brasil. Ao longo da história do País, a cobertura florestal nativa, representada pelos diferentes biomas, foi sendo fragmentada, cedendo espaço para as culturas agrícolas, as pastagens e as cidades Martins (2001, p.18). O desmatamento das matas ciliares resulta no assoreamento do rio. Como a mata ciliar tem por principal função proteger o solo contra erosões, a ausência desta deixa o solo desprotegido, ficando sujeito a erosões. Com a chuva, a terra é desgastada, indo para o rio, o qual fica assoreado, tendendo a ficar cada vez mais raso. Isso também diminui a qualidade da água, afetando os ecossistemas que habitam o rio, acarretando no desequilíbrio das relações ecológicas da região. Uma das causas que merece enfoque são a manutenção e reflorestamento das matas ciliares. A Educação Ambiental pode servir como ferramenta para que seu importante papel de proteção dos cursos d'água volte a ser respeitado e compreendido pelas pessoas que se beneficiam. A Escola Municipal de Ensino Fundamental Dona Margarida Maichê Salaberry acredita e apóia a sustentabilidade de forma ampla e local, por isso propõe em seu currículo pedagógico ações que visam a preservação da natureza, especialmente por se encontrar situada no campo e perceber de modo geral a significância da natureza para o homem. Para incentivar os produtores rurais e educandos foi implantado um pomar agroflorestal orgânico na escola e fomentada a produção de hortaliças entre os espaços de plantio para um melhor aproveitamento da área. Sendo as mudas das espécies frutíferas e nativas doadas pela Embrapa, sementes de leguminosas para adubação verde pela Emater e monitoramento das plantas em parceria com os extensionistas da empresa. Sempre visando adesão de um

número maior de produtores ao projeto. A escola conta em seu currículo com disciplina de técnicas agrícolas que tem por objetivo enriquecer o conhecimento dos educandos sobre a utilização de alternativas que não agridam o meio ambiente e assim inferir sobre necessidades da escola. Para desenvolver o projeto, inicialmente apresentou-se a proposta de realização do projeto de educação ambiental a diretora e coordenadora pedagógica da escola, iniciou-se um cronograma de ações e investimentos para sua implantação em longo prazo. De imediato começamos a trabalhar com nossos educandos no local utilizando como estratégias físicas, culturas agrícolas e os elementos que compõem o meio ambiente (nascentes, lagos, arroios, plantações, criação de animais entre outros), trabalhando também com pais de educandos e pessoas da comunidade. Propomos a saída dos educandos e pais em aulas de campo para que conhecessem lugares onde se pensa e trabalha para sustentabilidade. Visita a locais de reciclagem e aproveitamento de resíduos orgânicos para serem transformados em composto, propriedades de produção orgânica que utilizam alternativas de produção que não agridam o meio ambiente. Vendo o que se faz em prol da sustentabilidade nos impulsiona a fazer semelhante e melhor. O projeto se desenvolveu através de palestras com a apresentação no Núcleo, sua missão, visão e valores, os diagnósticos sobre a região e são trabalhadas noções de: conceito de bacia hidrográfica mata ciliar, ciclo hidrológico, equilíbrio ecológico, degradação ambiental, ética e cidadania, dentre outros. O sentimento de pertencimento é despertado através de apresentação de mapas, e imagens locais dos córregos e da bacia como um todo. Figuras ilustrativas são utilizadas nesta etapa, além de dinâmicas em grupo que possam despertar para o sentimento de cooperação mútua entre os seres. Posteriormente realiza-se atividade de percepção ambiental em áreas protegidas (nascentes localizadas próximas à escolas), áreas degradadas (córregos poluídos) e em recuperação, previamente mapeadas e visitadas pelos coordenadores do projeto. Nesses locais os alunos respondem a um questionário elaborado com o intuito de avaliar a qualidade do ambiente local. Foi criada uma trilha ecológica de aproximadamente 1500 metros, dentro de um lote de pais de educandos assentados Ela inicia na sede do lote, onde são ordenhadas as vacas leiteiras, passa em uma área de campo nativo, segue pelo lado de um córrego em sua grande parte com ausência da mata ciliar com resquícios de processos erosivos e seu término deságua no Arroio Chasqueiro apresentando vegetação em estágio médio e avançado de regeneração e tem seu fim no leito do Arroio Chasqueiro que apresenta uma rica mata ciliar em seu entorno com espécies nativas e muitos “pés” de laranjeiras e

bergamoteiras, além de passar por áreas com reflorestamento comercial, solos com diferentes formação que precisam ter um projeto de uso, entre tantas outras observações que podem ser feitas no percurso da trilha. Esse trajeto serve como uma sala de aula repleta de recursos para serem trabalhados nas diferentes disciplinas, anos e séries. Essa vivência, o estudo *in loco*, é utilizada por professores de diferentes disciplinas: Técnicas Agrícolas, Geografia, Ciências, Português, Matemática, artes... Os educandos da Escola Dona Margarida Maiche Salaberry foram divididos em grupos de seis alunos, nos quais confeccionaram cartazes utilizando cartolina e lápis, refletindo o que foi aprendido tanto com a aula teórica como com as explicações feitas utilizando a Maquete Dinâmica. Dessa forma, os alunos puderam expressar, na forma de desenho, os conhecimentos que adquiriram durante a aula teórica. O objetivo principal foi atingido. Foi possível conscientizar e mobilizar os educados, professores e funcionários quanto à relevância da mata ciliar e a importância de preservar o meio ambiente, a fim de construir um futuro sustentável. Além de atingir o objetivo proposto, o trabalho perdura com a manutenção das mudas, com o início de uma pesquisa científica sobre a degradação do local e possui a perspectiva de continuidade sem previsão de término, agregando educandos, pais e de novas escolas e comunidades. Os conteúdos programáticos contidos nos Parâmetros Curriculares Nacionais que podem ser trabalhados em forma de aula passeio em nossa trilha ecológica (nossa sala de aula a céu aberto), mostrando que é possível fugir da gaiola, da monotonia das quatro paredes e uma cobertura. Os professores em cada disciplina desenvolvem os temas para as aulas práticas e, normalmente, os alunos identificam os elementos que compõem o meio, elaborando relatórios, fotografam, às vezes fazem coletas de materiais e amostra para análise futura.

**PROJETO “MÃOS NA TERRA”: HORTAS ESCOLARES INTEGRAM ESCOLA E COMUNIDADE
EDUCANDOS APRENDEM A CULTIVAR O SOLO E APROVEITAR OS ALIMENTOS**

Claudenir Bunilha Caetano

EMEF Dona Margarida Michê Salaberry – Arroio Grande/RS

O projeto “Mãos na terra” visa oportunizar a troca, o aprofundamento e o estabelecimento do conhecimento para desenvolvimento mais sustentável das práticas agrícolas, da qual o homem encontra-se intrinsecamente dependente, pois vive do que a terra oferece como resposta ao seu trabalho através da produção. Participaram do projeto as escolas EMEF Visconde de

Mauá, EMEF Dona Margarida e EMEF Presidente João Goulart, localizadas na zona rural. O projeto busca desenvolver o conhecimento aos estudantes para o cultivo de variedades de hortaliças entre outras plantas, com técnicas apropriadas, comprometendo-se com a produção agrícola, base da economia do município e, conseqüentemente, fixando o homem a terra. Na teoria e na prática, os educandos aprendem a usar adequadamente os instrumentos agrícolas, a preparar canteiros e a determinar o período certo do cultivo. Assimilam a importância dos cuidados para com o solo, os seres vivos e os insumos naturais. Na certeza do desencadeamento da interdisciplinaridade, provocando múltiplos movimentos de características elaboradas pelo direcionamento do pensar, do agir, do relacionar, da construção dos conceitos e do aproveitamento prazeroso dos assuntos desenvolvidos, as diferentes disciplinas do currículo escolar buscam extrair de cada questão seus interesses particulares, a partir de um raciocínio que é comum a todos professores de várias disciplinas que trabalham juntos, cada qual explorando o enfoque de sua potencialidade acadêmica. A avaliação do desenvolvimento do projeto também ocorre em conjunto, num processo constante de diagnóstico de ação, de reflexão e de ação.

DESIGN SOCIAL APLICADO NO IF-SUL

Claudia Campos Ribeiro, Stela; Lannes Stein, Liege, Alexandre Assunção, Lessandro Rosa,
Ana Cristina Silva, Alfredo Viana, Martha Coswig e Gustavo Brod
IF-Sul – Pelotas/RS

O trabalho adota como referência o conceito de design social. Esse conceito aponta potencialidades dos projetos de Design de Móveis concretizadas em propostas de intervenção social. No conceito de design social deveria estar intrínseco ser um projeto social. No campo teórico, instaura uma linha de reflexão que questiona o empirismo e o ativismo descomprometido eticamente com o social, propondo discussões e especulações sobre a natureza e a prática do Design, suscitando alternativas para projetos além da esfera privada ou mercantil. O relato aqui apresentado refere-se a uma experiência de troca de conhecimentos entre o Instituto Federal de Educação Tecnológica Sul-rio-grandense através de seu curso de Design de Móveis e a sociedade. Inicialmente foi desenvolvido o projeto de uma Biblioteca móvel para o setor de oncologia do Hospital Escola da Universidade Federal de Pelotas e posteriormente se expandiu para outros temas de cunho social. Ao colaborar com as Instituições através da elaboração de projetos de móveis,

contemplando suas necessidades de forma ergonômica e com *layout* adequado, proporcionou-se interação entre professores, alunos e a comunidade. Os projetos são desenvolvidos em etapas, desde a pesquisa nas dependências das Instituições, fazendo levantamento de dados através de entrevistas, fotos etc, definindo assim o perfil do usuário e o programa de necessidades. Com essas vivências os alunos concluem que a criação de um móvel apenas não basta e que é necessária uma proposta ampla, envolvendo os ambientes como um todo. Após as pesquisas os alunos apresentam o layout inicial dos ambientes, organizando os espaços de forma funcional, ergonômica e estética, envolvendo apresentação de croquis, e representações gráficas dos projetos dos móveis os quais posteriormente serão detalhados. Com os projetos já definidos os alunos do curso de Design de Móveis elaboram o desenho técnico completo, maquete definitiva, perspectivas humanizadas dos ambientes, perspectivas coloridas dos móveis, aproveitamento de material, orçamentos e folders. A etapa final de conclusão de curso envolve a defesa do projeto perante professores, alunos, convidados das Instituições e comunidade em geral. Durante essa trajetória, o Curso Técnico de Design de Móveis, foram selecionados dois móveis para ser executados na marcenaria do curso, o da Escola Louis Braille, os quais foram de grande significado para a Instituição, para os alunos e para esta Coordenadoria. Assim, o objetivo dessa proposta de extensão, não só integrar a comunidade em projetos sociais, mas tornar possível a execução e doação de projetos para outras Instituições que ainda não foram contempladas. O envolvimento da comunidade e a tomada de consciência dos alunos sobre os problemas sociais garantem a eficácia da proposta pedagógica.

LIXO – UM PROBLEMA A SER RESOLVIDO POR TODOS

Claudia Escalante Medeiros e Rosi Hernandes Trindade
Colégio Estadual General Hipólito Ribeiro – Pinheiro Machado/RS

Segundo Garret Hardin citando Sardela, educação ambiental é fundamentalmente uma educação para a resolução de problemas, a partir das bases filosóficas do holismo, da sustentabilidade e do aprimoramento. A educação ambiental não substitui ou ultrapassa disciplinas acadêmicas; precisa e aplica todas elas. Frente a um problema ambiental qualquer, é provável que precisemos de alguns subsídios de química, história, geografia, física, português, filosofia e sociologia. Diante desse contexto, apresentamos

uma proposição metodológica interdisciplinar: Lixo – um problema a ser resolvido por todos, cujo objetivo principal foi propor e executar ações de preservação ao meio ambiente. O trabalho foi realizado com terceira série – turma A, do Colégio Estadual General Hipólito Ribeiro – Pinheiro Machado/RS, ao longo do ano letivo de 2009. Buscando alcançar os objetivos propostos dividiu-se o presente trabalho em três etapas: Na primeira, durante os meses de março e abril, os alunos organizados em grupos elaboraram um projeto de pesquisa sobre a temática escolhida de acordo com o tema principal; na etapa seguinte, durante os meses de maio a agosto foi feita a coleta de dados através de pesquisas bibliográficas, e em sites especializados, entrevistas com gestores públicos e moradores da cidade, bem como visitas ao aterro sanitário do Município. Na terceira etapa, em setembro, os trabalhos foram apresentados por escrito e oralmente a toda comunidade escolar através de um seminário organizado pela turma com a colaboração dos professores envolvidos. Após o projeto foram colocadas lixeiras para coleta seletiva de lixo no interior da escola; as sobras oriundas da Merenda Escolar são utilizadas, em sistema de compostagem, como adubo nos canteiros existentes na escola onde são cultivadas erva de chá e especiarias empregadas no preparo da mesma. Aprendemos com Freire, que ao trabalhar com projetos interdisciplinares, tanto educadores quanto educandos envolvidos numa pesquisa, não serão mais os mesmos. As ações adotadas na escola e pelos gestores públicos e também a qualidade dos trabalhos apresentados pelos alunos, permitem-nos concluir que os objetivos foram alcançados, o que evidencia a adequação da metodologia proposta. Os resultados devem implicar em mais qualidade de vida, devem ser indicativos de mais cidadania, de mais participação nas decisões da vida cotidiana e da vida social. Devem, enfim, alimentar o sonho possível e a utopia necessária para uma nova lógica de vida.

A DISCIPLINA DE ARTES EM UMA ESCOLA RURAL: MOVIMENTOS, SABORES E APRENDIZAGENS INSTIGANDO A AUTO-ESTIMA, VALORIZANDO OS JOVENS/ADOLESCENTES E MINIMIZANDO AS DIFERENÇAS

Cleber José Silveira da Costa
EMEF Armando Fajardo – Piratini/RS

Como professor da disciplina de Artes em uma escola rural no município de Piratini/RS e com o agravante de estar na escola apenas uma vez por semana para ministrar tal disciplina percebi que meu trabalho precisava se

agigantar diante de tamanho desafio. Senti que precisava motivar aqueles alunos e que eles precisavam muito da minha atuação docente, da minha contribuição como uma espécie de alavanca, pois o resto eles saberiam fazer muito bem. Foi assim que nasceu o projeto das oficinas de artes com as turmas de 5ª e 6ª série, com o objetivo de incentivar aqueles adolescentes sentirem prazer em estar na sala de aula, de sentirem-se pertencentes aquela escola, construindo seus saberes, movimentando-se, conhecendo-se e aprendendo. Com a autorização e apoio da direção da escola juntei ambas as turmas e com eles, nas tardes de terças-feiras construí um projeto que acredito que mexeu com aqueles alunos. Primeiro desconstruí a ideia de que a disciplina de artes é apenas mais uma no currículo, mas sim é uma disciplina que integra e interliga todas as outras, pois ela envolve movimento, sentimento, expressão, atenção e requer, sobretudo, de gente que acredite nas possibilidades. Foi assim que este projeto foi desenvolvido durante o ano de 2011. Uma vez por semana tínhamos oficina de artes e a partir de então, de forma coletiva com os alunos movimentamos mentes e saberes. Senti motivação, entusiasmo, auto-estima por parte dos alunos. Percebi que passaram a respeitarem-se mais, a serem mais amigos, a trabalharem juntos nos grupos, a curtir a sala de aula, a escola. Cumprimos o programa curricular proposto pela escola sem deixar de provocar à interpretação corporal, a expressão escrita, a dança, a música, o teatro, o desenho e a vida sobre todas as coisas. Com esse trabalho pude constatar que precisamos de tão pouco para motivar nossos alunos e que a disciplina de artes tem muito a contribuir na formação de pessoas críticas e autocríticas da realidade, mas, sobretudo, essa disciplina como as demais que integram o currículo das escolas tem condições de formar pessoas felizes.

PROJETO “RECONSTRUINDO IDENTIDADES”

Cristiane Bartz de Ávila, Jaqueline de Mattos Mendes e Tatiana Cristina Ugoski Rodrigues
EMEF Nestor Elizeu Crochemore – Pelotas/RS

O Projeto NEABI/NEC, implementado e desenvolvido no ano de 2011 veio a somar aos projetos já desenvolvidos nesta unidade de ensino desde o ano de 2005, onde o tema gerador foi o desenvolvimento e implantação da Lei 10639/03 e logo após a Lei 11645/08. Nossa escola está localizada em área remanescente quilombola, um motivo incentivador para o trabalho em prol ao reconhecimento e valorização das identidades negras existentes nesta

localidade e regiões. Salientamos que para além do trabalho cultural/histórico/didático amparado por estas Leis citadas acima, a escola se preocupa em valorizar também as diferentes etnias que foram responsáveis pela colonização desta região, fazendo assim um trabalho em conjunto de valorização, reconhecimento de suas descendências e autoafirmação de identidades sem deixar de lado nenhuma etnia para que com isso se estabeleça uma harmonia entre todos da comunidade. No decorrer do ano de 2011 foi trabalhado com os alunos que fazem parte do Projeto, a parte histórica/cultural bem como o preparo de alguns pratos da Culinária Africana. O Projeto teve seu cume no mês de novembro, onde foram organizadas oficinas e palestras em torno da temática. No evento realizado em vinte e seis de novembro do ano de dois mil e onze, podemos contar com a presença de representantes da Comunidade Quilombola Alto do Caixão; NEABI/Pelotense; Grupo de Dança ODARA; Representantes da SMED (Prof.^a Rosa e Prof.^a Perpétua); Prof. Claudio Carle (Ufpel) e amigos; Antonio; Fabio Gonçalves; Dona Sirlei; Representantes da Escola Erasmo Braga, Representantes da Escola Marechal Rondon e demais membros da comunidade escolar. As oficinas desenvolvidas foram: Construção de Agê e sua importância dentro da cultura africana; Toque do Tambor e Dança Afro; Capoeira e contexto histórico; Confeção de fuxicos e Contação de história com ilustração. Houve exposição de cartazes e trabalhos que foram desenvolvidos em sala de aula durante o ano letivo. A participação de professores e funcionários foi efetiva na construção e concretização desse projeto, colaborando com organização e atendimento à comunidade presente. Os alunos de todas as instituições presentes no evento se mostraram receptivos às atividades propostas, fato este comprovado pela aceitação quando houve a sugestão de apresentação dos trabalhos realizados por eles próprios. Embora o NEABI se tratar de um projeto que tem continuidade, as atividades desenvolvidas no ano de 2011 foram consideradas como marco nessa longa caminhada em busca de uma igualdade social e por esse motivo a Escola achou que deveria dividir com um público maior expondo então no “11º Poder Escolar”.

**O ENSINO DE EQUAÇÕES DO 2º GRAU, PARTINDO DA LEITURA E DA
CONTEXTUALIZAÇÃO. “AS MIL E UMA EQUAÇÕES”**

Cristiane Soares Araujo

EPEF São Luiz Gonzaga – Rio Grande/RS

As equações do 2º Grau são abordadas geralmente de maneira linear e sem nenhum tipo de contextualização, visando uma nova forma de abordagem do assunto, foi levado em consideração os modos de aprender dos estudantes. A avaliação do processo deve fazer parte do planejamento desde o primeiro momento, fazendo uso de diferentes recursos para acompanhar os processos de aprendizagens dos estudantes: Relatórios direcionados, buscando levantar os conhecimentos espontâneos e os científicos, acerca das suas aprendizagens. Questionamentos, levantamento de hipóteses e discussões. Relatórios das atividades diárias. Elaboração e execução de exercícios. Os objetivos do trabalho foram identificar, reconhecer e diferenciar equações do 2º grau; reconhecer os coeficientes, determinar as raízes; coletar dados durante a leitura do livro, apresentar aula; relacionar conceitos que envolvem as equações do 2º grau e situações problemas; capacitar o estudante a relacionar criticamente conceitos construídos em sala de aula com a prática cotidiana. Fundamento minhas ações na teoria de aprendizagem de Vygotsky, no que diz respeito à importância do levantamento de conhecimentos espontâneos dos estudantes sobre o tema a ser trabalhado, com o propósito de possibilitar a construção de conhecimentos científicos. Partindo da leitura do livro “As mil e uma equações”, de forma gradativa. Cada estudante trazia ao grupo questionamentos acerca da leitura, e assim trabalhava colaborativamente, na construção de novos conceitos. A turma foi dividida em grupos de três componentes, pois a interação com outro, tem papel importante na aprendizagem. Exercitar a linguagem faz com que o estudante organize seus pensamentos e assim ocorra a aprendizagem. Partindo da análise de algumas perguntas: ao final de cada semana os estudantes deveriam comunicar aos outros grupos através de um pequeno texto (relatório) construído por eles, colaborativamente, e seguindo um roteiro sugerido pela professora, as suas aprendizagens acerca dos conceitos que eram trabalhados em cada aula, gerando reflexões e discussões. Fichas de equações, estas foram apresentadas aos estudantes para que eles separassem em grupos o que para eles poderia ser considerados equação e

o que não. De posse das fichas classificadas como equações o objetivo era diferenciar as equações do 2º grau das demais. Criando assim alguns parâmetros sobre as diferenças existentes. Logo após passamos a diferenciar as equações do 2º grau, ditas completas das incompletas. Suplemento de atividades eram situações problematizadoras trazidas pelo professor traçando novas relações entre conceitos e aplicações. Exercícios de aprendizagens, a fim de, generalizar e aplicar os conceitos adquiridos. Jogo da soma e do produto, o lúdico assume papel de importância na aprendizagem, dele partem novas re-significações desencadeando momentos de interação. Partindo das leituras dos relatórios dos alunos, e da discussão, conclui-se que, os objetivos foram alcançados, efetivar a leitura e a compreensão do texto. Além de provocar as discussões e o levantamento de hipóteses, conceituando as equações do 2º grau, bem como a produção de conhecimentos e habilidades necessárias a compreensão da sua execução e sua importância, foi necessário um novo olhar sobre estes momentos de discussão, pois partindo de um texto deveríamos cruzar informações, buscadas em outras leituras, e assim construir significados.

EDUCAÇÃO MUSICAL PARA DEFICIENTES AUDITIVOS

Cristina Dias Ribeiro

EPEF Colégio Franciscano Nossa Senhora Aparecida – Rio Grande/RS

Este trabalho tem como objetivo mostrar que, mesmo pessoas que possuem deficiência auditiva, podem vivenciar experiências musicais. Para isso, propôs a aplicação de dois métodos, combinados, de educação musical, em forma de oficinas semanais, para um grupo de crianças deficientes auditivas. A aplicação destas pôde comprovar que, além de pessoas portadoras de algum tipo de deficiência auditiva poderem experimentar música, esta, pode lhes proporcionar benefícios, como a melhora da auto-imagem, da fonação e fonomotricidade, bem como a socialização. Para a realização deste trabalho foram utilizados alguns procedimentos: Primeiramente uma análise bibliográfica de temas relacionados ao assunto, com vistas a um maior esclarecimento sobre métodos mais adequados na Educação Musical de Deficientes Auditivos. Após o levantamento, escolhi trabalhar com dois métodos de musicalização para Deficientes Auditivos: O primeiro de Gertrud Orff e o segundo de Vidal e Rocha, alguns procedimentos específicos de cada método foram utilizados. Com Gertrud Orff: estudar o uso de

instrumentos de percussão, para exploração de cada criança conforme seu interesse e proposição de figuras rítmicas para execução com determinados instrumentos de percussão escolhidos por cada criança. Com Vidal e Rocha: estudar os exercícios para desenvolver a noção de fonação e controle motor, exercícios para controlar a fonação através da provocação e modulação e exercícios para desenvolver a noção de velocidade. Para o desenvolvimento do trabalho, escolhi fazer a combinação dos dois métodos por acreditar que, estes utilizados de maneira conjunta, apresentariam elementos mais eficientes, pois combinam a socialização com o desenvolvimento da fala. O trabalho foi desenvolvido em uma turma de dez alunos, por um período de seis semanas sendo uma aula por semana. Os alunos foram escolhidos pelas professoras, com idade entre 5 a 12 anos. Durante a aplicação dos métodos foram utilizados alguns critérios de avaliação, tais como depoimentos de todos os envolvidos (pais e alunos) e aplicação de um questionário no começo da pesquisa visando identificar o envolvimento dos alunos com a música. Dentre os benefícios identificados durante a aplicação dos métodos destacamos: melhoria da fala, fonomotricidade, socialização, auto-imagem, melhor entrosamento de grupo, melhora da percepção corporal e oral, além de grande satisfação pessoal. Neste trabalho não se salientou o déficit e sim as possibilidades do surdo, por isso, entendemos o Deficiente Auditivo como ser “diferente” e não “deficiente”.

**FORMAÇÃO CONTINUADA E PRÁXIS EDUCATIVA NA ESCOLA PÚBLICA:
APRESENTANDO REFLEXÕES SOBRE TRÊS PESQUISAS ORIUNDAS DA
ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO**

Daiana Corrêa Vieira, Dirlei de Azambuja Pereira e Patrícia Tarouco Manetti Becker
IEE Ponche Verde e EMEI Recanto Infantil – Piratini/RS

A necessidade de uma formação continuada, por parte dos educadores, tanto no âmbito da escola quanto fora dela é imprescindível. Assim, com o objetivo de qualificar, cada vez mais, a ação pedagógica na escola pública algumas propostas surgem e merecem destaque. Uma delas é a Especialização em Mídias na Educação, oferecida pela Secretaria de Educação a Distância, do Ministério da Educação. Ao tomarmos conhecimento da existência deste curso e movidos pela curiosidade de como trabalhar, de forma qualitativa, as mídias existentes nos espaços escolares, buscamos, a partir de 2007, esta formação. Transcorridos os períodos de realização das disciplinas oferecidas

por este programa, desenvolvemos, nos anos de 2009, 2010 e 2011, três diferentes pesquisas que abrangeram as mídias internet, audiovisual, rádio e jornal. No ano de 2009, em uma 8ª Série da EEEF Professora Inácia Machado da Silveira (Piratini, RS), houve uma proposta muito produtiva na disciplina de Espanhol. Nesta, depois de utilizarem, em sala de aula, vídeos e videoclipes e, acessarem a página do You Tube, educadora e educandos criaram um blog intitulado Edulinguas, no qual eram postadas atividades que envolviam a língua estrangeira em questão. Já nos anos de 2010 e 2011, na Educação de Jovens e Adultos (EJA), do IEE Ponche Verde, ocorreu um interessante projeto com a mídia rádio. Em um primeiro momento, os educandos desta modalidade de ensino responderam sobre os programas radiofônicos de que mais gostavam. Posteriormente a esta identificação, surgiu o processo de elaboração de programas a serem apresentados, por meio de uma rádio escola, para os demais educandos da instituição. Cabe destacar, no que concerne este trabalho, a diversidade de assuntos tratados bem como o envolvimento dos educandos no decorrer da proposta. Já a terceira pesquisa desenvolvida ocorreu em uma turma de Pré II, no ano de 2011, na EMEI Recanto Infantil. Como resultado desta investigação, houve a construção de um jornal escolar, o qual se subsidiou na proposição cunhada pelo pedagogo francês Célestin Freinet. O impresso, intitulado Jornal das Crianças, apresentava as seguintes seções: Espaço Ateliê, Recados do Coração, Opinião, Assunto Importante e Entrevista. Diante destas breves notas sobre as três investigações realizadas de 2009 a 2011, acreditamos que a experiência de cursar a Especialização em Mídias na Educação contribuiu, de forma substantiva, para a nossa formação profissional. Além disso, possibilitou a construção de um trabalho pedagógico voltado à efetivação de uma aprendizagem significativa, no qual, ainda, os educandos tornaram-se, realmente, sujeitos do processo.

VINCULANDO EXPERIMENTAÇÃO E NOVAS TECNOLOGIAS NO ENSINO DE CIÊNCIAS

Daniel de Souza Pereira e Agueda Maria Fernandez de Araujo da Silva

EEEF Fernando Treptow – Pelotas/RS

Este trabalho parte do princípio de que a educação é fundamental no processo de formação do cidadão. Pensando nessa direção, o ensino de ciências se torna uma proposta emergente, seja nas escolas ou nos espaços não-formais, como ambientes de trabalho e lazer, para que todos possam

discutir os problemas científicos, e propor uma melhor organização da sociedade e, a partir destes problemas, intervir em sua comunidade. O projeto de ação “Vinculando Experimentação e Novas Tecnologias no Ensino de Ciências”, foi desenvolvido na Escola Estadual de Ensino Fundamental Fernando Treptow, em Pelotas, com educandos da 8ª série, através da necessidade de formar cidadãos conscientes, participativos e solidários e buscou desenvolver a sensibilização dos adolescentes através dos conhecimentos de ciências. No espaço da sala de aula e no espaço virtual, utilizando o blog como ferramenta, foram trabalhados conteúdos de ciências e as dimensões sociais, econômicas e ambientais referentes ao petróleo, promovendo um debate constante, criando canais de participação e fortalecimento dos educandos em relação à qualidade de vida e ao meio ambiente que estamos inseridos. Com a intenção de motivar os alunos para o uso de novas tecnologias na educação, melhorar o processo educacional, estender o espaço da sala de aula, buscou-se a construção do conhecimento compartilhado entre o educador e o educando. Para concretizar este intuito utilizamos experimentos com a ferramenta blog. Esta ferramenta serviu para a realização das discussões, postagens das produções dos grupos e esclarecimento de dúvidas que se mostrou uma ferramenta adicional poderosa no processo educacional. Esta proposta visou colocar os educandos diante da realidade da experimentação e da pesquisa direcionada, através da busca de reportagens sobre o pré-sal, fato que enriqueceu muito o projeto. Durante a execução foram realizados debates, leituras e produção de vídeo, que possibilitou verificar uma aquisição/ampliação de conhecimentos que lhes permitissem o entendimento dos conteúdos de ciências. Todas as atividades foram desenvolvidas no decorrer de quatro semanas e contou a participação de todos os educandos, inclusive educandos com necessidades específicas, demonstrando o interesse por parte dos mesmos e a abrangência das atividades propostas. O projeto atingiu seus objetivos, visto que conseguiu ultrapassar as barreiras da sala de aula e os alunos foram agentes da sua própria formação. A utilização das TIC's foi importante e a apropriação, por parte dos alunos, enriqueceu a experiência. A auto-avaliação contribuiu de forma significativa, pois evidenciou a apropriação de novos conceitos na estrutura cognitiva dos educandos, além de contribuir para o crescimento crítico individual dos alunos.

UMA EXPERIÊNCIA CHAMADA ROYALE ESCOLA DE DANÇA E INTEGRAÇÃO SOCIAL

Daniela Grieco Nascimento e Silva

Royale Escola de Dança e Integração Social – Santa Maria/RS

O presente texto tece algumas reflexões sobre a experiência desenvolvida pela Royale Escola de Dança e Integração Social, Organização Não-Governamental da cidade de Santa Maria/RS, que utiliza a dança como agente motivadora no desenvolvimento das potencialidades e na inclusão social, cultural e educacional de crianças, adolescentes, jovens e famílias expostos à situações de vulnerabilidade em oito regiões periféricas. A Royale Escola de Dança e Integração Social é uma Organização Não-Governamental que utiliza a dança como agente motivadora no desenvolvimento das potencialidades e na inclusão social, cultural e educacional de crianças, adolescentes, jovens e famílias expostos à situações de vulnerabilidade em oito regiões periféricas. As demandas sociais destas comunidades são inúmeras, destacando-se o desemprego, a desestruturação familiar, casos de dependência química, alcoolismo, violência doméstica, tráfico de drogas, gravidez precoce, prostituição infanto-juvenil e índice de 60% de evasão escolar. A fim de transformar tal quadro são realizadas ações interdisciplinares (Oficina Dança Cidadã, Oficina de Apoio Pedagógico, Oficina de Artes Plásticas, Oficina de Língua Francesa, Apoio Psicológico), tendo o Ballet Clássico como eixo temático central, a fim de integrar o conhecimento corporal ao conhecimento intelectual e a percepção de si mesmas, desenvolvendo os 4 pilares da educação propostos por Jacques Delors (1996): aprender a ser, aprender a conhecer, aprender a conviver e aprender a fazer. A experiência realizada pela Royale Escola de Dança e Integração Social vai de encontro ao pensamento de Melucci (2004) quando fala sobre a identidade. Os corpos dançantes das bailarinas da Royale se reconhecem no respeito a sua diversidade, internalizando o reconhecimento dos outros e também se reconhecendo enquanto grupo, enquanto comunidade, constituindo-se em atores sociais que começam a agir e a modificar a história, pois o referido autor (2004, p.47) coloca que “também no âmbito coletivo podemos falar da identidade como aquilo que assegura ao grupo, ou à sociedade a qual pertencemos, continuidade e conservação”. O importante a ressaltar na experiência da Royale é que a dança não efetuará essa transformação sozinha. A base concreta constitui-se no trabalho interdisciplinar realizado por todas as oficinas artísticas e

educativas que tem como núcleo o Tema Gerador dos espetáculos de dança, baseado nas ideias de Paulo Freire. Este é pesquisado e estudado criticamente em todas as oficinas no processo de preparação dos espetáculos, indo do geral ao particular. Cria-se um universo temático que envolve todos em seu processo: educadores, bailarinas, famílias, comunidade. Tendo o reconhecimento da linguagem do corpo sujeito como centralidade realiza-se uma educação, segundo Paulo Freire (1977) problematizadora, baseada no diálogo, na construção coletiva, onde todos aprendem juntos. Assim, a Royale Escola de Dança e Integração Social constitui-se num espaço de informação e de transformação, onde o corpo sujeito tece, com movimentos lúdicos, a trama de sustento da sua vida.

A GESTÃO, O DIÁLOGO E A COMUNIDADE ESCOLAR: CONSTRUINDO POSSIBILIDADES COLETIVAS NA CONSTRUÇÃO DE APRENDIZAGENS SIGNIFICATIVAS

Daniela Pedra Mattos, Nara Rejane Ávila e Tatiane Barcelos Motta
EMEF Armando Fajardo – Piratini/RS

Como gestoras de uma escola rural, localizada no interior da cidade de Piratini/RS apresentamos um projeto de gestão o qual tem por objetivo envolver a comunidade escolar através do diálogo, não somente em questões físicas, aplicabilidade de recursos financeiros e estruturais da escola, mas, sobretudo, envolver todos (pais, alunos e professores) nas discussões pedagógicas, buscando de forma coletiva minimizar as dificuldades de aprendizagem dos alunos. Sendo assim, foi no ano de 2011 que consolidamos as plenárias de discussões dos assuntos pedagógicos da escola, com o objetivo de construir verdadeiramente com a comunidade escolar um elo de comprometimento nos aspectos pedagógicos, pois até então percebíamos que os pais participavam ativamente das questões estruturais da escola, tais como: realizar reformas, mutirões de organização como pinturas e etc. Porém percebemos que quando nos referíamos à aprendizagem dos alunos havia duas sentenças: Aprovado ou reprovado. Sentimos uma grande fragilidade nesse aspecto. Percebemos que mesmo os pais indo à escola quando solicitados, não havia envolvimento destes com a aprendizagem dos filhos e conseqüentemente os resultados apresentavam-se insatisfatórios. Os números e índices apresentados eram menores, mesmo sendo baixos, diante da complexidade do momento vivenciado. Foi então que instituímos as plenárias de discussões coletivas dos assuntos

pedagógicos da escola, em que reunimos direção, pais, alunos e professores discutindo juntos as fragilidades. Essas plenárias foram e continuam sendo realizadas trimestralmente no turno da noite, pois a maioria dos pais trabalham durante o dia. O expressivo número de pais e alunos participantes fez com que pudéssemos juntos buscar caminhos para as dificuldades apresentadas. Antes de cada plenária a direção se reunia com os professores para diagnosticar as fragilidades ou os bons resultados, logo após, a direção organizava uma pauta de fragilidades e apresentava a todos (pais, alunos e professores), após todos tinham voz e vez para fazerem suas considerações. Um espaço democrático em que todos podiam se expressar e, sobretudo, a tomada de atitudes era coletiva, de consenso da maioria. Com baixos índices de aprovação no primeiro trimestre de 2011, 57% de aprovação geral na escola em todas as séries do ensino fundamental, passamos a 91% de aprovação em dezembro de 2011. Percebemos que o comprometimento de todos fez a diferença. Direção, Pais, alunos e professores se imbuíram numa proposta comum. Percebemos que a escola ficou mais forte, mais humana, democrática e que os pais sentiam-se pertencentes aquele lugar. Este projeto continua sendo desenvolvido na escola na busca por possibilidades que qualifiquem o aprendizado aqui construído.

CIDADANIA TAMBÉM SE FAZ NO J.G

Darcy Sérgio Machado Ferreira

EMEF Presidente João Goulart – Arroio Grande/RS

Constantemente, nossa sociedade passa por transformações, seja na interação com o mundo, no consumo de bens, na solidariedade com os mais fracos. Isso faz com que o ser humano torne-se cada vez mais dependente de um sistema que propõe às pessoas um alto nível de consumismo, sem um controle adequado para o descarte de bens e onde poucos olham o lado solidário daqueles que mais precisam, tornando-se cada vez mais individualistas na sociedade. Nada mais importante do que desenvolver a discussão sobre a cidadania começando pela escola, fazendo com que a criança seja o elo de multiplicação do conhecimento para sociedade. Este projeto teve por objetivos: organizar ações de solidariedade na comunidade, promover a interação escola/aluno/família e a sociedade, unir esforços junto à comunidade em prol dos menos assistidos, levando uma mensagem de carinho, amor pelo próximo e participar de trocas de conhecimento através

do Irmanamento França/Brasil. A proposta metodológica do Projeto se desenvolveu estimulando os alunos a manifestar em seu interesse e a refletir sobre a possibilidade de fazer a diferença, criar o novo e transformar a sociedade. Para isso foram desenvolvidas discussões em grupo, atividades em sala de aula, atividades de campo (visitas, pesquisas), passeios organizados, palestras, canções com coreografias, entre outras. Foram feitas também leituras coletivas de obras que tratam de ações ambientais, pesquisas sobre formas de controle dos produtos expostos no comércio local assim como pesquisas de preços, validade, indicação sobre produção transgênica ou não, valores nutricionais. Foram ainda produzidos textos informativos sobre formas de preservação do Meio Ambiente em todos os espaços como uma alternativa para comunidade olhar de outro modo e deixar a cidade mais bonita. Na escola, foram desenvolvidas ações sobre o Meio Ambiente envolvendo as famílias. Foram organizados grupos de oração com as crianças, independente do seu credo religioso, considerando a importância da palavra de Deus para nossas vidas. Com relação à comunidade, foram realizadas visitas a órgãos públicos e jornais locais, e a instituições que buscam uma melhor forma para preservar o meio ambiente e as que abrigam idosos, crianças em situação de vulnerabilidade social, albergues, creches. No projeto estiveram envolvidas as disciplinas de português, matemática, estudos sociais, ciências, ensino religioso e temas transversais. Entre as atividades do projeto Irmanamento França/Brasil foram recebidos trabalhos realizados por alunos da *École St quen de Corts* (França) e enviada para esta escola uma pesquisa sobre o Município de Arroio Grande.

PROJETO RESGATANDO AS TRADIÇÕES FOLCLÓRICAS: UM ENCONTRO ENTRE O PASSADO E O PRESENTE NO UNIVERSO IMAGINÁRIO E LÚDICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Débora Martins de Oliveira da Silva e Marina Cabreira Rocha de Moraes
 EMEI Meu Lar – Piratini/RS

O povo brasileiro, resultante do caldeamento de distintas raças e etnias que já viviam ou vieram para este solo (índios, portugueses, africanos, alemães, italianos, entre outros), destaca-se pela asseverada cultura popular. É indubitável afirmar que a cultura popular está atrelada ao lúdico, uma vez que a transmissão do repertório de brincadeiras folclóricas para criança é feita, principalmente, pela família e por amigos, em momentos descontraídos no

cotidiano. Assim sendo, como o professor pode trabalhar as distintas tradições populares em sala de aula, despertando no aluno a reflexão e valorização deste patrimônio cultural? Foi pensando nesta problemática que surgiu este trabalho, o qual tem como objetivo apresentar os aspectos históricos e culturais que norteiam as raízes do povo brasileiro para as crianças do pré I e II, a fim de despertar nos alunos a compreensão, a valorização e o respeito às peculiaridades da cultura popular. A aplicação deste projeto foi desenvolvida em dois dias da semana, quinta e sexta-feira, respectivamente, durante os meses de agosto a outubro de 2011. As professoras lançaram mão dentre os procedimentos: procuraram entrar em contato com os conhecimentos prévios dos alunos sobre o folclore através de um diálogo na hora da “rodinha”; num segundo momento, contaram diferentes histórias ou lendas levando em consideração o aspecto cultural, político, histórico, social e estético dos estados brasileiros, em cada aula, por meio de variados recursos como gravuras, filmes, dramatização, teatro, entre outros. Depois de trabalhar com leitura de textos, as promissoras realizavam um espaço de debate acerca de cada história e lenda, a fim de aguçar a interpretação e o senso crítico dos alunos. Em cada apresentação de lendas e histórias foram elaborados trabalhos manuais e artísticos com base nos textos abordados, a fim de explorar a coordenação motora fina e ampla dos educandos, como exemplos, confecção de personagens a partir de sucatas, elaboração de maquete, entre outros. Na sequência da práxis, as educadoras realizaram atividades lúdicas como brincadeiras de roda (a canoa virou, Arroz com leite, entre outras), resgate de brincadeiras antigas (jogo do osso, bolinha de gude etc), e parlendas relacionados ao folclore. No término do projeto, as docentes elaboraram uma exposição do projeto, em que os alunos envolvidos tiveram a oportunidade de apresentarem variadas atividades artísticas: narração das lendas trabalhadas ao longo do projeto, dramatização teatral da lenda Negrinho do Pastoreio e explanação sobre as atividades desenvolvidas a partir de fotos e trabalhos manuais para as demais turmas da escola e à comunidade em geral. Ao final do projeto, as educadoras perceberam através da discussão das lendas e histórias trabalhadas, da confecção de diferentes trabalhos manuais atrelados aos temas explorados e na interação de dança, brincadeiras, cantigas de roda, a compreensão, a valorização e o respeito às peculiaridades dos alunos referente às tradições folclóricas brasileiras. Além de reviver e recordar costumes das tradições culturais dos seus pais, avós ou outros ancestrais, as educadoras observaram um envolvimento e apreciação dos alunos acerca das brincadeiras vivenciadas pelas gerações de seus parentes mais velhos.

EDUCAÇÃO FÍSICA + PRATICANDO SAÚDE NA ESCOLA

Denise Zanolet Porto e Eliana Köhler Kröning

EEEM Dr. Carlos Mesko e EMEF Santo Ângelo – Canguçu/RS

O presente trabalho foi idealizado pelo Grupo de Estudos em Epidemiologia da Atividade Física (GEEAF) da Escola Superior de Educação Física da UFPel e tem por objetivo a difusão do conhecimento a cerca da promoção da saúde e da atividade física para a população em geral. Dentre as possibilidades, entende-se o espaço escolar, especialmente a aula de Educação Física, como oportuno para a difusão deste conhecimento. O projeto foi desenvolvido dentro das aulas de Educação Física, durante o segundo semestre de 2011, nas turmas de 5ª e 7ª série do ensino fundamental e o 1º ano do ensino médio. Para cada turma o projeto sugeria uma proposta de trabalho sistematizada que abordava temas relacionados à pratica de atividade física e saúde em geral como frequência cardíaca, IMC, alongamento, aquecimento, alimentação, doenças crônico degenerativas,... Nos deteremos aqui no trabalho realizado na EMEF Santo Ângelo e EEEM Dr. Carlos Mesko na cidade de Canguçu. A metodologia do trabalho baseou-se em aulas práticas, expositivas, jogos e brincadeiras, vídeos, cartazes, pesquisas, produção textual, saídas de campo. Os temas geradores e norteadores pautaram conceitos históricos, sociais e culturais de beleza, meio ambiente e ainda na proposta de um seminário onde abordamos temas como Anorexia, Bulimia, Medicamentos para Emagrecer, Esteróides Anabolizantes, Obesidade, Preconceito e as relações entre Mídia, Estética e Saúde, motivando a busca pelo conhecimento. Tais ações foram sempre intercaladas e associadas com intervenções sistemáticas dos temas propostos pelas apostilas sugeridas pelo projeto, criando relações conscientes entre atividade física e saúde. Os resultados do trabalho puderam ser percebidos em uma entrevista realizada pelos integrantes do GEEAF, somente com a presença voluntária de alunos das turmas onde o trabalho foi realizado. Nessa entrevista, os alunos foram questionados a respeito de alguns aspectos das aulas de Educação Física da seguinte maneira: “1) Vocês gostam da disciplina de Educação Física? Por quê?; 2) O que vocês acham que a Educação Física deve ensinar na escola?; 3) Vocês acham que as aulas que vocês tem de Educação Física importantes para saúde?; 4) Vocês acham interessante aprender sobre conteúdos relacionados à saúde nas aulas de EF?; 5) Vocês perceberam algumas

diferenças nas últimas aulas? As respostas foram imensamente satisfatórias quando, sem a nossa interferência como professor, os alunos mencionaram, em suas considerações expressões, como: esportes, socialização, importância de fazer exercícios, saúde do corpo e da mente, diferença de exercício e atividade física, aquecimento e alongamento, alimentação, conversa entre eles e a família sobre os conteúdos de saúde, se não tivessem as aulas de EF, talvez não dessem atenção para a saúde, tendo as informações sobre saúde se cuida melhor do corpo, sabe-se o que faz bem. A avaliação da aplicação do projeto foi extremamente positiva no momento em que se conseguiu através de atividades simples, porém sistematizadas, relacionar os temas Educação Física e Saúde atribuindo maior significado às aulas, valorizando a disciplina, agregando importância e diversificando o seu conteúdo, retificando um dos objetivos que é o incentivo à prática da atividade física além do período da aula, estabelecendo uma relação consciente entre a prática da atividade física e a saúde. Acredita-se, desta forma, que estes conceitos poderão ser levados para a vida.

**A CONTEXTUALIZAÇÃO DA ESTATÍSTICA BÁSICA COM OS PROBLEMAS SOCIAIS:
UMA ABORDAGEM REALIZADA ATRAVÉS DA REFLEXÃO DO ALUNO**

Dilson Ferreira Ribeiro
EEEM Dr Joaquim Duval – Pelotas/RS

Esta atividade tem como objetivo despertar no aluno de primeiro ano do ensino médio, a prática da cidadania, transformando-o num pesquisador que, junto ao conhecimento de estatística básica, aprimora sua visão crítica. O trabalho foi desenvolvido com duas turmas de ensino médio durante o primeiro trimestre de 2010, organizou-se a partir de uma roda de discussão orientada pelo professor, dando início a um debate que deu origem ao surgimento dos temas os quais eles consideravam um problema social. Os grupos escolhiam os temas e se formavam de acordo com suas afinidades, ocorrendo então a divisão de tarefas sem que ninguém fosse sobrecarregado. O debate do tema escolhido e o aprofundamento teórico levou o aluno para além das dependências da escola, começando assim, a desenvolver a tarefa de investigador/pesquisador sobre o assunto escolhido, coletando e organizando os dados até chegarem as possíveis conclusões. Feita a coleta de dados, era introduzida a análise dos fatos, conceitos de estatística básica como: medidas de tendência central, medidas de

dispersão, construção de gráficos e tabelas. O desenvolvimento da escrita foi mais acentuado na fase do relatório final, agregando os fatos encontrados, criticidade e conteúdo matemático. Para a finalização deste trabalho, os alunos construíram um mural que foi fixado no refeitório da escola, local escolhido por eles devido à frequência durante o horário de intervalo, com o propósito de divulgar suas pesquisas e mostrarem para a comunidade a importância dos temas trabalhados. Neste trabalho, resultados significativos foram alcançados, no momento em que foi proporcionando aos alunos, a oportunidade de relacionarem conceitos de média, moda, mediana, variância, desvio padrão e até mesmo porcentagem, com fatos corriqueiros de sua comunidade, dentro de uma dinâmica de interação e mediação, seguindo uma linha vigotskiana. Abolidas as listas de exercícios, foi dada a oportunidade para discutir o significado e a empregabilidade de determinados conceitos matemáticos pelo fato da ocasião necessitar desse recurso, sem que houvesse a tradicional pergunta: por que aprender isso? Ou seja, despertou-se no aluno não só a curiosidade de aprender, mas também, o senso crítico. Como não poderia ser diferente, proporcionou-se ao educando o aprendizado da estatística, concomitantemente com o desenvolvimento de sua visão crítica, voltada aos problemas sociais que rodeiam seu meio. Com isso, destaca-se a importância desta experiência que conseguiu obter como resultado, alunos com um olhar diferenciado àqueles problemas que, anteriormente, eram considerados até mesmo normais e imperceptíveis.

O LIVRO-BRINQUEDO NO BERÇÁRIO: ENCANTOS, HISTÓRIAS E APRENDIZAGENS

Doris Helena Santos dos Santos e Maria Cristina Madeira
EMEI Paulo Freire – Colégio Municipal Pelotense – Pelotas/RS

A contação de histórias é um dos recursos relevantes para inserir as crianças no mundo da cultura escrita. A leitura desperta a curiosidade, a criatividade e o prazer, produzindo novos leitores e instigando a imaginação da criança. As histórias, no estilo dos contos de fadas e fábulas, permitem às crianças lidar com problemas e anseios do seu cotidiano. As imagens apresentadas no livro são atrativas, despertam curiosidades e fascínios para os bebês sejam eles apresentados em suportes diversificados, como por exemplo, livro de tecido, de plástico, conforme afirmam Faria e Mello (2009). Este momento de aprendizagens ocorre diariamente no berçário, favorecendo a escuta de histórias, a ampliação do vocabulário infantil, o reconhecimento dos livros,

valorizando-os, proporcionando entretenimento e alegria aos bebês, na figura de objetos culturais. “A contação de Histórias” foi se constituindo num momento esperado pelas crianças, então precisávamos valorizar aquele espaço. Criamos uma tenda de leituras, que tornou-se um dos espaços mais cativantes para o berçário. Na hora de contar a história, buscamos outros recursos além da forma tradicional –, somente com a voz e os gestos –, utilizamos fantoches, ilustrações, avental, dedoches e outros recursos pedagógicos. Fomos tornando o ambiente atrativo e confortável: a tenda, o tapete colorido e as almofadas e, é claro a caixa contendo os livros, com livre acesso às crianças. No primeiro momento a leitura ou a narração pelas educadoras e no segundo momento o contato pelas crianças com os elementos físicos constitutivos do livro: o tipo de papel, a textura, o volume, o colorido das ilustrações são condições substanciais para o vínculo entre crianças e livros. Trabalhar a leitura de histórias infantis tem trazido aos bebês muitas aprendizagens, e sem perder a marca da ludicidade, favorece o contato com as práticas de letramento vinculadas à literatura infantil e seus desdobramentos. Essa relação entre a criança e o livro vem se constituindo num momento único, no qual a brincadeira, a leitura e as infâncias se entrecruzam e criam o livro-brinquedo, que tanto encanta os bebês no berçário.

A LITERATURA COMO OBJETO DE REFLEXÃO, INCLUSÃO E CRIATIVIDADE NO CURSO DE DESIGN DE MÓVEIS NO INSTITUTO FEDERAL SUL-RIO-GRANDENSE

Elenice Botelho Antunes
IF-Sul – Pelotas/RS

Os cursos técnicos oferecidos em várias instituições do país têm com um dos objetivos preparar mão de obra qualificada para atender as demandas do mercado de trabalho. Dessa perspectiva, disciplinas como Língua Portuguesa, Literatura e outras que fazem parte da formação geral, ficam relegadas a um segundo plano, pois são consideradas apenas um complemento ou amparo para o currículo técnico. Na tentativa de dar outro significado e importância para as aulas de Língua Portuguesa e Literatura no curso de Design de Móveis, foi realizado trabalho de Literatura a partir da leitura e discussão do livro "O Diário de Anne Frank", 373 páginas, editado pela BestBolso, no ano de 2010. Esse trabalho contemplou uma turma de quarto semestre em 2011, no turno da noite, e compreendeu o período de dois meses (junho e julho). Durante esse tempo, os alunos leram a obra,

relataram a história, discutiram os efeitos que a guerra produziu no mundo, falaram sobre o sofrimento e lições que as personagens deixaram como herança para outras gerações. Através da reprodução de planta baixa criaram a perspectiva individual do que imaginaram, durante o processo de leitura, como sendo o espaço onde viveram as personagens ao longo do período que ficaram escondidas dos nazistas. A criação da planta baixa foi executada conforme a leitura do livro ia evoluindo. Esse processo lento e de imaginação foi um dos principais motivadores para a realização do trabalho, pois os alunos perceberam a construção do texto como algo compartilhado, mas ao mesmo tempo particular porque cada um fez a sua descoberta e visualização do mundo de Anne Frank a partir dessas duas perspectivas. Ao final das análises, percebeu-se que é possível realizar um trabalho diferenciado sem deixar de contemplar o currículo (produção textual descritiva) e aliar os conhecimentos técnicos (produção da planta baixa) ao trabalho de construção de imagem para o texto. Os alunos mostraram-se interessados e criativos, pois perceberam que ao se apropriar da obra literária, tornaram-se agentes e construtores de novos sentidos para a literatura, para o conhecimento técnico e, principalmente, para a vida.

A PROPAGANDA COMO RECURSO CRIATIVO NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Elenice Botelho Antunes
IEE Assis Brasil

A propaganda é um recurso interessante e motivador para as aulas de Língua Portuguesa, pois, dependendo do contexto, presta-se a um número significativo de análises, comparações e discussões. A partir dessa perspectiva, conceitos como intertextualidade, comparação, ambiguidade, coesão e coerência, figuras e funções de linguagem podem ser explorados em análises divertidas, porém bem fundamentadas. A exposição oral, tão temida pelos alunos, fica em segundo plano quando os mesmos se envolvem com o processo de estudo e análise dos conceitos trabalhados em determinado comercial. Enquanto consumidores, os estudantes da 3ª série do Ensino Médio do Instituto Estadual de Educação Assis Brasil observam como podem ser influenciados por conceitos estabelecidos, mas que não notam por já estarem institucionalizados. Porém como agentes do processo em sala de aula, percebem a responsabilidade (ou falta dela) que se tem em criar e vender um "produto" que vai atingir tantas pessoas de diferentes

níveis sociais e intelectuais. A questão dos direitos e deveres do consumidor, assim como a de cidadão preocupado com um mundo melhor, faz de um simples trabalho de análise de texto, um poderoso instrumento de discussão de quem é sujeito e quem é sujeitado em uma sociedade tão desigual, onde o comprar exerce uma forma de exclusão e de poder. Os trabalhos realizados em grupo prestam-se a uma discussão que abarca conteúdos e conceitos gramaticais, mas que apenas servem como pretexto para que os alunos descubram a força que a mídia exerce todos os dias sobre nós e que, dependendo da situação, pode ser extremamente nociva ou muito esclarecedora. O mais importante é que fica claro que a sala de aula é um espaço de apropriação de conhecimento, onde alunos e professora trabalham de forma cooperativa para a construção do saber e do ser.

DESCOBRINDO CORES, AROMAS E SABORES

Elida Regina Nobre Rodrigues
EEEF Pio XII – Jaguarão/RS

Com o objetivo de reconhecer e nomear as principais cores, aromas e sabores, o trabalho foi desenvolvido tendo como base a leitura de diversos livros de histórias infantis que tratam da temática cores, como o livro FLICTS, do Ziraldo, a partir das leituras foram sendo exploradas as cores, com a criança vindo para a escola trajando a cor previamente trabalhada em aula, selecionando objetos com as cores exploradas, na sala de aula, no pátio ou no entorno da escola, em passeios para exploração, trabalhando receitas culinárias, onde os ingredientes tinham as cores trabalhadas, ao mesmo tempo explorávamos os aromas, texturas e sabores, como uma salada de frutas somente com frutas amarelas, onde, de olhos vendados, eles precisavam descobrir de que fruta se tratava, apenas pelo cheiro, ou pelo sabor da mesma. Também exploramos o vermelho com uma salada de tomates, dessa vez, para sentir o salgado dos alimentos, bem como o branco de um arroz com leite, onde os alunos visualizaram o preparo feito pelas merendeiras da escola. Homenageamos as mães no seu dia com uma deliciosa mousse (verde) de limão. Colocamos a “mão na massa” modelando e degustando brigadeiros. Dentre tantas outras atividades desenvolvidas, levando sempre em conta a teoria de Vygotsky, considerando que a criança aprende nas interações entre os indivíduos. Os resultados alcançados extrapolaram o objetivo inicial, que era o reconhecimento das cores, aromas

e sabores, pois, além dele, trabalhamos hábitos de higiene antes de preparar os alimentos, segurança alimentar ao armazenar as sobras, coordenação motora fina e ampla ao coletar e selecionar objetos na cor determinada e manusear utensílios e ingredientes no preparo das receitas, obtivemos sucesso no trabalho em equipe, pois as crianças conseguiram se organizar e assumirem e delegarem funções (como o grupo da limpeza, grupo da arrumação, grupo de distribuição das toucas higiênicas e utensílios...), sendo uma boa surpresa o envolvimento das famílias e da escola no projeto, pois as mesmas colaboraram sempre que solicitadas. Análise a experiência como muito positiva, o objetivo inicial foi alcançado e até mesmo extrapolado, as crianças aprenderam a reconhecer as cores, a forma escrita e as letras iniciais e finais de cada uma, os sabores salgado, doce, amargo, azedo... Os cheiros fortes, suaves, agradáveis ou desagradáveis, bem como outros conceitos que foram surgindo no desenrolar das atividades, pois todos se envolveram, as famílias e a escola aproximaram-se, abraçando o projeto como um atividade de todos, literalmente “vestindo as cores” da turma, colaborando com os itens e utensílios para as receitas e prontamente atuando quando solicitadas, desenvolvendo um vínculo que, acredito, permanecerá pelos próximos anos que as crianças tem pela frente na escola, como coloca Freire, aprendendo e ensinando mutuamente.

**RADIAÇÃO NOSSA DE CADA DIA:
UMA PROPOSTA DE INVESTIGAÇÃO E DE ENSINO CONTEXTUALIZADO**

Elton Luiz Guimarães da Costa e Verno Krüger
UFPEL – Pelotas/RS

O aqui apresentado refere-se a um conjunto de atividades desenvolvidas de junho a novembro de 2011 na 8ª Série do Ensino Fundamental da Escola Nossa Senhora da Luz, Pelotas/RS e faz parte do meu projeto de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática da FaE-UFPEL. Neste, discute-se desenvolve o tema radioatividade na disciplina de Ciências Naturais (Biológicas, Químicas e Físicas) na 8ª série (9º ano) e também formas de viabilizar uma aprendizagem significativa referenciada nos Parâmetros Curriculares Nacionais. Estes, dentre outras possibilidades, recomendam o uso da História das Ciências, de leitura, escrita, observação, trabalhos de campo, experimentação, cotidiano, informática, como ferramentas para uma melhor aprendizagem dos alunos. A radioatividade de

um modo geral tem sido abordada nos livros de Ciências do Ensino Fundamental e pela grade maioria dos professores, de forma muito direta, ou seja, muito tradicional e com pouca ou nenhuma contextualização, bem como, com grande ênfase nos conceitos. Sendo essa forma, passível de crítica, uma vez que os conhecimentos prévios e a opinião dos alunos não são levados em consideração, o que também, pode desestimular significativamente os mesmos. O mesmo foi desenvolvido em 3 etapas: 1) Investigação prévia dos conhecimentos dos alunos sobre o tema (através de perguntas abertas – com um texto de apoio sobre a usina de Fukushima); 2) Desenvolvimento de uma pesquisa orientada (sites e reportagens pré-determinadas); 3) Organização dos conhecimentos (cada grupo foi montando conceitos próprios); 4) Apresentação dos trabalhos desenvolvidos com o aluno na “Mostra das Ciências” da escola (baners, maquetes, slides...). Nessa perspectiva, a consideração da articulação entre os conhecimentos físicos, químicos e biológicos e a contextualização, e integração dos conteúdos do Ensino de Ciências mostrou-se muito eficiente, pois, tornou-os muito independentes, além de terem demonstrado uma grande aceitação e produziu-se o envolvimento, não só dos alunos, mas também das famílias.

PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO: DESAFIOS E EXPERIÊNCIAS

Fabiana de Souza Ribeiro

EMEF Cecília Meireles – Pelotas/RS

A experiência tem como objetivo relatar os impactos positivos e negativos do Programa Mais Educação do Governo Federal na escola pública municipal, avaliando seu progresso durante os dois anos em que está implantado em nossa escola. O programa foi implantado em nossa escola desde o ano de 2009, com as oficinas de acompanhamento pedagógico, esporte e lazer, cultura e arte e promoção à saúde. As oficinas são ministradas por membros da comunidade local e/ou estudantes universitários que façam cursos afins, recebendo para isso apenas o ressarcimento de despesas com transporte e alimentação. São inscritos no programa os alunos que apresentem defasagem série/ano, estudantes que se encontrem em vulnerabilidade social e estudantes que façam parte do Programa Bolsa Família. Os alunos são divididos em quatro turmas com 30 componentes cada e eles permanecem por mais 4h diárias na escola, onde recebem lanche e almoço oferecidos pelo programa, além de todo o suporte material para

desenvolverem as atividades oferecidas. Os alunos do turno da manhã entram às 9h, recebem o café da manhã, após vão realizar a higiene pessoal para depois dividirem-se em turmas e irem para as atividades diárias, que este ano incluem ginástica rítmica, futebol, taekwondo, percussão, letramento e cultura digital, essas atividades duram até às 12h e após os alunos vão preparar-se para o almoço. Após o almoço, depois de feita a higiene pessoal, os alunos, tem o momento para relaxarem seja com jogos, seja apenas descansando ou até mesmo fazendo os temas da escola para esperarem o horário das aulas normais. Os alunos do turno da tarde entram às 12h, vão para o banheiro lavaram as mãos e então se dirigem, sempre acompanhados dos monitores do programa, para o refeitório para o almoço, após eles, assim como os alunos do turno da manhã fazem sua higiene e aproveitam o restante do tempo conforme os colegas do outro turno. A partir das 13:30, os alunos do turno da manhã vão para suas respectivas salas de aula e os alunos do turno da tarde vão para as oficinas realizarem as atividades já descritas até às 15:45, após eles dirigem-se para o refeitório para o lanche da tarde e depois são liberados para suas casas. As atividades desenvolvidas proporcionam aos estudantes relacionarem-se melhor com seus colegas, assim como nos oferece elementos primordiais para estarmos conhecendo e podendo descobrir como realmente ensinar nossos alunos de maneira mais proveitosa. Quando o programa nos foi oferecido não sabíamos realmente se o mesmo seria válido e adaptável à nossa realidade escolar, muitos nos foram os desafios, aos quais alguns ainda enfrentamos, como, por exemplo, a falta adequada de espaço físico próprio para desenvolvermos algumas das atividades do programa. Trabalhar o programa é ao mesmo tempo difícil e prazeroso, a cada dia temos uma nova realidade, temos mais liberdade de acesso as famílias dos alunos que participam do programa e vice-versa. Ao serem feitas as entrevistas com os familiares conseguimos acesso a informações que no ato da matrícula no ano escolar não nos é informada, conseguimos uma maior interação com os pais e assim conseguimos nos aproximar ainda mais dos alunos e conseguimos assim entender os motivos que levam a determinados comportamentos. Estarmos mais próximos aos problemas e a realidade de cada família que participa do programa nos proporciona ajudarmos de forma direta ou indireta a alunos e professores para ambos desenvolverem suas atividades da maneira mais produtiva possível. Fazer Mais Educação é fazer a diferença, e fazer a diferença é o que às vezes realmente torna um ser diferente. Podemos avaliar que apesar das dificuldades o Programa Mais Educação do Governo

Federal nos dá a oportunidade de nos aproximarmos de nossos alunos no intuito de ajudá-los a crescerem como cidadãos e como pessoas que tem sua vez na sociedade.

DESENVOLVENDO O PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO

Fabiane Ramson Wille e Rita Helena Moreira Gomes

EMEF João da Silva Silveira – Pelotas/RS

“Nenhum sonho se planeja, antes de sonhar”. O objetivo dessa experiência é proporcionar um relato de uma prática pedagógica compromissada, responsável e idealista. Comprovando que é possível desenvolver esse projeto na escola com dedicação e seriedade nas ações encadeadas e aplicadas com os alunos da rede municipal de ensino de nossa cidade. Procurando desenvolver um aluno consciente e apto a ter um olhar diferente do meio em que está inserido. O trabalho iniciou com a adesão da escola ao Programa Mais Educação, quando foi solicitada a indicação de uma professora coordenadora e de monitores para atuarem nas oficinas semanais de letramento, de matemática, da horta escolar, de futsal, de teatro e de danças gaúchas, definidas após um levantamento sócio econômico dos discentes desta unidade escolar. A seguir foi solicitada uma merendeira e transporte escolar pelo fato de a escola localizar-se na zona rural. Foi realizada uma reunião com os pais para estimular a adesão dos alunos e a apresentação do Programa. As turmas foram organizadas em turnos: pela manhã e pela tarde. Como resultado constataram-se avanços no rendimento escolar dos alunos que tiveram participação assídua nas oficinas, assim como houve mudanças positivas quanto aos hábitos em geral: práticas de alimentação saudável, conscientização sobre o cuidado com o material pedagógico utilizado pelos alunos. Entre os pontos positivos e importantes para a formação dos alunos estão: o desenvolvimento de relações afetivas, além da oportunidade de vivenciar atividades pedagógicas que exploram as potencialidades do aluno para que resgate a sua estrutura social pelo conhecimento a respeito de outras culturas musicais e expressivas, pela convivência diária com os hábitos de higiene. Foram importantes as visitas além dos muros da escola. O Programa possibilitou ainda a redução do tempo ocioso dos alunos, trouxe o envolvimento da escola na realização desse trabalho e o apoio dos demais docentes no Programa.

PROJETO FESTIVAL DE TEATRO “JOVENS TALENTOS”

Faustia Cristiani Fanka Corrêa, Betina Muller Bohm Ulguim e Liliane Von Laer Otto
Escola Técnica Estadual – Canguçu/RS

O Objetivo desta atividade é ampliar o conhecimento de obras literárias, desenvolver a oralidade, leitura e interpretação, criar textos dramáticos, dominar conceitos de gêneros literários, experimentar elementos teatrais como iluminação, figurino, cenário, trilha sonora e sonoplastia, assim como integrar escola e família e aprimorar o gosto pela arte. No primeiro trimestre do ano letivo foram feitas leituras de obras literárias de diversos gêneros e estilos, abordagem teórica sobre gêneros literários e elementos teatrais a criação de textos dramáticos a partir das obras literárias. Posteriormente os alunos ensaiaram e apresentaram as peças teatrais para as professoras coordenadoras e colegas de turma. No segundo trimestre os ensaios aconteceram no espaço destinado ao Festival de Teatro. Foi formada a mesa de jurados e a comunidade escolar foi convidada a assistir os trabalhos dos alunos. Um cronograma de apresentações foi organizado e o Festival de Teatro se realizou encerrou com a premiação dos vencedores. No terceiro trimestre foram feitas reapresentações das melhores esquetes teatrais para as quais foram convidadas as escolas do município que prestigiaram o evento. Os resultados do Festival de teatro mostraram que os alunos passaram a sentir-se mais seguros quanto à oralidade, desenvolvem o senso de responsabilidade, boa convivência social, cooperação e respeito a regras. Além disso, todos aprofundam o interesse pelas obras literárias, bem como recordam com facilidade as obras prestigiadas no Festival de Teatro. Os conceitos sobre gêneros, estilos e elementos teatrais aproximam-se dos alunos, constituindo algo vivenciado e não apenas memorizado. A avaliação mostra que este trabalho é recompensador, pois se percebe claramente o desenvolvimento do aluno, além de sua motivação para realizar o trabalho e superar-se. Esse projeto ocorre desde 2008. Antes o teatro era realizado somente para a turma ver. Em 2007, surgiu o interesse dos alunos em mostrar suas esquetes para as demais turmas e sugeriram a criação de um festival. A partir de então já temos mais de vinte esquetes concorrendo. Em cada festival, os alunos buscam aperfeiçoar seus trabalhos anteriores, testam seus limites e ampliam seus conhecimentos. Eles percebem a importância da crítica para que isso aconteça, recebendo as opiniões dos outros, como forma de crescimento o que é importante para a convivência humana. Outro

aspecto relevante é a participação da família, desde a ajuda nos ensaios, cenários e figurinos, até a presença no festival. Assim reunimos a comunidade escolar numa troca de gentilezas e conhecimento. Embora seja uma competição, o festival nunca foi visto pelos alunos dessa forma, pois a superação individual e do grupo está acima da disputa. Os grupos auxiliam uns aos outros, trocando figurinos, cenários, manuseando cortinas. O festival de teatro é uma forma de integração e harmonização da escola.

UM DESAFIO: CONHECER A REALIDADE ESCOLAR E AS ÁREAS DO PIBID III /GEOARTES

Fernanda Furtado, Maurício da Silva, Suelen Novack,

Liz Cristiane Dias e Rosa Elane Antoria Lucas

EEEM Santa Rita – Pelotas/RS

O PIBID tem por proposta contribuir para a formação da prática pedagógica dos futuros professores, a fim de qualificar o processo ensino-aprendizagem. Este artigo tem por objetivo relatar os estudos e planejamento desenvolvido na Escola Estadual de Ensino Médio Santa Rita, decorrentes das atividades proporcionadas pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID Geo/Artes. As observações feitas na escola tiveram como alicerce os estudos realizados, anteriormente, nos parâmetros curriculares nacionais, o PCN. Este estudo trouxe para o grupo que atua na escola, a oportunidade de observá-la e à sua organização curricular. Ao longo do estudo dos PCNs vislumbrou-se a possibilidade para a Geografia de um trabalho interdisciplinar, utilizando referenciais teóricos. A partir desse contexto, pretendendo-se conhecer a realidade escolar, optou-se por uma metodologia de pesquisa participante. Num primeiro momento, através de reuniões periódicas, foram construídas questões investigativas com os coordenadores de área, professores supervisores da escola e bolsistas das áreas do PIBID Geo/Artes (Geografia, Artes visuais, Dança e Música). A partir da organização dos dados e análise percebeu-se que o Projeto Político Pedagógico é um elemento fundamental que regulariza todas as ações políticas e pedagógicas da estrutura escolar. E que este deve ser elaborado pela comunidade escolar. Entendeu-se que a escola, a partir do diálogo promovido pelo grupo do PIBID Geo-Artes, deverá desafiar-se a construir um PPP com a participação do corpo escolar, comunidade de pais e alunos. Os estudos propostos e as atividades construídas na escola com as outras áreas é um desafio para a interdisciplinaridade. Dessa forma o Programa

Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência começa a investir na formação não só dos licenciados, mas também formação continuada dos professores. Traçando caminhos para uma educação mais popular, formando cidadãos conscientes, responsáveis e críticos, que atuarão individualmente e coletivamente na sociedade.

PROJETO: ALFABETOLÂNDIA

Gabriela Ortiz Prado

Colégio Sagrado Coração de Jesus – Rio Grande/RS

O colégio onde leciono, exige que no último nível da Educação Infantil, seja desenvolvido um processo de pré-alfabetização, onde os alunos devem reproduzir e identificar sonora e graficamente as letras cursivas do alfabeto. Porém, quando iniciei as atividades relacionadas às letras, preocupei-me por estar realizando atividades voltadas para reprodução das mesmas, de forma tradicional e muita mais ligada aos Anos Iniciais do que as reais especificidades da Educação Infantil, que não pode e não deve ser encarada como uma preparação para os Anos Iniciais. A fim de atender a proposta do colégio, mas visando respeitar as especificidades da criança, seus interesses e necessidades, bem como os objetivos gerais da Educação Infantil, me propus a observar a turma. Assim, percebi que embora estivessem curiosos sobre atividades que envolviam a leitura e a escrita, mostravam-se mais motivados quando envolvidos em práticas lúdicas, permeadas de fantasias, histórias, desafios e situações que exigissem criar, imaginar e agir. Sendo assim, repensei minha prática e tentando mesclar as exigências da escola com o interesse das crianças e suas preferências, e respeitando a realidade da Educação Infantil, criei a Alfabetolândia, que serviu de elo de ligação entre os “conteúdos previstos para o Jardim B” e o universo infantil que envolvia as crianças da turma. As crianças conheceram uma história supostamente verdadeira, sobre um lugar mágico, cheio de personagens diferentes e encantados, onde somente quem está começando a se interessar por letras pode conhecer. Este lugar é chefiado por um poderoso mago, que coordena todos os habitantes, sendo cada um deles, guardião de uma letra do Alfabeto. Nele existe também, uma bruxa que não quer que ninguém aprenda o alfabeto, pois ela mesma o desconhece, por isso, ela vive arrumando confusão com todos que moram em Alfabetolândia e conseqüentemente “atrapalhando” a aprendizagem das crianças. Foi conhecendo cada

personagem, sua história e ajudando-os a vencer os desafios gerados pela bruxa, que as crianças foram conhecendo o alfabeto, vivendo grandes aventuras e aprenderam brincando. A escola, que visava o reconhecimento das letras, deparou-se com um projeto que resultou na alfabetização de parte da turma, e foi além, formando crianças conscientes da função social da escrita, preparadas e habituadas a questões desafiadoras, interpretativas que envolviam o raciocínio e o uso de saberes prévios e felizes com o processo de aprendizagem no qual estavam inseridas. Além de pré-alfabetizar (e até alfabetizar alguns), foi possível realizar um trabalho envolvendo o desenvolvimento de múltiplas linguagens, a partir do interesse das crianças e baseado em situações significativas que propiciaram uma aprendizagem real e não a simples reprodução de conteúdos, através de uma abordagem que centralizou a criança e a incentivou a ser agente em sua própria formação.

PRÁTICA PEDAGÓGICA – RECEITAS DE VIDA

Gabriela Ortiz Prado e Cristiane Araújo
EPEF São Luiz Gonzaga – Rio Grande/RS

Visando atrelar o projeto norteador da Escola São Luiz Gonzaga: Rio Grande, Tecendo Saberes ao livro paradidático a ser trabalhado na turma da sexta série, durante o segundo bimestre de 2011: Receitas de Olhar, os alunos juntamente com a professora, desenvolveram uma proposta de atividade que aborda temáticas pertinentes ao projeto e ao livro. O intuito era fazer com que os alunos percebam o universo da leitura e da escrita cada vez mais próximo de suas realidades, através de atividades práticas e dinâmicas, que foram elaboradas com o auxílio dos próprios alunos. A linguagem poética serviu como ferramenta para expressão de sentimentos e pensamentos. Esta prática visou desenvolver os conteúdos de Língua Portuguesa, Matemática e História através de atividades significativas e dinâmicas, aguçar a capacidade interpretativa e a sensibilidade perante a arte literária, desenvolver a oralidade, a criatividade, realizar atividades interdisciplinares. Em grupos, os alunos pesquisaram receitas culinárias originárias dos povos que colonizaram a cidade de Rio Grande, selecionando uma das receitas pesquisadas para ser feita em sala de aula e apresentada à turma. Cada grupo escreveu sua receita em forma de poema. Na apresentação da receita e durante seu desenvolvimento, cada grupo demonstrava oralmente os saberes sobre a origem da receita, as relações

entre as medidas dos ingredientes e os conteúdos desenvolvidos nas aulas de matemática, além de declamar o poema receita. Após apresentarem suas receitas, os alunos degustaram os pratos feitos na aula. Ao término da atividade foi possível perceber o quanto esta foi válida para os alunos. Eles se envolveram em um processo de pesquisa, para descobrir os povos que colonizaram Rio Grande, depois partiram para um processo de seleção de receitas, ampliando seus conhecimentos sobre culinária e avaliando quais receitas poderiam servir de exemplo para as noções de medidas trabalhadas na matemática e que também poderiam ser transcritas em linguagem poética. Após, os alunos ainda tiveram de expor oralmente suas aprendizagens enquanto cozinhavam. A cada grupo que se apresentava, notou-se que os alunos sabiam realmente sobre o que estavam falando, mostrando-se seguros e empolgados ao revelar estes saberes para turma e atentos ao assistir os outros grupos. Esta foi uma atividade que envolveu o desenvolvimento de diversas habilidades e competências dos alunos, de forma processual e contínua, levando em conta a participação, dedicação, organização e produção de cada aluno, bem como sua contribuição enquanto parte do grupo. Assim, além de saberes escolares, esta atividade visava a integração entre os alunos e também entre diferentes disciplinas e, observando os resultados obtidos percebe-se que os objetivos foram alcançados.

**A PEDAGOGIA DA COMUNICAÇÃO E A PRODUÇÃO DE VÍDEO:
UMA PROPOSTA TEÓRICO-PRÁTICA**

Giovana Janhke e Josias Pereira
EMEF Independência – Pelotas/RS

O objetivo do projeto é transformar um processo técnico, o fazer vídeo, em um processo pedagógico, onde professor e alunos contam com a ferramenta do cinema para o suporte de ações pedagógicas. Fazer o saber escolar possa sair dos muros da instituição, tanto em nível fundamental quanto universitário, e realizar a união entre comunidade e moradores, socializando o saber. Para este empreendimento foi convidado o curso de Cinema da Universidade Federal de Pelotas, incumbido de criar uma oficina de vídeo dentro da disciplina de Língua Portuguesa, com a oitava série do ensino fundamental. Sou professora há 20 anos na rede pública de Pelotas. Formada em Letras, ministro aulas de Língua Portuguesa no Ensino

Fundamental. Sempre ouvi comentários, por parte dos alunos sobre como as aulas de “português” são chatas e difíceis e de como eles “não sabem português”. Considero inadmissível que a língua materna seja alvo de tanto pavor e ojeriza. É a língua que embala nossos sonhos, nossos pensamentos mais secretos e também nossos planos de futuro. É a língua em que pensamos e construímos nossas vidas, o mundo que queremos. Sendo assim, meu desafio era mostrar aos alunos que as aulas de “português”, como eles assim se referem, podem e devem ser antes de tudo prazerosas porque a língua é a vida e a vida, especialmente em nossa juventude, tem de ter muita alegria. Falar de educação no Brasil é antes de tudo falar da necessidade da formação cultural e social de um povo, pois é através desta socialização que é formado o futuro cidadão. Que vivemos na era tecnológica, na era das redes, do virtual, da informática, não é novidade. Que a escola precisa apropriar-se destes instrumentos também todos sabemos. E ainda que a Escola está desatualizada em relação aos avanços tecnológicos também é de conhecimento público. Mas também sabemos que a Escola enfrenta o desafio de lidar com jovens cuja autoestima é baixa, cuja condição socioeconômica é precária, o desafio de lidar com a exclusão causada pela falta de possibilidades desses jovens de viverem experiências de inserção nesta sociedade digital, tecnológica, mas que também requer habilidades de socialização, de criação, de ideias originais. Então, parto do princípio de que é preciso que meus meninos e meninas do subúrbio, tão sem voz e sem imagem, vejam-se. Enxerguem-se, construam sua identidade, percebam-se como sujeitos. Na Pedagogia da Comunicação, as escolas ao invés de se preocuparem com a quantidade de conteúdos trabalhados, selecionam temas relevantes e atraentes, articulando-os às experiências dos alunos e conectando-os com a vida e a realidade social em que vivem (PORTO, 2000, 12). Sabe-se que através da imagem, também construímos nossa identidade. Exemplo disto são os crescentes distúrbios alimentares como bulimia e anorexia que acometem a adolescência. Sendo assim, é preciso que os alunos se vejam, se olhem e se enxerguem de uma forma bonita, positiva, desempenhando papéis que falem do seu dia-a-dia, que lembre-os de quanta coisa bela existe em suas vidas e de como é possível ser feliz. É preciso juntar o cotidiano, a vida e a arte. O cinema é isto, um recorte de uma realidade idealizada, mediada pela tecnologia. A produção de vídeo é uma realidade da sociedade atual, porém, ainda está longe do dia a dia das escolas no Brasil. São iniciativas isoladas de professores que desejam realizar alguma modificação na sua aula, principalmente para que o aluno

tenha prazer em aprender, tirando o foco unicamente dos conteúdos. Os roteiros foram escritos, reescritos e readaptados diversas vezes durante as aulas e a medida que iam sendo confrontados pelas possibilidades e impossibilidades técnicas que os se revelavam a partir das aulas técnicas com os alunos do curso de cinema. No decorrer do processo, a presença de equipamentos de filmagem, dos universitários e a percepção de que “algo diferente” estava acontecendo na escola, fizeram com que outros alunos e até ex-alunos se somassem aos trabalhos e o que seria um trabalho da oitava série, contou com a presença e apoio técnico de alunos de quinta, de sétima série e até mesmo crianças das séries iniciais atuando como atrizes. Dessa forma, almeja-se para o próximo ano letivo se criar um grupo de produção de audiovisual na escola. As mudanças nas atitudes dos alunos, tanto da turma diretamente envolvida (oitava série), como dos alunos que se agregaram ao trabalho, são marcantes. Agora, o desafio já não é a melhor forma de escrever histórias, mas sim a melhor forma de apresentar estas histórias ao público, usando a imagem como principal veículo difusor. É a melhor forma de emocionar. Estabeleceu-se uma relação de confiança entre os alunos e demais setores da escola, até mesmo pela utilização mais consciente e responsável dos espaços da escola. Na comunidade, os alunos passaram a ser vistos com mais importância porque os contatos para as locações (casas, clubes, quadras esportivas) foram feitos por eles e isto criou um vínculo deles e da escola com os espaços da comunidade. Nas aulas de Língua Portuguesa, é muito mais produtivo quando se fala da importância do uso adequado da linguagem nos diferentes espaços sociais que se ocupa e sobre a importância de se discutir e ter opinião sobre assuntos da atualidade, é como se estivesse estabelecido uma relação de confiança maior deles com a professora, é como se a relação de autoridade do professor, não de autoritarismo, ao contrario, de pessoas que têm algo a ensinar, coisas novas a mostrar, tivesse sido fortalecida. Os alunos (e com eles a comunidade) perceberam e valorizaram a importância do trabalho de professores e de alunos da UFPel, do suporte dado pela universidade à educação fundamental. É o reconhecimento, por parte dos alunos, de que a educação está sendo qualificada, pensada e trabalhada de forma séria e divertida. Devolver ao aluno a sua voz é devolver à comunidade de onde ele é a possibilidade de fazer valer sua(s) formação discursiva(s). Devolver ao adolescente o seu jeito próprio de falar, de agir, de se pôr em relação com sua imagem, é romper com o silêncio histórico imposto pela formação discursiva da escola que, por sua vez, reproduz a formação discursiva

daqueles que têm o poder econômico, social e, portanto, cultural do país. É romper o silêncio que não é constitutivo da linguagem, mas sim o silêncio que as sujeita, o silêncio que, por força da dominação cultural, obriga os excluídos a calar (ORLANDI, 1997). Toda forma de opressão tem sua reação. Na Escola, ela aparece sob indisciplina, o desrespeito e a violência dos alunos e pais dirigidos aos professores. É um círculo vicioso no qual tanto os trabalhadores da educação quanto os usuários do sistema de ensino sofrem. Nosso projeto tem demonstrado, nas sutis mudanças de hábitos dos alunos, na sua vontade de criar coisas novas e no entusiasmo e alegria com que eles chegam toda semana nas aulas que é fácil e gratificante conseguir mudanças. Basta se destituir de muitos de nossos preconceitos, inclusive linguísticos, e deixar que nossos alunos demonstrem sua capacidade de criar. Quando a criação é deles, eles se tornam mais responsáveis, tornam-se sujeitos de seu aprendizado. É preciso que se acredite neles. E que se confie, sobretudo na nossa capacidade de conviver e aprender com as diferenças que nos separam de nossos alunos. Se é que são diferentes nossos sonhos em construir um mundo mais feliz?

A BIBLIOTECA MÁGICA DO SIMON

Gisele Clarindo Etcheverry, Ivana Gonçalves e Simone Ludtke
Colégio Sinodal Alfredo Simon – Pelotas/RS

O Projeto A Biblioteca Mágica do Simon é um programa de atividades que visam desenvolver o gosto pela leitura através de esferas de convivência onde a escrita circule e também incentivar a leitura como um ato prazeroso e necessário ao desenvolvimento do conhecimento linguístico, ampliação do vocabulário e aumento do conhecimento de mundo, formando assim, leitores competentes que embarquem a cada livro lido numa nova viagem de aprendizagem e prazer abrindo novos horizontes. Incentivar a produção de trabalhos e transformações que acharem necessárias, posto que o livro é um agregador de novos conhecimentos, e instigar ao gosto por produzir seus próprios textos. No decorrer do ano os alunos dos Anos Iniciais e da Educação Infantil, trabalham 3 obras literárias por turma. Essas obras são exploradas em aula através de dinâmicas direcionadas pela professora e a partir disso os alunos produzem seus textos, suas pesquisas e criações. Os textos são catalogados em forma de livro artesanal manuscritos ou digitados, mas sempre com a marca do trabalho realizado pelo aluno. Incentivamos um

aprofundamento do assunto que o livro traz e uma relação com o cotidiano, muitas vezes envolvendo a família nesse processo. Ao final de cada trimestre é feita uma exposição formando a Biblioteca Mágica do Simon. A comunidade escolar é envolvida e vê os resultados do projeto o que dá a leitura e a produção escrita um lugar de destaque. No dia da apresentação deste projeto pretendemos expor algumas das produções dos alunos e também mostrar possibilidades de se trabalhar determinados títulos literários e a riqueza de conhecimentos que são construídos a partir de um livro. Um exemplo disso é o trabalho realizado a partir do livro *Meu Pai e Eu* de Carlos Brito. Pais vieram e fizeram brincadeiras com a turma de seu filho, contaram histórias, sua profissão, outros convidaram a turma para conhecer seu local de trabalho, foram feitos passeios e tudo isto foi registrado formando assim o livro *Meu Pai e Eu* da Educação Infantil. Com essa atividade proporcionamos aos pais virem à escola, o que geralmente fica a cargo da mãe fazer. Também foi possível trabalhar as diferentes figuras de pai, pois alguns alunos não tinham pai, mas reconheceram num avô, num dindo o papel de pai que eles desempenham em sua vida. Este é apenas um exemplo de tantas outras atividades que a leitura e exploração de um livro tem proporcionado. O livro abre possibilidades de pesquisa e produção de conhecimentos. Vários conteúdos são abordados e há um aflorar da criatividade. Após o projeto, avaliamos o processo o que nos permite ver as falhas e tentar superá-las no trabalho seguinte. Mas concluímos que a escolha do livro é primordial para o sucesso do trabalho, bem como o envolvimento da família em todo o processo.

**PIBID-PEDAGOGIA FAVORECENDO A REFLEXÃO DOS ALUNOS FRENTE
À SITUAÇÃO DO MEIO AMBIENTE NO SEU BAIRRO**

Glediane Saldanha Goetzke da Rosa, Dalva Rosane Cruz Rodrigues,
Gilceane Caetano Porto e Lourdes Maria Bragagnolo Frison

UFPel – Pelotas/RS

O objetivo deste texto é socializar as ações traçadas para a realização de práticas reais de docência de acadêmicas do curso de Pedagogia com alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Como bolsistas do PIBID – Programa Institucional de Bolsistas de Iniciação à Docência – realizamos visitas semanais a duas escolas da rede pública de Pelotas tendo como um de nossos objetivos a alfabetização e o letramento das crianças de primeiros

e segundos anos. A partir dos estudos feitos, e das constantes visitas à escola, foi constatada a necessidade de instituir um ambiente propício à alfabetização, que contasse com a exposição de materiais com diferentes tipos de leitura e escrita, pois acreditamos que cabe "à instituição escolar, responsável pelo ensino da leitura e da escrita, ampliar as experiências das crianças e dos adolescentes de modo que eles possam ler e produzir diferentes textos com autonomia" (LEAL, ALBUQUERQUE, MORAIS, 2007, p.70). Iniciamos então, um projeto interdisciplinar cujo objetivo era favorecer o contato dos alunos com os diferentes gêneros textuais com os quais eles devem ter contato durante sua alfabetização e estimular a reflexão sobre diversos assuntos, através da utilização do livro de Janet e Allan Ahlberg, "O carteiro chegou". Um dos pontos mais importantes deste trabalho foi a realização de um passeio pelo bairro, para isso os alunos foram organizados em grupos, e uma das tarefas pedidas foi que eles observassem algumas questões relativas ao meio ambiente, como, o tipo de lixo encontrado e como a natureza era tratada pelos moradores. Durante o passeio cada aluno teve direito a tirar uma foto para a parte seguinte do trabalho. De volta à escola conversamos sobre o passeio e o que observamos no trajeto feito, e após isso cada grupo formulou um relatório sobre o que observaram. A partir das fotos tiradas durante o passeio, cada aluno confeccionou um cartaz e um texto reflexivo sobre a situação encontrada. Ficou claro através da apresentação dos relatórios, dos cartazes e dos textos a importância que este trabalho teve para os alunos, eles citaram em todas as atividades o descaso que perceberam em relação ao meio ambiente, uma vez que embora o bairro tenha muitos espaços verdes, estes se encontravam em meio a muito lixo e sujeira. Percebemos através das falas dos alunos o quanto estas questões são importantes e devem ser tratadas com mais ênfase e de maneira mais interessante na escola, Vygotsky acreditava que a aprendizagem na criança podia ocorrer através do jogo, da brincadeira, da instrução formal ou do trabalho entre um aprendiz e um aprendiz mais experiente, neste caso, a atividade de observação fez toda a diferença para o desenvolvimento do trabalho e aprendizagem dos alunos, pois assim eles puderam visualizar, perceber e refletir sobre uma situação tão próxima a eles, mas que na maioria das vezes passa despercebida pela forma como é tratada.

**DOCÊNCIA EM EDUCAÇÃO: CRUZANDO EXPERIÊNCIAS NA FORMAÇÃO DE
PROFESSORES ENTRE CAMINHOS DO ENSINO A DISTÂNCIA EM UM
CURSO DE LÍNGUA ESPANHOLA**

Helenara Plaszewski Facin, Jorge da Cunha Dutra e Carolina Reis Monteiro
UFPEl – Pelotas/RS

Este trabalho tem uma característica muito singular vivida e aqui registrada por três professores da área da educação, mais especificamente pedagogos e tem por escopo apresentar um relato de experiência na construção de uma formação pedagógica junto aos acadêmicos de licenciatura em Língua Espanhola na modalidade a distância da UFPEl, através de uma apropriada estrutura e compreensão teórica aplicáveis à educação, já que há um grupo de disciplinas responsáveis pela construção do perfil para a docência e que possibilita o desenvolvimento de competências e habilidades, as quais garantem o desempenho profissional em sala de aula, no ambiente escolar e no ambiente virtual de aprendizagem. Nesta área de estudos, buscamos promover a discussão de políticas de ensino, estratégias de planejamento do ensino e da avaliação, a organização dos sistemas de ensino e a preparação para inserção do acadêmico no contexto escolar, preparando-o para o manejo das questões pedagógicas, bem como para as relações interpessoais. Desta forma, valorizando a formação de um aluno não só pelo domínio da aprendizagem da Língua Espanhola que para muitos pode ser o mais importante. Portanto, partimos para um trabalho mais real, através de uma linguagem mais acessível, a fim de tornar mais significativo e útil a formação deste aluno, através de pesquisa, discussões em fóruns e diários. Todo trabalho buscou desenvolver o espaço diálogo com textos produzidos por nós e o estudo das questões voltadas à área da Educação, possibilitando que os estudantes aprendessem outros conhecimentos que também são de grande importância para a formação docente. Neste sentido, ao longo das aulas, foram propostas como atividades resumos, resenhas, pesquisas, debates em fóruns, entre outros, sobre os conteúdos estudados, ampliando o leque de conhecimento sobre as questões referentes à Psicologia, Ciências Sociais, Filosofia e História da Educação, bem como assuntos voltados às metodologias do ensino e da pesquisa. As discussões que fizemos sobre os espaços/lugares/territórios da formação pedagógica destes alunos indicou que, mesmo a universidade sendo o espaço indiscutível da formação dos professores para atuação na educação básica, nem sempre favorece e se

constitui no lugar para essa formação e muito menos se estabelece como território. Então, acreditamos que temos um papel fundamental na formação do futuro professor ao “socializar” saberes, simultaneamente propiciar uma constante reflexão sobre a teoria e prática pedagógica. Diante disso, percebemos, através dos relatos, que propiciamos condições favoráveis para que os sujeitos pudessem dialogar e entender a educação como um arcabouço de conhecimentos e experiências oriundos de distintos saberes. Avaliamos que a experiência foi exitosa, na medida em que proporcionou aos estudantes um preparo para se constituírem enquanto futuros docentes que neste semestre iniciaram a primeira etapa de contato com o contexto escolar, na disciplina de Estágio I.

CANTINHOS: UMA PRÁTICA DE EDUCAÇÃO INFANTIL ADAPTADA À SÉRIES INICIAIS

Ilis Ângela Wickboldt Manetti

EMEF Antenor Elias de Mattos – Piratini/RS

A sala de aula não é mais um espaço tradicional onde os alunos apenas copiam do quadro e respondem questionários, mas sim um espaço onde o conhecimento é construído através de vários estímulos, com atividades variadas, pois o mundo fora da escola está mais atraente o professor precisa conquistar a atenção do aluno, pensando neste assunto e por ter experiência na ed. Infantil, trabalhar com os cantinhos e considerar que auxilia na construção de conhecimento dos alunos procurei adaptar a sala de series iniciais com atividades (jogos) em cantinhos lúdico-pedagógicos para fixação e revisão dos conteúdos trabalhados e servindo assim como ponte na construção do conhecimento do aluno e aprimoração dos mesmos. A sala é dividida em cantinhos de matemática, português, estudos sociais e ciências. O objetivo do projeto é despertar o interesse do aluno pelo conteúdo através de atividades lúdico-pedagógicas. Tal projeto esta sendo desenvolvido na EMEF Antenor Elias de Mattos, 3º distrito de Piratini, tendo como publico alvo os alunos do 4º ano das séries iniciais. O projeto teve inicio em março de 2012 e está em andamento. O desenvolvimento do projeto se dá em várias etapas, os cantinhos são utilizados pelos alunos quando acabam suas atividades e estão esperando pelos demais colegas e em momentos estipulados pela professora, exemplo dominó de tabuada, memória de sinônimos e antônimos, montagem de mapas, leitura de livros (solicitado um resumo por semana), um aluno por dia leva a sacola lúdica para casa com

um livro para ler e após escrever um resumo, na sacola se encontra também jogos de todas as disciplinas que vão sendo trocadas conforme os conteúdos trabalhados. Outra metodologia utilizada como aliada é a internet uma vez por semana com jogos pedagógicos de sites educativos (ex: rede escola, soletrando, dentre outros). É usado também para chamar a atenção dos alunos o coração (triste/alegre) que indica quando a sala ou aluno está muito agitado. Os resultados visíveis até o momento são satisfatórios, pois através de auto-avaliações /observações/questionamentos a educadora já pode avaliar que os alunos demonstram bem mais interesse pelas aulas e que realmente a construção do conhecimento realmente se dá não ficando apenas na decoreba o que pode ser comprovada ao questionar os alunos sobre as duas estratégias (atividades lúdicas/conteúdos quadro), a turma está calma e acompanha as atividades sempre de olho no coração e explora sempre os cantinhos sempre querendo novidades e colaborando com ideias de novos jogos e sites com atividades pedagógicas. A leitura se tornou um hábito diário, os alunos trazem livros para trocarem e lerem enquanto esperam pelos colegas, o apoio dos pais se tornou como aliado constante do projeto. Assim, ao final do processo acredito que realmente os alunos estarão construindo conhecimentos para a vida.

EDUCAÇÃO INCLUSIVA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Ilis Ângela Wickboldt Manetti e Marina Cabreira Rocha de Moraes

EMEI Meu Lar – Piratini/RS

A inclusão do aluno com necessidade especial é um dos maiores desafios impostos à educação, neste princípio de século. Infelizmente, estamos ainda dando os primeiros passos em direção à inclusão. Tendo em vista isso, por nossa escola de educação infantil estar localizada ao lado da APAE, onde ambas utilizam o mesmo espaço recreativo e por vivenciar esta realidade com a inclusão de alunos PNE, a partir dessas situações-problemas, sentimos a necessidade de colocar em prática este projeto. Nesse sentido, o presente trabalho teve como objetivo esclarecer as dúvidas acerca dos alunos portadores de necessidades especiais (PNE), além de refletir e discutir sobre a inclusão, vivenciar situações e fazer a interação entre as duas escolas. Tal projeto foi desenvolvido na nossa escola de educação infantil, no município de Piratini, entre o período de março a dezembro de 2011, e devido a necessidade o mesmo está tendo seguimento neste ano

letivo, tendo como públicos-alvo os alunos do Pré I e II e comunidade escolar. Primeiramente, realizamos reunião com os pais, após um levantamento de dados sobre os conhecimentos prévios dos alunos sobre o assunto (APAE, e alunos PNE) e quais as suas dúvidas e curiosidades, conseqüentemente, surgiram as questões norteadoras do projeto. Na seqüência, os educandos realizaram atividades concretas, vivenciando situações como alunos PNE, para sentirem, refletirem e discutirem sobre o que estes alunos enfrentam no seu dia-a-dia. Dentre algumas desenvolvidas: futebol dois pés atados, handebol sentado na cadeira, o guia, vôlei sentado no chão, gogobol, dança da cadeira inclusiva. Em seguida, as professoras contaram histórias infantis, abordando temas relacionados à identidade, diferenças, preconceito, dentre outros. Acrescido a isso, as educadoras ensinaram alguns sinais de comunicação em Libras. Em outro momento, os alunos visitaram e conheceram as instalações da APAE, onde foram esclarecidas algumas dúvidas dos mesmos. Para finalizar os discentes das duas escolas fizeram atividades recreativas de integração e como encerramento uma confraternização. Ao final do projeto, as educadoras perceberam através da discussão dos temas trabalhados que seus alunos, que não são portadores de necessidades especiais, tiveram a oportunidade, desde cedo, de conviver com as diferenças, aceitá-las e, sobretudo, respeitá-las. Depois desse trabalho, os alunos conseguiram conviver e interagir com a colega e as crianças da APAE, no espaço recreativo da quadra. disponível para ambas as instituições. Assim, ao final do processo observou-se uma mobilização positiva da comunidade escolar com relação à inclusão.

INSERÇÃO DAS TIC'S NO ENSINO DE CIÊNCIAS FÍSICAS E BIOLÓGICAS

Islaine Ferreira Moura
EMEF Afonso Vizeu – Pelotas/RS

Esse projeto tem como principal objetivo oferecer atividades de apoio permanente (na forma de oficinas, aulas práticas etc) em turno inverso, visando assim, atingir plenamente os objetivos da disciplina de Ciências Físicas e Biológicas, proporcionando também o domínio das TIC's pelos alunos e, conseqüentemente, diminuindo o nível de repetência da 5ª série. Ele foi desenvolvido durante todo o ano letivo de 2011 com três grupos de alunos participantes, sendo dois grupos pela manhã (alunos do turno da tarde) e um grupo à tarde (alunos do turno da manhã). Todos os alunos

participantes eram voluntários e tinham como único objetivo o aprendizado em ciências. Foram desenvolvidas atividades de acordo com o conteúdo programático da disciplina utilizando tanto o laboratório de ciências, quanto o laboratório de informática. Durante todo o ano foram realizadas atividades práticas de experimentação em laboratório, pesquisas bibliográficas, apresentação de vídeos, slides e imagens utilizando a internet, atividades lúdicas com jogos direcionados ao conteúdo, montagem de maquetes e/ou modelos estruturais, observação e pesquisa de materiais no microscópio ótico ou no microscópio estereoscópico etc. Todo o desenvolvimento do trabalho foi registrado com fotografias. Levando-se em consideração os objetivos iniciais do projeto, percebi que desde o início das atividades, todos os alunos conseguiram utilizar o computador e a internet sem problemas, coisa que no início do ano, muitos não conseguiam. Eles dominam desde o editor de textos até, pesquisas de textos, imagens e vídeos utilizando a internet como recurso didático; desenvolveram atividades de pesquisa no laboratório de ciências, utilizando tanto o microscópio ótico quanto o estereoscópico, executar procedimentos experimentais, fazer anotações, levantar hipóteses e discutir os resultados encontrados e; uma melhora substancial na relação ensino-aprendizagem, visto que os alunos conseguiram aprender o conteúdo de uma forma mais motivadora, mais dinâmica e em grupo, tornando as relações entre os alunos mais propícias ao aprendizado e melhorando a relação aluno x professora, visto que eles perceberam que o professor não serve só para passar conhecimento, mas, sim, o professor atua como um mediador desse processo e cresce junto com os seus alunos.

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ESCOLA SYLVIA MELLO:
POSSIBILIDADES DE CONSCIENTIZAÇÃO COM O USO DAS MÍDIAS**

Islaine Ferreira Moura, Maranlaini Patrícia Azevedo Schemmfelnnig,
Raquel Terezinha Fagonde Moraes e Dulce Meri Lotufo Leite
ETE Professora Sylvia Mello – Pelotas/RS

A justificativa desse projeto é demonstrar para os alunos da escola, a importância de se trabalhar apoiado nas mídias, com atividades mais práticas que visam motivar e conscientizar os alunos sobre assuntos de interesses gerais como educação ambiental, por ser um tema bastante abrangente, atual e que deve ser trabalhado em várias disciplinas. Nesse projeto, os alunos deverão pesquisar os assuntos e relacionarem com o cotidiano deles,

saindo da tradicional aula expositiva e cheia de conceitos teóricos. O grande objetivo desse trabalho é mostrar aos alunos que as atitudes que tomamos diariamente, podem acabar afetando o equilíbrio global, colaborando para o fim do nosso planeta. Para isso, esperamos que, com o auxílio das novas TIC's, como a construção de vídeos, montagem de fotos, apresentações etc, os problemas ambientais locais e as contribuições de cada um para amenizá-los, fiquem mais evidentes, e assim, os alunos se tornem cidadãos mais conscientes e responsáveis pelas questões ambientais. Os professores de Biologia, Física e Matemática destas turmas se propuseram a auxiliar os alunos quanto aos conhecimentos específicos de sua área e, elaboraram uma webquest com diferentes atividades a serem realizadas em grupo e com um tema específico. Os temas trabalhados foram: água, lixo, efeito estufa x aquecimento global, legislação ambiental, radioatividade e desequilíbrios ambientais. A partir das referências bibliográficas citadas na webquest, os alunos tiveram que realizar pesquisas em materiais impressos ou online e após, montar um blog, elaborar apresentações em Power point e criar panfletos de conscientização sobre o assunto, divulgando o endereço dos seus blogs. Essas tarefas foram realizadas durante a Feira de Ecologia da escola e os alunos trabalharam com essas atividades durante dois meses e meio. Além da conscientização dos alunos quanto às atitudes diárias que eles tomam e suas consequências, avaliamos nesse projeto a realização de atividades apoiadas nas mídias, o trabalho com projetos interdisciplinares e em grupos, que são atividades que os alunos apreciam e se motivam ao fazer, pois isso torna a aprendizagem mais significativa e melhora a relação ensino-aprendizagem. Após a realização do projeto, os alunos responderam um questionário sobre as atividades e a importância do projeto para eles, assim como puderam fazer sugestões e críticas, o que serviu de parâmetros para concluir então que os objetivos propostos foram atingidos plenamente e, que esse tipo de atividade alcança mais benefícios do que esperado, pois melhora também as relações pessoais e profissionais entre professores e alunos.

PROJETO: “UM OLHAR PARA O LIXO!”

Ivan Nunes Gonçalves

IEE Aimone Soares Carriconde – Arroio Grande/RS

O projeto tem como objetivo compreender e avaliar as questões relativas ao lixo produzido no município, sob o ponto de vista ético como exercício da

cidadania com responsabilidade, integridade e respeito, articulando, integrando e sistematizando o conhecimento científico no enfrentamento de situações-problema e, propor alternativas para reduzir a produção de lixo, reaproveitá-lo e acondicioná-lo de maneira eficiente. Dentre os novos desafios que se impõem ao cidadão do século XXI está o de resolver as questões relativas ao lixo produzido e seu aproveitamento, com uma reflexão profunda referente a tudo aquilo que se considera “lixo”, ou seja, inútil, indesejável ou descartável no cotidiano das pessoas. O lixo, infelizmente, está presente nas ruas de nossa cidade e também no ambiente escolar. Partindo desse pressuposto, na Disciplina de Química, no Instituto Estadual de Educação Aimone Soares Carriconde, foi proposta aos alunos a realização de um Projeto denominado “Um olhar para o lixo” que visa conscientizar aos alunos e a comunidade onde estão inseridos sobre a importância da participação de todos no processo de descobrir maneiras eficientes de reduzir sua produção, reaproveitá-lo e acondicioná-lo de maneira eficiente. Foram desenvolvidas diversas atividades como visitas ao aterro sanitário municipal, um estudo sobre o tratamento do lixo, e doenças disseminadas pelo lixo acumulado, contaminação do solo e dos lençóis subterrâneos de água, realização de cálculos estequiométricos envolvendo o lixo, concurso de fotografias, mostra estudantil de vídeos sobre o lixo, produção de folders informativos, limpeza realizada no arroio, na escola e arredores. Participaram do projeto em torno de 600 alunos, do 1^{os}, 2^{os} e 3^{os} anos do Ensino Médio do Instituto Estadual de Educação Aimone Soares Carriconde, em torno de 20 professores, funcionários e Equipe Diretiva. O concurso de fotografias teve a participação de toda comunidade escolar, imprensa e comunidade local. A Mostra Estudantil de Vídeo foi realizada no Centro de Cultura do Município com a participação da comunidade em geral. Como resultados preliminares observou-se uma maior conscientização dos alunos referentes à limpeza da escola, e principalmente, o surgimento de um sentimento de indignação quanto à forma de tratamento dado ao lixo pelas pessoas, constatado nas saídas de campo, nos registros e debates realizados. O projeto aproximou a escola da comunidade, provocando impactos muito positivos, visíveis nas caminhadas realizadas, nas oficinas de reciclagem e sobre tudo na participação intensa das pessoas, em todas as atividades propostas, o que desencadeou diversas ações dentro da comunidade, junto aos meios de comunicação e poder público. O projeto foi interdisciplinar, tendo a participação efetiva das Disciplinas de Química, Biologia e Física. Os alunos foram desafiados no momento da construção de

um documentário sobre o lixo, quando, deveriam mostrar a realidade da escola, comunidade local e município, destacando aspectos positivos e criando alternativas viáveis para sanar os aspectos negativos. Surgiram dificuldades principalmente nas questões técnicas, pela falta de equipamento necessário para filmagem, a construção de um roteiro adequado, montagem de entrevistas, edição dos vídeos etc. A principal estratégia utilizada para que os alunos participassem ativamente das atividades propostas foi a não aceitação de desculpas, pois estávamos sempre presentes para criar alternativas, como filmagem feita através do celular, uso de computadores da escola para edição das gravações. O projeto contribuiu para que os alunos tivessem a consciência e a compreensão da existência de múltiplas realidades culturais fora da escola, através das entrevistas realizadas com catadores de lixo, e pessoas de diversas comunidades do município, mostradas em depoimentos nos documentários produzidos pelos alunos. As visitas ao aterro sanitário, a usina de reciclagem, aos diversos bairros do município proporcionaram aos alunos, o conhecimento de uma realidade até então desconhecida por muitos. Proporcionou ainda interação e trocas de experiências entre os alunos, comunidade escolar e local, contribuindo para criação de alternativas para resolução de problemas encontrados na comunidade onde os alunos estão inseridos.

ENSINO FUNDAMENTAL DE NOVE ANOS E AS CLASSES POPULARES

Jéssica Aline Leal da Rosa e Juliãna Ribeiro da Silva

UFPel – Pelotas/RS

Como bolsistas do PIBID (programa financiado pela CAPES), atuantes em uma escola que apresenta um dos mais baixos IDEBs da cidade de Pelotas, e que pertence a uma comunidade de classe social baixa, sentimo-nos incentivadas a pesquisar a relevância da política pública do Ensino Fundamental de Nove Anos para a vida dos alunos pertencentes a essa comunidade. Essa mudança proveniente da lei de número 11.274, de 6 de fevereiro de 2006, faz-nos questionar sobre de que forma as crianças de classes populares são beneficiadas com esse ano “extra” e se ele se configura como uma medida contra o fracasso escolar. Utilizamos como método de pesquisa os seguintes meios: Entrevistas, análise de pareceres descritivos, avaliações diagnósticas de leitura e escrita, coleta de dados a partir da ficha de matrícula dos alunos e embasamentos teóricos, como os

estudos de Bernard Charlot, Emilia Ferreiro, Paulo Freire e Maria Zamberlan assim como, nas orientações contidas em documentos do MEC acerca do Ensino Fundamental de nove anos, o chamado “fracasso escolar” atrelado às condições socioeconômicas. Através da realização desse estudo, podemos constatar que a política pública que institui o ensino fundamental de nove anos é uma tentativa de equidade social. Porém esta política pública precisa ser estudada com mais atenção pelos educadores com o intuito de realmente por em prática o que está sendo proposto, caso contrário de nada adiantará o aumento de um ano na escolarização destas crianças. É necessário que haja uma reflexão sobre o perfil destes alunos, de forma a identificar uma melhor maneira de aproveitar este tempo com eles, para que este não se torne mais um ano para não aprender. Foi possível constatar que muitas vezes existe certo descaso com as crianças pobres por parte da escola, por acreditarem que com tantos problemas elas não são capazes de aprender. Isto é um equívoco que precisa ser desfeito. Nas avaliações diagnósticas foi possível perceber o avanço destes alunos mesmo com tantos problemas. Além disso, as professoras da rede municipal de Pelotas não tiveram preparo nem o estudo necessário para a realização desta mudança, o que se torna grave na medida em que a proposta é algo muito mais amplo. Com certeza, não se encerra aqui este tema, pois é muito complexo, pensamos que para alcançarmos a resposta para a questão posta aqui é necessário um estudo mais longo e detalhado. Porém, foi possível identificar e refletir sobre alguns aspectos importantes para a prática docente, pretendendo instigar os professores para uma ação renovadora em sala de aula. Visto que a implantação do ensino fundamental de nove anos propõe uma mudança de paradigmas em relação aos alunos de classe popular, foi oportuno para nós estudarmos seu perfil como forma de identificarmos uma maneira de usar em nossas práticas pedagógicas este ano a mais em seu benefício.

ARTE E MATEMÁTICA: ENTRE SABERES E FAZERES

Jordana da Silva Corrêa e Leticia de Queiroz Maffei
EMEF Cecília Meireles – Pelotas/RS

Este relato é fruto do intercâmbio de olhares e vivências de duas profissionais de áreas distintas, mas dependendo do viés, extremamente interligadas: Artes e Matemática. A convergência de ideias foi possível por características comuns aos trabalhos: o blog como elemento de divulgação e

origamis como uma das práticas desenvolvidas. O blog permitiu que tomássemos conhecimento das práticas uma da outra e com isso fôssemos socializando ideias sobre a educação e o papel da Matemática e da Arte no processo de formação do aluno. O trabalho desenvolvido com a Matemática – o projeto Clube de Matemática, já apresentado no evento em outra edição – sempre esteve embebido de Arte, já que um dos elementos utilizados é o origami, além de algumas construções em papel. No Clube a utilização destes materiais, de jogos e alguns desafios é feita com o intuito de desenvolver além do raciocínio lógico, atitudes criativas e de confiança nos alunos. O olhar da artista pôde contribuir com o projeto não só como avaliador externo do processo, mas também com aspectos mais relacionados à Arte e seu papel na educação. Acreditamos que o papel da escola é formar indivíduos capazes de criar, discutir, compreender, refletir, criticar, aprender, ensinar. Para que tais atitudes sejam desenvolvidas é necessário pensar o processo como um todo, não fragmentando o olhar em matérias ou especificidades. No contato com olhares e saberes de outros profissionais é possível ampliar o ponto de vista que temos sobre nossa prática e assim agregar novos valores a ela. O que pode ser extraído como resultado desta experiência é uma relação entre saberes e fazeres que agregam novas perspectivas para os olhares da Arte e da Matemática. Teorias e práticas se entrelaçaram potencializando seus propósitos. Herbert Read (1958) acreditava que a educação deveria ter como objetivo a formação de artistas, não necessariamente pintores, músicos ou atores, mas pessoas que tivessem ideias próprias, com habilidades e imaginação, em qualquer área de trabalho – um médico, um arquiteto ou um educador também podem ser artistas, porque eles também podem desenvolver suas ideias, habilidades e reflexões – e a partir daí se forma o senso crítico, com o auxílio da Arte, para uma formação integral do ser humano. Ainda que a referência não seja tão atual a mensagem que traz não só ressalta a necessidade da presença da Arte na educação, mas qualifica ainda mais os propósitos do projeto com a Matemática. Buscamos de fato esta formação integral do ser humano, então que todo aluno e professor sejam artistas: desenvolvendo suas ideias, habilidades e reflexões.

RECREIOS DIRIGIDOS: INTEGRANDO OS ALUNOS, PRIMANDO PELO RESPEITO MÚTUO, DIMINUINDO A VIOLÊNCIA ESCOLAR, RESGATANDO BRINCADEIRAS ANTIGAS E QUALIFICANDO OS RESULTADOS ESCOLARES

Joseane Farias Dutra, Marilú de Moraes Nunes e Sirlei Wender Wille
EEEF Armando Fajardo – Piratini/RS

Apresentamos aqui o resultado de um projeto que realizamos a partir de junho do ano de 2011, que teve por objetivo integrar os alunos das séries iniciais, instigando-os ao desenvolvimento de atividades coletivas, que contribuíssem para as relações interpessoais, porque os alunos apresentavam sinais de agressividade constante uns com os outros (tanto dentro, como fora da sala de aula), o que prejudicava a aprendizagem. Este projeto germinou das dificuldades constatadas por nós professores e a partir de então, chegamos ao consenso de que precisaríamos tomar uma atitude para enfrentar tais fragilidades. Construimos o projeto Recreio Dirigido, planejado por nós, professoras das séries iniciais, a partir dos indicadores que vivenciávamos em sala de aula com os alunos, (agressividade e baixo rendimento escolar). A falta de respeito e limites entre eles estava se refletindo no processo de aprendizagem, pois boa parte destes alunos não apresentava desenvolvimento positivo nas atividades escolares. Com o apoio da direção da escola organizamos os recreios dirigidos e construimos atividades que envolvessem os alunos para que eles pudessem participar e construir conosco formas de integrarem-se e respeitarem-se. Oportunizamos recreios divertidos, criativos, desenvolvendo, com os alunos, a capacidade da empatia e interação com os colegas, sempre refletindo com eles sobre suas atitudes e a importância delas no convívio coletivo, otimizando o aprender a brincar com respeito, valorizando os direitos e os deveres de cada um e resgatando as brincadeiras antigas. Este projeto foi desenvolvido de junho a dezembro de 2011 duas vezes por semana, com todas as turmas das séries iniciais, em dois momentos distintos: 1º, 2º e 3º anos com atividades em conjunto e 4º e 5º anos. Escolhemos desta forma contemplando a faixa etária dos alunos. Durante este período trabalhamos as fragilidades dos alunos e conseqüentemente replanejando estratégias para saná-las. O que podemos perceber no final do período (dezembro de 2011) foi a integração harmoniosa em que os alunos brincavam, respeitando o espaço do colega e também a autonomia dos mesmos em relação à construção das brincadeiras, mas, sobretudo, notamos grandes avanços na aprendizagem, pois a medida que as

relações interpessoais se abrandaram o rendimento em sala de aula cresceu e tivemos excelentes resultados de aprovação. O resultado obtido pelos alunos em relação aos trimestres anteriores foi excelentes, aproveitamento dos alunos em todas as séries dos anos iniciais tendo em vista que podemos perceber um crescimento das turmas em todos os sentidos. Percebemos que os alunos se sentiam motivados e envolvidos pela proposta e conseqüentemente motivaram-se a aprender e construir novos aprendizados.

**O PENSAMENTO COMO POTÊNCIA CRIADORA:
UMA EXPERIÊNCIA COM OFICINAS DE ESCRILEITURA**

Josimara Silva Wikbold, Carla Gonçalves Rodrigues e Samuel Molina Schnorr
UFPel – Pelotas/RS

Tramas e usos do passeio urbano: por uma estética professoral foi uma oficina didática desenvolvida durante o ano de 2011 pelo Núcleo UFPel do Projeto Escrileituras: um modo de “ler-escrever” em meio à vida (CORAZZA, 2011). O citado trabalho teve por objetivo tramar Arte contemporânea, Filosofia da Diferença e Ciências Educativas, provocando de diferentes maneiras o pensamento dos oficinairos onde se potencializasse a criação. Para isso, tornou-se necessário articular passeios urbanos aos estudos teóricos, como forma de ampliar o campo perceptivo de atuais e futuros professores presentes, na tentativa de delinear outros espaços e representações do pensamento para a produção de uma estética docente. Por meio do método cartográfico, foi possível capturar imagens registradas em câmeras digitais e celulares durante as saídas de campo, bem como registrar através da escrita e leitura, em um bloco de anotações, suas percepções singulares. Como resultado, percebemos que os oficinairos foram “forçados” a pensar, conforme Deleuze e Guattari (1988). Eles afirmam que o pensamento é uma abertura para o sensível e que, só somos forçados a pensar a partir do momento em que um mal estar nos habita, quando algumas forças do ambiente invadem nossa consciência subjetiva formando novas combinações de sentidos. Para os treze participantes, a conjugação da arte, filosofia e os passeios urbanos, tiveram a função de violentar algumas de suas certezas, ativando estados sensíveis ainda “invisíveis” no plano perceptivo. Assim sendo, conseguiram estabelecer relações entre teoria e prática, entre vida e trabalho, entre o que era visto como diferente e divergente em seu exercício docente. Esse movimento de agenciamento foi

percebido no momento em que apresentaram a tarefa final, cartografando outras possibilidades de se fazer educação. A avaliação de todo o processo constituiu-se nas apresentações individuais de cada vídeo produzido, nos quais podíamos observar as conexões feitas dos diferentes campos do conhecimento a partir das imagens e escritas reunidas bem como da concretude de uma estética docente em formação. Como maneira de concluir, afirma-se a Oficina de Escrita como um trabalho com professores, em que propõe um texto aberto às interferências do leitor-escritor que é sempre escrevível de modos distintos, não descartando os processos subjetivos envolvidos. Violentar o pensamento através da multiplicidade de saberes foi a atitude pertinente que encontramos para fazer os docentes perceberem outros jeitos de suportar um novo território habitual, de por a vaziar algo em uma estrutura, traduzindo esta suportabilidade em uma potência de criação.

**USO DO BLOG, VÍDEO E WEBQUEST PARA INCENTIVAR A PRODUÇÃO TEXTUAL
EM SALA DE AULA**

Jossemar de Matos Theisen
EEEM Monsenhor Queiroz – Pelotas/RS

Este trabalho de pesquisa teve por objetivo despertar o interesse nos alunos do ensino médio (1ºs Anos) da Escola Estadual de Ensino Médio Monsenhor Queiroz em produzir diferentes textos usando recursos tecnológicos. Em uma pesquisa que se encaixa na linha de uma pesquisa-ação realizada com um grupo de 29 alunos do turno da tarde com faixa etária entre 14 e 17 anos, os quais possuem boa familiaridade com os recursos tecnológicos, verificou-se a concepção dos mesmos em relação ao uso da tecnologia como ferramenta de estudos, especificamente para a disciplina de Produção Textual. Primeiramente, foi realizado um diagnóstico sobre essa percepção; em seguida, foram feitas práticas pedagógicas envolvendo diferentes recursos tecnológicos tais como TV, vídeo, computador com acesso a internet e postagem de textos em um Blog. Por fim, aplicou-se um segundo questionário para avaliar as práticas realizadas. Percebeu-se que os alunos costumam participar ativamente das redes sociais, contudo, apresentaram algumas dificuldades em tarefas relativamente simples, como o envio de e-mails com anexo, por exemplo. Além disso, poucos alunos associavam o uso do computador como ferramenta de estudos. A pesquisa atingiu seu objetivo

de despertar e motivar os alunos para a produção de textos, como a produção de crônicas online para um Blog. Os resultados deste trabalho indicam que é possível desenvolver práticas significativas de ensino utilizando os diversos recursos tecnológicos.

A IMPORTÂNCIA DA AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA PARA A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO NA ALFABETIZAÇÃO

Julia Graciela da Silva Luna, Veridiana de Matos Paladino e Gilceane Caetano Porto
EMEF Núcleo Habitacional Getúlio Vargas – Pelotas/RS

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência PIBID, desenvolve um trabalho pedagógico em uma escola da Rede Municipal de Pelotas que visa agregar novos conhecimentos à prática docente de professoras e bolsistas pibidianas do curso de Pedagogia. O PIBID/Pedagogia UFPel tem como objetivo principal qualificar os processos de aquisição da leitura e da escrita dos alunos envolvidos. Relataremos os resultados da avaliação diagnóstica realizada com duas turmas de segundo ano que tem por característica a realidade da multirrepetência, totalizando 47 alunos. Para planejar as intervenções necessárias à aprendizagem dos alunos, o primeiro passo consistiu em avaliar os conhecimentos prévios de cada educando. Com esta finalidade foi realizada uma avaliação diagnóstica, que permitiu verificar as hipóteses das crianças em relação à leitura e a escrita. Essa avaliação foi feita a partir de instrumentos especificamente organizados para esta finalidade. A proposta de avaliação buscou auxiliar os educadores do ciclo inicial para a organização do planejamento das atividades a serem realizadas. A avaliação permitiu conhecer os níveis de alfabetização dos alunos e, a partir desse conhecimento, organizar o trabalho pedagógico, considerando as capacidades que precisam ser desenvolvidas, para que no final do ano letivo estejam consolidadas. É fundamental fazer um levantamento dos conhecimentos prévios da criança sobre a escrita, para o professor poder definir as metas de sua prática pedagógica e, a partir delas, planejar de forma a garantir a expansão e consolidação do aprendizado por parte dos alunos. Foram realizadas sete tarefas que consistiam em avaliar a hipótese em que cada criança se encontrava em relação à leitura e escrita, com duração média de quarenta minutos por aluno. Após a realização desse trabalho concluímos que a avaliação diagnóstica dos alunos possibilitou experimentar propostas de ensino/aprendizagem em relação a aquisição da

leitura e da escrita trabalhando reflexivamente a partir do pensamento infantil. Também foi fundamental para que pudéssemos identificar quais eram os conhecimentos dos alunos sobre a leitura e a escrita. Portanto, esta avaliação foi um ponto de partida no qual foi possível organizar, ordenar e sistematizar todo o planejamento a ser realizado com as crianças.

UTILIZAÇÃO DA LITERATURA INFANTIL NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Julia Graciela da Silva Luna, Veridiana de Matos Paladino e Lourdes Maria Bragagnolo Frison
EMEF Núcleo Habitacional Getúlio Vargas – Pelotas/RS

Esta pesquisa apresenta como questão central, a importância da literatura infantil nas classes de alfabetização, e se discute como ela é utilizada para a criação de hábitos de leitura. Pretende-se mostrar como a literatura infantil vem sendo utilizada nas classes de alfabetização em uma escola de periferia da rede pública municipal de Pelotas, que apresenta altos índices de reprovação. De modo geral pretendeu-se analisar de que forma as professoras alfabetizadoras utilizam a literatura infantil em suas práticas pedagógicas e qual a importância que esses livros de literatura têm no processo de alfabetização dos alunos. Os dados da pesquisa foram coletados no período de novembro e dezembro de 2011. Durante o trabalho realizado verificou-se que as professoras das classes de alfabetização, na medida do possível, procuram incentivar os alunos a terem um maior contato com livros de literatura infantil. Entende-se que, apesar do trabalho realizado ser de boa qualidade, há muito que ser feito, pois nessa escola a evasão e a repetência são consideravelmente altas. Observa-se que esta relação existente entre literatura e alfabetização está cada vez mais próxima, porém necessita-se melhorá-la. Foi constatado que as professoras trabalham com a literatura infantil, mas ainda apresentam dificuldades em sistematizar atividades que qualifiquem os processos da aquisição da leitura e da escrita. A escola e as professoras entrevistadas proporcionam aos seus alunos espaços no qual possam entrar em contato direto com a literatura de forma geral. Conclui-se que através de um trabalho que vise a alfabetização e o letramento dos alunos a escola possa ser vista como um local onde de fato se aprende a ler e a escrever, tendo como eixo norteador a literatura infantil, utilizada como instrumento que desperta nos alunos, de forma sensível, a consciência crítica e a capacidade de analisar o mundo. Mesmo tendo nessa escola muitos alunos que ainda não dominam o código escrito, ou seja, ainda

não estão alfabetizados, observa-se que as professoras incentivam através da leitura de livros de literatura infantil o contato com diferentes histórias. A atuação das alunas bolsistas do PIBID busca fortalecer o hábito de formar leitores. Acredita-se que assim estaremos contribuindo para formar alunos que saibam ler e compreendem o que leem.

PLANEJAMENTO COMPARTILHADO: TROCANDO IDEIAS E REVENDO PRÁTICAS

Juliana Ribeiro da Silva e Jéssica Aline Leal da Rosa
EMEF Núcleo Habitacional Getúlio Vargas

O Programa Institucional de bolsa de Iniciação à docência (PIBID), financiado pela CAPES, em parceria com uma escola da rede pública municipal de Pelotas oportunizou que as estudantes de pedagogia, participantes do programa, tivessem a experiência do planejamento compartilhado com uma docente em exercício. Nosso foco foi relacionar a teoria estudada na faculdade e no com a prática dentro da sala de aula, proporcionando trocas de ideias entre as estudantes de pedagogia e a docente em exercício. Para isso, o trabalho foi desenvolvido a partir de estudos sobre a prática docente nas séries iniciais, bem como a observação das aulas ministradas pela professora titular e avaliações diagnósticas de leitura e escrita com as crianças. Posteriormente, de posse destes dados começamos os planejamentos das aulas que aplicamos duas vezes por semana em uma turma de 1º ano. Este planejamento foi feito com a participação das pibidianas e da professora titular da turma, de forma que a nossa prática fosse ao encontro do trabalho que ela realizava. Durante todo o tempo Pibidianas e professora titular trabalharam juntas, em sala de aula, o clima era de cooperação e aprendizado mútuo. Como resultados desse movimento de trocas, podemos constatar ganhos tanto para a docente responsável pela turma, para as estudantes de Pedagogia, no caso as pibidianas e também para os alunos, que tiveram a oportunidade de vivenciar momentos enriquecedores, constituídos das práticas inovadoras trazidas da academia e a experiência tão necessária para um planejamento adequado. A docência compartilhada permitiu o crescimento profissional, para as universitárias e para a professora em exercício, pois muitas vezes pela distância, entre a teoria e a prática, os futuros professores planejam coisas afastadas da realidade. Porém, tivemos durante a experiência, uma pessoa com quem podíamos contar para nos mostrar qual seria o melhor caminho, assim foi

possível inovar sem perdermos o foco, e a professora pode conhecer novas ideias sobre o como ensinar, contribuindo assim para sua formação continuada. A partir disso, contatamos o quão valioso é ter a experiência e a flexibilidade de poder mudar e rever nossas práticas, pois esta parceria nos oportunizou realizar aulas com o cuidado pensar em detalhes que antes se quer poderíamos imaginar.

PROJETO CAFÉ FILOSÓFICO

Juliana Rodrigues Ramos e Eduardo Ferreira das Neves Filho
EEEM Nossa Senhora de Lourdes – Pelotas/RS

Café Filosófico é um dos projetos de área desenvolvidos pelo curso de Filosofia, no PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência. Tem como objetivo proporcionar debates, aos discentes e, para a comunidade escolar como um todo, a fim de fomentar o senso crítico e prática da reflexão, de forma informal e descontraída. Conta com mediadores (bolsistas) e dois palestrantes (preferencialmente de diferentes áreas de conhecimento) os quais tem a tarefa de introduzir o tema, cada qual com sua abordagem. Teve duração de oito meses (2/05 a 15/12 de 2011). Foi aplicado nos (1º, 2º e 3º anos) em horário de aula, com a participação do professor. Buscou referencial teórico não só na filosofia, mas, na literatura, e na história. Alguns dos autores trabalhados: Immanuel Kant, Jean Paul Sartre, Michel Foucault. Na literatura, Carlos Drummond de Andrade e Shakespeare. O trabalho recorreu às charges, poemas, e recursos midiáticos tais como vídeos e imagens. Os Cafés realizados na escola Nossa Senhora de Lourdes abordaram temas gerais, os quais foram selecionados em conjunto com os professores da disciplina e, sugestões dos alunos. Buscou um trabalho que se constituísse, através da realidade que constitui o aluno, como sujeito dentro de uma determinada sociedade. Sujeito este que se produz na escola e no cotidiano fora dela. As temáticas foram: Sexualidade e Homofobia; Sociedade e Consumo; Neocateísmo; Identidade Virtual; Liberdade. O primeiro abordou os gêneros sexuais através de uma visão biológica e social relacionando-a com a questão da homofobia. O segundo diferenciou consumo e consumismo, identificando neste último, suas formas, e prejuízos que suas consequências acarretam. A terceira proposta trouxe o debate sobre metafísica e neocateísmo, refletindo sobre as diferentes formas de se tratar a questão de Deus. O penúltimo tema, além de buscar a relação

do aluno com os meios virtuais e realização de tarefas dentro e fora da escola, alertar sobre os perigos existentes nas redes sociais. O último tratou da questão referente à liberdade de expressão, lutas étnicas e liberdade de gênero. O projeto atinge seu propósito ao abordar a filosofia de forma viva e dinâmica, procurando fazer perguntas básicas sobre o sentido das coisas. Sua preocupação é responder às demandas do solo rugoso da vida. Teve êxito em seu objetivo principal ao aproximar os alunos à filosofia de uma forma prática. Procurou discutir sobre temas que pudessem contribuir para a formação do aluno no sentido de sua emancipação, na qual o mesmo se reconhecesse e o guiando para que atue de maneira reflexiva e consciente na construção de sua vivência escolar e cotidiana. O resultado do projeto no que tange aos bolsistas desenvolveu-se de modo positivo, através da aproximação com os discentes e docentes, como também, dos debates filosóficos oferecidos.

**A AULA-PASSEIO COMO POSSIBILIDADE DE APRENDIZAGEM
NO CONTEXTO ESCOLAR**

Júlio César Madeira e Vanessa Bezerra Dias
EM Luís Augusto Assunção – Pelotas/RS

O presente trabalho pretende refletir sobre as práticas escolares de aprendizagem, situando como recorte para a análise a potencialidade das aulas-passeio à constituição dos atores, estes sendo percebidos como protagonistas em seus aprendizados a partir das tramas onde estão envolvidos. O objeto deste surge, a partir de uma experiência realizada em parceria com algumas escolas no município de Pelotas. Como nos coloca Freinet, a aula-passeio representa uma grande ferramenta, pois nos aponta a integração vivenciada em todo o processo de construção do conhecimento. Neste sentido, o projeto desenvolvido, apresenta dois momentos fundamentais, inicialmente com a exploração dos recursos naturais de cada realidade local - com a construção de atividades abertas aos interessados apresentando desta forma uma proposta mais abrangente. Em outra, etapa realiza-se as aulas-passeio, especificamente com a participação de algumas escolas do município, estas aulas problematizam a situação dos recursos naturais assim como a degradação do mesmo. A partir da realização de algumas trilhas ecológicas em diversos pontos do município de Pelotas, com a participação da comunidade, pode-se inferir o crucial papel que essas

atividades podem exercer no contexto educacional, tanto para o desenvolvimento de um sentimento de pertencimento à natureza quanto para a promoção de uma consciência ecológica. Pelas experiências vivenciadas, há uma sinalização em relação à ressonância que a proposta descrita provoca nos atores em cada local vivenciado, tendo em vista o envolvimento desses nas atividades realizadas. Esta experiência tem como perspectiva a integração da comunidade escolar, estando no pano de fundo a aprendizagem e a natureza da qual fazemos parte. Somam-se para esta reflexão, a possibilidade que a atividade desenvolvida demonstra na contribuição em novas pesquisas na área da educação no contexto local, assim como pensando no fortalecimento e qualificação do papel pedagógico das aulas-passeio no município de Pelotas, local com uma diversidade ambiental possuindo elementos a serem explorados pela rede pública de ensino na construção de suas políticas.

LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA PÚBLICA

Larissa Quintana de Oliveira, Roberta Rodrigues Link e Carla Adriani Carvalho Mendes
EMEF Santa Terezinha – Pelotas/RS

A criança ao ingressar na escola, independentemente de já ter ou não o domínio da leitura e da escrita, imagina, fantasia, cria e re-cria o mundo ao seu redor. Aliás, não só o mundo ao seu redor, mas sim um universo inimaginável por outro alguém que não ela. Levando isso em consideração, torna-se fundamental que a criança tenha acesso a um outro universo mágico, que também a leva a fantasiar e criar, mas que, além disso, estimula a criticidade, auxilia no desenvolvimento de uma visão de mundo mais ampla e no desenvolvimento da língua oral e escrita. Este outro universo é o da literatura. Tendo a literatura infantil como uma forte “aliada”, está sendo desenvolvido o projeto de extensão “Leituras Literárias na Escola”. O objetivo desse projeto, orientado pela Dr^a. Cristina Maria Rosa é oferecer às crianças, em períodos escolares, um contato mais apropriado e qualificado com a leitura literária. Denominado Hora do Conto na EMEF Santa Teresinha, a leitura tem sido desenvolvida em horários múltiplos, desde a pré-escola até o quinto ano, por diferentes estudantes do Curso de Pedagogia, todas integrantes do PET/Educação. A leitura é desenvolvida de forma processual e ocorre em três momentos: pré-leitura, leitura e pós-leitura. Acompanhando essa metodologia é “revelado” às crianças o “elemento mágico” que é

escolhido a cada história, podendo ser qualquer objeto com alguma relação com o livro lido. Enquanto as crianças tocam e descobrem o “elemento mágico”, lhes é narrada à história daquele elemento. Todo esse processo é fundamental para que as crianças tenham prazer em ouvir a história. Embora inicial, os resultados alcançados pelo projeto podem ser assim descritos: interesse maior pela leitura, concentração das crianças, formação de ouvintes e desejo de contar suas próprias histórias. Em geral, esse projeto está se mostrando muito produtivo, uma vez que as crianças estão de fato desenvolvendo um enorme apreço pela literatura, o que é crucial para a formação do pequeno leitor com vista a torná-lo um leitor crítico. Essa experiência está sendo muito importante também para minha formação, pois o fato de ter que preparar uma mala de livros, selecionar os livros que irei ler, ensaiar, pesquisar a biografia dos escritores, estudar teorias sobre a literatura infantil, ler para as crianças, deixá-las conectadas com o universo da leitura literária, escrever sobre cada hora do conto, enfim, refletir, planejar, registrar e avaliar esses momentos vividos, estão tornando minha formação muito mais crítica e qualificada.

EDUCAÇÃO AMBIENTAL E TECNOLOGIAS

Leonilda Wessling, Patrícia Mendes Calixto e Sandra Pottmeier
EEEB Padre José Maurício – Blumenau/SC

Em pleno século XXI o que se discute acerca da educação é a inserção das TIC – Tecnologias de Inovação e Comunicação para se pensar o processo de ensino e aprendizagem e a inclusão de alunos e professores no contexto escolar. Todavia, deixa-se de lado por hora, a questão de “para onde estão indo estes apetrechos tecnológicos (Ipods, Ipads, netbooks, celulares entre outros) utilizados por estes sujeitos?”. No sentido de pararmos um pouco para refletir sobre esta temática é que no ano de 2011 foi desenvolvido um projeto sobre o Lixo Eletrônico numa escola da rede pública de ensino localizada no Vale do Itajaí (SC). O objetivo era o de compreender como e onde estavam sendo descartados esses equipamentos. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica e a produção de folders a partir do que alunos do primeiro ano do ensino médio compreendiam sobre essa temática e qual a influência desta em seu contexto. Contudo, o que foi observado é que este jovem do século XXI, “é um sujeito moderno, um consumidor voraz e insaciável de notícias, de novidades um curioso impenitente, eternamente

insatisfeito” (LARROSA, 2004, p.157). Portanto, “o fato da era tecnológica coincidir, com uma população marcada crescentemente pela presença de população jovem, mudou a coreografia das modernas cidades ou aglomerados populacionais de qualquer tipo como indica uma tendência a implicações muito profundas no futuro próximo da humanidade” (MORAIS, 1972, p.12). Quando se refere à eletricidade ou as técnicas eletrônicas Morais (1972, p.30), considera que ocorreu uma mudança essencial no plano do relacionamento do eu com o não-eu; da pessoa com o mundo. “O exagero às vezes ostensivo, de muitas dessas formas de comportamento encontra através desse processo, um respaldo singular: não de todo o complexo do industrialismo e sim de um mundo atribulado que se embala na direção de fuga como mecanismos inclusive elétricos ou eletrônicos”. Ou seja, um verdadeiro gerenciamento de vida que está relacionado à cultura da liberdade norte-americana que concretizou um novo estilo de produção e comunicação. Essa comunicação é chamada por Castells (1999, p.33), de “comunicação simbólica entre os seres humanos que se cristalizam ao longo da história em territórios específicos, e assim geram culturas e identidades coletivas”. Portanto, a tecnologia e as relações técnicas de produção difundem-se por todo o conjunto de relações e estruturas sociais, penetrando no poder e na experiência e modificando-os. Dentro desse contexto, Castells (1999, p.39), considera que “os primeiros passos históricos das sociedades informacionais parece caracterizá-las pela preeminência de identidade como seu princípio organizacional”. Identidade aqui entendida como sendo um espaço em que um ator social se reconhece e constrói.

ORIGAMI E MATEMÁTICA: DESDOBRANDO PAPÉIS

Leticia de Queiroz Maffei

EMEF Cecília Meireles – Pelotas/RS

Na edição anterior deste evento apresentei o trabalho intitulado “Clube de Matemática”, projeto que na época estava praticamente recém nascendo, porém já com alguns bons resultados. Ao longo destes três anos o projeto foi estabelecendo formas e metodologias de trabalho variadas, abrangendo desde o uso de jogos clássicos (cartas, tabuleiro), desafios lógicos a confecções em papel (papertoy, papercraft e origamis), entre outros. A gama de atividades e referências acumuladas foi tornando-se vasta permitindo delimitar esta escrita a um dos elementos marcantes desta prática: o origami.

Origami é uma arte milenar japonesa, arte de dobrar o papel, ori (dobrar) e kami (papel) quando pronunciadas juntas o k é substituído pelo g. No origami geralmente são utilizadas folhas quadradas e algumas dobraduras clássicas que se repetem ao longo dos diferentes modelos, outra característica é a não utilização de cortes. Embora algumas peças fujam do tradicional, requerendo outras formas de papel ou pequenos cortes. A beleza e encanto está em uma simples folha de papel transformar-se em elaborados objetos, animais, flores através de repetidas dobras. Em um primeiro momento o objetivo do trabalho estava voltado para questões um pouco mais explícitas, relacionadas à geometria presente no processo da dobradura. A partir da necessidade de buscar novos modelos conheci a importância dos diagramas que contêm as 'receitas' para cada origami. Muitas vezes os diagramas não se faziam claros o suficiente necessitando uma visualização prática da confecção do modelo e para isso o YouTube, ferramenta atualmente acessível a todos através da internet, foi fundamental. É possível encontrar vídeos que apresentam o passo a passo da elaboração de cada modelo, este material serve não só como elemento mediador para o aprendizado do professor, mas também do aluno que até mesmo em casa manipula tais instrumentos. Inicialmente eu interpretava os diagramas e os utilizava como referência para conseguir ensinar os alunos no processo de confecção, atualmente muitos destes alunos demonstram capacidades de interpretação dos gráficos muitas vezes superiores às minhas. O contato com este tipo de prática permitiu aos alunos uma aproximação natural com a geometria, já que sem esta seriam inviáveis as elaborações e interpretações dos diagramas, bem como a confecção dos origamis. Para além da geometria, nos origamis, está também muito presente o estudo de frações já que muitas vezes as dobras não são exatas requerendo inclusive noções de proporção. Não trabalho com o conhecimento formal da matemática nas práticas com os origamis, porém percebo estar fortemente estabelecida de maneira natural a relação de ambos. Há muito o que explorar no campo dos origamis e nas suas relações com a matemática, mas no momento em que os alunos viram mestres nesta arte que apresentei a eles com certeza parte do trabalho já está consagrada.

A UTILIZAÇÃO DAS MÍDIAS E TIC'S À FIM DE AMPLIAR O ESPAÇO DA ESCOLA

Liana Barcelos Porto

EMEF Henrique Germano Brockmann – Canguçu/RS

O objetivo central desta experiência foi utilizar as mídias e as redes sociais como espaço de aprendizagem efetiva, qualitativa e colaborativa. Estendendo assim o espaço de aprendizagens, de trocas, de interações. Foi construído um blog para a escola, nele a professora Liana Barcelos Porto publica avisos e informações da escola, bem como fez deste blog uma extensão do espaço da sala de aula, enquanto professora de Ensino Religioso posta vídeos sobre: valores, homofobia, crenças, preconceito, diversidade... Como instrumento de avaliação, e de apropriação dos conceitos trabalhados, os alunos devem comentar as postagens, argumentar criticamente, expondo suas ideias e aprendizagens. Lá também tem sido um espaço de atualização docente, pois todos os dias são disponibilizados, sites, dicas, artigos... E os educadores bem como a gestão da escola são convidados a participar ativamente, pois o objetivo do blog não é ser um depositário de experiências, e sim um espaço de interatividade, de troca, de provocações, de tensões... As redes sociais também são utilizadas nesta disciplina e nesta experiência os alunos devem selecionar vídeos, imagens, músicas, sobre determinado tema pré-estabelecido com a professora e compartilhar nas redes, os colegas devem participar comentando, emitindo ideias ou dúvidas que surjam nesse processo interativo. O celular também está sendo utilizado como ferramenta para promover a interatividade e a participação, os alunos são motivados a agendarem as atividades a ser realizadas, trocar torpedos com a professora e colegas sobre algum assunto pré-estabelecido. Comunicar novas postagens em redes sociais ou no blog. Silva (2003, p.205) diz que interatividade se apresenta como um potencial de propiciar a interação, mas não como um ato em si mesmo, pois ela permite que o sujeito expectador passivo passe para a condição de sujeito operativo, podendo dialogar, construir junto, intervir, fazendo assim ele mesmo seu processo educativo. Acho importante pontuar que a escola encontra-se na periferia da cidade, os educandos envolvidos na experiência são do 6º ao 9º ano, e encontram-se em situação de vulnerabilidade social. Pude constatar que os educandos envolvidos nessa experiência se sentiram motivados a ir para a escola, se sentiram incluídos nesse mundo de tantas tecnologias e que muitas vezes eles não têm acesso, eles se sentiram valorizados e

responsáveis pelo seu próprio processo de aprendizagem, pois tinham que fazer escolhas, publicar, comentar. Deixaram de ser expectadores passivos do processo de aprendizagem para serem autores, fazerem parte efetiva nesse processo. A escola também se abriu para a proposta, vendo que os alunos estavam super motivados a equipe diretiva disponibilizou o uso dos computadores no turno inverso (tendo em vista que muitos não têm computador e internet então é uma minoria que tem). Avalio esta experiência de forma muito positiva, pois como dizia Freire “A educação não muda o mundo, a educação muda as pessoas e essas sim podem mudar o mundo”. Queremos um mundo melhor e mais justo, e a educação é a ferramenta indispensável para que este objetivo seja alcançado. Posso afirmar que essa simples experiência promoveu uma mudança nos educandos, antes desinteressados achando a disciplina de Ensino Religioso pura bobagem, o celular era usado escondido, o computador utilizado raramente... Agora educandos motivados, querendo saber à temática para a próxima aula, usando o celular com responsabilidade, pensando sobre conceitos e atitudes que podem mudar suas vidas enquanto cidadãos, recolhendo materiais para compartilhar com os colegas... Segundo o professor José Manuel Moran: “do ponto de vista metodológico o professor precisa aprender a equilibrar processos de organização e de provocação na sala de aula”. Muitas máquinas são compradas, mas nem sempre a Escola detém o conhecimento suficiente. Normalmente introduzem computadores conectados à internet e esperam apenas com isso os bons resultados, e é aí que entra a importância da mediação no processo de ensino aprendizagem, enquanto docentes temos que saber claramente o que queremos que o nosso aluno produza, ou reflita, ou seja, ter claro nossa intencionalidade pedagógica, as tecnologias são importantes nesse movimento, pois possibilitam muitas ferramentas e interações simultâneas, mas para isso precisamos entendê-las como um caminho, uma opção a mais para a qualidade no processo educativo, as Tic’s não substituem o professor, este passa a mediar o processo, fazer provocações, induzindo os alunos a aprendizagem.

**UMA REFLEXÃO DAS PRÁTICAS EDUCACIONAIS NAS AULAS DE LÍNGUA INGLESA
PARA ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Liane Régio Lucas

EPEF Nossa Senhora da Luz – Pelotas/RS

O objetivo deste trabalho é descrever e refletir sobre as práticas educacionais semanais utilizadas pela professora nas aulas de língua inglesa para estudantes de pré-escola ao quinto ano. As experiências foram vivenciadas em uma escola particular da região de Pelotas/RS no período de três anos. Com duração de quarenta e cinco minutos por semana para cada ano. De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, a rotina, ou a sequência de práticas educacionais semanais, é considerada um instrumento de dinamização da aprendizagem de caráter facilitador das percepções infantis sobre o tempo e espaço. Esta prática é de grande importância no ensino da língua inglesa para estudantes de quatro a onze anos, pois ajuda os professores a prever situações inusitadas em sala de aula e dá mais segurança e confiança aos alunos. Músicas, calendário, previsão do tempo e jogos são algumas das atividades realizadas na rotina das aulas de língua inglesa. Assim, as aulas iniciam com uma música de saudação chamada “Hello song” (música do Oi), seguida pela apresentação da data, clima e estação do ano, por diferentes alunos em cada encontro semanal. Em sequência, os estudantes são introduzidos ao conteúdo programático do dia, sejam estes cores, números ou animais, baseado no livro adotado pela escola. Esta parte pode incluir músicas, pinturas, dramatizações, desenhos e/ou jogos. Para finalizar as aulas, os alunos cantam uma música de despedida chamada “Goodbye song” (música do Tchou), sabendo que neste momento é hora de guardar o material e se preparar para a próxima aula. Através dessas atividades foi observada uma melhora no aprendizado, no desempenho, no interesse e na participação dos alunos nas aulas, além de uma diminuição do grau de frustração por parte dos mesmos no aprendizado de uma língua estrangeira. A partir da introdução da rotina nas aulas de inglês, de pré-escola ao quinto ano, verifica-se a importância da investigação acerca dos benefícios da implantação de tal prática para a melhoria dos resultados da aprendizagem de inglês nestes anos.

**MOSTRA FOTOGRÁFICA DIGITAL: CIDADANIA E DIREITOS HUMANOS
CONHECENDO A REALIDADE SOCIAL E REFLETINDO SOBRE DIREITOS E DEVERES**

Lílian Dilli Gonçalves
IF-Sul – Pelotas/RS

Este trabalho foi realizado em sala de aula, na disciplina de Sociologia, com os educandos dos primeiros anos dos Cursos Técnicos Integrados de Mecatrônica e Informática do IF Sul-rio-grandense Campus Charqueadas e teve por objetivo despertar o olhar e a atenção sobre as violações dos direitos humanos que acontecem diariamente ao nosso redor e que não enxergamos por pressa ou simplesmente pela banalização com que estes fatos são tratados atualmente. Os educandos foram provocados a refletir sobre os direitos humanos – direitos dos cidadãos – e ao mesmo tempo puderam perceber que alguns deveres são descumpridos. A elaboração aconteceu em três etapas: primeiro, analisaram conceitos de cidadania, em diferentes momentos históricos, bem como a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Os educandos, reunidos em grupos, debateram e elaboraram conceitos de cidadania respondendo à seguinte questão: “O que é ser cidadão atualmente?”. A segunda parte consistiu na observação e registro fotográfico de situações sociais que fazem parte do cotidiano. A proposta foi fazer observações e registros fotográficos no trajeto de ida para a escola e retorno para casa. Alguns moradores ao observar o interesse dos estudantes pelos problemas sociais locais aproximaram-se pedindo orientações de como buscar direitos como bolsa-família e aposentadoria. A parte final resultou em uma mostra fotográfica digital, onde cada grupo utilizou: o conceito de cidadania elaborado, as imagens captadas e músicas contextualizadas e elaboraram um pequeno vídeo ou utilizaram as imagens em slides, expressaram o que vivenciaram nestes dias de observação. A apresentação da mostra aconteceu no auditório da escola primeiramente para cada turma e no final os melhores trabalhos selecionados foram reunidos e apresentados para a comunidade escolar. A maioria dos educandos se mostrou surpresa com as imagens apresentadas – do em torno da escola, de alguns bairros e da área central da cidade, por serem lugares que faziam parte do cotidiano afirmaram não perceber o desrespeito aos direitos humanos e a falta preservação de espaços públicos e privados. Ao final das apresentações todos os participantes teceram comentários sobre as imagens e concluíram que por serem situações e atitudes aceitas

socialmente como “normais”, “inevitáveis” e “irreversíveis” acabam sendo “naturalizadas” por todos. Após o relato e trocas de vivências os participantes demonstraram possuir olhar crítico sobre esta realidade e concluíram que é possível contribuir através de atitudes conscientes, mesmo que com pequenas ações, para melhoria das condições de vida da comunidade.

**A PESQUISA ELEITORAL E A APRENDIZAGEM DE ESTATÍSTICA:
UMA INTERVENÇÃO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

Lisiane Jaques Rodrigues Scherwenske e Carla Gonçalves Rodrigues
UFPeI – Pelotas/RS

A presente pesquisa desenvolveu um Projeto de Ensino e Aprendizagem, voltado para a disciplina de Matemática, com a turma do primeiro ano do Curso de Montagem e Manutenção de Computadores – forma integrada, modalidade EJA do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense, durante o ano de 2010. Teve como objetivo testar uma hipótese curricular que contribuísse para a aprendizagem dos conceitos estatísticos a partir da temática Processo Eleitoral, ao mesmo tempo em que, visava possibilitar aos educandos reflexão acerca das consequências que suas escolhas eleitorais ocasionam em suas vidas. Destaca-se que todo o planejamento do projeto teve como aporte teórico Gonzáles et al. (1999). A construção da hipótese curricular foi embasada na Teoria Interacionista de Vygotsky, explorando conceitos como medição, internalização, zona de desenvolvimento proximal, conhecimento científico e espontâneo. Sendo assim, optou-se por trabalhar com ferramentas mediadoras, tais como, questionamentos, tecnologia a favor do ensino, história da Matemática, resolução de problemas e atividade compartilhada. A hipótese curricular da unidade didática Estatística foi desenvolvida em dez encontros. Iniciou com uma conversa sobre política, que possibilitou várias discussões a cerca do tema, assim como norteou a elaboração de uma pesquisa com perguntas que estiveram presentes no decorrer das aulas. O estudo de Estatística foi introduzido através de um vídeo que ilustrava a evolução desta unidade com o passar do tempo. Em seguida, com as entrevistas realizadas, os alunos formaram grupos de três integrantes, que desenvolveram tarefas como organização dos dados no Excel na forma de tabela e de gráficos. Todos os procedimentos realizados contribuíram para a aprendizagem sobre os tipos de frequências, bem como medidas de tendência central e medidas de

dispersão. No último encontro, os estudantes apresentaram os resultados que obtiveram na pesquisa, utilizando-se dos novos conhecimentos adquiridos. Ao final da aplicação do Projeto pode-se constatar que o objetivo geral do projeto foi alcançado. Enfatiza-se que as ferramentas mediadoras contribuíram para a aprendizagem acerca dos conceitos estatísticos. Destaca-se, como ponto positivo deste estudo, o fato de trabalhar-se com projetos de ensino e aprendizagem, pois, através desta tendência percebeu-se a importância de criar-se hipóteses curriculares diferenciadas para cada unidade, tendo em vista que, o processo em busca da aprendizagem significativa não pode seguir um padrão.

**PRÁTICAS DOCENTES: A CONSTRUÇÃO DO PORTFÓLIO COMO POSSIBILIDADE
DE REGISTRO DE EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS VIVENCIADAS**

Lourdes Helena Rodrigues dos Santos e Paola Nunes
EMEM Colégio Municipal Pelotense – Pelotas/RS

Este texto traz o relato de uma prática docente desenvolvida no Curso Normal Habilitação Séries Iniciais do Colégio Municipal Pelotense, que teve como objetivo possibilitar a construção de portfólios como forma de registro de práticas pedagógicas vivenciadas. O portfólio constitui-se em um instrumento pedagógico que permite as alunas analisarem, organizarem e explicitarem processos de aprendizagem de caráter diverso, desde conceitos científicos até conceitos mais pessoais de natureza auto-reflexiva. O trabalho envolveu na sua construção a participação de um grupo de professoras e alunas do 4º ano do curso durante o ano letivo de 2011, nas aulas da Disciplina de Teoria e Prática de Ensino, que possui como proposta o trabalho pedagógico coletivo. No trabalho pedagógico coletivo, a abordagem do conhecimento e as interações são constituídas envolvendo uma dinâmica de práticas docentes com diálogos interpessoais e vivências comunicacionais, com estratégias metodológicas diversificadas. Nesse processo, as alunas foram registrando em portfólios individuais suas trajetórias de aprendizagens teóricas e práticas construídas através de uma proposta de práticas docentes que contemplaram leituras e construções de textos, imagens, filmes, brincadeiras, esquetes teatrais, coreografias, modelagem e trabalho de investigação. No final das práticas docentes do ano letivo foi realizado um Seminário de Apresentação dos Portfólios possibilitando as alunas socializarem as experiências e aprendizagens advindas da construção dos

portfólios com todos os alunos do Curso Normal, isso possibilitou o conhecimento teórico sobre portfólio e contato com o rico material produzido pela alunas. Nas avaliações e reflexões apresentadas pelas alunas constatamos o reconhecimento da importância da construção do portfólio, como instrumento de registro de aprendizagens, pois as alunas relataram que tiveram a oportunidade de rememorar o processo de aprendizagens e registrarem o quanto e de que forma aprenderam e quão importante foram as aulas desenvolvidas através do trabalho pedagógico coletivo. As alunas destacaram, algumas dificuldades iniciais na construção dos portfólios, por considerarem uma proposta diferente e desafiadora, porém após a superação destas, reconheceram o portfólio como um instrumento de mudanças no processo das aprendizagens pedagógicas, por possibilitar autonomia de criação, no momento dos registros das aprendizagens. A realização de práticas docentes com a utilização do portfólio, pelo grupo de professoras da Disciplina de Teoria e Prática de Ensino, permitiu ampliar o nosso olhar sobre as diferentes possibilidades da sua utilização, entre estas, o portfólio na sua estrutura de produto acabado, como o registro das realizações do aluno que põem em destaque tanto o processo de aprendizagem como os resultados obtidos para poderem vir a ser avaliados conjuntamente pelo professor e pelo aluno.

PROJETO “O LIXO VIRA ARTE E O PLANETA AGRADECE”

Luçaires Czermainski Gonçalves
EMEF Osvaldo Cruz – Pelotas/RS

O problema do lixo é um problema mundial, que apenas com a conscientização dos sujeitos é possível realizar uma mudança significativa no comportamento de cada um e de todos. A escola por ser espaço privilegiado de debate e construção de saberes, torna-se palco desta possibilidade de transgressão e mudança. O trabalho tem como objetivos: investigar as formas de tratamento do lixo na escola e comunidade, levando os sujeitos a pensarem em estratégias de qualificar o espaço onde estão inseridos e propor alternativas razoáveis que viabilizem a inter-relação escola e comunidade. A escola Municipal Osvaldo Cruz este ano completou 63 anos inserida na comunidade do bairro Santa Terezinha, no município de Pelotas, atendendo anualmente 500 alunos residentes no bairro e arredores. Durante três anos de observação, noto que não há grande enraizamento entre as

partes, pelo contrário, as pessoas que fazem parte desta comunidade escolar não se engajam em ações coletivas, não interagem de forma significativa. Há que se repensar propostas que visem uma maior aproximação, uma vez que há um compromisso social com a sociedade. Como bem coloca Paulo Freire, a escola não pode abster-se de achar meios que provoquem a participação efetiva das famílias na tomada de decisão, pois não se trata de “uma ilha cercada de gente por todos os lados”. Pelo contrário, é um espaço que deve alicerçar seus fazeres numa proposta de gestão democrática, onde se rompe com o senso comum que sustenta historicamente a ideia de que por ser um espaço social a escola por si só já é democrática. Se por democracia entende-se também a prática, o exercício da participação é preciso refletir sobre até que ponto os sujeitos participam de forma autônoma nas questões da escola. Nesta perspectiva de tornar o processo de participação mais efetivo e significativo, a escola se inseriu ao projeto “ECOVIVER” e buscou em seus princípios filosóficos alicerçar seu fazer. A proposta é fazer com que o tema Lixo seja refletido, debatido e em cima dele haja prospecções para mudança significativas de como tratá-lo, reciclá-lo e reduzi-lo. Se o currículo escolar deve estabelecer teoria à prática através de situações próximas à realidade dos alunos, favorecendo que os saberes adquiridos melhorem sua atuação no cotidiano, a escola necessita conhecer esse cotidiano, valorizá-lo a fim de oportunizar a ligação entre o conhecimento formal e a aplicação dele na vida e também para diminuir o distanciamento histórico da educação e sociedade. O trabalho proposto se deu através de palestras, círculo de debates e aulas expositivas. O aluno teve papel ativo nas discussões, uma vez que, se tornou protagonista deste processo. O envolvimento da comunidade foi se dando de forma gradativa e ao final percebeu-se um engajamento maior na proposta. O tema em foco aliou questões ambientais e comportamentais, culminando numa mostra cultural de grande importância para a escola. Todas as turmas de 4 e 5 série se envolveram na proposta, assim como seus professores, sendo percebido desde o início do projeto uma mudança de comportamento em relação ao tema proposto. A participação dos alunos (as) foi efetiva, tornando o projeto desenvolvido muito enriquecer para as futuras propostas educativas sociais. O desfile temático com roupas feitas a partir de materiais recicláveis foi apresentado para a comunidade e outras instituições, onde se percebeu que o projeto rompeu os muros escolares e levou uma mensagem de esperança em dias melhores a partir da ação consciente e ecológica das pessoas.

UM NOVO ÂNGULO DE ESTUDO DA GEOMETRIA

Lupi Scheer dos Santos e Carla Gonçalves Rodrigues

IF-Sul – Bagé/RS

A proposta didática aqui relatada foi realizada com alunos dos cursos técnicos de Agropecuária e Informática do IF-Sul – Campus Bagé durante o segundo semestre de 2011, totalizando trinta horas. Como objetivo principal, intencionou-se relacionar diferentes áreas de conhecimento: Artes e Matemática. Para tal, oportunizou-se saídas de campo pela referida cidade, provocando a sensibilidade dos alunos para aquilo que anteriormente era comum a eles, destacando elementos arquitetônicos, figuras geométricas e, com a mediação de um teodolito artesanal, a aplicação do conteúdo de trigonometria para o cálculo da altura nos prédios urbanos de Bagé. Os alunos escolheram para serem investigados: a Prefeitura Municipal, o Palacete Pedro Osório e a Catedral Diocesana. Primeiramente, fotografaram os locais selecionados, realizando posteriormente tanto o estudo histórico como geométrico das imagens coletadas. Buscou-se conhecer suas utilidades atuais e passadas, bem como destacar a presença de figuras planas e traços geométricos nas suas fachadas. Utilizaram-se as fachadas e as fotografias tiradas pelos discentes como ferramentas mediadoras entre o conhecimento prévio relativo aos fundamentos da geometria escolar e à aplicação prática desses conhecimentos científicos, de acordo com a teoria sócio-histórica de Vygotsky. Em um segundo momento, procurou-se introduzir informações sobre a Geometria Euclidiana e especificamente sobre a Trigonometria no triângulo retângulo, tais como razão áurea, soma dos ângulos internos de um triângulo, Teorema de Tales e o conceito de tangente. Como resultado notou-se grande interação da turma com os variados conhecimentos desenvolvidos. Os alunos passaram a realizar, com autonomia, cálculos, análises de figuras, medidas, identificação de estilos da arquitetura local e pesquisas históricas. Grande parte do grupo envolvido com essa proposta didática demonstrou ter internalizado os conhecimentos advindos de ambas as áreas. Nessa perspectiva, consta-se, de acordo com Vygotsky, a importância da história, cultura, sociedade e conhecimentos específicos para o desenvolvimento da aprendizagem escolar por parte do alunado.

EDUCAÇÃO INFANTIL: O MUNDO DO FAZ DE CONTA

Lutiele Botelho Cardoso

EMEI Edgar Dutra Lisboa – Arroio Grande/RS

O projeto foi desenvolvido pela professora de Educação Infantil Lutiele Botelho Cardoso, numa turma de crianças da faixa etária dos quatro aos cinco anos de idade, na Escola Municipal de Educação Infantil Edgar Dutra Lisboa da cidade de Arroio Grande. O projeto foi desenvolvido no ano de 2011, no período de abril a setembro do mesmo ano. Partindo da premissa que a educação infantil é a primeira etapa da educação básica e por reconhecer a sua importância no âmbito escolar, foi realizado um projeto que viesse a explorar esse maravilhoso mundo da educação infantil, que é caracterizado pelo mundo do faz de conta. Um dos objetivos desse projeto era inserir as crianças no mundo letrado através dos contos e histórias infantis, desse modo o projeto também se caracterizou por aproximar e reforçar os laços familiares, bem como já desenvolver a responsabilidade e o cuidado com o material dos outros. Como a escola localiza-se em uma comunidade carente em que muitas famílias não tinham acesso a livros, foi pensado e aplicado pela professora a proposta de os alunos levarem para casa livrinhos de histórias, dentro de uma sacola literária com fantoches e outros recursos. Antes de iniciar o projeto foi realizada uma reunião com os pais para a apresentação da proposta, que seria, um dia na semana um aluno seria sorteado, este levaria para casa a sacola contendo livrinhos e fantoches, ele iria escolher uma historinha para os pais contarem, historinha no outro dia na escola seria contada por ele para os demais colegas, bem como ele iria dizer como tinha sido ficar com a sacola em casa, quem tinha contado as histórias e se ele havia gostado, ainda foi ressaltado que ele poderia em casa contar todas as histórias para seus familiares ou vice e versa, mas que ele deveria escolher só uma para apresentar na escola. Foi desenvolvida a proposta com os alunos, foi enfatizado que eles deveriam tomar muito cuidado com a sacola, não estragando e nem extraviando o material. A cada apresentação das crianças era possível perceber o quanto eles estavam envolvidos na atividade. As crianças a partir das histórias faziam dramatizações, desenhavam, modelavam os personagens, criavam fantoches promovendo assim momentos de soltar a imaginação e mergulhar no mundo do faz de conta. Os resultados foram maravilhosos, os alunos a cada sorteio ficavam eufóricos para saber quem levaria os livrinhos para

casa, na porta os próprios pais comentavam com a professora sobre os resultados positivos que acharam do projeto. O projeto também apresentou um ponto positivo quanto à união e aproximação da família, uma vez que está realidade de desunião familiar era apresentada naquela comunidade, uma vez que com o projeto foi possível favorecer momentos em que pais e filhos interagiram juntos.

A CONTRIBUIÇÃO DO PIBID/UFPEL NA FORMAÇÃO CONTINUADA

Magda Rosane Nunes Corrêa

PIBID/UFPEl e Colégio Estadual Dom João Braga - Pelotas/RS

A inscrição no eixo que contempla projetos de formação continuada e de incentivo à formação, do 11º Poder Escolar, tem por objetivo partilhar a contribuição do PIBID/UFPEL – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – programa do MEC gerenciado pela CAPES. O PIBID responde ao compromisso da CAPES de investir na formação de professores, na valorização do magistério e na melhoria da qualidade da educação básica brasileira, além de, partir da integração entre escolas e instituições formadoras; contribuir para elevar a qualidade dos cursos de formação de professores e estimular as escolas públicas de educação básica a tornarem-se protagonistas nos processos formativos dos estudantes das licenciaturas. Dentre as ações das quais participei como professora de Biologia e Supervisora do PIBID no Colégio Estadual Dom João Braga, foi o retorno às leituras e discussões de textos, inicialmente dos PCNS, referencial teórico do projeto, com enfoque na contextualização e na interdisciplinaridade, participando de seminários das áreas das Ciências da Natureza e Matemática refletindo sobre as concepções e práticas realizadas. Durante todo o processo reflexivo, democrático e dialógico também houve a construção, juntamente com professores – coordenadores de área, professores – supervisores e alunos – bolsistas de projetos disciplinares e interdisciplinares nas escolas parceiras. Destaco o projeto interdisciplinar “Tecnologias no Cotidiano” desenvolvido em minha escola e que surgiu dos interesses dos educandos do Ensino Médio. Integrado por quatro subprojetos: Tecnologia Digital, Tecnologia na Agricultura e Alimentos, Tecnologia e Música e Tecnologia da Transformação da Energia envolvendo atividades de síntese integrando conhecimentos de Ciências (Física, Química, Biologia) e Matemática. Partiram do eixo integrador contextualizado com estratégias que

possibilitaram a discussão, tomada de decisões em conjunto, mudanças conceituais e a pesquisa na busca de soluções às atividades e/ou aos problemas propostos. Entre as atividades, a pesquisa bibliográfica e de campo, debates, produção de vídeos e slides, construção de uma indústria artesanal, visita à Usina em Candiota e a construção de uma empresa de geração de energia. A participação nessa construção com estas concepções de uma ação pedagógica orientada pela ação – reflexão – ação, objetivo da proposta formativa do PIBID/UFPel, possibilitou a busca por novos rumos que se concretiza atualmente com o Mestrado Profissional em Ciências e Matemática que promove ações de formação continuada pautada pela promoção da autonomia profissional e da pesquisa em sala de aula. Ao investigar as contribuições do PIBID na formação continuada e na prática dos docentes, há uma caminhada de crescimento pessoal e conhecimento profissional.

SOBRE O SABER ESCUTAR: A PARTICIPAÇÃO DOS ALUNOS NA CONSTRUÇÃO DO PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO NAS AULAS DE MATEMÁTICA

Mara Lisiane Sievert, Sandra L. de O. Schmidt Soares e Taís Rodrigues dos Santos
CLMD/UFPel – Pelotas, RS

As pesquisas na área da sociologia da infância indicam a necessidade de estudos para dar vozes às crianças, ou seja, saber mais sobre o que gostam, o que desejam, o que pensam, estimulando a compreensão das crianças como atores capazes de criar e modificar culturas. É preciso, então, redimensionar o foco do processo de aprendizagem na escola, incluindo na construção do planejamento do trabalho pedagógico, um aspecto fundamental, o direito das crianças de serem consultadas, escutadas, de exercerem sua liberdade de expressão e opinião sobre o processo do qual fazem parte na sala de aula. A presente investigação traz o relato de práticas docentes que tiveram como objetivo conhecer as ideias que possuem sobre a matemática, os alunos de 5ª e 6ª série que irão constituir as turmas das estagiárias do Curso de Licenciatura de Matemática a Distância da UFPel. O estudo justifica-se por considerarmos de grande importância a contribuição que as ideias dos alunos fornecerão como subsídios pedagógicos, aos estagiários, na construção dos planejamentos pedagógicos. A pesquisa foi desenvolvida através de um roteiro de entrevista realizada, presencialmente, pelas futuras estagiárias nas suas escolas campo de estágio. Na análise das respostas verificou-se que os alunos consideram a matemática muito

importante no currículo, contudo, grande parte a considera complicada e difícil para aprender e entender necessitando diretamente de uma boa explicação por parte do professor e bastante interesse, dedicação e concentração dos alunos. Alguns alunos não percebem aplicação prática da matemática, julgando-a como desnecessária. No entanto, a maioria dos alunos pensa que a matemática é indispensável para o dia-a-dia e para tudo que vão fazer. Em relação ao que gostariam de aprender foi mencionado o conhecimento sobre a história da matemática, a aplicação prática dos conteúdos no cotidiano, tais como, juros, porcentagem, descontos. Também, gostariam de aprender novos conteúdos, que a professora os ensinasse de forma diferente, divertida com jogos e exemplos práticos. A partir do contexto apresentado pelos alunos, as estagiárias perceberam que para a construção de uma aprendizagem significativa é necessário ensinar a lógica matemática e a trabalhar com atividades que imitam a realidade vivenciada por esse aluno. Assim, para as estagiárias esta prática foi significativa, pois se adquiriu maior conhecimento dos alunos para a construção de um planejamento pedagógico que vise re-significar a matemática produzindo aulas mais criativas, capazes de produzirem melhorias nas aprendizagens dos alunos.

**INTERFACES COLABORATIVAS: ESTUDO DE CASO DOS
RECURSOS MIDIÁTICOS NO ENSINO DE FILOSOFIA**

Mara Sirlei Lemos Peres
IF-Sul – Pelotas/RS

Este estudo originou-se da busca de inovação no ensino de Filosofia incluída em 2008, em cursos de Ensino Médio Técnico – Forma integrada, oferecidos no Instituto Federal de Educação Tecnológica (IF-Sul/campus Pelotas). Os estudos sobre as Mídias na Educação favoreceram o aporte teórico ao estudo e a obrigatoriedade da Filosofia no Ensino Médio exigirá práticas pedagógicas respondam aos desafios da pós-modernidade de forma continuada. O uso das mídias impressa e internet, enquanto recurso didático, evidencia-se com algumas vantagens ao processo ensino/aprendizagem. Dentre estas, a participação do aluno nas atividades propostas, a possibilidade de complementação da aprendizagem e fixação do conhecimento demonstra ser relevante o tema proposto. Desse modo, delimitou-se o seguinte problema de pesquisa: Quais as vantagens do uso de recursos midiáticos no ensino de Filosofia? O presente estudo de caso

deteve-se em articular o uso de duas mídias: a mídia impressa (textos, letras de música) e o uso da mídia informática (Blogs, Flogs, Sites, WebQuests, vídeos, filmes e músicas). Buscou-se verificar as vantagens do uso das mídias impressa e internet de modo articulado; a elaboração de texto criados pelos estudantes em atividades colaborativas; a organização de um Banco de Dados com os trabalhos dos alunos no Blog <http://www.mslperes@blogspot>; avaliar a participação e a aprendizagem dos estudantes nas atividades com o uso das mídias impressa e mídia informática) na disciplina de Filosofia. As contribuições deste estudo evidenciam-se numa metodologia envolvendo a construção do conhecimento e a avaliação qualitativa. Assim, a participação do aluno em atividades colaborativas, transcende os interesses pessoais na área da informática. A metodologia escolhida para a investigação foi de cunho qualitativo utilizando-se do estudo de caso para o levantamento de dados e descrição dos fenômenos pesquisados no seu contexto. Os sujeitos da pesquisa foram 133 estudantes dos Cursos Médio Técnico – Forma integrada, (Química, Edificações e Eletrotécnica) oferecidos no IF-Sul/campus Pelotas, RS em 2011/2. A amostra foi tirada de uma população de treze turmas. A unidade de investigação foi o IF-Sul/campus Pelotas, sendo aplicado o estudo nas aulas de Filosofia. Os procedimentos metodológicos iniciaram com a organização dos grupos de estudantes (sujeitos da pesquisa) seguida da articulação do conteúdo com o uso das mídias impressa e informática. Posteriormente, os estudantes elaboraram um texto com Normas ABNT para a apresentação do tema seguido de slides para a postagem no Blog criado pela professora e avaliação das atividades do grupo. Os estudantes avaliaram a elaboração do texto, dos slides, a pesquisa na internet e sua participação nas atividades desenvolvidas sobre o uso das mídias. A coleta de dados foi feita com uma amostragem acidental através de observação e dois instrumentos de pesquisa. Os resultados já são demonstrados através da articulação dos textos impresso e da internet evidenciando as interfaces colaborativas. Assim também, a articulação do domínio do conteúdo da internet em colaboração com o material impresso, o tema e as fontes de pesquisa são resultados também evidentes, assim como a aprendizagem colaborativa.

MUSEU DO DESCARTE

Marcia A. Lupi, Michele G. de Oliveira e Thiago T. Borchardt
UFPEL – Pelotas/RS

O Museu do Descarte foi um projeto do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID), destinado a qualificação da formação inicial de licenciandos em Matemática a partir da exploração das habilidades e competências propostas pelo Parâmetro Curricular Nacional Ensino Médio (PCN) e de uma proposta de trabalho a ser aplicado nas escolas. A organização do museu constou de uma introdução/apresentação musical, três estações de trabalho com o descarte (Tudo se Cria, Nada se Perde, Tudo se Transforma) e um blog. Estação Tudo se Cria: O objetivo dessa estação foi alertar para questões pertinentes a vida em sociedade: os hábitos alimentares, o acúmulo de lixo produzido e a degradação do meio ambiente. A partir da história das garrafas pet e discussão sobre a produção de descartes relacionada ao consumo de fast-foods abordou-se temas pertinentes à vida dos jovens, tais como, obesidade, ao mostrar-se uma tabela de calorias com os alimentos mais consumidos, o real custo/benefício de preparar seu próprio lanche, saúde, higiene, entre outros. Construiu-se, também, uma árvore confeccionada a partir de descartes e uma tabela informativa sobre o tempo de decomposição de cada material com o intuito de trabalhar o impacto ambiental causado. Estação Nada se Perde: Baseados em dados fornecidos pelo Serviço Autônomo de Saneamento de Pelotas (SANEP), essa estação teve o propósito de conscientizar os jovens a respeito do lixo produzido no município de Pelotas. Os dados foram representados em gráficos, montados com materiais recicláveis com o intuito de prever o lixo descartado por ano e relacionar com a área necessária para acomodá-lo. Estação Tudo se Transforma: Aqui foi trabalhada a transformação dos descartes em objetos artesanais, tais como: costureiros feitos com caixas de ovos, puff feito com garrafas pet e tapete feito de sacolas, para os quais foram utilizados cálculos geométricos e algébricos. O blog surgiu como uma necessidade de organizar e divulgar as habilidades e competências relacionadas à Matemática, vistas em cada estação. A partir desse trabalho percebeu-se o quanto o descarte e os danos causados ao meio ambiente são tratados com descaso pela sociedade. Observou-se que as informações tratadas em cada estação, como a quantidade de lixo produzido em apenas o consumo de um lanche, a quantidade de lixo produzido diariamente pela cidade, foram motivo de impacto aos participantes, visto que

esses dados não são suficientemente divulgados. Durante a execução, foi possível perceber a riqueza da interdisciplinaridade no trabalho e a necessidade de executá-lo nas escolas, possibilitando ao aluno, posicionar-se de forma crítica sobre o assunto.

**LEITURA E EDUCAÇÃO INFANTIL:
OS CONTOS COMO PRÁTICA DE IMAGINAÇÃO E CRIATIVIDADE**

Mari Regina Rocha Janke
EMEI Recanto Infantil – Piratini/RS

A leitura faz parte de nosso cotidiano, perpassando a ideia que ler se restringe apenas as pessoas alfabetizada, entretanto, a leitura vai além, sendo possível inferir, que a educação infantil compõe um espaço à formação de pequenos leitores. Partindo dessa premissa, o presente projeto foi realizado numa escola de educação infantil no município de Piratini/RS com uma turma de maternal II, na faixa etária de três e quatro anos. O trabalho que procurei desenvolver tinha o intuito de trabalhar diferentes clássicos da literatura (re)significando sua mensagem para o contexto sociocultural atual, desenvolvendo as diferentes linguagens, a imaginação, os sentimentos bem como estabelecer uma parceria com as famílias resgatando a importância em contar histórias às crianças. Os clássicos escolhidas foram aquelas que, através de observação no cotidiano da sala de aula, despertavam o interesse dos alunos tais como: A Galinha Ruiva, Branca de Neve e os Sete Anões, Chapeuzinho Vermelho, dentre outras. Para dar uma introdução às histórias foi utilizada a “caixa misteriosa”, na qual, continha alguns objetos que faziam a conexão entre a linguagem simbólica infantil com a história a ser trabalhada. No projeto, procurei utilizar diferentes estratégias de contar e recontar histórias como o teatro de fantoches, dedoche, palitoche, a leitura e o cinema na escola. A partir dos contos, foram propostas atividades que possibilitavam a continuidade e o resgate da literatura como: confecção de livro, a construção de uma televisão, música, gastronomia (bolo de fubá, maçãzinha), teatro, pintura, desenho etc. Além disso, buscou-se a parceria dos pais através da Sacola da Leitura para dar sequência às atividades, aproximando a relação pais-filhos-mundo letrado. Essa parceria consistia no registro de alguns aspectos a serem observados na hora do conto em casa. No término do projeto, os alunos responderam a todos os objetivos propostos, desvelando a ideia que é necessário estimular o hábito

da leitura desde a tenra idade. Em meio ao brincar e aos brinquedos, o livro ocupa um espaço relevante no desenvolvimento infantil. O professor de infantil precisa ser além de um educador, mas um contador e encantador de histórias.

TRILHA GEOMÉTRICA

Maria Angélica Lucas Lessa e Fernanda Ribeiro Vargas
EEEF Dom Joaquim Ferreira de Mello – Pelotas/RS

Este trabalho teve como objetivo resgatar as brincadeiras antigas e ao mesmo mostrar ao aluno como as diversas disciplinas que eles estudam podem ser usadas ao mesmo tempo em uma simples brincadeira. Este trabalho foi realizado em duas etapas primeiramente nas aulas de educação física e matemática foram mostrados aos alunos os jogos de trilhas, logo após junto com a professora de educação física foram criadas as regras do jogo. Nas aulas de matemáticas os alunos aprenderam as formas geométricas e o conceito de cada uma. Depois de concluída essa etapa os alunos foram levados para o pátio onde foi montada uma trilha no chão com as formas geométricas e os alunos eram as peças do jogo. Os alunos foram divididos em grupos, cada grupo jogava o dado e caminhava em cima da trilha o número que havia saído no dado, além dos números no dado havia uma boca desenhada que se saísse eles teriam que cantar uma música, havia um mico que se saísse eles pagariam um mico escolhido pelo professor, além disso, os alunos tinham que acertar o nome da forma em que eles estavam e uma pergunta feita pelo professor que podia ser de qualquer disciplina estudada por eles. A avaliação foi feita no decorrer de todo o desenvolvimento do projeto, através de questionários onde os alunos tinham que relatar tudo que haviam feito na aula e na disciplina de matemática além do questionário foi feita uma avaliação onde eles tinham que classificar as formas geométricas e conceituá-las. Após aplicação desse projeto foi percebido em conjunto pelos professores um rendimento melhor dessa turma, pois eles começaram a estudar todas as matérias, pois cada grupo queria ser melhor que o outro, além de aprenderem a trabalhar em grupo, terem uma noção de espaço e a notarem que a matemática está relacionada em tudo a sua volta deixando de ser uma disciplina sem graça para eles. Este projeto foi desenvolvido com uma turma de 6ª série da EEEF Dom Joaquim Ferreira de Mello, situada nesta cidade no ano de 2010 e teve uma duração aproximadamente de um mês entre preparação e aplicação do projeto.

APRENDENDO A HISTÓRIA DA INDUMENTÁRIA GAÚCHA ATRAVÉS DE BONECOS

Maria Arita Madruga Garcia
EEEM Dr Augusto Simões Lopes

Este trabalho foi desenvolvido na escola Dr. Augusto Simões Lopes em uma turma de segundo ano, com o propósito de incentivar as crianças, a conhecerem nossas raízes e nossa História de uma forma lúdica, desde como viviam e vestiam seus hábitos mais comuns começando pelos índios, peões de estâncias, fazendeiros, charqueadores, e suas famílias. O nosso gaúcho atual com todas as influencias que sabemos, oriundas do índio, europeu e também gaúcha, até nossos dias. O presente Trabalho foi aos poucos sendo confeccionado junto com os alunos e à medida que avançávamos, muitas coisas surgiram, indagações, explicações, comparações de épocas etc. Mostra se cultura, religião, superstições tudo através de bonecos simbolizando a época em que viveram, como utensílios utilizados por estas pessoas, o meio de transporte do Gaúcho, o cavalo, desde quando ele chegou aqui e como foi domado, tornando se o maior amigo do homem do campo. A aprendizagem deste conteúdo foi de assimilação fácil, em poucas semanas foi entendido os conteúdos de História e Geografia, de maneira prática, didática e pedagógica, além de despertar nosso pequeno publico a entrar em invernadas e participar do CCN na Escola.

PROJETO CULTURAL “DESPERTAR PARA O CANTO” – “ORFEÃO DO CMP”

Maria da Conceição Peter da Fonseca
EMEM Colégio Municipal Pelotense – Pelotas/RS

O musical foi desenvolvido na comunidade docente e discente, estendendo-se também aos funcionários do Colégio Municipal Pelotense, o gosto pela música através do canto em conjunto, possibilitando o aprimoramento vocal e a educação da sensibilidade, proporcionados por técnicas de relaxamento corporal, aquecimento vocal e de respiração, desenvolvendo o ritmo, a dicção, a voz cantada e a musicalidade, promovendo assim o prazer de cantar em grupo. O Projeto “Despertar para o Canto” se desenvolve em encontros semanais na Sala de Música do Colégio Municipal Pelotense onde são realizados os ensaios de um repertório eclético que possa agradar a todos, com o acompanhamento do violão executado pela Coordenadora do

Projeto: Professora Maria da Conceição Peter da Fonseca. Com a formalização e a inclusão do Projeto “Despertar para o Canto” no Projeto Político Pedagógico do Colégio, o grupo vocal recebeu o nome de “Orfeão do CMP” em homenagem ao grande maestro Heitor Villa-Lobos. O “Orfeão do CMP”, no seu pouco tempo de existência (2º semestre de 2011) já realizou diversas apresentações no ambiente do Colégio e prepara-se, com o aumento de seus integrantes, para futuras apresentações em outros espaços, recebendo o reconhecimento e o carinho da comunidade escolar do Colégio. Considerando a Música como uma das grandes possibilidades de educar os sentimentos do ser humano, principalmente em grupo, e, constatando a carência e a ausência de projetos nessa área, o “Orfeão do CMP” oferece à toda comunidade do Colégio Municipal Pelotense um momento de descontração e alegria em seus ensaios e o prazeroso reconhecimento do público quando das suas apresentações nas datas especiais do Colégio. O “Orfeão do CMP” oferece aos alunos, professores e funcionários do Colégio Municipal Pelotense uma atividade cultural de qualidade e de profunda importância para a formação do ser humano.

**PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO – A EDUCAÇÃO TORNA-SE COMUNITÁRIA
E A COMUNIDADE TORNA-SE EDUCADORA**

Maria Raquel Rodrigues Vieira, Tiago Lemões e Carla Ávila
EMEF Núcleo Habitacional Dunas – Pelotas/RS

Esse relato tem como objetivo apresentar o Programa MAIS EDUCAÇÃO, sua organização e funcionamento em nossa escola e comunidade. Estamos no segundo ano de trabalho e em processo de discussão de um novo projeto político pedagógico para a escola. no intuito de “resgatar” os/as estudantes que estão em processo de defasagem idade-série e o MEC apresenta este Programa que, através da educação integral, pretende ampliar os horizontes de estudantes dentro e fora da escola. Participando de oficinas, os/as estudantes aprendem/constroem conhecimentos e ampliam sua participação cognitiva, política e social. Entretanto, cientes da grande dificuldade de interação entre escola e comunidade pretendemos que o lema que assumimos: “A educação torna-se comunitária e a comunidade torna-se educadora”, se torne uma verdade. Por isso pretendemos reduzir a distância entre a escola e a comunidade, principalmente, porque entendemos que a construção do conhecimento não se dá unicamente na escola, e que a escola

tem compromisso com a vida de cada sujeito com o qual se relaciona. No primeiro ano, desenvolvemos as seguintes oficinas: matemática, letramento, Com – Vidas (Comissão de Meio Ambiente e Qualidade de Vida), teatro, jornal escolar e banda fanfarra, com a participação de 100 estudantes. Desenvolvemos também oficinas de máscaras, bonecas negras, visita ao Clube Cultural Fica Ahi, visita ao Museu da Baronesa e participação do COEP – Comitê de Combate a Fome (Embrapa Pelotas) com grupo de música e torcida organizada. No processo de organização pedagógico-metodológica trabalhamos a partir de temas geradores que fundamentam todas as oficinas, visando o aprofundamento global de cada temática. As atividades realizadas vão além da sala de aula, busca-se intensamente estar ligados ao processo de organização social do bairro e da cidade. Um exemplo disso é a participação nos seminários realizados no CDD – Comitê de Desenvolvimento Dunas e Marcha dos 20 de novembro junto ao Movimento Negro. Outros temas abordados foram: Consciência Negra, festa junina, dia das crianças, aniversário da escola, feira do livro, diversidade e diferença, ocupação do campo da Rua 14. Atualmente participam do programa 120 estudantes que cursam do segundo ao quinto ano, divididos em 4 turmas, perfazendo oito horas semanais de atividades na escola, incluindo as refeições, lanches, descanso e lazer. As oficinas são escolhidas por meio de votação por toda a comunidade escolar. Atualmente são desenvolvidas oficinas de matemática, história – geografia, capoeira, percussão, horta escolar e Direitos Humanos. Além dos índices em torno de 75% de aprovação, consideramos que as experiências o aproveitamento e a apropriação de conhecimentos são visíveis, bem como as relações entre estudantes/escola/comunidade.

MEDIANDO A SOCIALIZAÇÃO E FAVORECENDO A AUTOIMAGEM ATRAVÉS DE JOGOS

Marilene Roschildt Perleberg
EMEF Antônio Ronna – Pelotas/RS

Promover a socialização, a interação e subsidiar a formação de uma autoimagem positiva. Esta proposta de trabalho foi desenvolvida em turmas de pré-escolares e consiste na confecção de jogos feitos a partir de cópias de fotos das crianças, são jogos como, bingo, memória, dominó, quebra-cabeça, etc. Por suas características singulares, isto é, por se usar a própria imagem das crianças estes jogos se tornam atraentes, prazerosos, envolventes e

estimulam a socialização e a construção de um autoconceito positivo. Os jogos foram confeccionados e introduzidos no início do ano letivo, quando a maioria dos alunos ainda se apresentavam pouco sociáveis, retraídos e bastante tímidos. Os benefícios desses jogos são claramente perceptíveis ao observarmos a interação dos alunos que se dispõem a jogar com grande entusiasmo e dedicação e acompanham o processo estabelecendo um permanente diálogo, desenvolvendo-se assim, um processo explícito de socialização. A partir dos resultados observados podemos afirmar que os alunos tiveram melhor desenvolvimento nas atitudes de interação, integração, desinibição, espontaneidade, expressão e autovalorização, o que por sua vez potencializa o desenvolvimento de competências e habilidades relacionadas às aprendizagens escolares.

PET NA ESCOLA: LITURAS LITERÁRIAS NAS SÉRIES INICIAIS

Marília de Almeida Caniela e Bruna Iasmin Athaide Campos
EMEF Dr. Alcides de Mendonça Lima – Pelotas/RS

Neste trabalho apresentamos resultados parciais do projeto de leitura literária na escola Alcides de Mendonça Lima, o projeto é orientado pela Prof^ª. Dr^ª. Cristina Maria Rosa e realizado pelo PET/Educação. Nosso planejamento tem como foco estimular o contato com diferentes obras literárias escritas para crianças porque acreditamos que a leitura literária é um importante instrumento para a aquisição de conhecimento, desenvolvimento de criatividade e linguagem, ampliação de vocabulário e compreensão de texto e deve ser incentivada para que se torne um hábito prazeroso ao indivíduo. Para Novaes (2000) a literatura é um “fenômeno da linguagem”, visto que, é resultante de uma experiência existencial/ social/ cultural. Considerando que a criança é um aprendiz de cultura, ao entrar em contato com obras literárias passa por um diálogo entre leitor e texto, atividade fundamental que estimula o ser em sua globalidade, e pode levá-lo da informação imediata à formação interior, a curto, médio ou longo prazo (pela fruição de emoções e gradativa conscientização dos valores ou desvalores que se defrontam no convívio social). A atividade consiste na realização de leituras literárias para as crianças, na sala de aula ou biblioteca. As obras são escolhidas previamente, de acordo com a idade das crianças, como por exemplo, “Maria vai com as outras” de Sylvia Orthof, e, na sua realização, é acompanhada de um “elemento mágico”, que tem o intuito de fazer a conexão com imaginário da

criança ao apresentar a obra, uma metodologia é acionada: pré-leitura, leitura da obra e pós-leitura. O projeto de extensão “PET na Escola” teve início no ano de 2011 e, em 2012, será desenvolvido em três escolas na modalidade de leitura literária. O projeto de extensão oportuniza contato frequente com a realidade educacional e a experimentação prática de alguns conhecimentos teóricos acessados no Curso de Pedagogia. Na escola Municipal Alcides de Mendonça Lima, acontecerá em todas as turmas, do pré-escolar ao quinto ano, nos turnos indicados pela coordenação. O projeto tem como foco apoiar o trabalho docente na Rede Municipal de Pelotas e oportunizar práticas docentes às bolsistas do Programa de Educação Tutorial, combinando teoria e prática. Os resultados obtidos até o momento revelam que o trabalho em pequenos grupos, a dedicação exclusiva à aprendizagem do aluno e o planejamento prévio das acadêmicas para a leitura possibilitam uma aprendizagem significativa e real aos alunos.

BONECOS DE PAPEL:

A BUSCA DE CONHECIMENTOS APLICADOS NUM DIVERTIDO APRENDIZADO

Marina Mendonça Loder e Sabine Schoenell Evangelista

IF-Sul – Pelotas/RS

A experiência refere-se ao trabalho interdisciplinar realizado no 4º módulo do Curso Técnico de Comunicação Visual do Instituto Federal Sul-rio-grandense, o qual resultou em experiências enriquecedoras. O trabalho teve como objetivo pedagógico a aplicação de conteúdos oriundos de várias disciplinas, formando no contexto final a criação de um projeto interdisciplinar, tendo como objetivo principal o envolvimento dos alunos em todos os aspectos, pela inovação, pela construção de algo real, pela diversão em aprender, pela união e pelas descobertas com os próprios colegas. A proposta apresentada aos alunos não foi divulgada em primeira instância. O primeiro encaminhamento da aula foi a criação de um círculo com todos os alunos da turma em pé. O docente, por sua vez, lançou palavras chaves e perguntas como: cite uma forma, diga uma cor, uma ação, uma expressão facial, o que gosta de fazer etc. Essas respostas os alunos deveriam registrar em um cartão. Logo após, foi pedido que os alunos registrassem também o nome do colega a sua direita e que fizessem aleatoriamente a troca de seus cartões. Esta ação teve como objetivo lúdico a criação de um briefing para cada aluno, sem que os mesmos pudessem perceber, fazendo com que cada

um tivesse um briefing específico e pelo qual deveria criar seu trabalho atendendo os quesitos ali listados. A proposta de trabalho foi então apresentada: a criação de um *papertoy* tridimensional, com as principais características do seu colega acrescido ainda das particularidades listadas. Um exemplo ocorrido: o aluno deveria fazer o papertoy da colega Aline, no qual deveria ter um triângulo, a cor verde, ela deveria estar rindo, correndo e ouvindo música. Todas essas características deveriam ser contempladas na criação do personagem. Para obter os resultados esperados, o aluno deveria exercer conhecimentos de planificação, desenho geométrico, geometria descritiva, desenho técnico, estudos volumétricos, ilustração e outros do contexto curricular do design. Assim sendo, o trabalho, através de sua metodologia, fez conexões de diversas áreas e conhecimentos, de forma que todos interagissem na construção de um personagem, tornando-o atrativo e prático. Em razão do exposto, conclui-se que a experiência desenvolvida foi e é significativa, não só pela construção do conhecimento, mas por todo um processo de resgate do mesmo. A criação dessa proposta trouxe ao grupo uma união, uma busca do aprender, do inovar e da diversão. Cada aluno querendo apresentar desafios, mostrando sua criatividade, resgatando conteúdos e técnicas pra criar o seu personagem. Esse projeto foi considerado um sucesso, uma maneira divertida de aprender e aplicar todos os conhecimentos construídos pelos alunos ao longo do curso.

O LUGAR ONDE SE VIVE: UM CONVITE À ESCRITA

Marion Rodrigues Dariz

EMEF Dr. Joaquim Assumpção – Pelotas/RS

Ao longo do tempo, ouvem-se, nas escolas, queixas de inúmeros educadores as quais estão tomando dimensões muito preocupantes. “Os alunos não sabem escrever”. “Eles não sabem escrever porque não leem”. Mas, afinal, o que é escrever? É não cometer erros de grafia? É escrever corretamente? Esse é o pensamento de grande parte dos educadores. Não saber escrever, no entanto, extrapola questões gramaticais como troca de letras. Saber escrever está em um nível muito mais complexo: é saber produzir um texto com coesão e coerência, mas isso não é tarefa das mais fáceis. Um texto sem esses dois elementos não tem unidade, perde a intenção de comunicação. Saber escrever, então, não é apenas jogar palavras corretas no papel. Para saber escrever, precisamos “garimpar” as palavras certas a

serem utilizadas. Foi pensando nessa dificuldade dos educandos que procurei, utilizando uma proposta do Ministério da Educação: Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro, propiciar situações que afetassem os alunos de 8ª série para a escrita, ou seja, elaborei uma proposta de trabalho que fizesse sentido para eles, visando ao domínio da escrita por parte deles. Com a temática “o lugar onde vivo”, propus a produção dos mais diversos gêneros textuais, fossem eles em prosa ou verso. Embora os escreventes só participassem da competição no gênero crônica, além deste, estudamos e lemos inúmeros outros tipos textos, que faziam parte da proposta de todo o concurso, quais sejam: poemas, contos, memórias e artigos de opinião. Era-lhes apresentado o modelo, estudadas as características de cada tipologia textual e, em seguida, a proposta de produção. Muitos foram os textos escritos e reescritos várias vezes, mas sempre procurando tomar o cuidado para não tornar uma prática maçante. Pensando assim, os textos eram escritos, rascunhados em aula e, logo após, digitados e enviados por e-mail ou entregues em gadgets. O que ficou acordado é que os textos seriam digitados. Tal exigência foi no sentido de que, ao reescreverem os textos, não precisassem reescrevê-los na íntegra. Eles iam modificando somente os trechos com problemas. Com todo esse processo, fui oferecendo-lhes condições de adquirirem proficiência na escrita. Foi um trabalho árduo, mas muito frutífero. Excelentes textos foram produzidos e, além de participar do concurso, era preciso divulgar para a comunidade escolar. Como estávamos em um período de comemorações pelo aniversário da cidade, decidimos que deveríamos publicar os textos e produzimos um *E-book*, cujo título foi “Pelotas em prosa e verso”. A escolha desse formato deu-se pelos alunos viverem em plena era midiática, e contemplou a todos, publicando pelo menos um texto de cada um. O lançamento aconteceu na escola durante um coquetel oferecido a eles e, posterior, divulgação para colegas, familiares e professores. Foi um momento ímpar: ali eles eram os verdadeiros autores.

POESIA DE CORDEL: INCENTIVO AO ESTUDO DA LITERATURA

Marion Rodrigues Dariz

EMEF Dr. Joaquim Assumpção – Pelotas/RS

Muitos são os desafios que se apresentam para a escola hoje no que tange ao ensino da Literatura e à formação do aluno leitor, principalmente no

Ensino Fundamental. No entanto, atividades pedagógicas voltadas para esse fim ainda são ineficazes. Mas, o que fazer para ensinar Literatura para atingir o objetivo de formar alunos com competência leitora? Há uma distância abissal entre o ensino da Literatura no Ensino Fundamental e no Ensino Médio. Pensar em ensinar Literatura no Ensino Fundamental, na concepção de alguns professores, reduz-se a utilizar os textos literários como mero instrumento para o ensino da gramática. E quando esses jovens chegam ao Ensino Médio se deparam com a leitura de textos literários com os quais não possuem nenhuma familiaridade. Por ter a preocupação de propiciar um contato agradável e expressivo com textos literários, procuro desenvolver atividades pedagógicas vindas ao encontro de um ensino mais efetivo da Literatura. Busco mediar práticas de leitura com um fio condutor interessante para a formação do jovem leitor desde a 8ª série. São desenvolvidas atividades com o intuito de promover o contato dos alunos com textos mais complexos da Literatura Brasileira, abrindo-lhes a possibilidade de se tornarem leitores. Aproveitando o momento midiático de divulgação em novela da Rede Globo da instigante Poesia de Cordel e percebendo a curiosidade dos alunos da 8ª série por essa poesia, propus um trabalho de produção desse gênero, tendo por base a obra “Contos Gauchescos” do autor gaúcho João Simões Lopes Neto. O objetivo maior era buscar um método incentivador de leitura e escrita, despertando a criatividade e a capacidade dos envolvidos na produção de textos. Antes dessa produção, foi destinado a cada grupo de 3 alunos um conto o qual, após leitura e análise, foi apresentado, em um seminário, para que todos conhecessem a obra na íntegra. Construída essa etapa, partimos para a análise do gênero literário a ser produzido. Foi o momento de conhecer, minuciosamente, a Poesia de Cordel. Para isso, foram apresentados inúmeros cordelistas e poesias do gênero, explorando as características e estrutura desse tipo de texto. É o momento de partir para a produção. Os alunos, em duplas, criaram excelentes poesias as quais foram escritas, reescritas e, por fim, digitadas. Em seguida, partiu-se para a ilustração. Os escreventes procuraram gravuras que remetessem ao conto estudado e inseriram, criando um efeito de xilogravura. Além disso, as poesias foram recitadas em sala de aula, percebendo-se melhor oralidade e desenvoltura dos alunos. Em exposição inusitada, os textos foram pendurados no hall da escola para apreciação. Acredito que o trabalho contribuiu para desenvolver no educando habilidades linguísticas, ampliando, assim, seu conhecimento de mundo, além de contribuir para a formação de leitores mais atentos e críticos ao que leem.

APOIO DE MATEMÁTICA

Maristel Carrilho da Rocha Tunas

EMEF Almirante José Saldanha da Gama – Pelotas/RS

Este projeto surgiu de uma preocupação por parte dos professores de matemática juntamente com a direção da escola, que a cada reunião pedagógica ou de avaliação relatavam um índice de reprovação altíssimo. A partir destes dados começamos a refletir sobre essa situação chegando a conclusão de que algo deveria ser feito, pois os professores na sala de aula não conseguiam dar a atenção necessária para alunos com dificuldades específicas devido ao fato da turma ter mais de trinta alunos aguardando orientação. Fazendo com que alguns alunos fossem reprovados. Não poderíamos ficar assistindo esta situação se agravar e constatando também que a maioria encontrava dificuldades em conteúdos das séries anteriores, isto é, cursando a 5ª série o aluno encontrava dificuldades nos conteúdos da 4ª série e assim sucessivamente. A partir destas justificativas resolvemos criar um apoio de matemática para as séries finais do ensino fundamental. Tendo como objetivo auxiliar os alunos que encontram dificuldade em matemática das séries finais do ensino fundamental através de atividades e jogos. Assim pensamos em realizar atividades e jogos de matemática para auxiliar na compreensão de conteúdos que são pré-requisito as demais séries; Através de atividades lúdicas matemáticas; Utilizando diversos recursos concretos para viabilizar a compreensão dos conteúdos da série; Oferecer aos alunos uma opção de atividades extra-classe que auxilia na sua compreensão dos conteúdos matemáticos. Envolver as crianças e jovens em uma atividade benéfica, que os afastará das ruas, das drogas e da criminalidade; Temos como meta desenvolver nos estudantes sua capacidade de atenção, concentração, memória, raciocínio lógico, inteligência e imaginação através de dinâmicas relacionadas a matemática. Assim sanando suas dificuldades de entendimento na disciplina de matemática e melhorando assim seu rendimento escolar. A partir deste projeto percebemos uma singela queda no índice de reprovação.

APLICANDO CONCEITOS MATEMÁTICOS NO DIA-A-DIA

Maristel Carrilho da Rocha Tunas

EMEF Almirante José Saldanha da Gama – Pelotas/RS

Este projeto surgiu a partir de uma observação do professor de matemática com relação aos conceitos que seus alunos tinham com relação à construção civil. A partir destas observações comecei a refletir sobre essa situação chegando à conclusão de que algo deveria ser feito, pois poderia unir o conhecimento que eles tinham de prática com os conceitos matemáticos com relação ao cálculo de área, perímetro, ângulos. Fazendo com que alguns alunos realizassem seus projetos de cada maquete, planta baixa primeiro, neste momento pensaram muito com relação ao posicionamento de cada cômodo da casa. Não poderíamos ficar assistindo esta situação se auxiliarmos na organização. A partir destas justificativas resolvemos criar uma planta baixa das suas casas e depois construir a maquete. Tendo como objetivo auxiliar os alunos na construção da planta baixa e depois auxiliar os alunos na construção das maquetes. Assim pensei em construir com isopor as maquetes em sala de aula, para assim podermos construir juntos os conceitos de área, perímetro, ângulos, auxiliando na compreensão de conteúdos que na maioria das vezes desenhamos no quadro ou distribuímos folhas com desenhos prontos. Através desta atividade matemática os alunos constroem seus conceitos sobre área, perímetro e ângulos; utilizando diversos recursos concretos para viabilizar a compreensão dos conteúdos da série; oferecer aos alunos uma opção de atividades para aplicar os conhecimentos prévios sobre cada conteúdo. Envolver as crianças e jovens em uma atividade benéfica, que os afastará das ruas, das drogas e da criminalidade; Temos como meta desenvolver nos estudantes sua capacidade de atenção, concentração, memória, raciocínio lógico, inteligência e imaginação através de dinâmicas relacionadas à matemática. Assim sanando suas dificuldades de entendimento na disciplina de matemática e melhorando assim seu rendimento escolar. A partir deste projeto percebemos nos alunos uma compreensão da matemática no seu dia-a-dia.

DANÇA AFRO NA ESCOLA: UMA POSSIBILIDADE PARA A INCLUSÃO SOCIAL

Maristela Machado Corrêa
EEEF Santa Isabel – Arroio Grande/RS

“A dança é um ótimo recurso para desenvolver uma linguagem diferente da fala e da escrita, aumentar a sociabilidade do grupo e quebrar a timidez. E o melhor: o trabalho pode ser feito com turmas de todas as idades e de forma interdisciplinar, envolvendo aulas de Artes e de Educação Física” (Atte Mabel Bottelli, UFRJ). Este trabalho tem como objetivo mostrar uma experiência realizada na escola com a Dança Afro, bem como demonstrar que a dança foi um elemento formador de cultura que ajudou a construir o processo de inclusão social, elevando a autoestima e a sociabilidade. O trabalho foi realizado com turmas de 5ª a 8ª séries, na disciplina de Educação Artística na EEEF Santa Isabel, no período de 20006 a 2011. Parti da hipótese de que a dança além de ser um elemento formador de cultura e do processo na construção de projetos para a solução de problemas poderia ampliar possibilidades de interação e inclusão. O envolvimento das alunas em atividades de dança, com ênfase na valorização das diferenças e na promoção da igualdade na escola, despertaria o entusiasmo e as levaria a descobrirem seus próprios valores, fortalecendo, assim, os vínculos e o compromisso delas com a escola. A partir dessas ideias, criei o projeto “Afro Brasil” com o objetivo de envolver meninas com idade de 9 a 15 anos de idade, para direcionar o interesse delas para a dança a fim de tirá-las da ociosidade, evitar a promiscuidade e tentar diminuir os índices de gravidez na adolescência, elevando a autoestima e a sociabilidade garantindo, a efetiva participação das alunas em atividades socioeducativas e culturais tornando a escola um espaço social para a troca de experiências e construção de valores. O projeto foi desenvolvido com aulas semanais, em horário disponível na carga horária da disciplina e também em horário extracurricular no pátio da escola (para oportunizar a participação de ex-alunas) com monitoramento das próprias alunas envolvidas no projeto. O projeto foi realizado ao longo de cinco anos, de forma interdisciplinar, envolvendo as disciplinas de Educação Artística, História e Educação Física. Em cada etapa do projeto, houve a interação com a professora da disciplina de História que contribuiu com as temáticas referentes a Pluralidade Cultural, ajudando a ampliar os conhecimentos, e as aulas com o professor da disciplina de Educação Física que oportunizou ginástica localizada e aulas de

alongamento e relaxamento que serviram para fazer o grupo de alunas sistematizar a ideia do projeto aliada aos cuidados com a saúde do corpo. Entrevistadas, as alunas destacaram a satisfação em participar do projeto de dança da escola, pois sentiam-se felizes por poder representar a escola em diversos eventos. Alguns professores da escola destacaram os resultados alcançados, como elevação da autoestima das alunas; maior motivação, engajamento e dedicação das alunas nas tarefas escolares e em outros projetos; desenvolvimento da autonomia na criação de coreografias e organização de eventos na escola; desenvolvimento da capacidade de autoexpressão, percepção e sociabilidade; valorização da cultura; valorização de elementos expressivos da comunidade, especialmente costureiras e artesãs, além do envolvimento das famílias. O projeto AFRO BRASIL é uma iniciativa que vem mostrando, ao longo dos anos, o compromisso com a inclusão social e propõe uma reflexão sobre o papel da escola na construção e na propagação de valores e atitudes para uma convivência social responsável e solidária. O trabalho desenvolvido valorizou a escola com espaço de convívio social. Hoje, a escola e a comunidade de Santa Isabel têm orgulho em dizer que tem um grupo de dança afro e que é uma das principais expressões artística e cultural na localidade. O entusiasmo das meninas contagiou pais e familiares, que passaram a valorizar o grupo de dança e a escola.

PROJETO SACOLA DA MATEMÁTICA

Mariza Madruga

IEE Ponche Verde – Piratini/RS

Este projeto, desenvolveu-se nos anos 2010 a 2011. Em nossa escola este projeto pedagógico visa a motivação pela matemática. O Projeto Sacola da Matemática, foi apresentado a proposta para a coordenação e alunos de nossa escola e foi bem aceito, todos os alunos estão bem interessados desde o ano passado e hoje dando continuidade no projeto e muitos ansiosos para montar jogos novos para jogar na sala de aula e também apresentarem na feira na escola. Os objetivos do projeto foram desenvolver, através do jogo didático, o gosto pela matemática e contribuir para a compreensão dos conteúdos estudados; relacionar o jogo como meio de uma melhor compreensão e assimilação dos conteúdos, despertar o interesse e o gosto de resolver e aprender a proposta apresentada, assimilar melhor os conteúdos estudados. Para realizar o projeto a turma foi dividida em grupos e

cada grupo criou a sua sacola matemática, para que a matéria nova estudada fosse bem compreendida pelos alunos, os jogos ou desafios foram colocados na sacola matemática para depois serem apresentados e jogados em sala de aula. Os jogos foram criados sempre relacionados com o conteúdo estudado e com o dia a dia dos alunos quando possível. Uma vez por mês, as turmas tiveram um dia na semana para trazerem as sacolas matemáticas e jogarem em aula. Ao mesmo tempo em que estavam jogando, estavam aprendendo, tirando dúvidas. Enfim, as aulas se tornaram mais ricas e proveitosas para uma maior aprendizagem compreensão pelos alunos. Avalia-se que este projeto teve uma aceitação muito boa pelos alunos, fazendo com que ao mesmo tempo em que estavam criando jogos didáticos estavam aprendendo o conteúdo estudado. A avaliação do interesse, da participação, do capricho, da confecção de cada jogo, sendo consideradas satisfatórias a curiosidade e a criatividade de cada aluno, de cada grupo, e a aprendizagem.

**A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO:
UMA EXPERIÊNCIA DE PLANEJAMENTO COMPARTILHADO**

Mayra Prates da Silva e Natália Douglas Laner
EMEF Núcleo Habitacional Getúlio Vargas – Pelotas/RS

Este trabalho reflete sobre as ações realizadas pelo PIBID, Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas, o qual em um âmbito geral visa o aperfeiçoamento tanto na formação inicial dos acadêmicos dos cursos de licenciatura quanto na formação continuada dos professores das escolas municipais envolvidas. O PIBID/Pedagogia estabelece uma relação de parceria entre a universidade e a escola, uma vez que todas as ações são planejadas entre as pibidianas, professoras supervisoras e as professoras coordenadoras. O PIBID/Pedagogia é desenvolvido em duas escolas da rede municipal da cidade de Pelotas. Uma das escolas tem apresentado resultados satisfatórios em alfabetizar seus alunos (Escola 1), enquanto a outra tem enfrentado dificuldades em relação ao processo de aquisição da leitura e da escrita dos estudantes dos anos iniciais (Escola 2). O grupo de vinte bolsistas do PIBID/Pedagogia, juntamente com as supervisoras e coordenadoras, construiu um projeto que abrangeu todo o âmbito escolar. O projeto foi estruturado a partir de três eixos norteadores, a saber, planejamento compartilhado, sala de aula e a escola como um ambiente

alfabetizador. Este texto discute o trabalho desenvolvido no primeiro eixo na Escola 2. Este eixo foi organizado através de duas reuniões semanais, uma na universidade e outra na escola. Da reunião realizada na universidade participavam o grupo de vinte bolsistas, as duas supervisoras e as duas coordenadoras. O objetivo destes encontros foi socializar as práticas realizadas pelas bolsistas e organizar o trabalho desenvolvido na escola. Das reuniões semanais realizadas na escola participavam as professoras titulares de primeiro e segundo ano, as bolsistas e as coordenadoras. As reuniões tinham como foco organizar o planejamento semanal. Nesse espaço, todas discutiam o que e como os conteúdos deveriam ser ensinados. Coletivamente, professoras e bolsistas pensavam estratégias de ensino que possibilitassem aos alunos aprendizagens significativas. Além do planejamento da semana de trabalho, foram estudados livros e artigos que abordaram aspectos relativos ao processo de aquisição da leitura e da escrita. Para as professoras, o planejamento compartilhado foi uma oportunidade de terem uma formação continuada, na medida em que possibilitou a elas espaços para trocas de experiências, diálogo, e qualificação profissional. Já para as bolsistas foi uma oportunidade de experienciar a construção de planejamentos de aula, a qual é uma prática fundamental na profissão docente. Além disso, a troca de saberes e o diálogo com as professoras foram de suma importância para a formação.

**PERCURSO E PERCALÇOS DE UMA INTERVENÇÃO CURRICULAR DESENVOLVIDA
A PARTIR DA UNIDADE DIDÁTICA:
“OS ALIMENTOS E A PRODUÇÃO DE ENERGIA EM NOSSO CORPO”**

Michele Gonçalves Fersula e Verno Kruger

A partir de inquietações da minha prática e movida pela intenção de oportunizar aos alunos o entendimento do funcionamento do corpo humano de forma integrada, elaborei um projeto curricular contemplando o estudo da unidade didática “Os alimentos e a produção de energia em nosso corpo”. O objetivo do projeto foi de estabelecer uma relação entre os constituintes dos alimentos que ingerimos e os processos de absorção destes pelo organismo como forma de obtenção de energia para a manutenção da vida. O projeto foi desenvolvido na Escola Antônio Joaquim Dias em Pelotas/RS e aplicado em uma turma da 7ª série. Com o intuito de identificar as ideias que os alunos apresentavam sobre a temática, foi aplicado a eles um

questionário. As atividades seguintes foram todas desenvolvidas em grupos, foram feitas leituras e elaboração de textos, confecção de cartazes, observação de um vídeo e a realização de uma atividade de verificação da presença de iodo nos alimentos. A avaliação da hipótese curricular foi feita a partir dos processos de reflexão sobre a unidade didática, com base na análise do diário de classe do professor. Os alunos foram avaliados por meio de exposições e apresentações orais de trabalhos, escrita de relatórios e caderno de aula. Alguns fatores, por influenciarem nas aprendizagens, foram determinantes para a aplicação do projeto. Entre eles, a identificação das concepções espontâneas dos alunos. Estas, quando consideradas durante todo o processo de desenvolvimento da unidade didática, servem de norteadoras do desenvolvimento da unidade didática e de base para avaliar as aprendizagens que estão sendo construídas. Outro elemento fundamental no processo de aprendizagem foram os recursos utilizados como ferramentas de mediação, alguns por serem mais complexos dificultaram os processos de aprendizagens, outros, porém, foram fundamentais no processo. Considerando que cada aluno tem estruturas cognitivas diferentes, julgo que a aplicação do projeto proporcionou aos alunos diferentes tipos de conhecimentos, logo, algumas aprendizagens foram significativas e outras mecânicas. Quanto à avaliação da unidade didática, nota-se que os processos utilizados proporcionaram um melhor andamento das atividades e apontaram um caminho a ser seguido pelo professor, de modo que se abre uma gama de possibilidades de tornar a prática pedagógica um instrumento de construção de aprendizagens e não de reprodução de conhecimentos.

ESCOLA ATIVA:**FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DE ESCOLAS MULTISSERIADAS**

Nara Beatriz Clasen Noremborg, Perpétua Lacerda Pinto e Rosa Elane Antoria Lucas
SMED – Pelotas/RS

O objetivo deste trabalho é socializar uma prática proposta por ocasião da implementação do Programa Escola Ativa, nos anos de 2010 e 2011, pela Secretaria Municipal de Educação e Desporto de Pelotas/RS, a qual encaminhou um cronograma de atividades para treze escolas rurais multisseriadas. O Programa se embasa em fomentar os fundamentos e os princípios da Educação do Campo, a fim de criar condições, para que a

aprendizagem seja voltada para a compreensão da realidade social, na qual a criança está inserida. Dentre as Orientações pedagógicas para a formação de educadoras e educadores, o Módulo III encaminhou atividades de Gestão Democrática, em treze escolas rurais do município de Pelotas, conforme as suas realidades, através da criação do Conselho Escolar e do Colegiado Estudantil. Estes buscam fortalecer o processo democrático, por serem constituídos por um representante de cada um dos segmentos que compõem a comunidade escolar e pelos alunos através dos Comitês de atividades culturais, do meio ambiente, de recreação, além de outros que a comunidade escolar poderá apontar, devido às características da realidade. O Colegiado Estudantil amplia-se através da aplicabilidade de outros instrumentos como Livro Ata do Colegiado Estudantil, Ficha de Controle da Presença, Caixa de Sugestões, Cartaz dos Combinados, Caderno de Auto-avaliação do (a) Educando (a) e Cadernos de Ensino-aprendizagem. Após o desenvolvimento dessas atividades direção e professores enfatizam que a metodologia de exercitar a autonomia e a emancipação, fez com que as crianças exercitassem a capacidade de pensar, refletir e agir sobre as diversas formas de compromisso com a comunidade escolar. Por exemplo, os alunos se cobram na execução das tarefas combinadas pelos Comitês; observam o que vai ser desenvolvido no conteúdo e encaminham sugestões com alterações para a sala de aula, encaminhando os professores a buscarem subsídios para atender as solicitações.

FATORES DE VIOLÊNCIA PRESENTES NA COLÔNIA Z3 CONSTITUEM CRITÉRIOS PARA O BAIXO DESEMPENHO NA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL ALMIRANTE RAPHAEL BRUSQUE?

Nara Regina Borges Dias, Michele Silveira Azevedo e Vanessa Gonçalves Dias

UFPeI – Pelotas/RS

Parceria formada entre escola e Observatório de Educação do Campo, permitiu a inserção da proposta de trabalho, tendo como centralidade a qualificação do letramento de professores e alunos de escolas do campo, que apresentam baixos índices de desenvolvimento, por parte dos educandos, em análise diagnóstica levantada pelo índice de desenvolvimento da educação básica. O presente subprojeto norteia seu referencial teórico em: Freire (1987), Abramovay (2003), Soares (2010), Thiollent (1985), a comunidade pesquisada é a Colônia Z3, do município de Pelotas, seus

moradores tem a pesca como atividade principal. O objetivo do subprojeto propõe analisar o baixo índice de desenvolvimento Escolar dos educandos da Escola Raphael Brusque, e problematizar, a partir da vivência da comunidade, os reflexos da violência no desempenho escolar, a fim de colaborar para a conscientização de professores e comunidade. No ano de 2011, a participação do grupo de trabalho composto por duas estudantes e uma professora inicia às atividades de apresentação e elaboração de estratégias de investigação-intervenção, assim foram realizadas reuniões com o grupo de professores do currículo, tendo como propósito, discutir a partir da análise destes as causas que levam aos baixos índices de desenvolvimento apresentados. Partindo de tal problematização, surgiram diversas temáticas, uma das centrais versa sobre a violência e seus reflexos no ambiente escolar. Nesta perspectiva a pesquisa viabilizou a devolução da primeira análise para o grupo de professores, após aprofundamento teórico, e discussão analítica de desenvolvimento de ações, se articula a implementação da intervenção. Para execução da pesquisa, serão utilizados ao longo dos próximos três anos como instrumentos: mapeamento do histórico escolar dos estudantes; mapeamento dos quatro estudantes com maior índice de reprovação: história de vida, entrevistas com professores, família e estudantes, observações livres da sala de aula e demais espaços da escola, com registro em diário de campo. Este subprojeto pretende, ao final dos quatro anos de pesquisa, criar um instrumento que oportunize aos educadores e ao poder público, verificar que medidas são relevantes na diminuição dos índices de violência que podem levar à repetência. Também, diante da proposta, pretendemos apurar a compreensão da comunidade local a respeito da violência e suas relações com a aprendizagem/repetência dos educandos.

AULA PASSEIO: TRAZENDO A REALIDADE PARA DENTRO DA SALA DE AULA

Natália Douglas Laner, Mayra Prates da Silva e Giani Gonçalves Aldrighi
EMEF Núcleo Habitacional Getúlio Vargas – Pelotas/RS

Este texto apresenta uma atividade realizada por bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas e objetiva socializar práticas desenvolvidas em uma escola municipal da cidade de Pelotas, a qual foi escolhida para participar a fim de contribuirmos na qualificação das práticas e superação do IDEB abaixo da média nacional. O trabalho aqui relatado se

constituiu em um projeto denominado “Um carteiro que desvenda histórias”, o qual articulava gêneros textuais com contos clássicos na tentativa de trabalhar o processo de aquisição da leitura e da escrita de uma forma diferenciada. Partimos de uma perspectiva que considera de fundamental importância o trabalho com a realidade de vida dos alunos e valoriza os processos históricos, culturais e sociais da comunidade onde eles estão inseridos. Sendo assim, as práticas desenvolvidas pelas bolsistas na escola rompem com a lógica tradicional de educação e priorizam a história de vida de cada aluno articulando esta com as atividades realizadas o que as tornam de fato, significativas. Dentre as diversas atividades propostas no referido projeto destacamos a aula passeio, por ter sido uma das mais significativas da intervenção, o objetivo da mesma foi construir cartões postais a partir de fotografias tiradas durante o passeio, pois no livro base do projeto esse era um dos gêneros trabalhados. Esta atividade se desenvolveu da seguinte maneira: a turma foi dividida em cinco grupos. Cada um ficou responsável por um tema pré-determinado pelas bolsistas, devendo fazer anotações sobre o tema durante o passeio e retratar imagens do bairro. No retorno, foi proposta uma roda de conversa em que os alunos discutiram sobre os aspectos analisados ao longo da visita ao bairro e, ainda, propuseram ações para a melhoria dos aspectos negativos encontrados e refletiram sobre os positivos. Esta atividade possibilitou aos alunos perceberem a utilidade da escrita e identificarem um objetivo para a mesma a partir de uma atividade em que a escrita ganhou sentido, além de conscientizarem-se sobre as condições sociais e culturais da comunidade em que estão inseridos, valorizando as qualidades do bairro, identificando os problemas e sugerindo atitudes a serem tomadas por todos os moradores da comunidade para que haja um avanço nas condições de vida dos mesmos. Dessa forma, avaliamos a ação desenvolvida com a turma de suma importância para o processo não só de aquisição da leitura e da escrita, mas também contribuiu na formação social dos alunos envolvidos, os quais se sentiram valorizados por estarem trazendo para dentro da escola a realidade do bairro em que eles vivem, com isso contribuímos para formar sujeitos cidadãos que a cada dia mais ocupem os espaços sociais, e participem e transformem a sociedade.

MULTIMÍDIA NA APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA

Neemias de Oliveira Steinle

EMEF Nestor Elizeu Crochemore – Pelotas/RS

O presente trabalho busca indícios que possibilitassem perceber as contribuições dos Objetos de Aprendizagem Multimídia – O.A.M. (arquivos de texto, áudio, vídeo e etc.) na aprendizagem de Língua Inglesa L.I. nas Séries-finais do Ensino Fundamental e na EJA – Educação de Jovens e Adultos em Escola Municipal da Zona do Campo. Em vez de trabalhar a multimídia em geral, decidiu-se focalizar, neste trabalho, a multimídia como instrumento para a interação em aula. O processo de aprender tem conexão com a expectativa de vida dos aprendizes; não pode ser isolado e necessita respeitar ritmo próprio. Muitos querem preparar o aluno para o mercado de trabalho que é exigente em vários aspectos, mas, além disto, temos o “exército industrial de reserva” (MARX, 1867), ou seja, aqueles que nunca alcançarão o mercado de trabalho. Para aprendermos a viver em sociedade, temos que trocar a pedagogia das certezas pela pedagogia da dúvida, da pergunta, para que o aprendente esteja preparado para a surpresa e o imprevisto. A partir deste conceito pode-se pensar a educação como ato de recriar novas condições de aprendizagem. O conceito de interação está na base de diferentes teorias de aprendizagem, podendo ocorrer não só entre subjetividades, mas também entre o sujeito e o objeto, vendo-se assim o objeto não apenas como um processo de mediação, mas como um dos próprios elementos da interação. Os dados obtidos no processo da pesquisa foram preliminarmente analisados de forma descritiva e o interesse voltou-se mais as possibilidades de uso dos objetos no processo de aprendizagem. A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário com questões abertas para os alunos de L.I. Esta pesquisa fundamentou-se no paradigma de investigação científica qualitativa direta realizada em ambiente natural. Com o intuito de compreender o significado das relações inerentes aos O.A.M. na aprendizagem de L.I. Num primeiro momento verificou-se a possibilidade de utilização dos processos de interação inerentes aos O.A.M. como um meio de estímulo do processo de aprendizagem de L.I., pois os aprendizes expressaram interesse na interação quando questionados previamente; bem como elementos facilitadores para a construção do conhecimento de L.I. Verificou-se indícios de que o estímulo, que conduz o aprendiz até o desfecho do ato de apreender, por seu esforço pessoal,

contribuiu na aprendizagem de L.I., quando esta se desenvolve por meio de uma atividade que utiliza O.A.M. Tendo em vista o material coletado vemos que o modelo interativo centrado na proposta interativo educacional do MALI funciona como uma ferramenta para estabelecer uma transposição didática dos conteúdos aproximando os aprendizes do saber linguístico socialmente compartilhado.

LÍNGUA INGLESA: APRENDIZAGEM POR MEIO DO LÚDICO

Neemias de Oliveira Steinle

EMEF Nestor Elizeu Crochemore – Pelotas/RS

A pesquisa em foco busca investigar a influência e as contribuições do lúdico no processo de aprendizagem de Língua Inglesa na Educação Infantil e nas Séries Iniciais de uma Escola Municipal de Ensino Fundamental Inclusiva da Zona do Campo. Sob um enfoque qualitativo a coleta de dados desenvolve-se por meio de observações diretas em ambiente natural, dinâmicas lúdicas de aprendizagem, além de questionários com os participantes bem como observações controladas, sistemáticas, com o objetivo de aproximar-se da perspectiva com que o sujeito vivencia o lúdico como instrumento na aprendizagem de Língua Inglesa, buscando compreender o significado das relações inerentes ao lúdico na aprendizagem de Língua Inglesa. Após a coleta preliminar de dados e as reflexões fundamentadas no referencial teórico, realizaram-se apontamentos concernentes às questões norteadoras desta investigação, as quais foram elencadas em três capítulos distintos. Num primeiro momento objetivou-se verificar a possibilidade de utilização dos processos de mudança, movimento, alternância, sucessão, associação e separação inerentes ao jogo como um meio de estímulo do processo de aprendizagem de Língua Inglesa em uma sala de aula inclusiva. Em um segundo momento, perceber se os elementos do mundo de perfeição criado pelo jogo constituem-se como elementos facilitadores para o aprendiz na construção do conhecimento de Língua Inglesa em uma sala de aula inclusiva. E por fim, observar se o empenho que conduz o jogador até o desfecho de um jogo, por seu esforço pessoal, contribui para a aprendizagem de Língua Inglesa em uma sala de aula inclusiva, quando esta se desenvolve através de uma atividade lúdica. Os dados coletados no transcurso da pesquisa demonstram que a dinâmica desenvolvida para a coleta de dados provocou uma alteração na postura dos aprendizes levando-os a reflexões e

a interagir com os agentes do processo de aprendizagem bem como os agentes sociais (colegas – professor – comunidade), por exemplo: os alunos pedem para os pais alterarem a agenda familiar para que eles não tenham de faltar às aulas de Língua Inglesa. Tais dados denotam que uma proposta de trabalho não tradicional parece ter gerado um estímulo na interação dos aprendizes, pois estes foram convidados a desenvolver uma atividade diferenciada em busca do conhecimento, porém utiliza os mecanismos de interação social – lúdico - típicos da faixa etária dos aprendizes.

PROJETO A AFRICA: O ESQUECIDO BERÇO DA HUMANIDADE NA REGIÃO COLONIAL

Neuza Janke

EEEM Marechal Rondon – Pelotas/RS

Com o tema história da África, Brasil Negro; e heranças culturais negra na região colonial de Pelotas, este projeto teve como objetivos, além de cumprir a Lei 10.639, discutir, compreender e conscientizar alunos e comunidade escolar sobre a história, a cultura e a realidade negra no Brasil e na região colonial de Pelotas, onde está localizada a escola Marechal Rondon. Assim como, deu início a um trabalho de discussão para o reconhecimento da escola como Escola Quilombola, em razão da sua localização e ao fato de ser uma escola de ensino médio que atende alunos oriundos das diversas comunidades quilombolas¹ da região. Esse projeto foi realizado em todas as turmas do turno da manhã, na disciplina de História, 8ª série do Fundamental e 1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio, nas duas primeiras semanas do mês de novembro. Semanas que antecederam a Semana da Consciência Negra, de 14 a 19 de novembro de 2011. As atividades foram diferenciadas por turmas. Iniciada com a projeção do vídeo Aula sobre a África, de Andrelise (UNIJUÍ/ 2010) e do filme Cidade de Deus que provocaram discussões. A partir desses debates, as turmas passaram a estudar e produzir atividades que relacionavam os conteúdos trabalhados em aula com o tema proposto. Essas atividades foram apresentadas para a comunidade escolar no dia do projeto Consciência Negra, em 26 de novembro na escola, através de exposições de cartazes, vídeos e do teatro. Nesse as turmas realizaram diferentes atividades: com base nos estudos de textos históricos e pesquisas orientadas

¹ Esse é um sonho muito restrito, pois a discussão ainda não se faz presente como uma realidade e conhecimento e aplicação da Lei em toda a escola.

sobre a África, os alunos dos 1º anos elaboraram cartazes mostrando: quem eram os negros que vieram para o Brasil? (grupo étnico e social que pertenciam, região) e opinaram sobre porque na opinião do grupo, esses negros se deixaram escravizar? As turmas dos 2º anos estudaram e fizeram pesquisas com quilombolas. Assim, mostraram a resistência, a luta e a organização dos negros na região colonial de Pelotas. A turma do 3º ano pesquisou realidade negra na Pelotas do tempo colonial à atualidade, enfocando as heranças culturais da presença de escravos negros na região e heranças dessa presença, na atual produção agrícola. A 8ª série construiu e produziu, a partir da pesquisa e com a orientação da professora nas aulas de História e Geografia uma peça de teatro, denominada: Cor de Gente? A trajetória dos negros no Brasil. Esse teatro foi apresentado pelos alunos, com a colaboração dos pais. A avaliação foi continua durante a realização do projeto, buscando desenvolver as competências e as habilidades propostas, através do desenvolvimento e envolvimento dos alunos. Para a minha experiência docente avalio que o projeto foi muito importante, construiu pontes entre o conhecimento e a realidade, possibilitou a construção de elos afetivos na relação professor/aluno, principalmente através do teatro. Demonstrou que atividades que envolvem os alunos como sujeitos do processo ensino aprendizagem marcam de uma forma permanente a vida dos alunos. Esse ano, como professora desses alunos no ensino médio, pude perceber esse crescimento e a disponibilidade deles para atividades diferenciadas, pois estão sempre me perguntando, – quando vamos fazer teatro de novo? Por outro lado, avalio que ainda precisamos caminhar bastante enquanto escola, na realização dessas atividades e principalmente quando elas envolvem a reflexão sobre temas étnicos, raciais, gêneros, minorias, exploração, discriminação. Além de tudo, enfrenta-se problemas financeiros, de estrutura, de falta de material. O teatro só foi possível com a ajuda dos pais e dos alunos. Os gastos com tintas, panos, cordas; pinturas, todos foram realizados por mim. Foi tudo muito na improvisação e dentro das nossas mínimas condições. Mas valeu a pena tanto sacrifício, pois foi muito emocionante e gratificante e mostrou outras possibilidades de fazermos educação pública e de qualidade. Quanto à discussão e aplicação da lei para transformar a escola em escola quilombola, ainda está muito incipiente e penso ter um caminho muito longo a cumprir. Porém o inicio foi dado.

BRINQUEDOTECA: CONSTRUINDO BRINQUEDOS A PARTIR DA SUCATA

Patrícia Bonow Fassbender Wille

EMEM Colégio Municipal Pelotense – Pelotas/RS

A proposta da construção da brinquedoteca no Curso de formação de professores – Curso Normal Habilitação Educação Infantil do Colégio Municipal Pelotense, surgiu no Eixo curricular Natureza e Sociedade para os alunos do 2º ano, com os objetivos de: 1) refletir sobre a importância do brincar no desenvolvimento infantil; 2) repensar o espaço do brincar nas salas de aula da Educação Infantil; 3) construir brinquedos e jogos relacionados com a natureza e o meio ambiente, através de sucata e materiais recicláveis; 4) pensar no papel das brincadeiras e da metodologia utilizada com as crianças pequenas; 5) explorar a importância da percepção tátil, visual, sonora e olfativa dos brinquedos e jogos, para que chamassem atenção das crianças; 6) confeccionar material pedagógico adequado para uso em estágio de conclusão do curso. O trabalho dividiu-se em duas partes e foi desenvolvido em grupos de cinco alunos, foram destinadas três aulas para a elaboração da parte teórica, que consistia em título, objetivos, justificativa, exposição das brincadeiras, jogos e brinquedos, relação dos materiais a serem utilizados e a faixa etária adequada. A segunda parte foi a construção da mini-brinquedoteca proposta pelos alunos no trabalho escrito. Cada grupo construiu em torno de dez brinquedos, os mesmos deveriam servir para desenvolver a percepção visual usando materiais adequados, coloridos, que chamassem a atenção das crianças. A questão tátil necessitou de uma atenção redobrada, pois os brinquedos não poderiam machucar as crianças, então todas as pontas e sobras de plástico e outros materiais que poderiam machucar, deveriam ser retiradas. Por outro lado, as crianças tinham que brincar, utilizando também o tato, pois desenvolver a percepção tátil fazia parte do projeto de trabalho. Já as percepções sonora e olfativa, foram trabalhadas com a construção dos brinquedos que produziam sons e outros que estimulavam o olfato. O trabalho foi de grande êxito, pois, além de estimular as alunas a repensar e refletir sobre o brincar para crianças pequenas, puderam construir jogos, brinquedos e brincadeiras que abrangessem a faixa etária dos seus alunos (estágio). As alunas tiveram dificuldade na elaboração da parte teórica, principalmente para construir os objetivos e a justificativa de suas mini brinquedotecas, mas que foi suprida após esclarecimentos, reflexões e trocas entre todos os alunos. Para a

conclusão deste trabalho foi realizado um laboratório interno para experimentação do material produzido em cada grupo, apreciado pela turma, bem como, pelos alunos do 1º ano do Curso Normal. Porque o brincar liberta, estimula a criatividade, desenvolve as potencialidades, o brinquedo, o jogo precisa ser experimentado, “brincado”, pelas crianças, porque brinquedo na estante é enfeito.

HORA DO CONTO – A ESCOLA COMO AMBIENTE ALFABETIZADOR, UM PROJETO INTERDISCIPLINAR PIBID/PEDAGOGIA/TEATRO/UFPEL NA ESCOLA

Patrícia Cabral Duarte, Jandira Dias de Souza Brito, Maicon Fernando Oliveira Barbosa, Gilceane Caetano Porto e Lourdes B. Frisson

UFPEl – Pelotas/RS

Tendo o PIBID Pedagogia como um de seus eixos norteadores a escola como ambiente alfabetizador e trabalhando em conjunto com os pibidianos acadêmicos do curso de Teatro, surgiu então a proposta de realizar em conjunto um trabalho que atingisse este objetivo de forma interessante e atrativa junto à comunidade escolar. Sendo os livros fundamentais no processo de alfabetização dos educandos e os textos condutores de uma aprendizagem significativa, despertar o gosto, o interesse pelas obras literárias é parte fundamental para a aprendizagem que queremos proporcionar a estes alunos. Portanto construímos o projeto denominado “Hora do Conto”. Este consistiu em apresentar histórias da literatura infantil de forma atraente, interessante, mesclando a narração dos clássicos com musicalização, interpretação, relaxamento ou outras técnicas as quais as histórias nos possibilitavam criar, sempre proporcionando a interação das crianças com os contos. Para tal criamos um espaço fora de sala de aula, que descaracterizasse a leitura por obrigação. A ideia era um espaço aconchegante onde os educandos se sentissem a vontade para ouvir simplesmente por ouvir os contos ou participar de forma ativa se este fosse seu desejo. Procuramos a cada sessão tornar o ambiente sempre adequado ao tema realizando atividades antes, durante e depois da narração que instigassem as crianças a pensar sobre e discutir sobre possibilidades quando o tema cabia. O projeto ocorria toda segunda feira abrangendo as quatro turmas atendidas pelo PIBID/Pedagogia/Teatro/UFPEl no turno da tarde na escola. Participavam deste momento além dos alunos a professora titular e suas monitoras. Neste projeto utilizamos somente obras dos Acervos

Complementares enviados pelo MEC as escolas, como forma de valorizar o material, que é de excelente qualidade, divulgá-lo, pois em algumas salas os professores não conheciam e não tinham contato com as obras e assim estimular seu uso. Constatamos a relevância do projeto devido ao aumento significativo do interesse das crianças pelas obras literárias. O interesse, a participação e desejo de atuar durante as sessões de narrativas foram constantes durante seu desenvolvimento, promovendo através deste uma maior socialização entre os participantes e contribuindo em seus processos de aprendizagem significativa, desinibição, expressão corporal, oralidade e proporcionado espaço para o lúdico, muitas vezes esquecido na sala de aula.

A FORMAÇÃO CONTINUADA COMO PROCESSO DE INCLUSÃO DE PRÁTICAS INOVADORAS

Patrícia Mendes Calixto
IF-Sul – Campus Bagé

Ao observar que um número significativo de educadores do IFSul de Geografia apresentava dificuldades em trabalhar com o ambiente local por falta de material didático planejou-se um programa de formação continuada e, desenvolveu-se um material instrucional com informações locais para contribuir com a prática pedagógica deles. O objetivo foi orientar a introdução de uma atlas municipal para que os professores possam desenvolver a metodologia do estudo do meio. Vários estudos demonstram que o ensino partindo do estudo sobre o local pode contribuir com o aprendizado sobre o espaço geográfico e com a formação cidadã. Assim, o trabalho transcorreu em três etapas: em um primeiro momento tratou-se das concepções básicas de espaço geográfico, contemplando os estudos dos conceitos de paisagem, território, ambiente e lugar. Em seguida, trabalhou-se com a cartografia escolar e seus conceitos básicos, como escala, projeção e produtos cartográficos. O objetivo foi apresentar aos educadores as novas tecnologias aplicadas a estas áreas e as possibilidades de uso ao ensino. No terceiro momento, foi apresentada aos participantes a prática metodológica do estudo do meio como caminho de trabalhar os aspectos locais como referências para questões vinculadas a Educação Ambiental, como a cidadania. A ideia do trabalho foi partir desta experiência com dados apontados pelos educadores para montar um atlas municipal, recurso com o qual eles pudessem trabalhar os aspectos locais como referências para as reflexões sobre os conflitos ambientais. Com recursos do Geoprocessamento, foram

desenvolvidos mapas locais como hidrografia, relevo e um Modelo Digital de Elevação para trabalharem as peculiaridades referentes aos aspectos físicos. Também apresentou-se um mapa do Bioma Pampa com dados de ação antrópica para que pudessem analisar e refletir com seus alunos sobre o município no contexto do bioma. Para o desenvolvimento do material instrucional baseou-se na teoria construtivista, assim leituras de Piaget e Ausubel contribuíram para o entendimento de como ocorre o aprendizado. Isto contribuiu para orientar o uso deste material como meio para ensinar os conteúdos curriculares baseados no estudo do meio. Ao final do trabalho, os participantes avaliaram positivamente o processo, pois as atividades repercutiram em sua prática docente, inclusive exigindo a reelaboração do plano de ensino.

**AVALIAÇÃO DOS IMPACTOS DA URBANIZAÇÃO NO ARROIO BAGÉ:
INTRODUÇÃO DA PESQUISA NO ENSINO MÉDIO**

Patrícia Mendes Calixto e Gabriel Rodrigues Bruno

IF-Sul – Bagé/RS

O Instituto Federal Sul-riograndense, no campus Bagé, implementou em seu processo avaliativo uma sistemática na qual os estudantes participam de um projeto de pesquisa desde sua entrada na escola. A ideia é que eles possam compreender os procedimentos elementares de uma pesquisa científica desde o início do curso no qual estão matriculados. Por isso, houve a inserção da disciplina de metodologia científica no currículo. Os temas das pesquisas são diversas e estão relacionadas as experiências dos educadores do campus. A participação nos projetos é feita pelo próprio estudante, durante o período de inscrição, aberto pela direção de ensino do campus. Um dos projetos implementados é o de avaliação dos impactos ambientais sobre os recursos hídricos os quais são relevantes para o planejamento de ações que visem a recuperação de áreas degradadas. O grupo, hoje, é composto por quinze estudantes do ensino médio, dos cursos de agropecuária e informática, sendo três deles bolsistas, do IF-Sul (bolsa BIC) e CNPq (bolsa de pesquisa para estudantes do ensino médio). Assim, neste trabalho, partimos da análise da percepção ambiental como principal referencial para o desenvolvimento de um plano de ação. A abordagem não está limitada a descrição e análise do ambiente hídrico do Arroio Bagé, no município de Bagé-RS, mas estende-se a proposição de soluções para os problemas

identificados. Para isso, a revisão bibliográfica, os encontros com a comunidade, as entrevistas e a aplicação de questionários foram os encaminhamentos metodológicos adotados para o trabalho. Soma-se a isto a avaliação de projetos existentes, bem como o rastreamento de documentos históricos. Nesta primeira etapa, o grupo de estudantes fez o levantamento documental, como registros fotográficos de décadas passadas, além de saída de campo para delimitar a área de estudo (do ponto da Ponte Alta até a Panela do Candal) e, fotografar os principais pontos de impacto ambiental observados durante o percurso. Analisou-se que os impactos provocados pela urbanização não planejada e todas as suas consequências são evidentes no espaço do entorno do arroio, como aterros, ocupação das margens, descarte de lixo doméstico e esgoto aberto no ambiente. Este trabalho encontra-se em fase inicial, outros dados serão levantados, como a percepção ambiental dos moradores do entorno deste ambiente hídrico sobre a questão da degradação a que estão submetidos.

PROJETO LEITURA EM MOVIMENTO: UMA EXPERIÊNCIA DE ATUAÇÃO DO PIBID/PEDAGOGIA/UFPEL NO PRIMEIRO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Patrícia Perleberg Gielow e Patrícia Cabral Duarte
EMEF Núcleo Habitacional Getúlio Vargas – Pelotas/RS

A presente experiência tem por objetivo salientar a importância da “Hora do conto” para a formação dos futuros leitores, acreditando ser a “contação de histórias” uma forma de incentivo para o desenvolvimento do gosto pela leitura. O projeto foi fruto das observações e atuações do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) Pedagogia, em uma das salas de aula de 1º ano do ensino fundamental de uma das escolas de atuação do PIBID/Pedagogia. Percebemos a necessidade, para a formação de leitores, de ter na sala de aula um espaço de maior interação com os livros, visto que, constatamos no cotidiano destas crianças, a ausência desse suporte tão importante no processo de aquisição da língua escrita. Este elemento foi definidor para a realização do projeto intitulado Leitura em Movimento. Para a realização do projeto contamos com o suporte material de aproximadamente 200 livros de literatura infantil que faziam parte do acervo da sala de aula. Uma vez por semana os alunos escolhiam um livro de sua preferência e o levavam para casa. O livro ficava com a criança por uma semana para que nesse período tivessem a oportunidade, ler as imagens, as

palavras e os textos e manuseá-lo. Os alunos foram incentivados a pedir que seus pais e/ou, responsáveis fizessem a leitura junto com eles, promovendo assim um espaço de interação entre a escola e a família proporcionando assim momentos de afetividade junto à família a partir da leitura. Além disso, o projeto incentivou a responsabilidade, a pontualidade e o cuidado com o material emprestado. A relevância do projeto foi constatada já no seu início. A cada semana aumentava o número de crianças que tinham interesse em contar aos colegas as histórias que leram durante a semana. Passado então o período de empréstimo, o aluno retornava com seu livro, juntamente com a carteirinha do projeto. No primeiro momento, os alunos eram chamados a ler os livros, a seus colegas. No último momento as crianças escolhiam novas obras, com as quais, poderiam ficar por mais uma semana. A avaliação deste trabalho encontra-se nos resultados que o projeto teve como o despertar dos educandos pelo hábito da leitura, a importância do conto, pois quem houve histórias desenvolve capacidades como o entendimento e compreensão e, com certeza, tornar-se-á um leitor crítico. Conclui-se, com esta experiência, que a junção da literatura infantil em forma de narração e ou contação contribuem para a formação do leitor por prazer e não por obrigação, um leitor que aprende os significados, pensa sobre o que ouve e lê, tornando-se assim crítico perante o mundo.

MEU ENTORNO E O MEIO AMBIENTE

Patrícia Silveira Zaneti

EMEF Irmã Maria Firmina Simon – Canguçu/RS

Com base no levantamento dos alunos da Escola que temos e a escola que queremos, começamos analisar quais possibilidades tínhamos em mãos, o que podemos fazer com os recursos existentes e aqueles que podemos captar. Então, as turmas, analisaram qual poderia ser a contribuição com espaço escolar e comunidade, buscando a capacidade do fazer de cada turma. Em aula, conversando, as turmas escolheram o seu fazer, ficando assim constituído: o 6º ano A – Deu início a horta medicinal, ao lado da escola, onde confeccionaram as placas de identificação, trouxeram mudas de ervas de chá, realizaram o plantio utilizando pneus para delimitar os espaços das plantas, o 6º ano B – Construiu lixeiras para espalhar pelo pátio já que foi detectado que não tínhamos lixeiras suficientes, então fizeram recipientes para lixo orgânico e seco. A turma do 7º ano elaborou um vídeo com base

nas filmagens feitas na hora do recreio, mostrando as atitudes dos alunos bem como a filmagem também dos alunos arrumando e limpando este mesmo espaço para ser passado a todas as turmas. Esta turma também trouxe a ideia de construir um local para lixeira que seja um espaço divertido, tipo uma lixeira que seja uma boca de palhaço ou uma cesta de basquete, onde os alunos tenham um atrativo para jogar o lixo, criando assim o hábito. O 8º ano Organizou na lateral da escola um espaço para educação infantil, utilizando pneus, areia e o 9º ano planejou uma campanha de conscientização com os alunos da educação infantil e séries iniciais, onde fazendo uma apresentação de peça teatral e criação de panfletos mostrando a importância para melhorar o espaço escolar e comunidade. Além das questões práticas, realizaram um seminário em sala de aula relacionando com o tema geral Meio Ambiente, onde os alunos assistiram o vídeo “A história das Coisas”, houve reflexão sobre o assunto e deveriam escolher um tema, por exemplo, desmatamento, poluição, queimadas, enxurradas, lixo, reciclagem, coleta seletiva, entre outros... Pesquisar causas e consequências e apresentar aos colegas em forma de seminário. Buscando continuar com as reflexões sobre o meio ambiente, os alunos foram desafiados a pensar uma apresentação para os colegas (de todos os anos) que falasse da conscientização sobre o meio ambiente, impactos ambientais, sustentabilidade sendo que a forma poderia ser teatro, música, poesia ou dança. Esta apresentação ocorreu no Cine teatro 27 de Junho, onde foi aberta a comunidade escolar, foi um momento de aprendizagem onde este não só trabalhou a questão ambiental, mas também exigiu dos alunos trabalho cooperativo, desenvolvimento da oralidade, postura de apresentação e o respeito com o outro – o meu colega durante a apresentação. O diálogo com Freire reforça diariamente a prática pedagógica. “Educar exige a convicção de que a mudança é possível”.

A EVOLUÇÃO E AS CONTRIBUIÇÕES DO VESTUÁRIO SOB UM OLHAR DOS EDUCANDOS DA 6ª SÉRIE DO INSTITUTO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO PONCHE VERDE

Patrícia Tarouco Manetti Becker
IEE Ponche Verde – Piratini/RS

O presente trabalho está relacionado com a disciplina de Técnicas Domésticas que tem como objetivo mostrar aos educandos a importância do vestuário no cotidiano: do que é composto, sua origem, assim como resgatar

e valorizar a importância que devemos ter em conservá-los para não agredir o meio ambiente, pois existem fibras naturais, sintéticas e regeneradas produzidas de diferentes formas e que, conforme sua produção, pode agredir a natureza vindo a prejudicar o ser humano através da poluição ambiental. O projeto utilizou, com os educandos, um caderno onde os mesmos realizam as atividades propostas e outro como Diário de Bordo que foi construído em duplas para relatarem as atividades posteriores à aula. No diário os alunos elaboraram o perfil individual, depois o da dupla, registraram o porque de escolherem o colega e, posteriormente o relato das atividades extras, ou seja os trabalhos em grupo, de pesquisa para buscar subsídios para enriquecer o conteúdo desenvolvido pela educadora. Também trabalharam com panos, fios, fibras e gravuras para identificarem as diferenças. A proposta foi realizada na 6ª série, foi identificado um grande interesse pelos educandos em realizar o diário de bordo, pois toda a semana eles me apresentam as atividades realizadas, sempre com questionamentos e sugestões, então, a turma participa ativamente da proposta. O tema trabalhado vem ao encontro do interesse dos educandos porque todos somos consumidores e devemos analisar na hora da compra a qualidade do que estamos adquirindo e assim conhecendo as fibras, os fios, saberemos qual peça será melhor para adquirir conforme a ocasião, o tipo físico, a estação, a higienização e assim tanto outros fatores, por isso de descrever que o projeto é um início porque a cada instante aprendemos algo novo. Este trabalho foi apresentado pelos educandos na Feira do Conhecimento, onde os educandos buscaram em suas bonecas apresentar a Evolução do Vestuário e através de slides a origem das fibras e suas características e onde são utilizadas, mostrando assim a importância do vestuário na vida de cada ser humano.

**PRÁTICA PEDAGÓGICA DE PROFESSORES DO EJA NO INSTITUTO ESTADUAL
DE EDUCAÇÃO PONCHE VERDE, MÍDIA RÁDIO EM PIRATINI/RS**

Patrícia Tarouco Manetti Becker e Rosimeire Simões de Lima
IEE Ponche Verde – Piratini/RS

O projeto teve início no curso de Pós Graduação em Mídias da UFSM. A metodologia inicial era pesquisar que rádio os alunos ouviam, que música, qual a programação educativa, informação ou diversão, em qual horário. Foi perguntado aos alunos no que uma rádio na escola poderia ajudar e se havia o interesse em trabalharmos com a criação de uma rádio-escola. A partir dos

dados coletados junto aos alunos da EJA, em 2010, iniciou-se a elaboração da primeira rádio na escola Ponche Verde. Todos os professores foram convidados a participar do projeto. A adesão de todo o grupo proporcionou uma programação variada, feita pelos alunos, como horóscopo, atualidades, sendo destaque a Influenza suína/ Influenza A (H1N1), pois havia o surto na época. Em Educação Física, houve comentários esportivos, com o professor de inglês foi trabalhada a interpretação de uma música. Os patrocinadores foram o comércio local e suas promoções estudadas em matemática. Em física tratou-se das oscilações climáticas, já na psicologia foram publicadas mensagens sobre motivação. Em língua portuguesa, os alunos criaram uma peça radiofônica partindo de vivências e realidades, cujo cenário envolvia a vida noturna de Piratini com suas peculiaridades, sua gente e seus costumes. É importante destacar que há uma integração dos educadores com os educandos e todos trabalham juntos para que os eventos ocorram, havendo comprometimento e ética porque a expressão “reciprocidade diante do conhecimento” é algo fundamental Nada é isolado, a realidade não é individual, sempre devemos ter em mente que tudo volta, é preciso ter compromisso com o processo educativo e, um dos meios, é a interdisciplinaridade, que envolve o todo. Em 2011, no mês de Julho, houve a segunda edição da rádionovela envolvendo os alunos do Bloco 9 com a temática “Desestruturação Familiar” que teve como tema de pesquisa o álcool, a falta de informação, controle de natalidade, agressão, promessas políticas feitas em período eleitoral, auxílios recebidos do governo e a Lei Maria da Penha. A turma pesquisou em reportagens, documentários para elaborar o roteiro. Ocorreu mais de uma edição apresentada para os alunos do turno noturno da escola. A primeira noite cultural da EJA e o aproveitamento do Ensino Médio fazem parte da programação na Semana Farroupilha que apresentou vários temas foram pesquisados pelos alunos que organizaram apresentações radiofônicas: a lenda da cigana, e da moça da cacimba, uma declamação do aluno da APE Mário, o Analista de Bagé tendo em vista resgatar a cultura gaúcha. Por sermos a primeira capital gaúcha e para valorizar os costumes, a história e a tradição que muitas vezes acaba sendo esquecida diante de tantas informações, uso de tecnologias e imposições de outras culturas. A escola parou para prestigiar este grupo que, em sua maioria, dedicou-se, pesquisou, ensaiou e que estivera fora da escola por muito tempo, à margem do processo educacional bancário e que, neste momento, constitui-se de alunos que estão sendo protagonistas da educação. A escola dispõe de uma infraestrutura pobre de tecnologia, mas a

vontade de vencer vem ao encontro de cortinas que proporcionam um cenário para a que a rádio entre no ar: um microfone, um notebook, um amplificador e caixas de som. Assim, estamos na 4ª edição, usando temas relacionados à vida dos educandos e não a propostas prontas impostas pelos professores; os temas envolvem as disciplinas que são desenvolvidas pelos professores em sala de aula e a partir de pesquisas. Os educandos envolvem-se na leitura e na escrita e assim, surge a fala de cada um, a sua maneira própria de ver determinada situação, atingindo todas as idades, todos os costumes, usando a comunicação como meio de integração entre os seres humanos. Nosso objetivo é fazer com que nossa instituição deixe de ser conteudista e desenvolva no educando um sujeito crítico, aberto para procurar recursos para o aprender, buscar o conhecimento necessário para aplicar na sua realidade, pois não adianta ensinar conteúdos que não contribuam para a formação do sujeito, que fique guardado em folhas de caderno. Por isso, a proposta da rádio, onde os educandos devem ler livros, nas disciplinas de português e literatura, desenvolver o gosto pela leitura, do saber interpretar e o compreender, pois a vida exige isso quando é necessário analisar e interpretar as escolhas que devem ser feitas, ou seja transformar informações em conhecimento. Devemos levar em conta o contexto e a historicidade que envolve a instituição escolar e respeitar a diversidade. Para isso devemos trabalhar as habilidades e competências no processo educativo, sendo mais um motivo dos educadores buscarem a união, uma proposta diferenciada. Através da rádio escola, abordamos todos os conteúdos de forma diferenciada, de maneira prazerosa, buscando trabalhar o todo: a música, a interpretação em inglês, o clima. Na entrevista com a professora de artes os educandos exploraram sua vida em diferentes faces, como ela procura trabalhar em sala de aula com os blocos, a saúde e o que fazer para prevenir doenças, quais as lojas que estavam com promoções e que porcentagens davam de desconto. Foi um momento construído por eles e foi um momento emocionante, que nos auxiliou mais tarde na convivência de sala de aula, onde eles começaram a relacionar os programas apresentados aos conteúdos que estavam sendo desenvolvidos e pensar em como poderiam contribuir para o próximo programa. A rádio foi um período em que a escola parou, professores, educandos, funcionários, familiares, deslocaram-se para onde estavam as caixas de som para poder ouvir a fala dos alunos, que entusiasmados, ao final da programação, exclamavam: “Professora nunca pensei que conseguiria interpretar, falar para um público mesmo que este não estivesse me vendo, meu sonho é,

professora, falar em público, consegui pesquisar sobre os programas esportivos e apresentei de maneira que o público compreendeu, estou surpreso com o meu desempenho”. Então, digo a eles, que eles estão no auge da fama, pois todos ficaram encantados com seu desempenho e nós professores emocionados pela caminhada e resultados apresentados.

**ADAPTAÇÃO DOS JOGOS UNO E FUTEBOL DE BOTÕES PARA
O ENSINO DA MATEMÁTICA AO DEFICIENTE VISUAL**

Priscila Wally Virissimo

EEE José Álvares de Azevedo – FURG/RS

O presente trabalho se deu no espaço da escola José Álvares de Azevedo com o 3º ano. Ao iniciar o trabalho, comecei a me deparar com as dificuldades encontradas no ensino da Matemática. Para os educandos, utilizar o soroban ou material concreto não vinha sendo suficiente na construção e na formulação dos conceitos. Desta forma, surgem como objetivos da adaptação destes materiais, utilizar jogos conhecidos do cotidiano infantil para o desenvolvimento de habilidades matemáticas, possibilitando à criança cega, maior domínio dos conceitos trabalhados e, além disso, tornar possível a sua realidade o contato com tais artefatos que são essencialmente de caráter visual. Para tanto, adaptei (colocação do Braille e, se necessário, utilização de texturas, entre outros) os seguintes jogos: UNO e Futebol de Botões. Em um primeiro contato com os jogos, os educandos apenas tinham o desafio de explorá-los, para que, posteriormente aplicassem regras. No entanto, saliento que as regras foram apenas apresentadas a eles, que possuíam autonomia em desenvolver novas regras para os jogos. Sem se dar conta, os alunos que possuíam verdadeiros traumas em realizar atividades matemáticas, iam elaborando os conceitos que estavam ali pré-dispostos. O jogo UNO foi utilizado para o bloco de conteúdos Números e Operações, abordado nos Parâmetros Curriculares Nacionais. Nele, o educando precisava criar estratégias para que seu colega comprasse um número elevado de cartas, fazendo associações com o valor das cartas lançadas pelos jogadores e as cores das mesmas. Através da estratégia correta, poderia levar o colega a comprar tantas cartas que ficaria quase que impossível vencer a partida, estabelecendo para isso, diversos cálculos mentais. Já no caso do Futebol de Botões, apliquei questões ligadas ao bloco de conteúdos Espaço e Forma. Neste jogo, o educando deveria

conhecer a forma do campo, os espaços ali determinados e delimitados para desenvolver as ações. Então, primeiramente, construímos uma maquete do campo visando familiarizar-se com o tamanho do mesmo, deveriam ainda, fazer as marcações, bem como, dos jogadores e uma descrição da localização destes. Fazendo uma interligação com o bloco conteúdos Números e Operações, os educandos tinham como meta organizar campeonatos e ficava a sua responsabilidade às tabelas de classificação. Conforme a realização do trabalho, pude perceber, sobretudo, maior interesse dos alunos com as aulas de Matemática. Além disso, enorme diminuição na ansiedade presente em não conseguir assimilar os conceitos. Ainda, os reflexos foram sentidos quando eram dadas atividades mais comuns ao contexto escolar como resolução de problemas e cálculos, uma vez que estes alunos tinham entendido na prática como se dava o processo e não apenas a reproduzir de forma metódica.

**DESEJO, MÚSICA, PODER E APRENDIZAGEM:
EM BUSCA DE SINGULARIDADE NO MEIO ESCOLAR**

Rafael Marrero Brignol
URCAMP – Bagé/RS

Esta experiência está relacionada ao estágio em psicologia escolar do curso de Psicologia da URCAMP (Universidade da Região da Campanha), no segundo semestre de 2010. Sendo realizado na EMEF Vereador Carlos Mario, localizada em um bairro na periferia da cidade de Bagé. Esta atividade se desenvolveu dentro do projeto “Educação e Cidadania”, que foi criado para atender as demandas das comunidades com problemas de violência, oriundos principalmente do uso e abuso de drogas. A direção da escola solicitou o projeto para tratar principalmente de alunos indisciplinados, porém foram abordados todos os alunos do sétimo ano da turma 71. A proposta foi fazer orientação social para os jovens e oferecer cursos, no sentido de formar sujeitos, buscar desenvolver suas potencialidades e relações. Para isto, ofertaram-se cursos de: informática e música, além do grupo de orientação. Sendo todos os cursos realizados ou acompanhados por estagiários de psicologia escolar da universidade. O trabalho de psicologia escolar com a utilização da música foi realizado por três estagiários de psicologia, um profissionalizante e outros dois observadores. Foram realizados encontros, uma vez por semana com duração de cinquenta minutos. Utilizou-se uma

sala que se encontrava disponível na escola, em um espaço onde não ocorre o ensino regular. A direção da escola colocou a disposição o horário da aula de ensino religioso, porém somente os alunos que optavam por fazer as atividades grupais saíam da aula. Desta forma, buscou-se dar o poder da escolha ao aluno, sem impor sua presença no grupo. Na metodologia foi utilizado da musicoterapia juntamente com técnicas de psicologia de grupo. Nesta intervenção, tomou-se como princípio que o aluno não precise respeitar pela submissão a autoridade moral, mas sim que seja criada uma relação de respeito mútuo. Formou-se, assim, uma ruptura num sistema relacional que foi de grande aprendizado para os estagiários, devido às adversidades institucionais. A disciplina escolar não atua somente sobre os alunos, mas em todas as práticas, nas quais estávamos em constante vigilância. A experiência utilizada com a música foi de grande valia para potencializar as relações de grupo, pois a música implicava em uma tarefa de “fazer musical” em conjunto. Sendo o desejo direcionado a livre expressão, o devir musical tem sua característica de contágio, criando linhas de fuga, tocando diretamente no outro desejante e a potência que envolve a música. Nisto são criadas percepções e sensações diversas despertadas em cada um. Outro aspecto trabalhado foi a livre expressão verbal do aluno, sendo trabalhados temas ligados a drogas, violência e a relação professor-aluno. A tarefa de estar em grupo e compartilhar afetos e pensamentos fez com que ocorressem novas concepções de alteridade, tendo a música e a liberdade do discurso como meios que possibilitaram a criação de outra perspectiva no meio escolar.

**O ENSINO DE CIÊNCIAS PARA UMA TURMA ESPECIAL DE SURDOS:
UM OLHAR DIFERENCIADO DAS CLASSES PEIXES, ANFÍBIOS E RÉPTEIS**

Raquel Massot Siqueira
UFPel – Pelotas/RS

Este trabalho teve origem na pesquisa desenvolvida no PPGE – Curso de Especialização com Ênfase no Ensino de Ciências e Matemática da FaE/UFPel, para a obtenção do título de Especialista em Educação. Trata-se de uma pesquisa que aborda as possibilidades de um ensino diferenciado, aplicado em uma escola que tem apenas alunos surdos, denominada Escola Especial Professor Alfredo Dub. Nessa pesquisa os sujeitos foram os alunos da sexta série do ensino fundamental, com quem desenvolvi a temática sobre

Peixes, Anfíbios e Répteis. Os objetivos pretendidos visavam oferecer aos alunos condições de desenvolvimento de competências que lhes permitissem compreender o mundo atuando como indivíduo e cidadão, utilizando conhecimentos de natureza científica e tecnológica. Também, através desta abordagem construir nos estudantes princípios que os levem a pensar e agir como pesquisadores, além de conhecer as características das classes Peixes, Anfíbios e Répteis. Respeitando as diferenças de uma cultura própria, com características, diversidades e língua própria, realizei um trabalho diferenciado com esses sujeitos. Para que isso acontecesse foi usada uma gama de recursos visuais, tais como imagens, vídeos, livros e o jogo da memória, assim como trabalhos de recortar e colar, desenhos e imagens multimídias. Deste modo esse trabalho referendou-se nos princípios da teoria epistemológica genética que considera o fato da aprendizagem do novo ser consequência da ação e problematização sobre os conhecimentos prévios. O desenvolvimento desta pesquisa me motivou a conhecer mais sobre a cultura surda, que ainda é desconhecida de muitos profissionais na área da Educação. Necessitando de mais estudos nessa área de conhecimento. Nessa perspectiva apresentei um breve relato sobre a história dos surdos e da Libras. Os resultados obtidos no projeto foram satisfatórios, os usos dos recursos visuais se justificam pela experiência visual dos surdos, o que favorece a aprendizagem e a relação com o meio e com os demais envolvidos. Observei o contexto escolar que os estudantes estavam inseridos no processo educacional e iniciava o conteúdo com uma pergunta, fazendo com que os conhecimentos prévios deles aflorassem. Esta teoria defendida por Piaget considera o conhecimento prévio os saberes que os alunos possuem e que são essenciais para o aprendizado da próxima etapa (BECKER, 2001). A aplicação desse projeto foi prazerosa, pude ter contato com pessoas que tem uma cultura própria. Considero o quanto é relevante “ouvir” o surdo, ensinando e aprendendo com eles. Dessa forma, a história da Libras mostra-se intimamente ligada ao processo de escolarização dos surdos e acredito que a Língua de Sinais não vai deixar de existir, pois onde houver dois surdos compartilhando o mesmo ambiente haverá sinalização.

(LIVRO) PELOTAS DO MEU RIO GRANDE: HISTÓRIA, CULTURA E ECONOMIA

Raquel Radmann Domingues

Colégio Sinodal Alfredo Simon – Pelotas/RS

O Projeto de História e Geografia é um programa de atividades que visam desenvolver metodologias diferenciadas através da pesquisa, promovendo a motivação e o interesse dos educandos de forma interdisciplinar, como, valorizar o patrimônio sociocultural; perceber-se como parte do espaço e como sujeito na construção e reconstrução do espaço geográfico; perceber na paisagem do bairro e do município as diferentes manifestações da natureza e a transformação pela ação do ser humano; relacionar a construção da área urbana de Pelotas e os prédios históricos com o auge das charqueadas; conhecer os principais motivos da decadência das charqueadas; reconhecer, refletir e valorizar a importância dos prédios históricos como referencial turístico do município; conhecer e valorizar a cultura pelotense, despertar a criticidade das crianças; ampliar a criatividade, propiciando momentos de aprendizagem e prazer; contribuir para o interesse dos alunos na aprendizagem; estimular a percepção da criança em relação à cidade, espaço, tempo e sociedade; propiciar a cooperação entre alunos, permitindo que as diversidades sejam contempladas; despertar a autoestima e o desenvolvimento da inteligência; oportunizar o enriquecimento, a ampliação e o aperfeiçoamento do discurso do aluno. Os alunos do 4º ano são direcionados a leituras de textos informativos privilegiando e explorando a narrativa e o diálogo com o aluno; estratégias de atividades variadas em forma de pesquisa; reflexões orientadas e sugestões de trabalhos em grupos e individuais; refletir como se constrói o conhecimento histórico, propondo-se um trabalho sobre o que é história e a importância do documento para a elaboração da pesquisa; é estimulado o diálogo entre educando - educador, encorajando-os a expor seus sentimentos e opiniões acerca dos problemas, considerando seus valores; dramatização de textos; trabalhos que envolvem: desenhos, pinturas, recortes e colagens; projeção de vídeos; utilização de material concreto e abstrato; produção de textos; apresentação oral das descobertas para as turmas / 3º e 5º ano. Os textos são catalogados em forma de livro, pela editora, e feito o lançamento do mesmo. Há o envolvimento da comunidade escolar que vê os resultados do projeto, o que dá a leitura e a produção escrita um lugar de destaque. No dia da apresentação desse projeto pretendo expor a obra literária feita pelos alunos

do 4º e também mostrar possibilidades de se trabalhar com esse projeto da história de Pelotas. Esse projeto foi divulgado na RBS TV, TV PAMPA e Diário Popular. A leitura abre possibilidades de pesquisa e produção de conhecimentos. Vários conteúdos são abordados e há um aflorar da criatividade. Após o projeto, avaliamos o processo, o que nos permite ver as falhas e tentar superá-las no trabalho seguinte.

A ORIGEM DA VIDA NA CONCEPÇÃO DE ALUNOS DE UMA TURMA DE 6ª SÉRIE EM UMA ESCOLA PÚBLICA NO MUNICÍPIO DE PELOTAS/RS

Rosa Maraní Rodrigues Brizolara
UFPel – Pelotas/RS

O professor tem papel importante e fundamental na construção do conhecimento, e cabe a ele aproximar o conteúdo da realidade do aluno e para isso é necessário conhecer o que o aluno traz de conhecimento para a sala de aula. O ensino deve ser significativo para os alunos, deve ser problematizado para que se torne interessante e para isso o professor deve estar disposto a realizar pesquisas que o ajude a atualizar sua prática docente. O objetivo da pesquisa é verificar como alunos do Ensino Fundamental compreendem a Origem da Vida. Para tal verificação foi realizada uma pesquisa com 34 alunos, com idades entre 11 e 16 anos, da 6ª série de uma escola estadual de Pelotas no Estado do Rio Grande do Sul. Na pesquisa os alunos responderam a seguinte pergunta: Como você acha que ocorreu a origem da vida? As respostas foram analisadas de forma quantitativa e qualitativa, o que possibilitou a análise profunda de cada concepção sobre a origem da vida. Dos 34 alunos que realizaram a escrita do pequeno texto, 10 argumentaram que a origem da vida se deu através da criação Divina. A resposta desses alunos pode ser explicada pela teoria do Criacionismo, que adota a Bíblia como fonte explicativa sobre a criação do homem, que segundo a teoria foi concebido depois que Deus criou o céu e a terra. Dos textos analisados, 5 alunos acreditam que a vida surgiu através da explosão do Big Bang. A teoria explica a origem do universo, os alunos acabaram confundindo os termos e os conceitos. Se esses equívocos não forem bem esclarecidos, esses alunos construirão um conhecimento errôneo. Outros 9 alunos acreditam que a vida surgiu através da união de células e de bactérias. Essas concepções mostram que os alunos possuem certa ideia, mesmo que de forma empírica, sobre a origem da vida. Quatro alunos

acreditam que a vida surgiu devido aos vulcões, teoria defendida por Oparin e Haldane, a terra primitiva era composta por vulcões, tempestades e chuvas frequentes (VASCONCELLOS, 2009). Os alunos não têm conhecimento da Teoria, mas possuem um conhecimento trazido de sua formação pessoal. Mais 3 alunos acreditam que a vida surgiu através de mistura de água com sais minerais. Três alunos dizem que a vida surgiu de algo vivo, de outro ser vivo. Esses alunos não deixam de estar de acordo com a teoria da Biogênese que defende que a vida surgiu de um ser vivo. Com este estudo foi possível perceber o quanto é importante conhecer as concepções prévias dos alunos antes de começar a tratar de algum conteúdo. Os alunos sempre terão alguma bagagem prévia, que se torna fundamental o conhecimento para que não ocorram situações constrangedoras ao decorrer do trabalho em aula. A pesquisa evidenciou que cada aluno possui uma concepção sobre a origem da vida, e essa concepção deve ser levada em conta pelo professor.

**CONTRIBUIÇÕES PARA O ENTENDIMENTO DA INSERÇÃO DAS CRIANÇAS
DE SEIS ANOS NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Samanta Ferraz de Almeida e Raquel Mello Costa de Oliveira
UFPel – Pelotas/RS

O presente trabalho tem como objetivo compreender a forma como o sujeito da pesquisa entende a legislação, os objetivos do Ensino Fundamental (EF) de nove anos, e os resultados alcançados após um ano de trabalho, tendo em vista a inserção das crianças de seis anos a partir da lei n. 11.274/2006, de 6 de fevereiro de 2006. Para tanto, entrevistamos uma professora de segundo ano, de escola pública municipal da periferia de Pelotas, que apresenta altos índices de fracasso escolar. A professora respondeu um questionário com dez questões referentes ao EF de nove anos e suas implicações no trabalho em sala de aula. O instrumento, questionário aberto, tinha as seguintes questões norteadoras: as diferenças entre a antiga primeira série e o atual primeiro ano; as mudanças na prática pedagógica a partir do EF de nove anos; a forma como o EF de nove anos está sendo inserido na escola; e algumas constatações sobre a inserção das crianças de seis anos no EF. Segundo a professora, o atual primeiro ano por não ter necessariamente que trabalhar as dificuldades ortográficas, possibilita um espaço maior para vivências voltadas às atividades lúdicas. Pensando nisso, o conteúdo a ser aplicado no primeiro ano deve estar voltado para as

especificidades das crianças de seis anos, preservando principalmente, o tempo destinado ao brincar. No que diz respeito à prática pedagógica, a mesma considera ser necessário haver uma adaptação de acordo com as necessidades das crianças, já que foram inseridas aos seis anos no sistema de ensino. Pois a referida professora entende que os professores precisam estar capacitados para desenvolver um trabalho coerente com a nova realidade, respeitando o desenvolvimento da infância. A professora se mostrou bastante consciente em relação à importância de a criança ter um tempo a mais para se alfabetizar, e considera a mudança como ponto positivo na educação brasileira, pois consolida a possibilidade de inclusão de crianças das classes populares aos sistemas de ensino. Assim sendo, também nos sentimos responsáveis neste processo de inovação do ensino fundamental, visando principalmente os benefícios que o mesmo oferece aos educandos em fase de alfabetização, prioritariamente para as classes populares. A partir destas preocupações foi que traçamos nossas ações para o trabalho com a turma da professora, buscando adequar o planejamento às orientações estabelecidas pelo MEC. Com isso torna-se indispensável que estejamos sempre atualizadas quanto às políticas pedagógicas relacionadas ao EF de nove anos, a fim de contribuirmos e oferecermos uma educação atraente, inovadora e de qualidade aos nossos alunos.

**A IMPORTÂNCIA DA AÇÃO REFLEXIVA
SOBRE O CURRÍCULO COMO AGENTE DE TRANSFORMAÇÃO**

Samantha Machado, Daniele Terres e Mariângela Bairros

UFPel – Pelotas/RS

O objetivo do presente trabalho é apresentar um estudo realizado com docentes de uma escola da rede pública estadual de Pelotas, no decorrer do estágio discente do curso de Pedagogia. Nossa intenção foi problematizar, a partir do movimento complexo que envolve o conjunto das práticas curriculares no espaço escolar, as diferentes concepções de currículo que circulavam nesta escola. Ao desenvolver este trabalho, tivemos como intuito oportunizar uma reflexão acerca da concepção de currículo com o conjunto da escola: equipe diretiva e professoras. Retomar algumas reflexões sobre currículo é um desafio extremamente importante para as instituições educacionais, pois este continua sendo confundido com uma lista de conteúdos e, assim, relegado a um plano menos importante do que deveria

ter e do que necessita uma prática educacional que vise uma escola democrática de qualidade. O currículo corporifica o saber, o poder e as identidades. É nele que se revela a visão que a escola tem de mundo. Se ele desenvolve um processo de inclusão de certos saberes e de certos indivíduos, excluindo outros, caracterizam-se relações de poder em que algumas culturas são privilegiadas em detrimento de outras. O debate na escola tratou de não privilegiar um aspecto sobre outros, ou de desprezar conhecimentos, experiências e vivências, ao contrário, buscou aprofundar, com os docentes, debates e reflexões no sentido de ampliar o campo de estudos destinado à ampliação do desenvolvimento do conhecimento humano. Juntamente com as professoras buscamos compreender aspectos relativos à necessidade de mudança dos processos escolares e torná-los mais constantes e abrangentes. Nossos debates objetivaram compreender o currículo como opção epistemológica e política que engloba um conjunto de práticas sociais da comunidade escolar. Pode-se dizer até que evoluiu, de certa maneira, entre o início do século XX e a década de 1990, mas, atualmente, o que temos percebido é que o currículo está brincando de “paralisa-aí!” (VIEIRA, 2001, p.102). O contato com a realidade acaba não acontecendo, e o currículo não é pensado especialmente para a comunidade a qual pertence a escola, segue um padrão antigo que muitas vezes privilegia um ou outro e não a grande maioria dos sujeitos envolvidos, desconectado da realidade. Ao realizarmos esse trabalho verificamos que os professores e as professoras da escola necessitavam de um maior espaço para reflexão, pois embora conhecessem muito da literatura sobre currículo, ainda não tinham conseguido fazer um enlace com suas realidades. Sabemos que nossa iniciativa foi apenas o passo inicial para uma longa caminhada, mas acreditamos ter provocado as professoras despertando outro olhar sobre o currículo e suas implicações.

**A PRÁTICA DE LEITURA EM LÍNGUA INGLESA NO DISCURSO DE SUJEITOS
DE ENSINO MÉDIO**

Sandra Pottmeier

EEEB Padre José Maurício – Blumenau/SC

Este estudo foi desenvolvido numa escola da rede estadual de ensino localizada no Vale do Itajaí (SC). A pesquisa é de cunho qualitativo-interpretativo e tem por objetivo compreender os efeitos sentidos de leitura

em Língua Inglesa no discurso dos sujeitos do Ensino Médio de uma escola pública. Buscamos elementos que caracterizam as marcas ideológicas, o lugar de onde os sujeitos falam e de como essas marcas contribuem para identificar as condições de produção que podem interferir significativamente na formação discursiva do sujeito. A Análise do Discurso estuda através de formulações discursivas, a prática e a ação da linguagem. O estudo sobre os sentidos de leitura em Língua Inglesa, justifica-se, pois dois sujeitos inseridos nas aulas de Língua Inglesa do Ensino Médio, além do livro didático, fazem uso de materiais como manual de informática, manual de jogos. Optamos, assim, por coletar materiais que os alunos costumam ler em Inglês, bem como estes foram entrevistados individualmente, justificando porque trouxeram determinado material. Para a análise dos dizeres desses sujeitos, tem-se como arcabouço teórico-metodológico a Análise do Discurso de linha francesa (PÊCHEUX, 1988; ORLANDI, 2006). O discurso dos sujeitos sinalizam para uma exigência social de saber ler em outra língua, porque o trabalho exige, principalmente na área da informática. Contudo, a compreensão do texto lido, ocorre a partir de uma decodificação a partir do dicionário como evocam João e André quando os entrevistamos em 08 de agosto de 2008: “Leio bastante manuais de placa mãe e processadores, leio eles geralmente com a ajuda de dicionários ou de tradutores online. Porque é assim, quanto mais tu lê, mais tu vai adquirindo conhecimento, mais tu... vamos dizer, melhor vai ficando o teu jeito de conseguir ler.” João, 17 anos, trabalha na área da informática e vende produtos voltados à informática). E, “Leio traduzindo e porque meu trabalho exige essa competência para fazer a instalação dos programas. Se tivesse um manual em português, eu leria antes. Gosto, às vezes, de ler em Inglês chego a compreender algumas palavras.” (André, 17 anos, trabalha na área da informática). Os resultados das análises sinalizam que os alunos produzem um efeito de sentido para a leitura em Língua Inglesa utilitarista, instrumental que recorre ao imediatismo e, conseqüentemente, ao reducionismo da língua. Este efeito aponta para um sujeito interpelado pelas exigências do mercado de trabalho; para um discurso da contingência – circunstancial, que marca uma ruptura de um percurso histórico.

SALA DE RECURSOS MULTIFUNCAIONAIS: QUE ESPAÇO É ESTE?

Sastria Rodrigues e Adriane Corrêa
EMEF Cecília Meireles – Pelotas/RS

Este trabalho destaca a importância da Sala de Recursos Multifuncionais como parte do processo de inclusão escolar, realizado na Escola Municipal de Ensino Fundamental Cecília Meireles., em Pelotas/RS. O movimento mundial em torno das questões das pessoas com deficiência, respaldado por documentos como a Declaração Mundial de Educação para Todos, que reforça o direito de todos à educação e a Declaração de Salamanca (1994), começou a questionar as políticas educacionais direcionadas às pessoas com deficiência. No ano de 2008, é lançada a nova política educacional brasileira que define, de forma precisa, a educação que deve ser proporcionada aos alunos com deficiência, denominada de Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008). Esta Política assegurou às pessoas com deficiência, transtorno global de desenvolvimento e altas habilidades e/ou superdotação o Atendimento Educacional Especializado (AEE), complementar ou suplementar à sua escolarização, que deve acontecer preferencialmente em Sala de Recursos Multifuncionais. Assim, o presente trabalho tem como objetivo relatar o processo vivenciado nesta Escola com o funcionamento da Sala de Recursos Multifuncionais e apresentar as ações desenvolvidas durante o atendimento aos alunos. Para contemplar tais objetivos, foram propostas ações que envolviam todos os segmentos da referida Escola e incluíam, entre outras: apresentação e conceituação do termo Sala de Recursos Multifuncionais, sensibilização da comunidade escolar acerca das questões referentes à inclusão, visitas orientadas ao referido espaço, relato de práticas desenvolvidas durante o atendimento aos alunos e orientações pedagógicas aos professores da sala regular. O trabalho permitiu evidenciar que: Salas de Recursos Multifuncionais constituem-se como importante possibilidade educativa, permitindo que os participantes desenvolvam habilidades individuais e coletivas; desmistificar a prática pedagógica desenvolvida nas mesmas e enfatizar a indispensabilidade da proposta de educação inclusiva no espaço escolar, por meio de atendimento educacional especializado. Por quê? Para, a partir do trabalho coletivo, identificar e mediar estratégias junto aos alunos deficientes, aos professores, aos funcionários, aos familiares e à comunidade em geral, visando à plena inclusão desses alunos na escola e

na sociedade. Uma prática de educação, fundamentada nessa nova visão, não é algo simples, nem está construída. Ela esbarra em inúmeros obstáculos. Eis, portanto, o seu grande desafio: superar entraves, percalços, para atingir parceria, participação, aceitação, legitimando-se pelo seu saber-fazer e contribuindo efetivamente para a construção de um mundo melhor.

**MUSEU E ESCOLA:
AÇÃO EDUCATIVA NO MUSEU E ESPAÇO CULTURAL DA ETNIA FRANCESA**

Scheila Bárbara Padilha Fleming e Tainã de Lima Pereira
EMEF Nestor Eliseu Crochemore – Pelotas, 7º Distrito Vila Nova/RS

O projeto de ação educativa realizado com os alunos da 3ª e 5ª séries do ensino fundamental da escola Nestor Eliseu Crochemore, localizada na Vila Nova assim como o Museu, teve por objetivo aproximar os alunos da escola da história (que é também a sua) contada no museu. Para tanto foi elaborado um trabalho em conjunto com os professores da escola, que já desenvolviam um trabalho voltado para a educação patrimonial. O projeto dividiu-se em duas etapas: as crianças foram recepcionadas no pátio em frente ao museu pelos alunos do Curso de Bacharelado em Museologia da UFPel, integrantes do projeto, que se apresentaram e convidaram o grupo a visitar a sala de exposição. Após a visita monitorada, os alunos foram indagados sobre sua história pessoal e familiar e convidados a relacioná-la à exposição recém vista. Essa conversa objetivou constituir um vínculo entre os visitantes e a narrativa que a exposição propõe, e possibilitou a criação de um laço entre os alunos e a instituição, bem como entre os alunos e a história local. Na continuidade as crianças foram convidadas a descrever objetos que possuem em casa e que fossem semelhantes aos do museu, desta forma os alunos valorizaram objetos usualmente desqualificados e, às vezes, abandonados e constituíram um banco de dados de artefatos de possível interesse para futuras exposições. Nesta atividade foi utilizada uma ficha de documentação simplificada, similar a documentação museológica, que foi preenchida pelos alunos. Na despedida, os alunos receberam uma árvore genealógica para ser preenchida em casa ou na escola que incentivava a conversa com os mais velhos da família e a busca pelas histórias familiares. Entende-se que ações educativas como essa aproximam museu/escola e propiciam aos alunos a construção do conhecimento de sua história e de sua comunidade.

ATIVIDADES EXTRA-CLASSE NO IFSUL

Sidnei Padilha, Elisa Santos da Rosa e Vera Lúcia de Farias Machado
IF-Sul – Pelotas/RS

No Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense – Campus Pelotas, são oferecidas aos alunos, as seguintes atividades extra-classe: Clube de Xadrez, Clube de Matemática, Teatro, Escotismo e Centro de Tradições Gaúchas. Todas as atividades tem como público alvo “o aluno”, porém, em projetos de integração com a comunidade, são aceitos ex-alunos, futuros alunos e simpatizantes da Escola. Meu objetivo é apresentar o trabalho no Centro de Tradições Gaúchas, onde estou como Patrão, desde o mês de dezembro de 2010. Uma escola, não deve formar apenas profissionais, mas homens e mulheres que tenham plena consciência da sociedade em que vivem, tornando-se assim, cidadãos que contribuirão para uma vida melhor para a sociedade na qual participam. A formação dos futuros profissionais, certamente será influenciada pela forma com que seus professores agem dentro da sala de aula e até mesmo na sociedade, daí, a importância de cada mestre ser, não apenas um transmissor de informações técnicas para seus alunos, mas também contribuir para modelar o caráter, o senso de responsabilidade, a vontade de sempre adquirir novos conhecimentos e a habilidade de trabalhar em equipe em seus alunos. O nome do CTG, Carreiros do Sul, originou-se da Praça das Carretas, que hoje leva o nome de Praça 20 de setembro, em homenagem à Revolução Farroupilha. O CTG foi fundado em 2 de abril de 1966, mas teve seu funcionamento interrompido em alguns momentos e a partir de 2005 está em atividade. Esta atividade extraclasse apresenta três fatores fundamentais na formação dos jovens: 1 - Atividade física, ao dançar, os jovens praticam exercícios físicos, compensando as características sedentárias dos jovens de hoje. 2 - Desenvolve o espírito de equipe fazendo o aluno crescer em responsabilidade, caráter e vontade de vencer na vida. Em um grupo de dança, o jovem desenvolve esta habilidade, pois um dançarino depende de outro para que todo o grupo tenha bons resultados, eles se policiam. No momento de decidir sobre pilchas, todo o grupo discute e decidem juntos, e votam se for preciso. 3 - Aprendem sobre nossa história e cultura, pois eles estudam a história do Rio Grande do Sul, os costumes de nosso povo, nossa cultura, nossa tradição, nossos símbolos, nossos hinos, nossas poesias são declamadas, ajudando o jovem a desinibir. O CTG participou da Cavalgada

da Paz, funcionando como insentivo ao estudo e a diminuição da violência mais esta invernada art de outro para que todo o grupo vnonspara ou do Circuito de Rodeios da 26ª Região tradicionalista e do ENART 2011. O papel da escola e do professor na vida de um aluno é de grande importância para que ele comece a ter boas relações sociais e futuramente ser um bom profissional. Por esta razão, o educador carrega consigo grande responsabilidade, ele deve servir de exemplo e estar atento aos vários tipos de conduta dos alunos em sala de aula, orientando-os com firmeza e respeito. A escola deve ser um ambiente prazeroso e atrativo para os alunos e professores, pois só assim teremos bons rendimentos dos conteúdos propostos. A melhora na qualidade de ensino-aprendizagem pode acontecer através do diálogo, troca de experiências entre alunos ou entre aluno/professor.

PESQUISAR PARA APRENDER, VENCER O PRECONCEITO E MUDAR UMA REALIDADE

Silvana Carret Zanetti, Cláudia Xavier Weinerth e Janeti da Silva Lazzarotto

EEEF Laura Alves Caldeira – Capão do Leão/RS

O presente projeto foi desenvolvido na EEEF Laura Alves Caldeira no decorrer do ano letivo de 2011 com o objetivo de despertar nos alunos o respeito à natureza e o conhecimento de suas identidades. O projeto foi construído pelo grupo de professores da escola e se intitula “Meio Ambiente e a Formação do Povo Brasileiro”, envolveu a comunidade escolar, integrando todos os professores e alunos das séries iniciais e finais do ensino fundamental. A intenção era, através da prática de pesquisa em sala de aula e do trabalho colaborativo (DAMIANI, 2008), oportunizar aos alunos a reflexão e a mudança de suas atitudes sobre alguns problemas ambientais, a discriminação racial e a violência que estávamos enfrentando em nossa escola naquele momento. Para isso foi desenvolvido um trabalho transdisciplinar (Nicolescu/sd) tratando dos temas por dentro dos conteúdos previstos nos planos de estudos de modo a ressignificar (FREIRE, 2000) os mesmos. No primeiro trimestre demos foco ao meio ambiente, à cultura indígena e à formação da família. Nesse momento os alunos foram estimulados a investigar os problemas ambientais locais e os problemas ambientais no Brasil e no mundo, estabelecendo as relações possíveis, e pensando as possibilidades de ações para a solução dos problemas locais. A partir dessa pesquisa, os alunos elaboraram vários trabalhos para

posteriormente serem compartilhados com a comunidade escolar. Também foi construída uma árvore genealógica de cada aluno, procurando descobrir a etnia de cada membro da família visando a reflexão sobre a miscigenação nas famílias da comunidade e na formação do povo brasileiro como um todo, tentando, assim, diminuir a discriminação racial. A pretensão inicial foi inquietar os alunos e provocar indagações, estimulando o trabalho com os temas seguintes. No segundo trimestre abordamos a origem dos povos que colonizaram os diversos estados do Brasil, destacando a colonização do Rio Grande do Sul. Esta abordagem se deu a partir da análise da árvore genealógica dos alunos, e como as ações destes colonizadores interferiram na cultura e na geografia do país, e por consequência criaram alguns problemas ambientais. Por fim, no terceiro trimestre trabalhamos a influência e a importância dos negros na formação do Brasil e dos valores que permeiam a formação da nossa identidade. Foi feita uma reflexão sobre que lugar o negro ocupa hoje em nossa sociedade. O encerramento do projeto culminou com a exposição de todos os trabalhos realizados pelos alunos ao longo do ano, os quais foram apresentados, com muita propriedade, por seus autores, para toda a comunidade escolar que foi convidada a participar. O momento da apresentação deixou visível para nós professores os conhecimentos construídos pelos alunos ao longo do ano letivo possibilitando uma avaliação do desenvolvimento do projeto.

**POR UMA PEDAGOGIA DE PROJETOS NO ESPAÇO ESCOLAR:
EXPERIÊNCIAS NA REDE PÚBLICA DE PINHEIRO MACHADO, RS**

Sônia Aquino Alves Faria
SMECD – Pinheiro Machado/RS

Este trabalho visa trazer algumas reflexões sobre o desenvolvimento de projetos de aprendizagem na rede de ensino de Pinheiro Machado (RS), em decorrência das propostas apresentadas às escolas durante o primeiro semestre de 2011. As reuniões de professores e equipes diretivas foram promovidas pela Secretaria Municipal de Educação, com vistas à realização da Feira Municipal de Ciências e Matemática. As Feiras de Ciências, espaços dedicados a incentivar as atividades de pesquisa por parte dos alunos da educação básica, ao longo dos anos foram perdendo espaços nas escolas dado à ênfase exclusiva aos projetos do tipo experimental. Desta forma, houve a intencionalidade de promover discussões sobre metodologias de

trabalho, através da pedagogia de projetos, que privilegia a construção significativa do conhecimento, onde o aluno tem a liberdade de escolher os temas e através de investigações aprender durante sua execução. É destacada ainda a importância de se desenvolver projetos de aprendizagem que tragam outras perspectivas, além de uma abordagem interdisciplinar. Segundo Freire, ao trabalhar com projetos interdisciplinares, “tanto educadores quanto educandos envolvidos numa pesquisa, não serão mais os mesmos. Os resultados devem [...] ser indicativos de mais cidadania, de mais participação nas decisões da vida cotidiana e da vida social” (FREIRE apud ALENCAR, 2007, p.7). Além disso, o papel das Feiras de Ciências deve ser de “socializar experiências, ferramentas e materiais de caráter técnico-científico-cultural, com potencial de utilização no desenvolvimento e apoio ao ensino e à aprendizagem” (RESOLUÇÃO/CD/Nº 37/2010, Art.2º). O trabalho com Projetos de Aprendizagem, por sua característica inerente de integrar conteúdos e métodos, aponta algumas vantagens no processo educativo: motivação e interesse dos alunos, leva em conta o contexto da vida deles e torna a aprendizagem mais significativa. Na análise dos dados obtidos foi possível observar que a pesquisa através de projetos orientados pelos professores apresentou-se como uma atividade viável no ambiente escolar, tendo sido observadas aprendizagens como produção textual, confecção de sanduíche natural decorado e espetinhos de frutas por parte dos alunos dos anos iniciais; campanhas educativas junto à comunidade; pesquisa sobre energia eólica; construção de maquetes sobre o meio ambiente na educação infantil, entre outras. Para avaliação levou-se em conta o envolvimento, a participação na Feira de Ciências, a interação e a qualidade do processo de aprendizagem. Assim, conclui-se que a pedagogia de projetos apresenta-se como estratégia bastante eficaz para promover a pesquisa na escola.

O ESPORTE COMO FATOR DE EDUCAÇÃO E SOCIALIZAÇÃO

Stael Harnich Palivorda

EMEF Vera Maria de Azevedo Moreira – Piratini/RS

O presente trabalho tem como objetivo utilizar o esporte em suas diferentes manifestações como instrumento educativo, inclusivo e socializador, que permita aos alunos no transcórrer de sua vivência prática, ir além da expressão dos gestos técnicos, fundamentando a formação integral como cidadãos. O esporte como instrumento disciplinar ganha forças nos meados

de 1830, na escola inglesa chamada Rugby, seu diretor favoreceu a prática de esportes a adolescentes com a finalidade de impor a disciplina, o domínio de si mesmo e o respeito ao adversário. Deste modo o esporte na sociedade contemporânea deve promover atividades atraentes, motivadoras e que focalizem a formação integral do aluno. A metodologia deste trabalho foi desenvolvida com os alunos da Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Vera Maria de Azevedo Moreira localizada no município de Piratini/RS, com os alunos das turmas de sexto a oitavo ano no transcorrer do ano letivo de 2011. Tomou por base a afirmação dos valores atribuídos ao esporte e planejou-se atividades desportivas, objetivando integrar, socializar, promover ações prazerosas. Ao perceber a precariedade do espaço físico e de materiais para as aulas de educação física as alternativas e adaptações passaram a fazer parte do planejamento, em segundo instante ao passo que se conheceu a realidade estrutural e afetiva dos alunos, que apresentava em seu grupo casos de agressividade, indisciplina, assiduidade, tornou-se ainda mais importante o papel das atividades físicas em busca de desenvolver respeito, autocontrole, motivação e valorização, visto que muitos alunos seguidamente manifestavam em suas palavras e ações sentirem-se menosprezados pela sociedade devido a sua classe social. Para atingir os objetivos propostos as alternativas encontradas deram-se por meio de: - Saídas para aulas em quadras públicas, atividades em turno inverso ao de aula, participações em competições e torneios esportivos, dinâmicas de sensibilização, trabalhos em grupos, todos sempre fundamentados em cooperação, espírito de equipe diálogo, afetividade. Os resultados obtidos expressaram-se com resultados positivos em três ordens: Ordem esportiva, ordem educacional e ordem social. Os alunos das turmas mencionadas obtiveram êxito em torneios e competições que participaram como: Participação nos Jogos Escolares do Rio Grande do Sul, participação nos JERGS onde a equipe infantil representou o Município na fase de coordenadoria, Jogos de Integração das Escolas Municipais. Possibilitou-se a emissão de carteiras de identidade. As participações e as conquistas levaram uma nova visão à estas crianças que perceberam que a sua saída do bairro e sua vitória são possíveis. Estas conquistas motivaram os colegas para que se aplicassem na busca de participar e estar frente as equipes. As aulas desenvolvidas nas quadras públicas repercutiram em aprendizado de desportos que não seriam executados na realidade física encontrada na escola. As regras dos jogos possibilitaram aos educandos uma reorganização de suas tarefas escolares. Desta forma, os valores atribuídos

a educação desportiva na formação integral dos alunos tornam-se fundamentadas e manifestas. Com o trabalho desenvolvido percebemos que a prática desportiva assume papel relevante frente ao processo educacional, a educação física escolar ultrapassa as linhas limites das quadras, supera os saltos e corre para atingir sua significância perante a escola e a sociedade. Conforme Saldanha e Florentino (2007), num período de profundas mudanças, em que há uma diversidade de ideias e de culturas, as crianças e os jovens carecem de encontrar na prática esportiva, um modelo de esporte que respeite a sua identidade, suas diferenças e seus limites. Este projeto de educação esportiva tornou concreto aos alunos em questão que seus sonhos e desejos podem se tornar realidade, que sua identidade enquanto crianças e adolescentes são importantes e fundamentais no processo de construção da sociedade. Assim, defendemos o planejamento e o estudo que utilize o esporte escolar como viés do processo socioeducacional, a reflexão acerca de como estamos desenvolvendo nosso ato de educar, indo ao encontro de uma nova filosofia de trabalho.

**BENEFÍCIOS DA PRÁTICA DO ESPORTE PARA ALUNOS
COM DEFICIÊNCIA INTELLECTUAL E MÚLTIPLA**

Stael Hamich Palivorda
APAE – Piratini/RS

O esporte como forma de inclusão e socialização tornou-se, com o passar do tempo, assunto de importante difusão em nosso meio, por se tratar de uma prática física que pode ser de inúmeras formas adaptada para um melhor desenvolvimento, adequando-se assim as necessidades de seus praticantes. O trabalho desenvolvido a partir desta experiência pedagógica tem como objetivo demonstrar os valores atribuídos aos alunos da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) Piratini-RS, que se encontram na situação de deficiência intelectual e múltipla, por intermédio da prática de esportes, no caso mais específico o futsal. Conforme Tubino (2002), o esporte apresenta várias possibilidades de manifestações, sendo ressaltadas três formas: 1) esporte-educação: objetiva a formação educacional e integral do indivíduo; 2) esporte-participação: objetiva o lazer e o bem estar contribuindo para a integração do participante; 3) esporte-performance: objetiva o auto rendimento e o desempenho do atleta seguindo um sistema rigoroso de regras a serem seguidas e um rígido condicionamento técnico e

físico. Baseado no contexto educativo e social, atribuído ao esporte frente a uma forte mobilização de inclusão de portadores de deficiência intelectual e múltipla, a prática realizada tem por finalidade explanar os benefícios da prática do futsal aos alunos da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) de Piratini, instituição que há 22 anos realiza trabalho voltado à educação, a integração, a reabilitação e a inclusão de seus mais de 60 alunos no atual modelo de sociedade. Dentre as propostas de ensino desenvolvidas na instituição, a partir do ano de 2009 foram inseridas atividades físico-desportivas. Tendo como objetivo a integração dos indivíduos na sociedade, bem como os incentivando a acreditarem em suas potencialidades. As atividades desportivas desta instituição no início do ano de 2011 foram reformuladas, por intermédio de um projeto pedagógico quando passaram a ser desenvolvidas atividades como o futsal para com dois grupos de alunos, em que exercícios educativos, vivências de jogos e a participação em eventos apaeanos foram à base do trabalho. Após conhecer a realidade do grupo em discussão, foi elaborado um projeto pedagógico com o planejamento de atividades respeitando as necessidades dos alunos, as atividades das aulas de educação física foram distribuídas de modo que o futsal fosse praticado duas vezes por semana em períodos de 45 minutos para os alunos da classe da EJA (alunos de 15 a 40 anos de idade) e um período semanal de mesmo tempo para alunos da classe de alfabetização (7 a 14 anos). A aplicação lúdica em ambas as turmas de educandos foi voltada a familiarização com a bola, conhecimento dos limites da quadra de jogo, exercícios educativos, visando à aprendizagem dos fundamentos técnicos e especialmente as vivências oriundas do jogo, para possibilitar a ampliação das experiências motoras e a exploração das regras inclusas no desporto para uma readaptação de conduta de alguns alunos. Foram percebidas inúmeras reflexões de cunho positivo, de caráter cognitivo-motor, afetivo e social que reforçam a constante luta pela inclusão, como reforçam Freire e Scaglia (2010, p.8) que “[...] a educação deve voltar-se não só a inteligência racional, mas também às emoções, ao sentido estético, á moralidade, á motricidade, a sociabilidade.” Neste contexto, pode-se reconhecer que a prática do futsal com alunos em situação de deficiência intelectual e múltipla, foi capaz de contribuir como mecanismo de inclusão, uma vez que foram aceitas as propostas pelos alunos da instituição, sendo seguidamente inseridas manifestações de reconhecimento na sociedade em geral. As aulas de educação física possibilitaram a esses alunos a construção de mais um degrau em seu longo e árduo processo de inclusão. Com o desenvolvimento

de exercícios educativos que exploraram os fundamentos do futsal, assim como o conhecimento de fatores que norteiam o esporte como regras básicas, possibilitaram que o trabalho atingisse dimensões além de aspectos físicos. Com a assimilação das regras do jogo pudemos observar que os alunos começaram a respeitar limites, manter a ordem, organizar-se no espaço, a partir da utilização de recursos como coletes coloridos para a divisão das equipes a identificação de cores pode ser explorada, com a tarefa do jogo propriamente dito tornou-se necessário o trabalho com números (a cada início de aula era reforçada a situação de quantos jogadores compõem a equipe) o que fortaleceu a proposta pedagógica já existente da sala de aula, as dimensões da quadra, as linhas laterais e de fundo possibilitaram uma ampliação dos domínios de lateralidade, distância, largura, as interferências com a explanação de situações de atletas de boa conduta dados como exemplo, participações em eventos da instituição (Olimpíada das APAES), também pôde ser perceptível no aspecto comportamental, o respeito ao seu limite e ao limite do colega, a cooperação, o espírito de equipe, valores (saber ganhar e perder), a coletividade, a valorização do grupo, o autocontrole e as emoções. Ao concluir este trabalho constata-se que o esporte tornou-se uma boa ferramenta no processo de inclusão. e cabe destacar a importância de que a cada dia mais projetos e estudos nesta área possam ser desenvolvidos, para que o processo de incluir crianças, jovens e adultos em situação de deficiência intelectual e múltipla crie elos concretos e de progresso perante o modelo social ao qual estamos inseridos.

**ESTUDOS DE VOLUMES: A MATEMÁTICA COMO ELEMENTO
MEDIADOR DO PROCESSO CRIATIVO NA ÁREA DE DESIGN**

Stela Maris de Souza Stein
IF-Sul – Pelotas/RS

O relato aqui apresentado refere-se à disciplina de Estudos Volumétricos II, do 2º semestre dos Cursos Técnicos de Comunicação Visual e Design de Móveis do Instituto Federal Sulriograndense. A inclusão da disciplina no currículo deste curso foi no sentido de estimular o aluno à abstração, à visualização e à concretização da passagem do espaço bidimensional para o tridimensional, levando-o ao raciocínio matemático/técnico/criativo e ao desenvolvimento das habilidades motoras. Essa disciplina tem como objetivo subsidiar o aluno na criação de projetos de volumes planificáveis no intuito de

contribuir na construção do seu conhecimento matemático. O aluno parte da investigação e análise de materiais já existentes, observando a construção plana e tridimensional de embalagens de produtos, levando a uma investigação do material, da funcionalidade, da segurança, da execução, do transporte, do armazenamento para montagem e execução de modelos inovadores. Nesse contexto, foi proposta a criação de embalagens que contivessem volumes (produtos) de fácil visualização e com formas geométricas vazadas (poliedros regulares ou primas retos), as quais seguissem dimensões e normatizações pré-definidas. Os critérios de planejamento e execução de embalagens planificáveis devem obedecer à facilidade de visualização, transporte, montagem, segurança, armazenamento, exposição e estética do volume. Dessa forma, o desenvolvimento do projeto aconteceu em etapas, iniciando pelo planejamento (raciocínio, esboço e criação); após a execução (planificação – ergonomia e normatização, escolha de materiais e habilidades motoras); por último, desempenho (apresentação e reflexão sobre o projeto). Diante disso, a sala de aula funciona como um laboratório, pois após a orientação da atividade, os alunos trabalham individual e coletivamente, trocando ideias e sugestões, embasada na teoria histórico-cultural de Vygotsky, que aponta para a importância das relações humanas, e sobretudo, para a aprendizagem do aluno através da mediação simbólica. Os resultados dessa experiência foram considerados satisfatórios já que os objetivos propostos foram alcançados. As embalagens desenvolvidas pelos alunos buscaram a adequação ao produto obedecendo a critérios de funcionalidade, praticidade, segurança, estética e passíveis de execução, o que contribuiu não só para o desenvolvimento de projetos de design, mas também para a construção do conhecimento matemático, servindo fundamentalmente em sistemas de avaliação mais amplos. Portanto, ao refletir sobre nossas propostas de ensino, percebeu-se a necessidade de compartilhar, com o intuito de ouvir, investigar e, assim, contribuir com um novo espaço de formação.

PROJETO: QUANTO MAIS ALEGRIA MELHOR

Tabata Vieira Dias e Tacia Xavier de Souza Lima
IEE Ponche Verde – Piratini/RS

Este projeto tem o objetivo de levar os alunos a descobrir que a alegria transforma a vida, e essa alegria tem que estar presente na escola, pois

dessa maneira as mentes dos alunos ficam mais receptivas ao novo. Também estimular a imaginação por meio de personagens. Melhorar a vida familiar e social, buscando ter mais alegria em geral. O projeto foi desenvolvido em duas partes: a primeira tratou de assuntos ligados ao circo, tendo a presença da personagem “Professora Socorro”, que todos os dias mandava atividades, músicas, brincadeiras, conselhos ou lembretes para os alunos; eles tinham tanta certeza da existência da professora Socorro que sempre pediam para conhecê-la, e no dia em que ela foi visitá-los a alegria foi total. A professora Socorro teve suas origens no livro “Decifrar Pessoas”, pois ela era o que a turma precisava no sentido da diversidade, nela havia uma mistura de médica para curar as “feridas”, professora para ensinar o melhor modo de lidar com os “problemas” e principalmente palhaça trazendo a “alegria e descontração” tão necessárias. Foi organizada uma mini apresentação de circo com todos os alunos, que ficaram muito satisfeitos quando as outras turmas da escola quiseram apreciar o “Circo Alegria”, e mais felizes ficaram quando por fim todas as turmas, professores, funcionários e até alguns familiares aplaudiram o último espetáculo do Circo Alegria. Já a segunda parte do projeto estimulou a melhora dos tratos com a família e teve a presença da personagem “Vó Vitória” que tinha papel semelhante ao da professora Socorro, sempre analisando as necessidades da turma e incorporando as melhorias necessárias na próxima aula. Os alunos gostaram tanto de imaginar como era a vó Vitória que fizeram junto à professora uma homenagem que foi apresentada no dia da visita da vó Vitória a turma. Eles ficaram muito indignados com o fato de a vó parecer jovem e não usar bordão para caminhar, então foi enfatizado que o uso de protetor solar protege a pele e que a boa postura evita problemas de coluna. Nessa parte do projeto usamos a teoria da Inteligência Multifocal de Augusto Cury com destaque para as dez artes que buscam desvendar o complexo funcionamento da mente humana. Resultados e avaliação: Mesmo com a diferença na faixa etária das turmas tivemos a certeza que quando há real interesse do professor pelo trabalho, os alunos demonstram o mesmo gosto, notamos também que trabalhar a imaginação faz com que o aluno expresse mais facilmente suas emoções. Enfim, tivemos a certeza que trabalhar projetos criativos sempre trás resultados satisfatórios e torna mais significativa a vida de alunos e professores, pois “a aranha realiza operações que lembram o tecelão... ele obtém o resultado que já existia em sua mente antes de ele começar a construção” (Karl Marx).

CRIANÇA + MEIO AMBIENTE: PARCERIA QUE DÁ CERTO!

Tatiane Furtado Fontoura
EMEF Guido Timm Venzke – Canguçu/RS

Sabe-se que são inúmeros os problemas ambientais causados pela ação humana no Planeta Terra. O homem tem utilizado os recursos naturais como se fossem infinitos. A humanidade, hoje, começa a colher os frutos amargos dessa ação irresponsável e desta forma “clama” por socorro! Assim, considerando a temática Ambiental de extrema importância à vida na Terra e com o objetivo de formar o senso crítico no educando, sensibilizando-o a retirar do Meio Ambiente somente o que é necessário para sua sobrevivência, é que desenvolvemos (educadoras: Eliana Kohler Kroning, Maria Orestina Idiart Brum e Tatiane Furtado da Fontoura) o Projeto: “Criança + Meio Ambiente: Parceria que dá certo!”, sendo o público alvo alunos do 1º Ano (Ensino Fundamental), bem como turmas do 6º ao 9º ano (nas disciplinas de Ensino Religioso, Arte, Agricultura e Educação Física), da EMEF Guido Timm Venzke (Posto Branco-Canguçu). Buscamos através de Teatros, Cantos, Danças, Passeata e Gincana Ecológica, Passeios, Palestras, Panfletagem, Oficinas, entre outras atividades, formar em cada estudante desta escola o interesse por cuidar do Meio Ambiente. Os alunos foram instigados a pensar, bem como, criar diversos materiais. Materiais oriundos de pesquisas na escola (biblioteca, internet) e em casa (troca de experiências). Na letra de uma música de sucesso: a súplica por Socorro de um Planeta que está sufocado (Paródias). Nas dobras de um tecido ou papel: um novo olhar à moda, sem deixar de pensar na nossa sobrevivência (Roupa Reciclada). Num simples desenho: atitudes de cuidado e preservação do Meio Ambiente (Cartazes). Na pintura e recorte de um saco plástico ou garrafa pet: técnicas de reaproveitamento de materiais (Oficinas de Reciclagem). Na fala de outras pessoas: a reflexão sobre nossa estadia futura aqui na Terra (Palestras). Num passeio: a observação do que está em extinção e nós, se quer conhecemos o que já existiu (Visita ao Zoológico). Num “cavar”, “plantar” e “colher”: sustentabilidade em ação (Horta da Escola). Na dança: ritmos ambientais criados sem vergonha de mostrar a “face” (Mostra de Dança). E para contemplar a movimentação, uma caminhada ecológica, vista aos olhos de todos (Desfile 7 de setembro e Feira de Ciências Municipal)! Nosso pedido foi de “SOCORRO!” Socorro por um mundo melhor, semeado em cada minuto de aula: nos textos lidos, nas

pesquisas solicitadas, nas tarefas concretizadas, nas brincadeiras vividas, nas hipóteses levantadas, nos materiais construídos, nas evidências encontradas e principalmente, em cada gesto consciente apresentado no decorrer do Projeto (Panfletagem)! Portanto, as atividades foram realizadas através de um trabalho “interdisciplinar”, “transversal” e “dinâmico”, oportunizando a cada educando a socialização do saber: multiplicando conceitos (saúde e segurança) e transformando atitudes (avaliação individual e coletiva), numa reflexão curiosa, crítica e flexível, sensível ao Meio Ambiente, resultado da ação de todos: Comunidade e escola!

**POSSIBILIDADES DE APRENDIZAGENS INTERDISCIPLINARES NO
CONTEXTO DO PROJETO ARTE E MATEMÁTICA**

Tiago Dziekaniak Figueiredo, José Alexandre Ferreira da Costa e Marília Nunes Dall'Asta
FURG – Rio Grande/RS

O trabalho tem como objetivo mostrar as ações desenvolvidas no âmbito do projeto intitulado “Arte e Matemática: possibilidades interdisciplinares no ambiente educativo”, o qual é desenvolvido paralelamente a projetos de pesquisa e ensino e conta com a participação de 8 bolsistas (alunos de Artes Visuais e Matemática) e 10 colaboradores (graduandos, professores, mestrandos e doutorandos) junto ao Instituto de Matemática, Estatística e Física - IMEF da Universidade Federal do Rio Grande – FURG em uma escola da rede pública de ensino do município do Rio Grande/RS a qual incorporou o projeto em seu PPP (Projeto Político Pedagógico) no ano de 2011. Neste trabalho, são oferecidas oficinas interdisciplinares entre as áreas, envolvendo a leitura de imagens, a alfabetização visual, criação de materiais concretos e transformação de cores, nas quais são abordados os conceitos da geometria como: ponto, reta e plano. Através das atividades exploramos também outros conteúdos como frações, reta numérica e etc. No projeto são atendidos diretamente 300 educandos, do 6º ao 9º ano, da referida escola, os quais têm a possibilidade de (re)aprender os conceitos trabalhados por seus educadores em aula de forma diferenciada, contextualizada e lúdica. O projeto prevê continuidade em 2012 com apoio do PROEXT/MEC.

PRECONCEITO BASEADO EM FATOS REAIS: UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA

Tiago Lemões, Mônica Ribeiro e Maria Raquel Veira
EMEF Núcleo Habitacional Dunas – Pelotas/RS

Neste relato apresentaremos uma experiência ocorrida na oficina de Comissão de Meio Ambiente e Qualidade de Vida (Com-Vidas), no âmbito do Programa Mais Educação da Escola Municipal de Ensino Fundamental Núcleo Habitacional Dunas. Partimos do pressuposto de que a construção do conhecimento só pode ocorrer a partir do conhecimento da realidade social e histórica dos educandos, vistos como sujeitos que conceituam o mundo para além dos muros da escola. A atividade realizada com duas turmas (num total de 40 educandos do terceiro e quarto ano) foi significativa: denominada de “o Com-Vidas contra o preconceito”, abordou diferentes manifestações de preconceito e discriminação na sociedade e na vida dos participantes. Inicialmente foi aberta a discussão sobre como o preconceito está presente em nossas vidas e onde ele se mostra. Os relatos dos educandos apontaram o seguinte: alguns garotos foram chamados de “negrada do Dunas” quando participaram de um torneio de futebol em determinada escola”; algumas meninas comentaram que, em seu universo socio-familiar, existem “meninas que gostam de meninas” e que, por isso, são estigmatizadas. O caso de uma menina nova na escola, rejeitada pelas colegas, também foi apontado na discussão sobre bullying; práticas religiosas de matriz-africana foram trazidas como alvo de críticas no entorno escolar, expressas no jargão “chuta que é macumba”; além de relatos de violência doméstica contra mulheres. Percebemos que a turma estava corroborando estas manifestações em suas experiências tanto na escola como no universo socio-familiar. A partir destas vivências reais, solicitamos aos educandos que criassem histórias que envolvessem relações preconceituosas. Partimos, então, para a criação do mural do preconceito, composto por cenas fotográficas: as histórias criadas foram encenadas no pátio da escola com cenas “congeladas” em fotografias, em que cada fotografia apresentava uma cena e cada história continha entre 3 e 4 cenas com os seguintes temas: desigualdade de gênero no trabalho; intolerância religiosa; homofobia e bullying. Reveladas as fotos, montamos o mural e os educandos apresentaram para as turmas regulares. Vislumbramos, primeiramente, o quanto estes sujeitos vivenciam o preconceito cotidianamente e como eles conceituam o fenômeno. Eram eles que estavam nas fotografias, de alguma forma, revivendo suas “histórias

baseadas em fatos reais” e construindo possibilidades mais igualitárias a serem seguidas. Ficou claro quando apresentaram o mural nas turmas: frisavam a importância de respeitar as diferenças. Empoderados de conhecimento construído dialogicamente, estavam, agora, transmitindo uma mensagem aos demais colegas. Esta experiência nos revela as potencialidades de construir conhecimento considerando a escola, a comunidade e os conceitos que os educandos trazem de seus mundos culturais.

CENTRO DE TRADIÇÕES GAÚCHAS SINUELO DO SUL

Vera Lucia Machado e Marta Santos da Silva
Colégio Municipal Pelotense – Pelotas/RS

O CTG SINUELO DO SUL, foi reativado com o objetivo de transformá-lo em núcleo transmissor das manifestações artísticas e culturais regionalista, aproveitando a dança como ponto de partida, sendo aberto a todos os alunos como atividade extra-classe de aplicação pedagógica interdisciplinar. O mesmo funciona dentro dos moldes propostos pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho – MTG. O mesmo foi reativado dentro do Colégio Municipal Pelotense com objetivo de criar um centro de estudos tradicionalistas onde haverá um maior comprometimento em relação ao trabalho realizado com prendas e peões das invernadas, pois o intuito não é formar apenas dançarinos. Procura-se dar orientação não só aos alunos, mas também à família, onde trabalhos como artesanato são desenvolvidos, podendo estes atuarem como fonte complementar de renda; prendas e peões realizam seminários, eventos que valorizam a cultura do RS, prestam concurso para representarem a estirpe da mulher e do homem gaúchos, estes, em abrangência a nível interno (dentro da entidade), regional e estadual. Destaque para o título de Peão Destaque Artístico-Cultural do RS, gestão 2011/12 pertencente a Luiz Antônio Machado Jr, oriundo do CTG Sinuelo do Sul. O tradicionalismo é tratado de forma séria e os alunos e seus familiares comprometem-se em fazer um trabalho juntamente com a comunidade visando enaltecer a cultura do RS. Temos consciência de que ainda há muito a se fazer, mas apesar das dificuldades encontradas consegue-se construir um trabalho de base sólida. Hoje nosso espaço físico não permite a construção de nossa sede própria, isto dificulta em grande parte o desenvolvimento do trabalho, pois ocupamos o auditório externo do Colégio Pelotense, o que não é adequado a atender as necessidades de um

Centro de Tradições Gaúchas. Nosso departamento cultural desenvolve estratégias de orientação visando os concursos de prendas e peões que são aprimoradas a cada ano. Ainda procura difundir atividades tradicionais como os Bailes de Prenda Jovem, Fandangos de Aniversário, Carreta da Amizade e outros eventos de cunho cultural e artístico. Hoje conta-se com três invernadas: mini-mirim, mirim, juvenil e um grupo adulto em formação. Os integrantes possuem entre 4 e 40 anos e os ensaios são realizados de maneira sadia e atraente. O departamento campeiro, sob supervisão da professora Marta da Silva, é desenvolvido em suma na própria residência da professora pelo motivo de que não há infraestrutura que suporte tal atividade. Objetiva-se buscar maior conhecimento através de participação em Congressos, Convenções, Seminários e outros eventos regionais e ou estaduais que acontecem em todo o território do Rio Grande do Sul. Hoje podemos avaliar a nossa trajetória como fator importante, pois as pessoas envolvidas evoluíram muito em vários aspectos. A participação dentro em um núcleo tradicionalista fornece, principalmente para a juventude, uma formação de caráter ético e reflete na vida acadêmica, além de fazer conexões com os demais segmentos da sociedade possibilitando aos integrantes uma conduta de cidadão consciente de seus atos. Na elaboração de eventos pode-se destacar as participações na comissão organizadora da Inter-regional do ENART e 59º Congresso Tradicionalista, ambos de âmbito estadual com público de 1.500 participantes. Neste contexto todo o objetivo maior é a construção do Galpão Crioulo, onde teremos o espaço para desenvolver atividades com a infraestrutura necessária para um trabalho completo.

PRIMEIROS SOCORROS EM ÂMBITO ESCOLAR

Vera Saldanha Fernandes

EEEF Dr José Brusque Filho – Pelotas/RS

A ocorrência de acidentes é tão antiga quanto o aparecimento do próprio homem e, hoje, podem ocorrer na rua, em um shopping, e até mesmo dentro de casa. Em situações nas quais se pratica atividade física: em academias, nos parques e, principalmente, na escola, o risco de acidentes aumenta ainda mais. As pausas entre as aulas ou a hora do recreio representam um momento de tempo livre em que, os alunos aproveitam para brincar. Muitas vezes essas atividades provocam acidentes, comuns nessa faixa etária, mas que podem deixar sequelas caso não tenham o atendimento adequado. Os

primeiros socorros não se resumem a procedimentos técnicos. Uma pessoa pode prestar primeiros socorros apenas conversando com a vítima ou improvisando instrumentos. Por esta razão foi desenvolvido o projeto de “Primeiros Socorros em âmbito escolar” na EEEF José Brusque Filho, com o objetivo de promover a educação em saúde a respeito dos riscos de acidentes e dos primeiros socorros na escola. Buscou-se ensinar técnicas simples aos alunos adolescentes de quarta e quinta séries para torná-los agentes multiplicadores capazes de repassar o aprendizado para a família e a comunidade diminuindo o número e o risco de acidentes. Foram realizadas várias oficinas no período de abril/junho de 2010, sobre Sangramento Nasal, Fraturas, Entorses, Luxações, Queimaduras, Imobilização, Transporte e Acidentes em quadras desportivas com trabalhos individuais e em grupo. Durante as aulas incentivou-se os alunos à leitura e à busca de notícias de incidentes ocorridos durante a prática da atividade física, seja em nível de competição ou em forma de lazer. A partir destas leituras e notícias trazidas pelos alunos, foi realizado uma roda de discussão, apontando para os perigos no local onde eles desenvolvem atividades práticas seja na escola como em outros lugares. Nesta atividade aproveitamos para introduzir a temática da agressividade no contexto escolar. Houve uma oficina de conclusão sintetizando os conteúdos trabalhados. O interesse nas temáticas foi crescendo à medida que os alunos identificavam as situações de risco no seu cotidiano. No total participaram da atividade 57 alunos de duas turmas. Este trabalho motivou o desenvolvimento de outro projeto de extensão no período de setembro a novembro de 2010, na Escola Estadual de Ensino Fundamental Raquel Mello, intitulado “Primeiros Socorros para a Comunidade”. O projeto foi elaborado considerando que os participantes desconhecem aspectos importantes e indispensáveis sobre primeiros socorros como: gestão de risco; suporte básico de vida; ferimentos, queimaduras; síncope – convulsão; afogamento; intoxicação e animais peçonhentos. Teve a participação dos bombeiros, de biólogos da Secretaria da Vigilância Sanitária, do Museu da Universidade Católica de Pelotas, do Programa de Prevenção à Violência Sexual, e da Secretaria de Turismo. Finalizou-se com a, mostra de trabalhos de ciências feita pelos alunos. Em geral, as pessoas sentiram-se mobilizadas pelo tema e pela prática, houve uma boa compreensão dos objetos estudados destacando que esta compreensão foi mais efetiva a partir das experiências práticas, uma vez que os resultados dos testes teóricos não expressam o grau de conhecimento adquirido como os apresentados nas práticas. Como resultado geral

observou-se um aumento na consciência dos riscos e da necessidade de prevenção, bem como um acúmulo de informações quanto aos procedimentos a serem utilizados no caso de acidentes virem acontecer.

MEDINDO E CONSTRUINDO O CONHECIMENTO NA ESCOLA

Walter Romeu Bicca Júnior

IF-Sul – Bagé/RS

A falta de interesse em diversas áreas do conhecimento, por parte dos educandos, é um dos graves problemas encontrados na educação pública. Ao possibilitar ao aluno interação e integração das áreas do conhecimento, abre-se momentos de trocas entre professores e alunos, possibilitando um trabalho sobre o mesmo tema, porém com olhares diferentes. Hoje a Interdisciplinaridade é uma metodologia eficaz no processo de ensino-aprendizagem, porém ainda não é muito utilizada pelas escolas e docentes. Entre as razões pela qual esta metodologia não é frequentemente utilizada, estão o desconhecimento sobre a Interdisciplinaridade e a sua dificuldade de realização, devido a pouca interação metodológica (reuniões pedagógicas) entre professores. O trabalho tem como objetivos integrar os conhecimentos e saberes; passar de uma concepção fragmentária para uma concepção unitária do conhecimento; superar a dicotomia entre ensino e pesquisa, considerando o estudo e a pesquisa a partir da contribuição das diversas ciências; ter o ensino-aprendizagem centrado numa visão de que aprendemos ao longo de toda a vida; incentivar a prática da Interdisciplinaridade nas escolas públicas. Pensou-se em realizar um trabalho com diversas disciplinas em uma turma de sétima série de uma escola municipal do município de Novo Hamburgo. Nas aulas de Matemática, propôs-se a construção de plantas baixas das quadras de basquete, voleibol, handebol e futsal. Na Educação Física foi pesquisada as quadras esportivas, suas partes e dimensões reais. Através do mundo dos esportes, que normalmente é de interesse dos adolescentes, mobilizaram-se conhecimentos e habilidades relacionados a escalas, razões e proporções, representação gráfica, área e perímetro de alguns polígonos. Durante as aulas de Arte, propôs-se a construção de uma maquete, utilizando as medidas estudadas anteriormente. Os alunos observaram o ginásio da escola, refletindo sobre que tipo de ambiente esportivo gostariam de ter, pesquisaram tipos e formas de construções, observando materiais,

proporções e montagens diferentes. A construção das maquetes se deu através do olhar de cada aluno. Os professores notaram durante a execução deste trabalho: maior comprometimento dos alunos, interação maior alunos-professores, aumento da compreensão dos saberes desenvolvidos, diminuição do tempo para o processo de ensino-aprendizagem e uma maior valorização das áreas do conhecimento, não havendo superioridade de nenhum componente curricular sobre outro, e sim a conscientização de que as disciplinas interagem. Este trabalho reforça a ideia de que a interdisciplinaridade é uma metodologia eficaz para a concretização do processo ensino-aprendizagem. Essa prática deve ser incentivada a incorporar os projetos políticos pedagógicos das escolas já que são notórios os benefícios aos alunos.